

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUBI  
LADJANE MILFONT RAMEH

“A NOSSA VIDA É UM CARNAVAL”: HOSPITALIDADE, HOSTILIDADE E  
INOSPITALIDADE NOS FESTEJOS CARNAVALESCOS DO SÍTIO HISTÓRICO DE  
OLINDA-PE

SÃO PAULO

2020

LADJANE MILFONT RAMEH

“A NOSSA VIDA É UM CARNAVAL”: HOSPITALIDADE, HOSTILIDADE E  
INOSPITALIDADE NOS FESTEJOS CARNAVALESÇOS DO SÍTIO HISTÓRICO DE  
OLINDA-PE

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, na área de concentração Hospitalidade e linha de pesquisa Dimensões e Contextos da Hospitalidade, sob a orientação da Profa. Dra. Sênia Regina Bastos.

SÃO PAULO, 2020

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca UAM  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

171n Rameh, Ladjane Milfont  
A nossa vida é um carnaval: hospitalidade, hostilidade e inospitalidade nos festejos carnavalescos do Sítio Histórico de Olinda-PE / Ladjane Milfont Rameh. - 2020.  
228f. : il.; 30cm.

Orientador: Senia Regina Bastos.  
Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2020.  
Bibliografia: f.219

1. Hospitalidade. 2. Hostilidade. 3. Inospitalidade. 4. Carnaval. 5. Olinda-PE.

CDD 647

LADJANE MILFONT RAMEH

“A NOSSA VIDA É UM CARNAVAL” – HOSPITALIDADE, HOSTILIDADE E  
INOSPITALIDADE NOS FESTEJOS CARNAVALESCOS DO SÍTIO HISTÓRICO DE  
OLINDA-PE

Aprovado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Dra. Sênia Regina Bastos  
Universidade Anhembi Morumbi - UAM (Orientadora)

---

Dra. Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes Minasse  
Universidade Anhembi Morumbi – UAM (Avaliador Interno)

---

Dra. Roseane Barcellos Marques Sousa  
Universidade Anhembi Morumbi – UAM (Avaliador Interno)

---

Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo  
Universidade de São Paulo – USP (Avaliador Externo)

---

Dr. Luciano Torres Tricárico  
Universidade Vale do Itajaí – UNIVALI (Avaliador Externo)

Dedico este trabalho ao homem mais dadivoso que conheço, minha sorte grande, meu imenso amor, meu pai. Ele e a minha mãe, companheiros de uma vida inteira, construíram um lar cheio de amor e acolhimento.

Ainda criança, vi a casa do Bonsucesso servir de moradia temporária para a minha tia e seu bebê. Eles trouxeram um pequeno pau-brasil num jarro para levar para sua moradia definitiva assim que fossem embora. Depois de alguns meses, foram, mas acabaram deixando a plantinha, que foi colocada no chão, cresceu e virou uma grande árvore, que testemunhou muitas outras histórias de acolhimento e troca. Muita gente passou e passa por essa casa, sempre levando um pouco e deixando outro tanto. Assim, moraram conosco em tempos diferentes a minha prima, que perdera a mãe e a amiga da minha irmã, que não tinha mais espaço junto à família por causa da sua orientação sexual. Namorados das filhas tornam-se filhos, amigas das filhas viram filhas, enteada da filha já é neta, a mesa sempre tem espaço para mais uma cadeira e mais um prato. As filhas todas ficaram adultas e saíram de casa, mas uma a uma precisou voltar ao ninho em algum momento, por algum motivo. Nenhuma teve dúvida de que o lar estava aberto e pronto para receber.

A casa também serviu para o desenvolvimento de muitos projetos. O sobrinho do cunhado e alguns amigos estão cursando Química na universidade e querem montar uma pequena fábrica de sabão, mas não têm espaço para isso? A casa é grande, deixa os meninos trabalharem no térreo. A sobrinha criou um grupo de danças populares e precisa de espaço para ensaiar? Traz o pessoal para movimentar a cobertura. O cunhado trabalha com cestas básicas e precisa de espaço para guardar fardos de feijão, arroz, açúcar...? Tem um quartinho ali atrás que pode ser usado para isso. A irmã se separou, foi morar num apartamento pequeno e não sabe onde guardar os livros que não cabem na nova moradia? Traz para a nossa biblioteca. O marido da sobrinha mudou-se para outro estado e deixou um carro para resolver depois o que fazer? Pode estacionar no quintal...

E as festas da minha adolescência? Muitas! Depois eu saberia que abrir as portas e trazer a bagunça para dentro de casa era, além de dádiva, estratégia para acompanhar e de certa forma controlar as baladas das filhas durante a delicada e tumultuada fase da juventude.

“Sequestros”? Diversos! Ninguém pode ir embora antes de assistir ao filme que foi gravado com a certeza de que era a sua cara. “Djanira está peneirando a goma e vai já sair uma tapioquinha. Depois do jantar vocês vão embora”...

E os dois Mórmons? “Menina, você não vai convidar eles para entrar? Entrem, meninos! Querem um docinho? Água?”. E assim começava uma situação difícil de interromper.

Os carnavais da minha adolescência, então... “Onde couber colchão, cabe gente! Podem chegar!” - “Finalmente, quem é essa menina que está aqui desde sexta? Ela veio com quem?” - “Parece que chegou com fulana, mas disse que é prima do namorado de sicrana”.

O Doutorado me ajudou a compreender a teoria da hospitalidade, mas a prática ficou por conta dos professores da casa 765, numa esquina do Bonsucesso.

Mãe, como você pode perceber, a dedicatória é a você também, mas eu não perderia a oportunidade de cortejar o seu marido na primeira frase. Pode chorar de alegria! A sua filha é Doutora e não é só no ABC!

## AGRADECIMENTOS

Aos entrevistados, que me acolheram e compartilharam suas experiências comigo. Esse fruto foi colhido no quintal de vocês. Obrigada por terem aberto o portão!

A Sênia (sem crase mesmo, só preposição, sem artigo, porque sou pernambucana). Nos últimos anos, o meio acadêmico me ouviu apresentar cheia de orgulho as minhas credenciais: “sou Ladjane Rameh, olindense e orientanda de Sênia!” Mulher linda, de voz doce, erudição imensa, sagacidade ímpar, responsabilidade na condução de tudo o que faz, cheia de experiência e sabedoria, que tanto me ensinou, na teoria e na prática, sobre acolhimento. A minha única reclamação era “se não der certo, eu não terei orientadora ruim, omissa ou incompetente em quem jogar a culpa”. Tive que fazer dar certo e grande parte da “culpa” foi dela. Sou mesmo uma grande sortuda por ser a primogênita das filhas doutoras desse mulherão. Muito obrigada pela paciência, confiança, compreensão, afeto, torcida e ensinamentos! Sou só admiração, amor e gratidão!

Aos professores das disciplinas que cursei no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembí Morumbi, especialmente a Maria do Rosário Rolfsen Salles, mulher inspiradora, professora dessas que eu olho e digo “quero ser como você quando crescer”.

Aos componentes da Banca de Defesa: Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes Minasse, Roseane Barcellos Marques Sousa, Luciano Torres Tricárico e Luiz Octávio de Lima Camargo; e a Mirian Rejowski, pela delicadeza e valiosas contribuições na Banca de Qualificação.

Aos colegas mestrandos e doutorandos que dividiram angústias e gargalhadas ao longo dessa jornada. Em especial, a Ricardo Frugoli, que pegou na minha mão, disse que eu era dele e, a partir dali, nunca mais deixei de ser. Foi naquele instante que eu percebi pela primeira vez que existe, sim, amor em SP.

A painho e mainha, por tudo o que são e fazem. Por me mimarem e cuidarem de mim.

A Gabriel e Rafael, porque tudo que procuro fazer com capricho é, em grande parte, para eles sentirem orgulho da mãe.

A Preta, gatinha que subiu na mesa, desfilou no teclado, deitou sobre os livros e me fez companhia em muitas noites de estudo.

À mais sábia e forte de todas as mulheres, minha fonte maior de inspiração e admiração, vovó Cença.

A tia Lindinauva Rameh, por ter me ensinado tanto sobre hospitalidade desde sempre. Você e tio Harry já nasceram doutores nisso.

A tia Letícia Rameh, que me levou para a sala de aula quando eu ainda era um sapinho de rabo e me colocou lá na frente, na posição de professora ao lado dela. Como eu gostei de ver o mundo por aquele ângulo!

Aos meus alunos e futuros alunos. É motivada por vocês que eu invisto na minha formação como docente.

A Priscila Marques, que numa bela noite, entre um copo e outro, me contou que a UAM tinha aberto o Doutorado em Hospitalidade.

Ao meu querido parceiro de folia, Ladislau (Dido), que me alimentou de informações para a elaboração do projeto lá no comecinho dessa história.

Aos que leram o meu projeto e me deram aquela força na preparação para o processo seletivo: Mário Ribeiro, Deyglis Fragoso, Fabiana Sales e Marília Rameh.

Aos meus queridos companheiros do Grheia-PE. Mônica tinha razão quando mandou uma mensagem para mim, dizendo: “Aviso logo que a partir do dia 28 de abril de 2019 tu vai ser mais feliz. Recado dado!”

Aos pesquisadores e autores que vieram antes de mim.

À minha comadre Izabel Souza, a guapa que traduziu o resumo para a língua espanhola.

A Cristiane Montarroyos pela tradução do resumo para a língua inglesa.

A Leila Rameh e Cirlene da Silva, que me ajudaram quando eu percebi que não daria conta das transcrições sozinha.

A Marco Santos, por todo apoio, companheirismo e ajuda, inclusive nas partes chatas que a ABNT exige.

Ao Instituto Federal de São Paulo – Campus São Paulo, instituição onde trabalhei como professora substituta por dois anos, pela liberação de algumas horas semanais durante o período em que cursei as disciplinas do Doutorado.

Aos companheiros de trabalho da Gerência de Inovação Turística - Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer do Recife, que estenderam a mão e seguraram as pontas pra eu conseguir finalizar a tese. Especialmente a Leilane Alcântara, Lelê, a Pantera de múltiplos

talentos que transformou as fotos e epígrafes que escolhi para abrir os capítulos em obras de arte e me ajudou, demais até, na elaboração do glossário dos termos carnavalescos.

A todos que me ofereceram ajuda, que insistiram, que perguntaram inúmeras vezes o que fazer para contribuir. Agradeço demais e peço desculpas pela incompetência que às vezes tenho para aceitar dádivas.

Ao meu celular, que me acompanhou na pesquisa de campo, registrando imagens e áudios, sem ser roubado, furtado ou quebrado, aguentou firme e resistiu a chuva, suor e multidão. Valeu, companheiro!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Universidade Anhembi Morumbi pelas Bolsas de Estudo.

...A gente brinca escondendo a dor

(Moacyr Franco)

## RESUMO

Esta tese centra-se no estudo da hospitalidade no Sítio Histórico de Olinda durante os festejos ligados ao carnaval, a partir da análise das relações estabelecidas entre os moradores e os visitantes que buscam a cidade nesse período. A pesquisa teve como objetivo principal investigar as práticas de hospitalidade, hostilidade e inospitalidade dos moradores do Sítio Histórico de Olinda durante o carnaval e suas prévias. Pautada nos festejos carnavalescos, no Sítio Histórico de Olinda, especificamente, buscou-se: descrever as cenas hospitaleiras e as relações que se estabelecem entre moradores e visitantes; compreender a configuração e dinâmica da hospitalidade em ambientes domésticos; discutir a influência da celebração carnavalesca na construção das características hospitaleiras dos olindenses; compreender a importância das manifestações de acolhimento nessa celebração. Para atingir os propósitos desse estudo, de natureza qualitativa, recorreu-se à combinação entre os métodos etnográfico e história oral. A pesquisa de campo contempla quatro ciclos carnavalescos, circunscritos às edições de 2017 a 2020. Os resultados da pesquisa de campo apontam que o cotidiano dos moradores do Sítio Histórico de Olinda é significativamente marcado pelos impactos positivos e negativos da folia durante aproximadamente seis meses por ano. A combinação entre o volume de visitantes, a intensidade de sua atuação e o tempo de exposição dos anfitriões a eles no contexto do carnaval olindense e, sobretudo, das prévias da folia, é capaz de suscitar hospitalidade, hostilidade e inospitalidade, ainda que para um olhar mais superficial estas últimas não fiquem tão explícitas, uma vez que os anfitriões vivem um paradoxo, já que ao mesmo tempo em que sentem certo incômodo, desejam a presença dos visitantes por motivos diversos, entre eles, porque uma parcela significativa desses moradores participa ativamente da festa, seja vivenciando-a como atividade frutiva e tendo o relacionamento com o visitante como socioculturalmente enriquecedor; seja tendo-a como atividade produtiva geradora de receita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hospitalidade; Hostilidade; Inospitalidade; Carnaval; Olinda-PE.

## **ABSTRACT**

This thesis focuses on the study of hospitality at the Historic Site of Olinda during the festivities linked to Carnival, from the analysis of the relationships developed between residents and visitors seeking the city in that period. The primary aim of the research was to investigate the hospitality, hostility and inhospitality practices of the residents of the Historical Site of Olinda during the carnival and its previous parties. Based on the carnival celebrations specifically in the Historic Site of Olinda, it pursued: describe the hospitable scenes and the relations established between residents and visitors; understand the configuration and dynamics of hospitality in domestic environments; discuss the influence of the carnival celebration in the construction of the hospitable characteristics of the people from Olinda; understand the importance of the welcoming manifestations in this celebration. To achieve the purposes of this study, of a qualitative nature, it used the combination of ethnography and oral history methods. The field research includes four carnival cycles, limited to the 2017, 2018, 2019 and 2020 editions. The data from the field research show that the daily life of the residents of the Olinda Historical Site is significantly marked by the positive and negative effects of the party for approximately six months a year. The combination of the volume of visitors, the intensity of their performance and the time of exposure of the hosts to them in the carnival of Olinda's context and, especially of the previous parties, can arouse hospitality, hostility and inhospitality, although for a more superficial look the latter are not so explicit, once the hosts live a paradox, since at the same time they feel a certain discomfort, they want the visitors for different reasons, among them, because a significant part of these residents take part in the party actively, either experiencing it as a fruitful activity and having the relationship with the visitor as socioculturally enriching; or having it as a productive activity that generates income.

**KEYWORDS:** Hospitality; Hostility; Inhospitality; Carnival; Olinda/PE.

## RESUMÉN

Esta tesis se centra en el estudio de la hospitalidad en el Sitio Histórico de Olinda durante las festividades vinculadas al Carnaval, a partir del análisis de las relaciones establecidas entre los residentes y los visitantes que visitan la ciudad en ese período. El objetivo principal de la investigación era investigar las prácticas de hospitalidad, hostilidad y inhospitalidad de los residentes del Sitio Histórico de Olinda durante el carnaval y sus festividades anteriores, las previas carnavalescas. A partir de las fiestas de carnaval, en el Conjunto Histórico de Olinda, se buscó específicamente: describir las escenas de hospitalidad y las relaciones que se establecen entre residentes y visitantes; comprender la configuración y la dinámica de la hospitalidad en los ambientes domésticos; discutir la influencia de la celebración del carnaval en la construcción de las características hospitalarias de los olindenses; comprender la importancia de las manifestaciones de acogida en esta celebración. Para lograr los propósitos de este estudio, de carácter cualitativo, se utilizó la combinación de métodos etnográficos e historia oral. La investigación de campo incluye cuatro ciclos de carnaval, y se ubica entre 2017 y 2020. Los datos de la investigación de campo indican que la vida cotidiana de los residentes del Sitio Histórico de Olinda está marcada significativamente por los impactos positivos y negativos de las festividades durante aproximadamente seis meses al año. La combinación del volumen de visitantes, la intensidad de su actuación y el tiempo de exposición de los anfitriones a ellos en el contexto del carnaval de Olinda y, sobre todo, los adelantos de la fiesta, es capaz de suscitar hospitalidad, hostilidad e inhospitalidad, aunque para una mirada más superficial estas últimas no son tan explícitas, dado que los anfitriones viven una paradoja, ya que al mismo tiempo sienten cierto malestar y desean la presencia de los visitantes por diferentes razones, entre ellas, porque una parte importante de estos residentes participan activamente en la fiesta, ya sea viviéndola como una actividad agradable y teniendo la relación con el visitante como algo socioculturalmente enriquecedor; o tenerlo como una actividad productiva que genera ingresos.

**PALABRAS CLAVE:** Hospitalidad; Hostilidad; Inhospitalidad; Carnaval; Olinda/PE.

## LISTA DE QUADROS, FIGURAS E IMAGENS

Quadro 1 - Perfil dos integrantes do Grheia-PE.....	113
Figura 1 - Polígono de Tombamento e Preservação do Município de Olinda-PE, Ratificação da Notificação Federal n.º 1155/1979 – IPHAN.....	43
Figura 2: Divisão territorial de Olinda.....	63
Figura 3 - Calendário de abastecimento de uma área do Sítio Histórico de Olinda em setembro de 2020. ....	82
Figura 4 - Representação do continuum da hospitalidade.....	161
Figura 5 - Continuum da hospitalidade à luz do interesse ou desinteresse nas relações.....	164
Imagem 1 - Passistas na Rua do Amparo no carnaval de 2018.....	17
Imagem 2 - Um dos tênis que a pesquisadora perdeu durante a pesquisa de campo.....	24
Imagem 3 - Conversa com entrevistada em janeiro de 2018. ....	31
Imagem 4 - Registro do primeiro contato com integrantes da Casa 1. ....	46
Imagem 5 - Anfitriã da Casa 2 (à esquerda) conversando com dois de seus hóspedes no carnaval de 2017. ....	49
Imagem 6 - Casal de anfitriões da Casa 3. ....	50
Imagem 7 - Anfitrião da Casa 3.....	51
Imagem 8 - Casa 4 na terça-feira de carnaval de 2017. ....	52
Imagem 9 - Anfitriã da casa 5 no carnaval de 2017. ....	53
Imagem 10 - Mãe da pesquisadora (à direita) com dois de seus hóspedes. ....	55
Imagem 11 - Pesquisadora e anfitriãs da Casa 1 em momento de descontração.....	58
Imagem 12 - Primeiro dia de ensaio da pesquisadora no Grheia-PE, em 2019. ....	60
Imagem 13 - Fachada da Igreja de São Pedro Apóstolo no carnaval de 2018.....	61
Imagem 14 - Vista do Sítio Histórico a partir do Alto da Sé com a Igreja de Nossa Senhora do Carmo ao centro. ....	66
Imagem 15 - Sítio Histórico de Olinda em contraste com bairros ao norte. ....	66
Imagem 16 - Encontro dos Bonecos Gigantes de Olinda na Rua do Amparo na terça-feira de carnaval de 2017.....	71
Imagem 17 - Escritório do IPHAN em Olinda em 2018.....	73
Imagem 18 - Cartaz colocado por moradora do Alto da Sé na garagem da sua casa.....	46
Imagem 19 - Pesquisadora dirigindo na estrada do Bonsucesso, tentando chegar em casa no dia dezanove de janeiro de 2018.....	77

Imagem 20 - Quatro Cantos no dia seis de janeiro de 2018.....	78
Imagem 21 - Estacionamento de motos próximo ao bloqueio da Estrada do Bonsucesso no carnaval de 2018. ....	79
Imagem 22 - Estacionamento de carros próximo ao bloqueio da Estrada do Bonsucesso no carnaval de 2017. ....	79
Imagem 23 - Veículo estacionado no meio da folia no Sábado de Zé Pereira de 2019.....	80
Imagem 24 - Quatro Cantos no dia sete de janeiro de 2018.....	84
Imagem 25 - Grupo de amigos fantasiados no carnaval de 2018.....	86
Imagem 26 - Sede do Clube de Alegorias e Críticas Homem da Meia Noite (2018). ....	97
Imagem 27 - Criança fantasiada em homenagem ao Homem da Meia Noite (2018). ....	100
Imagem 28 - Saída do Homem da Meia Noite. ....	102
Imagem 29 - Sede da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense. ....	104
Imagem 30 - Apresentação de Cavalo Marinho na Casa da Rabeca, Cidade Tabajara (2018). ....	107
Imagem 31 - Desfile do Boi da Macuca nas prévias carnavalescas de 2018. ....	108
Imagem 32 - Visão do Sítio Histórico de Olinda após o término da folia. ....	109
Imagem 33 - Anúncio da primeira prévia da TCM Pitombeira dos Quatro Cantos de 2019. ....	109
Imagem 34 - Acerto de marcha da TCM Pitombeira dos Quatro Cantos em 7 de setembro de 2019. ....	110
Imagem 35 - Concentração de bonecos gigantes no Guadalupe para desfile junino no dia 24 de junho de 2019. ....	111
Imagem 36 - Procissão da Bandeira de São João, no Guadalupe, no dia 24 de junho de 2019. ....	112
Imagem 37 - Ensaio do Grheia em janeiro de 2020.....	115
Imagem 38 - Casamento de batuqueiros realizado na casa sede do Grheia – PE.....	121
Imagem 39 - Controle de descargas no banheiro masculino da casa verde. ....	122
Imagem 40 - Aviso que faz uso do humor e ao mesmo tempo de firmeza para lembrar os frequentadores sobre as regras da casa. ....	123
Imagem 41 - Aviso sobre as regras da casa, com uso de humor e, ao mesmo tempo, ameaça. ....	123
Imagem 42 - Mesa de frutas preparada na casa de Dona Dá na Quarta-Feira de Cinzas de 2018.....	126
Imagem 43 - Casa no Sítio Histórico na quinta-feira pós carnaval de 2017.....	128

Imagem 44: Integrantes do Grheia-PE confeccionando adereços para o carnaval 2020 em setembro de 2019.....	129
Imagem 45 - Banho para refrescar calor dos foliões da Rua do Bonfim na terça-feira de carnaval de 2018. ....	130
Imagem 46 - Troféu entregue por Dona Dá aos brincantes no carnaval de 2018. ....	132
Imagem 47 - Bandeja de frutas ofertada aos foliões da Rua da Boa Hora, em frente à casa de Dona Dá.....	133
Imagem 48 - Dona Dá recebendo reverência de uma das agremiações que passam diante da sua casa.....	134
Imagem 49 - Dona Dá entregando troféu a uma agremiação diante da sua casa. ....	135
Imagem 50 - Faixa do Maracatu Nação Camaleão homenageando sua madrinha, Dona Dá.....	135
Imagem 51 - Placa de proibição de menores no salão do Terreiro da Xambá. ....	141
Imagem 52 - Crianças desfilando como caboclos de lança na segunda-feira de carnaval de 2017. ....	142
Imagem 53 - Mulher grávida com a barriga “fantasiada” de acordo com o mote do Bloco Mangue Beat, no Sábado de Zé Pereira de 2018.....	143
Imagem 54 - Uma das vocalistas do Grheia-PE com a filha no colo durante uma apresentação em 2020. ....	144
Imagem 55 - Mãe com a filha na quinta-feira pós carnaval de 2018.....	145
Imagem 56 - Criança com mini estandarte com seu nome. ....	146
Imagem 57 - Carregador de boneco ao lado da companheira e da filha na segunda-feira de carnaval de 2017 .....	147
Imagem 58 - Pintura de fachada em 31 de janeiro de 2020. ....	148
Imagem 59 - Pintura de fachada em 15 de fevereiro de 2020.....	149
Imagem 60 - Pintura artística em parede do Sítio Histórico em 27 de janeiro de 2020.....	150
Imagem 61 - Anúncio de casa para alugar na Rua do Amparo. ....	151
Imagem 62 - Anúncio de venda de alimentos e bebidas.....	152
Imagem 63 - Anúncios de venda de bebidas e aluguel de banheiro.....	152
Imagem 64 - Anúncio do serviço de recarga de celular.....	153
Imagem 65 - Placa com preços proibitivos para desvencilhar moradores do assédio dos foliões. ....	154
Imagem 66 - Anúncios de recarga de celular e de venda de cerveja. ....	154
Imagem 67 - Intervenção artística que ocupou fachadas espalhadas pelo Sítio Histórico em 2019.....	156
Imagem 68 - Desfile do Bloco da Saudade no domingo de carnaval de 2018.....	165

Imagem 69 - Parte dos batuqueiros do GREIA-PE num domingo de ensaio (24 de novembro de 2019). .....	166
Imagem 70 - Ensaio do Grheia-PE no primeiro domingo de 2020. ....	167
Imagem 71 - Ensaio do Grheia-PE no último domingo 2019. ....	167
Imagem 72 - Apresentação do Grheia-PE no domingo de carnaval de 2020.....	168
Imagem 73 - Afoxé Oxum Pandá desfilando na Quarta-Feira de Cinzas de 2018.....	169
Imagem 74 - Folião fantasiado de caixa de palitos de dente na segunda-feira de carnaval de 2018. ....	170
Imagem 75 - Integrantes de grupo fantasiado de mafiosos na segunda-feira de carnaval de 2018. ....	170
Imagem 76 - Foliões posam para foto com casal “Viking” desconhecido.....	171
Imagem 77 - Concentração do Bloco Mangue Beat, no Sábado de Zé Pereira de 2017.....	172
Imagem 78 - Performance do Homem Aranha no domingo de carnaval de 2019. ....	173
Imagem 79 - Costas de um dos músicos da orquestra da Troça Carnavalesca Mista Segurucu na terça-feira de carnaval de 2018.....	174
Imagem 80 - foliãs vestidas com as cores do Bloco Eu Acho é Pouco no dia nove de fevereiro de 2020, dia do ensaio aberto do Bloco Eu Acho é Pouco. ....	176
Imagem 81 - Foliões fantasiados de xeiques no Sábado de Zé Pereira de 2018. ....	177
Imagem 82 - Notas de “dinheiro” dos xeiques, Sábado de Zé Pereira de 2018.....	177
Imagem 83 - Cartinha de <i>superlike</i> distribuída por folião durante o carnaval. ....	178
Imagem 84 - Folião segurando placa sobre curiosos leitores de placas, segunda-feira de carnaval de 2018. ....	179
Imagem 85 - Placa propondo “80 me beijar”. ....	180
Imagem 86 - Placa perguntando “Qual shampoo você usa? Eu serve?”. ....	180
Imagem 87 - Placa com afirmação “Tu não é garçon, mas serve!!” .....	181
Imagem 88 - Fantasia com placa “Eu não posso me beijar, mas você pode”. ....	181
Imagem 89 - Fantasia com placa “Tá no inferno? Beija o capeta!!!”.....	182
Imagem 90 “Se não for comer, não me amasse!” .....	183
Imagem 91 - Fantasia de cigana, “Vejo seu futuro comigo”.....	183
Imagem 92 - Amigas fantasiadas de Uber com placas: “Se beber, pegue um Uber”. ....	184
Imagem 93 - “Uber Black – pego só você”. ....	185
Imagem 94 - “Uber Pool – pego você e suas amigas”. ....	185
Imagem 95 - Fantasia de pescadora “Caiu na rede...” .....	186
Imagem 96 - Amigas “pescadoras” e rapaz que caiu na rede.....	186

Imagem 97 - Beijo quádruplo entre amigas “pescadoras” e rapaz “pescado”. .....	187
Imagem 98 - Folião fantasiado de cozinheiro com menu repleto de trocadilhos. ....	188
Imagem 99 - Detalhe do menu carregado pelo folião fantasiado de cozinheiro. ....	188
Imagem 100 - Fantasia de unicórnio com placa: “É piranha o ano inteiro, mas no carnaval quer ser unicórnio”.....	189
Imagem 101 - Camisa com o texto “Beija?” .....	190
Imagem 102 - Camisa com o texto: “Bora se beijar?” .....	191
Imagem 103 - Camisa com o texto: “Pouse aqui no meu aerocorpo”. ....	192
Imagem 104 - Casal fantasiado de pompom, nas palavras deles.....	193
Imagem 105 - Casal fantasiado em homenagem ao Homem da Meia Noite. ....	194
Imagem 106 - Casal fantasiado de Chiquinha e Chaves. ....	195
Imagem 107 - Casal fantasiado de Popeye e Olívia Palito. ....	195
Imagem 108 - Fantasia de sombreiro.....	196
Imagem 109 - Fantasia que funciona como alívio ao calor.....	197
Imagem 110 - Crianças brincam com pistola d’água.....	198
Imagem 111 - Convite a sentar e garantir uma hemorroida.....	198
Imagem 112 - Casal usando o Coronavírus como tema de fantasia. ....	199
Imagem 113 - Fantasia de zombaria de cunho político .....	200
Imagem 114 - Fantasia que usa como referência apresentadora de programa gastronômico na TV para protestar contra a meritocracia. ....	201
Imagem 115 - Casal fantasiado segundo referência de memes das redes sociais “Barbie fascista da meritocracia” e “engomadinho”. ....	202
Imagem 116 – Tecido que cobriu o dragão do Eu Acho é Pouco no carnaval de 2019. 2017.....	203
Imagem 117 - Saída do Homem da Meia Noite no Carnaval de 2020 .....	204
Imagem 118 - Mineiros segurando a bandeira pernambucana .....	206
Imagem 119- Foliões pernambucanos “vestidos” com a bandeira do estado. ....	207
Imagem 120 – Pesquisadora ao lado de sua irmã no domingo de carnaval de 2017.....	208
Imagem 121- Foliões indo embora do Sítio Histórico na Quarta-Feira de Cinzas de 2017. ....	213
Imagem 122 - Intervenção na parede da casa da artista plástica Iza do Amparo em 2017.....	219

## SUMÁRIO

“EU JÁ ESCUTO OS TEUS SINAIS...”	18
1 “PELAS RUAS QUE ANDEI, PROCUREI”	25
1.1 A construção do título	25
1.2 Caracterização da pesquisa e dos procedimentos metodológicos	26
1.3 Métodos e técnicas de pesquisa	28
1.3.1 Produção científica contemporânea sobre os métodos adotados	32
1.3.2 Pesquisa etnográfica	34
1.3.3 História oral	37
1.4 A pesquisa no tempo e no espaço	42
1.5 O encontro com o tema	44
1.6 O percurso trilhado	45
1.6.1 Caracterização e acesso às casas pesquisadas	46
1.6.2 Casas acessadas durante as prévias	54
1.6.3 Casa dos pais	54
1.7 Ruas, camarotes e polos de folia	56
1.8 Grupo Recreativo Hedonista Irreverente de Amigos Percussivos (Grheia-PE)	59
2 “OLINDA, MARIM TÃO BONITA DOS CAETÉS”: A CIDADE E SEU CARNAVAL	62
2.2 A cidade e a hospitalidade (hostilidade e inospitalidade)	71
2.3 “Em Olinda sem igual. Salve o teu carnaval!”	83
3 “PODE ACABAR-SE O MUNDO, VOU BRINCAR MEU CARNAVAL!”	87
3.1 “Eu quero entrar na folia, meu bem. Você sabe lá o que é isso?”	87
3.2 “Lá vem O Homem da Meia Noite”	96
3.3 Prévias - “carnaval só são três dias?”	106
3.4 Grupo Recreativo Hedonista Irreverente de Amigos Percussivos	112
4 “ENTRE CONFETES E SERPENTINAS VENHO TE OFERECER COM ALEGRIA O MEU AMOR”: A FESTA COMO DÁDIVA	127
4.1 O empurrãozinho para animar a festa - o dom do incentivo	131
4.2 A dádiva na festa e suas repercussões – o dom da relação	136
4.3 A festa como presente entre gerações – o dom da transmissão cultural	140
4.4 Arrumando a casa para a festa - o dom do espaço	147
4.5 Entre dom e mercado	150
5 CONVITES E DESCONVITES	157
5.1 O convite pela fantasia	165
5.2 Carnaval é coisa séria	199
5.3 Vamos cair no passo e a vida gozar!	207
“OH, QUARTA-FEIRA INGRATA, CHEGA TÃO DEPRESSA SÓ PRA CONTRARIAR!”	214
REFERÊNCIAS	220

"EU JÁ ESCUTO OS TEUS SINAIS..."

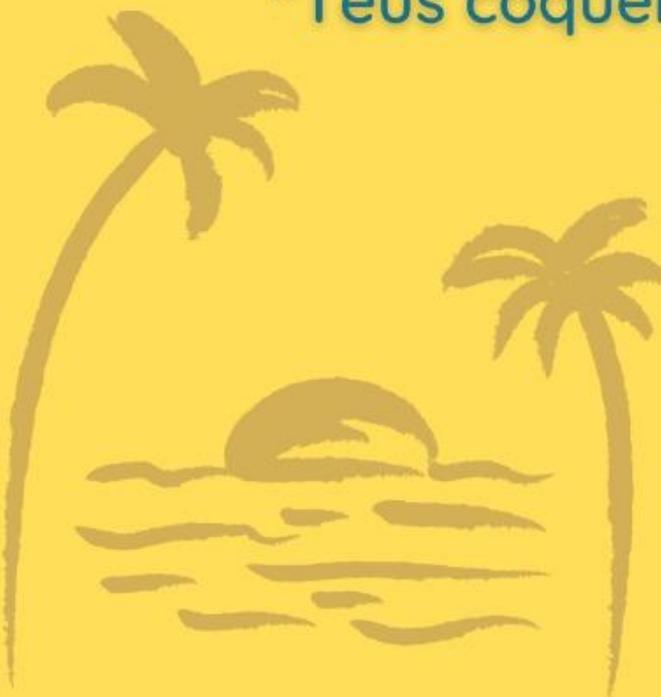


Imagem 1 - Passistas na Rua do Amparo no Carnaval de 2018

Fonte: Autora

"Teus coqueirais, o teu sol, o teu mar  
Faz vibrar meu coração  
De amor a sonhar  
Minha Olinda sem igual  
Salve o teu carnaval!"

(NIGRO; VIEIRA, 1954)



## “EU JÁ ESCUTO OS TEUS SINAIS...”<sup>1</sup>

Cidade de significativa vocação turística, Olinda tem no período carnavalesco seu momento alto. Durante as festas de Momo, o Sítio Histórico da cidade recebe milhões de foliões, que sobem e descem as ladeiras acompanhando agremiações que expressam a diversidade cultural pernambucana, ao mesmo tempo em que contemplam os monumentos e a paisagem que rendem à cidade prestígio e títulos de reconhecimento de seu patrimônio natural e cultural.

No período de 28 de fevereiro a 06 de março de 2019<sup>2</sup>, a administração municipal registrou no balanço da folia a presença de mais de 3,4 milhões de visitantes, dos quais 70% circularam pelo Sítio Histórico. Desse conjunto, 44% dos visitantes residem em Pernambuco, 45,17% saíram de outros estados do Brasil e 10,82% eram estrangeiros. A média da ocupação hoteleira durante o carnaval de 2019 chegou a 97%. Segundo a Prefeitura, foram gerados mais de 100 mil empregos diretos e indiretos e movimentação financeira em torno de 290 milhões de Reais. Ainda segundo o balanço oficial, em 2019 foram mais de 300 atrações e 1,5 mil agremiações entre os oito polos descentralizados<sup>3</sup> (OLINDA, 2019).

Durante os dias de carnaval, a cidade recebe seu maior volume de visitantes, atrai investimentos de empresas privadas, chama a atenção dos veículos de comunicação e modifica sua dinâmica para acolher a festa. A importância do acontecimento para o município e o volume da demanda justificam investimentos em infraestrutura por parte do poder público, os comerciantes aparelham seus negócios para atender ao público – ou fecham suas portas para se proteger dele – e os moradores preparam-se para receber os foliões. Parte destes escolhe sair de casa, seja para adquirir recursos por meio da cobrança de aluguéis, seja para se afastar da festa, enquanto outros permanecem e participam da folia.

Porém, há alguns anos tem se observado que os festejos não estão circunscritos aos dias oficiais de carnaval - iniciados na quinta-feira que antecede o Sábado de Zé Pereira e encerrados na Quarta-Feira de Cinzas. Desde abril do ano anterior muitas agremiações iniciam as suas atividades, mas os principais ensaios abertos<sup>4</sup> e acertos de marcha<sup>5</sup> das

---

<sup>1</sup> Fonte: VALENÇA, 1983

<sup>2</sup> Os dados são do carnaval de 2019, pois foram os últimos publicados até a data da redação da tese.

<sup>3</sup> Redução de dois polos em relação a 2018.

<sup>4</sup> Encontros realizados pelas agremiações carnavalescas visando à preparação dos integrantes para os dias de carnaval. Acontecem sempre com a presença do público. Podem ser realizados em locais fechados ou abertos, podendo, inclusive, simular o desfile, no caso daquelas que saem pelas ruas nos dias oficiais da folia (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>5</sup> Acertos de marcha são os ensaios realizados pelas agremiações que ocorrem depois que o repertório já foi definido, a execução das músicas já foi ensaiada e a maioria dos ajustes técnicos já foi feita. Os acertos ocorrem com a presença de público e podem acontecer em locais abertos e fechados (ASSOCIAÇÃO, 2009).

agregações carnavalescas<sup>6</sup> começam por volta do mês de setembro e acontecem sobretudo – mas não somente - aos domingos. A partir do primeiro domingo de janeiro, a folia se intensifica e centenas ou até milhares de pessoas<sup>7</sup> sobem e descem as ladeiras acompanhando agregações ou concentram-se diante de bares, galerias ou esquinas do Sítio Histórico, transformando algumas ruas em palcos de encontros não apenas durante os fins de semana, mas por vezes também em feriados prolongados e datas comemorativas, como o Dia de Reis, por exemplo. Nas semanas que antecedem o carnaval, os festejos avivam-se ainda mais. O público das prévias, pelo que se pode observar, é composto majoritariamente por pessoas da Região Metropolitana do Recife, mas as manifestações culturais atraem também turistas domésticos e internacionais.

A despeito do volume de pessoas que circulam pela cidade durante o extenso período de prévias carnavalescas, os investimentos em infraestrutura voltada ao recebimento desta demanda estão aquém dos necessários durante os meses que antecedem o carnaval. O reforço na segurança pública, a disponibilização de sanitários químicos, os esforços voltados à proteção do patrimônio, o ordenamento diferenciado do trânsito, entre outras providências, mostram-se insuficientes fora do período oficial da folia.

A presença das agregações carnavalescas atrai os foliões às ladeiras do Sítio Histórico ao longo de aproximadamente metade dos finais de semana do ano, marca a rotina dos moradores dessa região e repercute em sua forma de se relacionar com os visitantes. Nesse contexto, estabelecem-se relações hospitaleiras, inóspitas e hostis entre residentes e visitantes que convivem com a festa, ao mesmo tempo em que se constroem novas formas de lidar com o patrimônio da cidade.

Esta tese centra-se no estudo sobre a hospitalidade no Sítio Histórico de Olinda durante os festejos ligados ao carnaval, a partir da análise das relações desenvolvidas entre os moradores e os visitantes que buscam a cidade no período carnavalesco e durante as prévias que antecedem a festa.

Ao considerar que a folia se estende ao longo de um extenso período, atraindo um volume significativo de visitantes e impactando de diferentes formas o destino e em especial a rotina da comunidade local, pretende-se por meio desta pesquisa percorrer caminhos que

---

6 Agregações carnavalescas são grupos formados, originalmente, por trabalhadores urbanos, agentes diretos do carnaval popular no Recife e “quase sempre vinculados às Corporações de Ofícios e/ou às Companhias de Negros” (GASPAR, 2003). Atualmente há uma grande diversidade de agregações carnavalescas, que podem ser divididas em modalidades de acordo com características em comum, como por exemplo, maracatus, blocos de frevo, la ursos, entre outras.

7 Em feriados prolongados, datas comemorativas ou dias de ensaio de agregações mais populares ocorre a concentração de maior volume de público.

levem à compreensão de como se configuram as relações hospitaleiras entre residentes e visitantes do Sítio Histórico de Olinda atraídos pelos festejos carnavalescos – aqui entendidos como carnaval e suas prévias – e de que modo a combinação entre o volume de visitantes, intensidade de atuação e o tempo de exposição dos anfitriões afeta essas relações.

O principal objetivo da pesquisa é investigar as práticas de hospitalidade, hostilidade e inospitalidade dos moradores do Sítio Histórico de Olinda durante o carnaval e suas prévias. Especificamente, busca-se: descrever as cenas hospitaleiras e as relações que se estabelecem entre moradores e visitantes no Sítio Histórico de Olinda durante os festejos carnavalescos; compreender a configuração e dinâmica da hospitalidade em ambientes domésticos durante os festejos carnavalescos no Sítio Histórico de Olinda; discutir a influência da celebração carnavalesca na construção das características hospitaleiras dos olindenses; e compreender a importância das manifestações de acolhimento na celebração do carnaval e suas prévias.

Para atingir os propósitos desse estudo, de natureza qualitativa, foram utilizados de forma combinada dois métodos de pesquisa de campo: a etnografia e a história oral. A investigação contempla quatro ciclos carnavalescos, de 2017 a 2020.

O carnaval olindense é uma das festas mais populares do Brasil, além de se constituir como um dos mais importantes produtos turísticos pernambucanos. Por ser um acontecimento que atrai grande número de pessoas, o festejo causa significativo impacto cultural, socioeconômico, ambiental e político. Além disso, o expressivo volume de pessoas recebidas no Sítio Histórico nos dias de folia cria diversas situações de encontros entre anfitriões e hóspedes.

Para além dos dias oficiais de folia, o Sítio Histórico de Olinda recebe durante parte significativa do ano um expressivo volume de visitantes, que se juntam aos moradores durante as prévias carnavalescas. Assim, além do volume e intensidade de atuação dos visitantes do Sábado de Zé Pereira à Quarta-Feira de Cinzas, os anfitriões estão expostos à festa e seus impactos por longo período.

A definição de Olinda como campo de pesquisa, e mais precisamente da hospitalidade de seus moradores durante os festejos carnavalescos como objeto de estudo, relaciona-se com a vivência, familiaridade e sentimento de pertencimento da pesquisadora com o tema. Olindense, residiu no Sítio Histórico desde a infância até a vida adulta, tendo passado quase todos os carnavais de sua vida pelas ladeiras de Olinda. Mais tarde, a formação e experiência profissional como turismóloga, professora e pesquisadora da área também exercitaram o olhar para a problemática. A constatação de que a festa mexe inexoravelmente com o cotidiano dos moradores, modificando o trânsito, o fornecimento d'água, a limpeza urbana, a possibilidade

de seguir uma rotina de estudos, entre outras questões, evidencia que o carnaval e especialmente as prévias desta festa se constituem como terreno fértil para a pesquisa.

Enquanto o cotidiano das grandes cidades é marcado pelas relações secundárias, o distanciamento, a formalidade, a desconfiança e o comportamento *blasé*, fazendo com que a hospitalidade aconteça apenas nos interstícios (CAMARGO, 2015), a festa é marcada pela busca por aproximação, a abertura ao outro, a disponibilidade para os contatos mais íntimos com desconhecidos, o interesse nas relações, o entusiasmo, o comportamento efusivo. Nesse contexto, a aceitação do que não seria suportado em dias típicos parece fazer com que a inospitalidade e a hostilidade - respostas comuns a determinados comportamentos do visitante – aconteçam nas frestas do clima hospitaleiro reinante.

Como observou Lorenz (*apud* CAMARGO, 2015, p. 44) ao tratar da dificuldade de manter a hospitalidade diante do excesso de pessoas, “é fácil ser hospitaleiro com onze pessoas; difícil é sê-lo com seis bilhões de pessoas”. O que significa que a prática da hospitalidade por parte dos anfitriões pode ser comprometida à medida em que há o adensamento dos hóspedes.

O desgaste provocado pelo extenso tempo de contato entre hóspedes e anfitriões é outra inquietação, que surge em forma da regra dos três dias em diferentes culturas. Depois deste período, como observa Montandon (2011, p. 34) “o hóspede, como o peixe, começa a feder”. Ou seja, há um limite de tempo a ser observado nas relações hospitaleiras. Depois disso, a presença do hóspede passa a interferir na rotina do anfitrião até o ponto de se tornar incômoda.

A linha tênue entre hospitalidade e hostilidade e o desgaste provocado pelos excessos foram questões apontadas por Krippendorf (2003), quando ele observou que os habitantes de regiões intensamente visitadas tendem a desenvolver certo rancor e cansaço em relação aos visitantes. Por vezes, eles “desejam poder voltar a considerar a região onde vivem como o seu próprio espaço vital” e, ainda que façam quase tudo para que os visitantes venham, prefeririam fazer tudo para que não viessem (KRIPPENDORF, 2003, p. 18). Para o autor, os visitados preparavam-se para a revolta.

Com base nos achados de campo, a tese que se defende neste trabalho está exposta nos dois próximos parágrafos:

Percebe-se que a hospitalidade marca substancialmente a construção da festa, imprimindo suas características e tornando-se fator identitário primordial neste acontecimento. O reverso – ou talvez ponto complementar – da questão é que festas de grande

relevância passam a influenciar marcadamente a forma da população de vivenciar a hospitalidade.

Além disso, a combinação entre o volume de visitantes, sua intensidade de atuação e seu tempo de permanência provoca a superexposição dos anfitriões e é capaz de suscitar tensão e provocar hostilidade e inospitalidade, ainda que estas não fiquem tão explícitas, uma vez que os anfitriões vivem um paradoxo, já que desejam a presença dos visitantes por motivos diversos.

Do ponto de vista teórico, e à luz de reflexões moldadas a partir da pesquisa empírica, sugere-se outro olhar para o *continuum* da hospitalidade - ou hostipitalidade. Trata-se não necessariamente da contestação das reflexões já consolidadas, mas tão somente da apresentação de outra perspectiva, que posiciona hospitalidade, hostilidade e inospitalidade em pontos diferentes dos até então apresentados, enfatizando a busca ou não por relações, sejam elas positivas ou negativas.

Na construção dos capítulos desta tese, optou-se por um texto que apresenta as reflexões teóricas e revela os achados da pesquisa empírica sem compartimentar essas que são as principais bases da investigação. Buscou-se, assim, construir um texto onde se intercalassem as contribuições dos autores que dão respaldo teórico, os trechos das entrevistas obtidas pela autora por meio da história oral, as observações que resultaram da pesquisa etnográfica e foram anotadas no diário de campo, os registros fotográficos obtidos durante as incursões na festa e as reflexões da pesquisadora a partir dessas fontes.

O primeiro capítulo após esta introdução, “Pelas ruas que andei, procurei”, é destinado a explicar a metodologia usada para desenvolver a tese. Nele, a pesquisa é apresentada segundo suas principais características, são discutidos os métodos da etnografia e da história oral e sua aplicação na pesquisa e é exposto o percurso que foi trilhado para chegar aos resultados do estudo.

No capítulo 2, “Olinda, Marim tão bonita dos Caetés”, dedicado ao objeto de estudo, o Sítio Histórico de Olinda é exposto a partir do seu patrimônio material e imaterial, com ênfase no carnaval e na hospitalidade. Também se busca apresentar aspectos da realidade sociocultural que repercutem diretamente na temática da hospitalidade. Em seguida, os achados de campo são desvendados junto à discussão teórica sobre hospitalidade e festa em três capítulos:

O capítulo 3, “Pode acabar-se o mundo, vou brincar meu carnaval!”, aborda o carnaval olindense, trazendo suas principais características e explicando sua dinâmica. É dado destaque ao Homem da Meia Noite, uma das principais atrações da festa, sediado no bairro onde

creceu e vive a pesquisadora. Para que se compreenda o peso das prévias carnavalescas no Sítio Histórico, busca-se mostrar sua extensão temporal, proporções e repercussão na vida dos moradores. Por fim, são apresentadas informações sobre o grupo percussivo do qual a pesquisadora faz parte, que foi analisado ao longo de um ciclo carnavalesco.

No capítulo 4, intitulado “Entre confetes e serpentinas venho te oferecer com alegria o meu amor”, é trazida a reflexão sobre a importância do ciclo da dádiva para a construção e manutenção da festa a cada ano. Alguns aspectos mereceram especial atenção, tais como a transmissão da cultura carnavalesca como dádiva, o cuidado dos moradores com o cenário para acolher a festa e receber os foliões, além de se mostrar que a hospitalidade na festa perpassa os domínios da dádiva, do mercado e da interseção de ambos.

O capítulo 5, Convites e desconvites, aborda as diversas formas de abertura e recusa à relação entre anfitriões e hóspedes. Nele são discutidas as relações hospitaleiras, inóspitas e hostis no contexto da festa. É dada atenção especial ao uso de fantasias como elemento visual usado para propor aproximação ou afugentar, é abordada a importância que os foliões dão à festa como momento político, são tratadas regras de hospitalidade no carnaval olindense e é proposto ainda um novo ponto de vista para o *continuum* da hospitalidade.

# "PELAS RUAS QUE ANDEI, PROGUREI"



Imagem 2 - Um dos tênis que a pesquisadora perdeu durante a pesquisa de campo  
Fonte: Autora

"Ninguém caminha sem aprender a caminhar,  
sem aprender a fazer o caminho caminhando,  
refazendo e retocando  
o sonho pelo qual se pôs a caminhar"

(FREIRE, 2005, P. 35)

## 1 “PELAS RUAS QUE ANDEI, PROCUREI”<sup>8</sup>

Este capítulo versa sobre a metodologia adotada para atingir os objetivos da tese. Na primeira parte, usa como pano de fundo a construção e modificações do título para expor as alterações que o projeto sofreu a partir das percepções de campo. Na sequência, a pesquisa é caracterizada de acordo com sua ontologia, epistemologia, paradigma e axiologia. Após isso, são apresentados os métodos e técnicas de pesquisa adotados - etnografia e história oral. Depois é exposto o caminho de construção do tema e, por fim, é abordado o percurso trilhado durante a pesquisa de campo que conduziu aos resultados da tese.

De natureza qualitativa, esta pesquisa é, quanto aos seus objetivos, de caráter descritivo, uma vez que entre os seus propósitos visa descrever as relações hospitaleiras, inóspitas e hostis que se dão na festa; e ao mesmo tempo de caráter explicativo, na medida em que busca identificar os fatores que levam aos fenômenos analisados.

### 1.1 A construção do título

“Entre confetes e serpentinas, venho te oferecer com alegria o meu amor!” Os versos do frevo “Olinda Número Um” (NIGRO; VIEIRA, 1954) - mais conhecido como Hino do Elefante - foram escolhidos para intitular a primeira versão do projeto desta pesquisa por remeter à relação de amor entre os moradores de Olinda e sua cidade e por envolver ambos num clima de festa, de carnaval. “Oferecer com alegria” trazia a ideia de hospitalidade e completava o pensamento sobre o que se pretendia estudar. Por fim, prestava-se reverência a uma canção representativa da cultura carnavalesca olindense, que ano após ano é cantada a plenos pulmões por uma massa de anfitriões e hóspedes que se juntam transformando-se todos em foliões.

Após o primeiro ciclo carnavalesco em campo, a exclamação foi substituída por uma interrogação. “[...] venho te oferecer com alegria o meu amor?” A inquietação se intensificava a cada entrevista, observação, reflexão, cruzamento entre a teoria e os achados de campo, troca realizada com os pares em eventos científicos, encontro de orientação. Mas, sim, entre confetes e serpentinas os olindenses oferecem com alegria o seu amor, como veremos adiante. Entretanto, por trás da cortina colorida da festa revelavam-se relações complexas e contraditórias, de satisfação e sacrifício, de prazer e incômodo, de encantamento e repulsa, de hospitalidade, hostilidade e inospitalidade.

---

<sup>8</sup> Fonte: VALENÇA, 1982.

Passado o carnaval seguinte, “A nossa vida é um carnaval” passou a ser o título adotado, por remeter à extensão temporal, à intensidade dos festejos e ao impacto disso na vida dos moradores do Conjunto Monumental, aspectos que se mostraram centrais na condução da pesquisa de campo e na compreensão do fenômeno a partir da fase exploratória do estudo. A sequência do verso - que ficaria implícita e posteriormente exposta na epígrafe da tese – passaria a aludir ao gozo e ao sofrimento do anfitrião brincante<sup>9</sup>: “a gente brinca escondendo a dor”. A festa e a hospitalidade em si trazem essa característica. Apresentamos em momentos festivos e na cena hospitaleira o melhor que temos a oferecer. Nos fantasiávamos e usamos as nossas melhores máscaras para o encontro com o outro.

Acompanhando o movimento das ideias, o subtítulo também sofreria transformações. “A hospitalidade no ambiente doméstico no carnaval do Sítio Histórico de Olinda-PE” seria substituído por “hospitalidade, hostilidade e inospitalidade nos festejos carnavalescos do Sítio Histórico de Olinda”. O percurso trilhado ao longo dos três anos de pesquisa – refeito e retocado - passaria por dentro e por fora das casas, pelos dias oficiais e extraoficiais de folia para conduzir à construção da tese. Assim, a expressão “festejos carnavalescos” passa a abranger não apenas a semana de carnaval, mas também o extenso período de prévias carnavalescas, que passou a ser percebido como rico objeto de análise.

## **1.2 Caracterização da pesquisa e dos procedimentos metodológicos**

A posição ontológica que norteou a construção desta tese considera a interação sujeito-objeto. De acordo com essa compreensão, percebe-se que a realidade social é produzida a partir da negociação e compartilhamento de significados entre as pessoas, ou seja, resulta de uma construção social. A partir dessa ontologia, a realidade é intersubjetiva, isto é, percebida e concebida numa instância coletiva (SACCOL, 2009). Diante desse entendimento, a autora estabeleceu as bases da investigação considerando que a percepção do fenômeno a ser investigado, ou seja, as práticas de hospitalidade, hostilidade e inospitalidade dos moradores do Sítio Histórico de Olinda durante o carnaval e suas prévias, seria alcançada por meio da interação com os sujeitos que produzem e vivem os acontecimentos e, mais que mediada, influenciada pela percepção de mundo da pesquisadora.

Do ponto de vista epistemológico, a investigação abraçou o construtivismo social, por considerar que não existe uma realidade objetiva a ser descoberta, e sim sentidos e significados que só passam a existir a partir de uma construção desencadeada pelo engajamento da pesquisadora com o mundo, por meio da interação entre seus processos

---

<sup>9</sup> Brincantes são as pessoas que integram as agremiações.

mentais e as características do objeto investigado. O construtivismo social apregoa que, no processo de construção do conhecimento, a criação de significado pressupõe intencionalidade e resulta da interpretação dos fatos (SACCOL, 2009).

O paradigma adotado foi o interpretativista, que valoriza os significados subjetivos e sociopolíticos e as ações simbólicas na forma como as pessoas constroem e reconstróem a própria realidade. De perspectiva qualitativa, o interpretativismo não considera a existência de uma realidade totalmente objetiva, nem totalmente subjetiva, mas sim a interação entre as características de um determinado objeto e a compreensão criada a respeito desse objeto, por meio da intersubjetividade (SACCOL, 2009). Procurou-se não impor o entendimento prévio da pesquisadora sobre a situação pesquisada ou construir o conhecimento sobre os processos sociais a partir de deduções hipotéticas, optou-se, então, por não propor hipóteses a serem testadas.

O paradigma interpretativista, em geral, utiliza métodos de pesquisa de natureza qualitativa e pouco estruturada. Dessa forma, buscou-se a compreensão profunda do fenômeno analisado a partir da escuta atenta de entrevistados por meio da história oral, e da observação dos acontecimentos por meio da etnografia. Seguindo os preceitos apontados por Saccol (2009), foi permitido aos participantes usar suas próprias palavras, expressões e imagens, com base em seus conceitos e experiências.

Quanto à axiologia, ou seja, os valores assumidos, admitiu-se que a pesquisadora não possui uma posição neutra. Nesse sentido, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998) consideram que nos estudos de natureza qualitativa, como este, o pesquisador é o principal instrumento de investigação, portanto, recomendam que se posicione no texto sobre suas experiências relacionadas aos tópicos estudados, ao contexto de pesquisa e aos sujeitos analisados. Isso porque tanto a formação intelectual quanto as experiências pessoais e profissionais do pesquisador relacionadas à pesquisa induzem vieses na interpretação dos fenômenos observados e isso deve ser revelado ao leitor. O cuidado em explicitar as relações pessoais, acadêmicas e profissionais da autora desta tese com o local de pesquisa, os sujeitos entrevistados e o fenômeno analisado está presente ao longo de todo o texto e não há intenção ou promessa de neutralidade, seja por interesse, crença ou escolha metodológica.

A responsabilidade da pesquisadora, como parte fundamental da pesquisa, incluiu o esforço contínuo de despojar-se de preconceitos e buscar abrir-se à observação atenta de todas as manifestações relacionadas ao interesse de pesquisa, como preconizado por Chizzotti (2000). Para o autor, nesse processo é importante não adiantar explicações nem se conduzir pelas aparências imediatas, para assim ser possível alcançar uma visão global dos fenômenos.

O extenso período dedicado à pesquisa de campo - quatro anos - favoreceu esse processo. Para Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998), o tempo de permanência no campo, sobretudo em estudos etnográficos, deve ser extenso o suficiente para que o pesquisador possa apreender amplamente a cultura analisada, corrigir interpretações enviesadas e identificar distorções nas informações.

Saccol (2009) também ressalta que nas pesquisas interpretativistas deve-se considerar que a reflexão crítica sobre o contexto histórico e social do objeto de pesquisa é fundamental. Para ele, a pesquisa interpretativa deve buscar o entendimento de um fenômeno a partir o contexto no qual ele ocorre. No caso desta tese, a autora buscou compreender, por exemplo, as especificidades de um carnaval precedido por um extenso período de festejos que modificam o cotidiano dos moradores e que se dá numa área marcada por características como o reconhecimento do seu patrimônio cultural em nível mundial e os desdobramentos que isso implica.

Por fim, a pesquisadora considera que a hospitalidade possui uma ontologia própria e carrega consigo uma dimensão ética, estética, paradigmática e epistemológica que lhe é intrínseca e peculiar, uma vez que é o único campo de investigação que se propõe a estudar os encontros e seus desdobramentos.

### **1.3 Métodos e técnicas de pesquisa**

Para atingir os propósitos desse estudo, recorreu-se à combinação entre dois métodos de pesquisa: etnografia e história oral. A pesquisa de campo aconteceu de janeiro a março de 2017, de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018 e de dezembro de 2018 a março de 2020.

Durante a semana carnavalesca de 2017 o principal foco da pesquisa etnográfica esteve nas relações que ocorrem no ambiente doméstico, por isso optou-se por transitar e permanecer no interior de cinco casas, observando as interações e práticas sociais e conversando com os sujeitos presentes. Nos carnavais de 2018 e 2019, bem como nas prévias dos quatro anos da pesquisa de campo, buscou-se compreender a dinâmica da festa, para tanto, foi necessário circular pelas principais ruas e polos da folia. Para o carnaval de 2018 estabeleceu-se um roteiro que contemplava todos os polos oficiais de folia em diferentes dias e horários. Já durante as prévias e a semana carnavalesca de 2019, a intenção da pesquisa de campo era confirmar e complementar os dados coletados nas fases anteriores. Nesse ano, houve uma imersão mais orgânica na folia, passando pela aceitação de convites, acompanhamento do ritmo de amigos, permissão de maior abertura ao não preestabelecido e à livre construção de itinerários. Nessa fase, considerou-se que o trabalho etnográfico requer

uma preparação para o campo, mas, ao mesmo tempo, requer total abertura para o que surgir. O pesquisador deve ficar atento, mas também desatento, aberto ao inesperado e ao imprevisto. O etnógrafo deve ser capaz de viver no seu íntimo a tendência principal da cultura que está estudando (LAPLANTINE, 2004). Após o carnaval, foi possível observar certa calma que marca a cidade até a chegada das prévias do carnaval do ano seguinte, em setembro, ao mesmo tempo em que foi possível acompanhar de perto e de dentro a preparação de uma agremiação carnavalesca, uma vez que a pesquisadora passou a integrar um grupo percussivo<sup>10</sup> que ensaia desde o mês de abril para se apresentar no domingo e na segunda de carnaval. O carnaval de 2020 foi vivenciado pela pesquisadora como batuqueira, ou seja, membro de uma das atrações do carnaval olindense. Assim, em quatro carnavais foi possível analisar a festa a partir de diversos pontos de observação: hóspede na casa dos pais e “intrusa” que se convidou ao interior de casas de conhecidos e desconhecidos, moradora, foliã, batuqueira...

A pesquisa etnográfica, realizada desde a perspectiva da observação participante, apoiou-se nos seguintes instrumentos para construção de dados:

- Visitas sistemáticas a campo para observação baseada no projeto de pesquisa e na revisão da bibliografia pertinente ao tema;
- Anotações de campo: registros de observações e reflexões da pesquisadora num diário;
- Registros audiovisuais das atividades observadas, capturados por meio de câmera digital. Tais recursos complementaram a análise pois possibilitaram posteriores consultas, reflexão e identificação de detalhes que foram levados ao texto, além de terem sido usados para ilustrar os capítulos desta tese;
- Observação por meio das redes sociais: dois grupos no aplicativo *WhatsApp* compostos por foliões olindenses com o propósito de planejar ações na folia e páginas oficiais e extraoficiais no *facebook* voltadas à temática da folia olindense. Tal recurso possibilitou o acompanhamento de questões referentes à festa à distância durante o período de residência da pesquisadora no município de Guarulhos, região metropolitana do Estado de São Paulo.

Tanto durante o carnaval quanto nas prévias carnavalescas, as observações foram registradas num diário de campo. O diário de campo, ou diário etnográfico, é um instrumento

---

<sup>10</sup> A maioria dos grupos percussivos realiza seus ensaios durante os fins de semanas nas ruas centrais do Sítio Histórico de Olinda ou do Recife Antigo. “Muitos participantes desses grupos vêm da classe média e geralmente têm de pagar uma espécie de mensalidade para aprender a tocar ou dançar”. Os grupos desfilam nas ruas durante o carnaval e o instrumento geralmente deve ser trazido pelo participante (BENS INVENTARIADOS, 2012).

utilizado pelo pesquisador para registro do seu trabalho de campo, uma técnica com diferentes especificidades a serviço dos etnógrafos. O diário pode ser usado como método de coleta de dados, de descrição dos processos e estratégias da própria pesquisa e análise das implicações subjetivas do pesquisador (BRAZÃO, 2011).

Para tornar o processo prático e ágil e capturar o maior número de observações possíveis, os registros foram feitos no gravador de áudio do aparelho celular e posteriormente transcritos. O uso do diário de campo é imprescindível no fazer etnográfico, dado o volume de informações, os detalhes e as nuances. Como já foi exposto por Laplantine (2004), a observação sem registro escrito muito rapidamente se perderia e de tudo aquilo que foi visto ou dito restaria apenas uma vaga lembrança. A etnografia é precisamente a elaboração linguística dessa experiência. Assim como a história oral, a etnografia tem na luta contra o esquecimento uma de suas maiores funções.

O método etnográfico possibilitou a observação e registro de fenômenos para o alcance de três objetivos da tese:

- Investigar as práticas de hospitalidade, hostilidade e inospitalidade dos moradores do Sítio Histórico de Olinda durante o carnaval e suas prévias;
- Descrever as cenas hospitaleiras e as relações que se estabelecem entre moradores e visitantes no Sítio Histórico de Olinda durante os festejos carnavalescos;
- Compreender a importância das manifestações de acolhimento na celebração do carnaval e suas prévias.

Por meio do recurso da história oral foi possível compreender, a partir dos relatos de moradores escolhidos criteriosamente, a configuração da hospitalidade no Sítio Histórico de Olinda a partir do olhar do anfitrião. O método, combinado à etnografia, foi utilizado para atingir os demais objetivos:

- Compreender a configuração e dinâmica da hospitalidade em ambientes domésticos durante os festejos carnavalescos no Sítio Histórico de Olinda;
- Discutir a influência da celebração carnavalesca na construção das características hospitaleiras dos olindenses;

A partir das bases e pressupostos da história oral, foram realizadas entrevistas com 25 sujeitos da festa, incluindo moradores, brincantes e organizadores de agremiações carnavalescas e foliões hospedados no Sítio Histórico. O método da história oral consiste na escuta e registro de depoimentos e tende a representar a realidade como um mosaico ou colcha de retalhos “em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos” (PORTELLI, 1997, p. 16). Seguiu-se a recomendação de Alberti (1989, p. 52), que coloca que a história oral é “um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas,

visões de mundo”. Assim, a seleção dos sujeitos ouvidos se deu a partir da disponibilidade e do potencial para discorrer sobre os assuntos pesquisados, tendo sido alguns escolhidos pela pesquisadora e outros indicados de acordo com os propósitos do estudo. Com exceção dos não residentes no Sítio Histórico, as entrevistas foram realizadas nos períodos anteriores e posteriores às semanas carnavalescas. Alguns entrevistados receberam mais de uma visita da pesquisadora, como a residente mais antiga da Rua do Amparo, Dona Ivanilda, que aparece na imagem 3 numa conversa em 2018, complementando a entrevista realizada no ano anterior.



Imagem 3 - Conversa com entrevistada em janeiro de 2018.  
Fonte: Letícia Rameh, 2018.

A pesquisa de campo teve como suporte um marco teórico em torno das temáticas: festa, carnaval e hospitalidade. Os dados analíticos foram buscados em fontes de diferentes tipos (livros, artigos científicos, revistas e relatórios). Durante o processo de construção de dados por meio da história oral foi possível ter contato ainda com fotografias e documentos disponibilizados pelos moradores, já que esta é uma das possibilidades que o método oferece.

O confronto entre a objetividade, presente na teoria, e a subjetividade, que envolve os atores sociais nas suas diversas práticas, possibilitou a compreensão da realidade concreta e subjetiva da hospitalidade dos moradores do Sítio Histórico de Olinda durante o período carnavalesco e suas prévias.

### **1.3.1 Produção científica contemporânea sobre os métodos adotados**

Um levantamento sobre a produção dos últimos cinco anos no que se refere a “etnografia urbana”, à combinação dos termos “etnografia” e “festa”, “etnografia” e “hospitalidade”, revela alguns dos caminhos teóricos e temas que têm sido tratados por meio da utilização desses instrumentos metodológicos. A pesquisa foi realizada em títulos, resumos e palavras-chave, usando a língua portuguesa como padrão, mas que por questão de similaridade da grafia dos termos também retornou resultados em outras línguas como espanhol, italiano, etc.

A base de pesquisa usada foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), abordando os últimos cinco anos e organizando os textos por relevância. A escolha pelo Portal de Periódicos da CAPES se deu pela grande base de dados disponível (possuindo vinculação com o Scopus [Elsevier], Social Sciences Citation Index [Web of Science], SciELO [Brasil, México, Chile], entre outras, num total de 20 repositórios científicos nacionais e internacionais), tendo em vista que o acesso foi realizado do Campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco que está entre as instituições conveniadas para ter acesso total ao banco de dados gratuito e pago.

Especificamente no que tange à “etnografia urbana” foram encontrados 76 trabalhos, sendo 75 artigos científicos e uma resenha. Seu uso varia desde a arqueologia industrial (HERNANDEZ; DE BURGO, 2017); estudos de psicologia social, sexualidade, gênero e prostituição masculina (HAMANN; PIZZINATO; ROCHA, 2018); estudos históricos sobre o lupemproletariado (JORGE, 2014); estudos sobre cidades globais, antropologia urbana, gangues urbanas e zoneamento urbano (STEFANI, 2015); bem como habitação, mobilidade cotidiana, e produção do espaço (IMILAN; JIRÓN; ITURRA, 2015), dentre outros.

A combinação dos termos de busca “etnografia” e “festa”, utilizando os mesmos critérios anteriores, retorna 151 resultados, sendo 135 deles periódicos revisados por pares. Em termos de conteúdo, foram encontrados trabalhos que tratam de estudos da religião, matéria, entidades, performance e povo de rua (CARDOSO; HEAD, 2015); mediação didática, desde uma perspectiva etnográfica (DE MELO; MOURA, 2017); cultivo, parentesco e ritualidade, por meio de uma etnografia de ciclo de vida (LIMA, 2017). Nessa busca, destacou-se por sua relevância para esta tese um trabalho que trata do uso de caderno de campo em relação à Festa do Divino em Piracicaba, fazendo uma análise entre prática e experiência enográfica e seu uso nas Ciências Sociais (CAMARGO, 2014); outro, também de interesse para esta pesquisa, aborda estudos do carnaval, por meio de etnografia plurianual na perspectiva de análise de uma festa carnavalesca em Colônia (Alemanha) e aborda seus usos

como forma de protesto por um movimento social translocal de imigrantes sem-documento (SALZBRUNN; FERREIRA 2017).

A combinação dos termos “etnografia” e “hospitalidade” retorna, por sua vez, 16 trabalhos, sendo todos eles publicados em periódicos revisados por pares. Os artigos abordam temas como: elementos de *marketing* e hospitabilidade na busca pela legitimidade e sobrevivência de organizações (MARIETTO *et. al.*, 2015); temas étnicos e nacionais em sociedades contemporâneas marcadas pela heterogeneidade (ALBUQUERQUE, 2017); hospitalidade *online* e *offline*, hospitalidade recíproca e salto de fé e netnografia baseados na análise de um membro da comunidade *coachsurfer.com*, aplicando modelos estatísticos para avaliar o processo de formação de confiança que permite migrar da hospitalidade *online* para *offline* (COSTA; PINHEIRO; CHIM-MIKI, 2018); análise da produção científica nacional do *marketing* considerando o componente “recursos humanos”, onde entram a aplicabilidade de ferramentas etnográficas, bem como a hospitalidade no trato com alunos (FREITAS; CUNICO; PEDRON, 2014); hospitalidade indígena contraposta ao relato histórico que os colocava como seres bestiais (SANTIAGO JÚNIOR, 2016).

Vale ressaltar que, além de um número consideravelmente menor de pesquisas envolvendo os termos etnografia e hospitalidade, foi preciso ir além da pesquisa de títulos, resumos e palavras chave, tendo em vista que entre os cinco textos mais relevantes, na maioria dos casos, os termos só aparecem relacionados no corpo do texto.

No que se refere à história oral, foi empreendida uma pesquisa utilizando os mesmos mecanismos propostos para a pesquisa dos termos etnografia urbana, etnografia e festa e etnografia e hospitalidade. Entre os achados mais relevantes encontrados nesses textos, observou-se que a história oral é considerada uma metodologia própria das Ciências Sociais, ainda que possa ser estendida a outros campos, e supõe procedimentos que levam ao conhecimento e aprendizagem de ações, processos e circunstâncias passadas que são recolhidas por meio da voz de um sujeito ou grupo de sujeitos. Tal método proporciona ao pesquisador um conjunto de procedimentos disponíveis para o estabelecimento do *corpus* documental (GARCÍA; PÉREZ; SÁNCHEZ, 2014). As pesquisas também podem estar ligadas às noções de memória coletiva e subjetividade. Em seus diversos usos, a história oral pode servir como ferramenta para levantar informações que não estão presentes em documentos escritos (ALONSO, 2016). Magalhães e Santiago (2015) afirmam que há uma maciça produção intelectual que se vale de relatos orais no que diz respeito ao tema da imigração. A análise proposta pelos autores busca dimensionar as potencialidades e limitações de emprego de relatos orais na construção do conhecimento sobre tal temática

(MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015). A história oral é usada na Psicologia como percepção de experiências individuais. Alonso (2016) trabalha com as noções de memória coletiva e subjetividade e apresenta elementos teóricos e metodológicos para a realização de transcrições. As aplicações da história oral são diversas para a valorização da memória dos entrevistados, servindo também à elaboração de documentos que podem auxiliar na construção do presente e futuro (DAHAREM, *et. al.*, 2014); a história oral tem entre seus usos e aproximações o jornalismo. É elencada a importância de entrevistas radiofônicas para o desenvolvimento da história oral, bem como sua visão compreensiva e abrangente da sociedade, considerando que o entrevistado, ao se basear em sua memória, transita numa esfera subjetiva (MARTINEZ, 2016).

É importante ressaltar que o termo memória aparece entre as palavras chaves dos textos analisados acima, e são consideradas visões semelhantes sobre a produção da história a partir da história oral, elencando sua abrangência, seus métodos, aplicações, subjetividades e confiabilidade das informações. É também comum a ótica de que o uso de outras fontes auxilia no desenvolvimento da história oral, ora preenchendo lacunas, ora confirmando as convergências e aproximações com outras áreas do conhecimento.

A pesquisa pela combinação entre os termos história oral e hospitalidade revela um número bem menor de artigos revisados por pares. Usando o intervalo 2014-2019, o portal de periódicos retorna oito trabalhos. De maneira geral, os temas abordados por essa junção de termos apresentou pouca relevância para o desenvolvimento desta tese. Em um dos textos encontrados, Botelho, Moraes e Leite (2015) utilizam a história oral como método de coleta de dados, pois este permite aos entrevistados ao narrarem suas vivências refletir sobre elas, aparecendo versões que por vezes não integram os registros oficiais de determinados acontecimentos. As autoras afirmam que, para além da classificação das três amplas categorias de violência (física, sexual e psicológica), há uma violência silenciosa, naturalizada para quem a pratica, quem a suporta e quem observa. Essa violência simbólica ataca todas as virtudes, desde a hospitalidade à fidelidade pessoal, desde a confiança à compaixão, impondo-se como um modo de dominação mais econômico por ser mais adaptado ao sistema, sendo a história oral importante por permitir alcançar aspectos objetivos e subjetivos dos pesquisadores no levantamento de dados relevantes de sofrimentos e riscos psicossociais.

### **1.3.2 Pesquisa etnográfica**

Mesmo nas situações em que não é o objeto de estudo, a hospitalidade tem um papel central nas pesquisas etnográficas, pois ser recebido pelos pesquisados (anfitriões) representa

um desafio para o etnógrafo (hóspede). É necessário acabar com a ignorância acerca dos costumes e crenças do outro, para assim saber se comportar adequadamente no momento do encontro. Ao mesmo tempo, a acolhida do etnógrafo por parte dos pesquisados é essencial para viabilizar a pesquisa. (NIKODIMOV, 2011)

Considerando que a hospitalidade pressupõe o convite e que na pesquisa etnográfica comumente a iniciativa de adentrar no universo do pesquisado parte do etnógrafo, sem que este tenha sido chamado, a hospitalidade acaba sendo, como observa Nikodimov (2011), um tanto forçada pelo pesquisador nos primeiros momentos, pois ele precisa se familiarizar com os pesquisados. O pesquisado pode aceitar ou recusar a pesquisa, acolher ou repelir o etnógrafo. Por isso, a presença dele precisa ser negociada. Nos casos em que a hospitalidade se configura como objeto principal de estudo e recorre-se à etnografia como método de pesquisa, como nesta tese, a hospitalidade, hostilidade ou inospitalidade dos sujeitos pesquisados passa a ser crucial para o sucesso ou fracasso da pesquisa de campo, ao mesmo tempo em que é essencial como material de análise.

Assim, quando se recorre à etnografia em pesquisas sobre hospitalidade, há que se considerar que, ao mesmo tempo em que a observação da cena hospitaleira é essencial para viabilizar o uso do método, esta mesma cena configura-se como objeto de pesquisa. Esse foi o caso deste estudo.

Para Geertz (1989), a pesquisa etnográfica consiste numa descrição densa, realizada a partir das construções feitas pelo pesquisador, que toma como base, por sua vez, as construções dos sujeitos das ações ou processos observados. A etnografia pode ser classificada como uma experiência de imersão no grupo estudado. Para Laplantine (2004), não consiste em coletar, por meio de um método estritamente indutivo, uma grande quantidade de informações, mas em “impregnar-se dos temas obsessivos de uma sociedade, de seus ideais, de suas angústias”. (LAPLANTINE, 2004, p. 149).

Magnani (2002, p. 18) alerta que diante de sociedades com padrões culturais completamente diferentes dos seus, o pesquisador precisa estar atento a cada gesto, palavra ou hábito, por mais insignificantes ou exóticos que possam parecer. “Para compreender seu significado e poder relacioná-los com outros aspectos do sistema cultural é imprescindível, além das explicações dos nativos, observá-los no contexto da vida tribal”. Para o autor, faz-se necessário, inclusive, procurar manter algum “estranhamento”, e evitar que à medida que o desconhecido vá se tornando familiar, o pesquisador passe a prestar atenção apenas às questões supostamente mais importantes. Como observa o autor, esse risco é maior para o pesquisador cujo objeto de estudo faz parte de sua própria sociedade.

A antropologia e o método etnográfico geralmente são relacionados a culturas distantes no tempo e no espaço, à busca de compreensão de personagens exóticos, comportamentos estranhos e ritos desconhecidos. Entretanto, a antropologia abriu novas áreas de investigação, como a etnografia urbana. Nesse contexto, o "olhar de fora e de longe", dá lugar a um "olhar de perto e de dentro" (MAGNANI, 2002). A aplicação do método em contextos culturais próximos, como no caso desta tese, exige do pesquisador artifícios que permitam estranhar o conhecido, ou seja, exercitar o olhar e passar a enxergar no familiar o digno de nota, além de “perder o hábito de tomar por natural aquilo que é cultural” (LAPLANTINE, 2004, p. 30).

Além disso, a aplicação do método foi um grande desafio para uma olindense que passou quase todos os carnavais da vida pelas ladeiras do Sítio Histórico, vivenciando a festa como foliã apaixonada e orgulhosa. Se, por um lado, a familiaridade com o objeto facilitava a compreensão da dinâmica da festa e o amor pelo carnaval olindense era fonte de entusiasmo e ânimo inesgotáveis durante a condução da pesquisa de campo, por outro, ter consciência da paixão e do bairrismo, que dão fama ao povo pernambucano e se apresentam de forma acentuada nesta pesquisadora, e conduzir a pesquisa com a criticidade necessária foram processos que requereram vigilância constante e condução cuidadosa por parte da orientadora. Tais cautelas não significam busca por neutralidade, visto que essa é impossível e, ainda que não fosse ilusória, não seria desejada. O arcabouço formado pelas vivências pessoais, formação, subjetividade, momento de vida e até mesmo paixões da pesquisadora é essencial para se chegar a um resultado único. Nas palavras de Laplantine (2004, p. 26), “nós nunca observamos os comportamentos de um grupo tal como eles aconteceriam se nós não nos encontrássemos lá, ou se os sujeitos de observação fossem outros que nós”. Ainda para o autor, o que o pesquisador recalca ou sublima, o que detesta ou aprecia em sua relação com seus interlocutores é parte integrante da sua pesquisa.

Nas primeiras idas a campo, já havia um roteiro de observação e algumas perguntas norteadoras para as entrevistas, mas os achados de campo levaram a caminhos ainda impensados. As leituras e discussões antes de ir a campo e a atenção ao projeto de pesquisa foram essenciais para que ao olhar para o fenômeno fosse possível enxergar a sua relação com as teorias e fosse possível perceber de que forma essa fala poderia dialogar com os autores integrantes do referencial teórico. Ter olhos não apenas capazes de ver, mas também de enxergar e ter ouvidos capazes de ouvir, não apenas de escutar, só é possível quando se sabe o que está sendo buscado. Isso faz total diferença na percepção do campo, na captura, na construção de dados. Um exemplo disso aconteceu na abertura oficial do carnaval de Olinda,

na quinta-feira da semana pré-carnavalesca de 2018, quando a apresentadora que estava no palco do Carmo pediu ao público que levantasse as mãos de acordo com o local de onde vinha. “Quem mora em Olinda? Quem mora no Recife? Quem veio do interior de Pernambuco? Quem é de [...]?”. Só foi possível perceber algo ali porque já se tinha noção do que se buscava descobrir, neste caso, a origem dos foliões presentes na festa. Nesse e em muitos outros momentos, a sensação que se tinha era de que os dados estavam se atirando como presentes nos braços da pesquisadora, mas os regalos etnográficos só podem ser recebidos se o etnógrafo estiver de mãos estendidas e atento.

Se, por um lado, antes de ir a campo era necessário ter feito a “tarefa de casa”, já ter tido um contato mais profundo com a teoria e ter certa clareza do que se pretendia estudar, por outro, era necessário estar aberta a ponto de ter a capacidade de incorporar tudo o que o campo dissesse que precisava ser incorporado, deixar a percepção aberta para que os achados dissessem os caminhos que a tese deveria trilhar, inclusive no retorno ao gabinete, ao ouvir e reouvir as entrevistas, visitar o diário de campo, rever e organizar o banco de imagens. Foi necessário perceber o que se tinha de mais rico em mãos, o que precisava ser exposto e de que forma, o que poderia ser aproveitado e aglutinado na tese. Então, a preparação foi fundamental, na mesma medida em que foi essencial a abertura ao que o campo tinha a dizer, aquilo que a pesquisadora ainda não conhecia, o que inclusive ainda não havia sido sondado por outros acadêmicos, para assim avançar no conhecimento.

Ao longo dos quatro ciclos de pesquisa de campo foram realizados registros fotográficos com a finalidade principal de ilustrar a tese, contudo as 2.293 fotografias tiradas atingiram mais que o propósito inicial. Durante a triagem e organização do material - que foi arquivado a princípio de acordo com as datas e locais de registro e posteriormente rearranjado de acordo com a disposição em que apareceriam na tese – foi possível realizar reflexões importantes e observar detalhes não percebidos anteriormente. Nesse sentido, os registros adquiriram caráter documental e passaram a ser objetos de análise.

### **1.3.3 História oral**

Ferramenta? Técnica? Método? Disciplina? Há casos em que a história oral é tratada apenas como uma ferramenta, que pouco difere de outros meios de abordagem de uma temática. Quando usada como técnica, deve-se supor que exista uma documentação paralela, escrita ou iconográfica e que as entrevistas seriam um complemento. Os depoimentos não seriam nesse caso o objeto central, seriam dependentes da documentação com a qual deveriam manter um diálogo. Como método, a história oral privilegia os depoimentos como ponto

central das análises. Nesse caso, as entrevistas precisam ser ressaltadas como o “nervo” da pesquisa (MEIHY, 2005). Para efeito desta tese, a história oral se configurou como método.

A história oral possui caráter descritivo, passível de várias interpretações da realidade, que são vistas e aceitas como certas. Esta interpretação está relacionada com os costumes, valores, experiências e a história de vida de cada indivíduo. A história oral, assim, representa a escrita do conhecimento transmitido, por meio da língua falada, por aqueles que vivenciaram os fatos (BERGER, 1974).

Os testemunhos orais podem gerar o reconhecimento público de experiências coletivas que têm sido ignoradas ou silenciadas (THOMSON, 2002). A importância de dar voz a essas pessoas, registrar e transmitir o que elas têm a dizer enquanto ainda podem fazê-lo ficou evidente numa situação em que uma entrevistada deu um rico depoimento, mas por estar se sentindo muito desarrumada após ter feito uma faxina, pediu para ser fotografada noutra ocasião. No retorno da pesquisadora, foi noticiada a morte da entrevistada. O legado do seu testemunho ficou registrado.

O uso da história oral deve levar em consideração uma série de decisões sobre condições das entrevistas. Quantos serão os entrevistados? Que tipos de interrupções, intervenções e estímulos serão feitos? Onde serão realizadas? Em que momento ocorrerão? Qual será o número de horas de gravação? A intencionalidade do processo já é dada de saída, a partir, por exemplo, da escolha do entrevistado como pessoa importante a ser ouvida a respeito do assunto pesquisado (ALBERTI, 2004). Numa parte desta pesquisa, foram ouvidos entrevistados considerados sujeitos capazes de contribuir de modo especial para a compreensão e caracterização da festa. Entre eles, foram selecionadas pessoas que moravam há mais tempo no Sítio Histórico e sujeitos de destaque no carnaval olindense. Isso porque as pessoas mais representativas, extraordinárias e incomparáveis, bem como contadores de histórias fecundos ou brilhantes artistas das palavras podem ser fontes de conhecimento tão ricas quanto qualquer conjunto de estatísticas (PORTELLI, 1997). Noutro momento, visando atingir outros propósitos do estudo, foram selecionados como entrevistados sujeitos tidos como mais comuns, de perfis diversos e diferentes níveis de envolvimento com a festa, uma vez que se pretendia compreender o fenômeno de forma ampla a partir de diferentes olhares. Aqui, considerou-se que todas as pessoas são um “amálgama de grande número de histórias em potencial” e não são apenas os sujeitos de maior destaque e reconhecimento que produzem impacto (PORTELLI, 1997, p. 17).

É importante ressaltar que as fontes orais apresentam concepções e interpretações dos fatos. São ricas fontes históricas, porém, é impossível refazer o percurso vivido, por maior

que seja o esforço do entrevistador e do entrevistado. No processo de transformação do que foi vivenciado em linguagem, o depoente seleciona e organiza os acontecimentos de acordo com determinado sentido. Assim, o que se obtém como resultado das entrevistas não é a realidade, mas sim pistas ou versões do que aconteceu (ALBERTI, 2004). O testemunho oral não deve, portanto, ser enxergado como pura e autêntica voz do passado e sim como processo de afloramento de lembranças que ajudam a recompor as reminiscências por eles registradas (THOMSON, 2002).

O momento e as condições em que a entrevista é realizada pode influenciar de maneira categórica o afloramento das memórias e a construção da fala do entrevistado. Algumas entrevistas foram realizadas antes do carnaval e outras, dias após a festa. Foi perceptível que os entrevistados que falaram antes dos dias oficiais de folia trouxeram relatos mais amplos no alcance temporal, comparando acontecimentos de carnavais de diversos anos e elaborando memórias mais panorâmicas. Já os entrevistados abordados dias após a folia conseguiam relatar com riqueza de detalhes fatos pontuais, aprofundando a descrição dos pontos abordados, entretanto a maioria deles se detinha aos acontecimentos do último ciclo carnavalesco.

Nos seus primórdios, a história oral provocava certo grau de desconfiança em relação a sua cientificidade e confiabilidade e era vista como solução apenas nos casos em que não havia outro tipo de documentação, tida como mais séria e confiável. A respeito disso, Bosi (1994, p. 1) ressalta que os livros de História também são pontos de vista, versões do acontecido, “não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista”. Ou seja, nenhum método garante verdade absoluta e a validade do método não deve ser contestada com base no fato de até então as informações não terem sido registradas e chanceladas. Os depoimentos da história oral atualmente são tidos como fontes legítimas e pontos de vista importantes de serem registrados e considerados. Em casos como o da temática ora investigada há uma afinidade com o método na medida que o estudo se propõe a compreender relações.

As informações obtidas por meio do método vão além das palavras dos entrevistados. O que o entrevistado diz, o que não diz, o tempo da narração, as expressões corporais e faciais devem ser consideradas. Assim, a sensibilidade, atenção e experiência do entrevistador são fundamentais para a obtenção de resultados proveitosos. Para que não se perdessem essas nuances das entrevistas, os pontos de interesse que chamavam a atenção da pesquisadora eram registrados em blocos de notas durante os depoimentos.

Outra questão que precisa ser ressaltada é a importância do compromisso pessoal e político do pesquisador com a verdade e a honestidade. A história oral deve estar fundada na relação de confiança entre entrevistador e entrevistado, não cabendo ao pesquisador recorrer à manipulação e deturpação da fala dos entrevistados para atingir qualquer propósito (PORTELLI, 1997).

Os encontros para obtenção das entrevistas ocorreram nas casas dos entrevistados, procurando evitar interferências por parte de terceiros, entretanto em algumas ocasiões foi inevitável que parentes presentes buscassem acrescentar informações e contribuir com a entrevista. Houve também situações em que as falas foram interrompidas por motivos alheios à vontade dos entrevistados, sendo retomadas posteriormente. Foram ainda identificadas algumas questões, que coincidem com as relatadas por Bosi (1994), tais como recordações que frequentemente afloravam depois da entrevista, fazendo com que algumas passagens não fossem registradas ou que fosse necessário pedir consentimento para realizar várias gravações. Como “lembança puxa lembrança”, para dar conta de ouvir tudo o que alguns entrevistados teriam a dizer, “seria preciso um escutador infinito” (BOSI, 1994, p. 3). A sensação descrita pela autora coincide com a experimentada nessa pesquisa de campo realizada em Olinda.

Ao lidar com memórias como fonte de pesquisa, deve-se estar atento às armadilhas da subjetividade. A memória está em constante evolução, “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p. 9). Além disso, há de se ter cuidado com o viés de algumas narrativas, que chega a comprometer as entrevistas.

Alguns cuidados foram tomados para evitar que erros, lapsos, contradições e depoimentos sugestionados interferissem no resultado da pesquisa. Exemplo disso foi um longo depoimento que trazia ricas informações até então desconhecidas da pesquisadora sobre carnavais das décadas de 1940 e 1950. No fim do depoimento, a entrevistada mencionou uma vizinha que havia vivenciado diversos daqueles fatos ao seu lado. Após o término da entrevista, a vizinha foi imediatamente procurada, antes que pudesse ter contato com a amiga, a fim de evitar que conversassem sobre o tema e o depoimento de uma sugestionasse o da outra. O cuidado não representa falta de confiança, mas consciência das armadilhas da memória, que é repleta de mecanismos não intencionais.

A qualidade dos registros, os cuidados com o arquivamento e a correta identificação das entrevistas são essenciais para o bom aproveitamento dos dados coletados (MEIHY,

2005). Contudo, devido às características da festa, que reúne grande volume de pessoas e é extremamente barulhenta, os áudios gravados durante os carnavais apresentaram ruídos que dificultaram a transcrição, impossibilitando inclusive o uso minimamente eficiente de aplicativos de conversão de áudio em texto. Tal fato, apesar de provocar maior lentidão no processo, não impediu o aproveitamento integral das gravações.

Há divergência de opiniões acerca da exibição do gravador. Enquanto alguns pesquisadores consideram que a sua exibição excessiva pode inibir o entrevistado, outros defendem que ele serve de lembrança de que não se trata de uma conversa qualquer e sim de uma entrevista registrada em áudio que terá uso posterior. Em todos os casos, é fundamental a transparência do processo. O entrevistado deve saber o momento exato em que o gravador foi ligado e desligado (SANTHIAGO, 2016). Tal recomendação foi rigorosamente observada por motivos éticos e ligados à construção de uma relação de confiança entre a pesquisadora e os entrevistados.

Para evitar o risco de perder os registros da pesquisa durante os dias de folia, quando havia dificuldade de salvar os dados na nuvem virtual, a pesquisadora procurava passar em casa duas ou três vezes ao dia para baixar os arquivos de áudio, fotos e vídeos. Assim, se a câmera ou celular fosse roubado, o maior volume do material de pesquisa seria preservado.

As transcrições foram feitas pela entrevistadora, com a ajuda de duas voluntárias. O material bruto totalizou 862 minutos de gravações, porém as transcrições não se deram na íntegra, foram focadas nos trechos de maior interesse e potencial de aproveitamento para o texto final da tese. A edição do material seguiu as recomendações de Alberti (2005) de não modificar as palavras do entrevistado, mas alterar a ordem dos assuntos e eliminar trechos repetidos. Foram observadas ainda algumas escolhas que fazem considerável diferença no texto resultante, a exemplo da pontuação e inserções de informações sobre o contexto da entrevista.

Considerando que todos os indivíduos e grupos sociais são protagonistas na formação da história, ouvir o que eles têm a dizer a partir de um método que privilegia esses depoimentos para o entendimento do objeto que se pretende analisar pareceu ser a melhor opção no estudo em questão. Assim, os relatos dos moradores do Sítio Histórico de Olinda – sujeitos que vivenciam o carnaval na condição de anfitriões da festa – foram considerados uma profícua fonte de esclarecimento do que se pretendia compreender. Foram ouvidos 32 entrevistados, entre os quais: brincantes, diretores de agremiações, artistas que fazem a festa e foliões, em sua maioria residentes em Olinda.

O fato de estar residindo no estado de São Paulo durante grande parte do tempo de pesquisa levou à necessidade de otimizar os períodos de permanência em Pernambuco e coletar depoimentos em quantidade e qualidade que permitisse seguir com a análise.

Durante o percurso metodológico, a história oral e a etnografia estiveram entrelaçadas. Ambos os métodos estiveram sedimentados no trabalho comum, na convivência, no vínculo e na confiança entre as partes envolvidas na pesquisa.

#### **1.4 A pesquisa no tempo e no espaço**

A pesquisa de campo aconteceu de janeiro a março de 2017, de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018 e de dezembro de 2018 a março de 2020. Para situar o leitor, é importante registrar as datas em que os carnavais ocorreram nos anos em que foram realizadas as incursões de investigação na festa. As terças-feiras de carnaval incidiram nos dias: 28 de fevereiro de 2017, 13 de fevereiro de 2018, 05 de março de 2019 e 25 de fevereiro de 2020.

De janeiro a março de 2017, o foco da pesquisa recaiu sobre as residências situadas na Rua do Amparo. Nos demais ciclos carnavalescos, a coleta de dados foi expandida e passou a contemplar de forma mais ampla o Sítio Histórico de Olinda, que ocupa uma extensão de 1,2 km<sup>2</sup>, abrange os bairros do Varadouro, Carmo, Sé, Amparo, Bonsucesso, Rosário, Monte, Guadalupe e Amaro Branco e possui cerca de 1.500 imóveis (PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA *apud* NASCIMENTO, 2008). Pode-se observar a área analisada na figura 1:

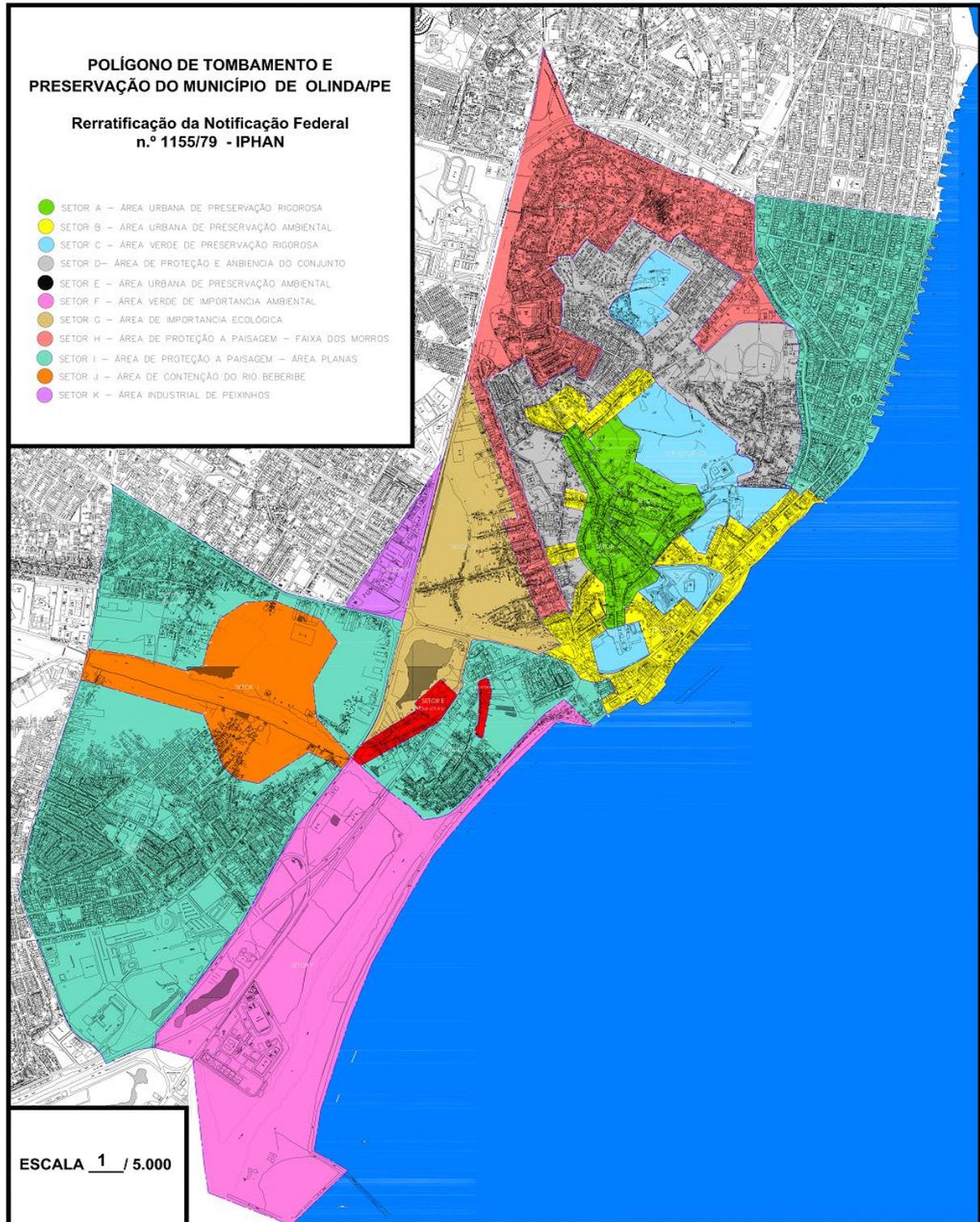


Figura 1 - Polígono de Tombamento e Preservação do Município de Olinda-PE, Ratificação da Notificação Federal n.º 1155/1979 – IPHAN.

Fonte: Casa do Patrimônio de Pernambuco. Disponível em <<https://casadopatrimoniope.files.wordpress.com/2010/12/mapa-2-poligono-de-tombamento-e-preservac3a7c3a3o.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2020. (modificado pela autora).

### 1.5 O encontro com o tema

O caminho que entrelaçou pesquisadora, tema, objeto e propósitos do estudo passou por anos de amadurecimento, a partir de vivências pessoais, acadêmicas e profissionais. Olindense, moradora do Sítio Histórico, foliã desde a infância e a partir da adolescência acostumada a ver sua casa, no Bonsucesso (bairro do Sítio Histórico de Olinda), encher-se de gente na sexta-feira da semana pré-carnavalesca e só esvaziar-se na Quarta-Feira de Cinzas, a pesquisadora começou a observar que a festa mexe inexoravelmente com a dinâmica da cidade e dos moradores, modificando o trânsito, o fornecimento d'água, a limpeza urbana, a segurança pública, o comércio, o funcionamento das casas, o cotidiano das famílias, etc.

Durante a graduação em Turismo pela Universidade Federal de Pernambuco, a estudante passou a compor um grupo de três graduandos residentes em Olinda e interessados em conhecer melhor a cidade, que passaram a desenvolver ao longo dos quatro anos do curso, sempre que possível, trabalhos que tivessem o Sítio Histórico da cidade como campo de estudo, era a equipe “das Olinda”. A Cidade Monumento passou então a ser enxergada como rico campo de estudo, terreno fértil e carente de pesquisas. O Museu de Arte Sacra, no Alto da Sé, passou a ser o local de estágio, enquanto igrejas, museus, casario, bicas, ladeiras, hotéis, sujeira deixada na cidade no fim dos eventos, exploração sexual infanto-juvenil, artesanato, gastronomia, festa, entre outros, passaram a ser objetos de interesse em trabalhos realizados nas diversas disciplinas ao longo do curso.

Já em 2015, ao desenvolver o interesse pelo estudo da hospitalidade, surgiu a ideia de estabelecer um diálogo entre a dinâmica do carnaval olindense e tais teorias. Morando em São Paulo, mas trazendo vivo o campo preexistente nas memórias e registros de estudos anteriores, foi possível construir o projeto de pesquisa e direcionar as primeiras leituras. O ano de 2016 foi dedicado a cursar disciplinas no Doutorado, fazer leituras, participar de grupo de pesquisa, ter encontros de orientação, revisar o projeto, receber contribuições dos pares, aproximar-se dos métodos propostos – história oral e etnografia.

A pesquisadora ficou afastada durante dois carnavais - 2015 no Rio de Janeiro e 2016 em São Paulo. O período de afastamento mostrou-se importante tanto para construir certo distanciamento, saudável para o exercício do olhar necessário em pesquisas etnográficas, quanto para ampliar o repertório da pesquisadora em relação a outros carnavais. Foi possível compreender que muito do que parecia só acontecer no carnaval de Olinda também acontecia em outros carnavais, como o do Rio de Janeiro, mas, ao mesmo tempo, confirmar que cada carnaval possui as suas peculiaridades. Além dos carnavais, ao longo da permanência no

Sudeste do país, buscou-se participar das prévias carnavalescas, visitar a Fábrica do Samba de São Paulo e o ensaio de uma escola de samba, conversar com carnavalescos, diretores de escolas de samba, brincantes e pessoas residentes em áreas onde circulam agremiações.

O retorno a campo, que se deu nos carnavais de 2017 e 2018, foi não mais como moradora, mas na condição de olindense temporariamente não residente, hóspede na casa dos pais, anfitriã dos parentes e amigos que ficaram hospedados, circularam ou passaram pela casa durante o carnaval e pessoa que precisava enxergar o fenômeno sob a ótica de pesquisadora, impregnada pelas leituras sobre hospitalidade, focada no projeto de pesquisa e aberta ao estranhamento.

O aguçamento do olhar fazia com que em tudo se percebessem as teorias da hospitalidade. As toalhas novas com o nome bordado da filha que chegava para passar alguns dias, o quarto pintado na véspera da chegada, os lençóis recém trocados, o jarro pintado pela hóspede anos atrás colocado cuidadosamente no quarto, trazendo implícita a mensagem “sinta-se em casa!”, ao mesmo tempo em que afirmavam que ali havia uma hóspede e não uma residente.

## **1.6 O percurso trilhado**

Entre 4 e 27 de janeiro de 2017 foram realizadas subidas e descidas diárias a pé, desde o Bonsucesso até a Rua do Amparo, observação, registro de diários de campo e as primeiras entrevistas. Nessa fase, a Rua do Amparo foi o foco das atenções. Tal delimitação seguiu como critérios: a rua estar estrategicamente localizada no foco da folia, ser passagem de diversas agremiações carnavalescas, ser ao mesmo tempo um ponto privilegiado para os brincantes e foliões e um local de grande impacto da folia na vida dos moradores, podendo ser considerada um microcosmo do universo que se pretendia compreender. Nesse momento, o centro da análise estava voltado à compreensão da hospitalidade em ambiente doméstico.

Ao longo das prévias e no pós-carnaval foram realizadas entrevistas focadas na relação dos moradores com a cidade e seu patrimônio, com a festa, com a condição de anfitriões, com os visitantes e com os impactos da festa no seu cotidiano. Foram ainda providenciadas as articulações necessárias para se ter acesso ao interior de algumas casas durante o carnaval. Nos dias oficiais de folia, a pesquisadora transitou e permaneceu no interior de cinco casas.

### 1.6.1 Caracterização e acesso às casas pesquisadas

Aqui são caracterizadas as cinco casas analisadas e, para melhor compreensão do processo que levou às informações, é apresentado o percurso que conduziu a pesquisadora ao interior de cada uma das casas analisadas.

#### 1.6.1.1 Primeira casa

Na sexta-feira da semana pré-carnavalesca de 2017, a pesquisadora estava observando e registrando a chegada dos grupos que ocupariam casas na Cidade Alta durante a festa. Ao ver duas moças e um rapaz caminhando pela Rua do Amparo com sacolas de alimentos nas mãos, pediu permissão para fotografá-los, eles posaram e foram receptivos, como é possível verificar na Imagem 4.



Imagem 4 - Registro do primeiro contato com integrantes da Casa 1.  
Fonte: Autora, 2017.

Depois de tirar fotos, a pesquisadora puxou assunto. Eles estavam com pressa, convidaram-na a acompanhá-los e ir conversando ao longo do caminho. A pesquisadora

ajudou a carregar sacolas e, ao chegar à casa, que eles chamam de “*Mi casa su casa*”<sup>11</sup>, foi bem recebida, entrou com o grupo e ajudou a guardar as compras. O rapaz, que havia acabado de conhecer as moças e estava apenas ajudando a carregar as sacolas, foi embora. As anfitriãs disseram que a pesquisadora poderia ficar à vontade para tirar fotografias do interior da casa, apresentaram a terceira integrante do grupo de organizadoras da casa, contaram um pouco sobre como é a relação do grupo com o carnaval, ofereceram sopa, insistiram até a pesquisadora aceitar, conversaram sobre as expectativas do grupo, entre outros assuntos. Após explicar que estava estudando sobre a festa, a pesquisadora foi convidada a retornar à casa sempre que quisesse. No dia seguinte, ao chegar ao local, a pesquisadora recebeu uma pulseira de acesso. Nos dias posteriores a pulseira já não era mais necessária, pois o grupo reconhecia e acolhia a pesquisadora, insistindo inclusive para que fizesse as refeições na casa.

A partir daí, a aproximação cresceu, surgiu o contato virtual e a pesquisadora permaneceu em contato com o grupo até o fim da pesquisa. Entre as casas pesquisadas, a essa foi dedicado maior tempo e aprofundamento da análise.

As três amigas alugam anualmente uma casa no Sítio Histórico e cada uma leva parentes e amigos que dividem as despesas. Em 2017, trinta pessoas ficaram hospedadas e aproximadamente outras vinte transitavam pela casa desde que autorizadas por uma das três organizadoras/anfitriãs. Há cinco anos, as anfitriãs se juntam e articulam o aluguel de uma casa em Olinda durante o carnaval e outra no Agreste pernambucano no período junino. Entre os convidados, foram identificadas pessoas que possuem maior vínculo com apenas uma delas e relação superficial com as demais – como os familiares de cada uma das anfitriãs; pessoas de pouco convívio com todas as demais – gente que foi mencionada durante as entrevistas como alguém que anualmente entrava em contato com uma das anfitriãs porque gostava de se hospedar com o grupo, porém durante o resto do ano não mantinha muito contato; pessoas que chegaram na condição de amigos de amigos e estabeleceram vínculo durante os dias de festa, construindo laços com todos.

Para controlar o acesso à casa, foram confeccionadas pulseiras de identificação dos hóspedes e foi estabelecida uma regra que só permitia que entrassem aqueles que estivessem utilizando a pulseira ou os parentes e amigos de hóspedes que tivessem o acesso permitido por uma das organizadoras da casa em situações emergenciais. Nos demais casos, como encontros com pessoas que haviam acabado de conhecer – situações propícias de acontecer

---

<sup>11</sup> É comum que os grupos que alugam casas para o carnaval olindense criem nomes que os identifiquem, elaborem faixas para colocar nas fachadas e por vezes também camisetas ou fantasias comuns a todos os integrantes.

durante uma festa com as características do carnaval olindense – os novos conhecidos não tinham acesso ao interior da casa e acabavam permanecendo na frente, em alguns momentos, em cadeiras e bancos que eram colocados na calçada em horários de menor fluxo de pessoas. Seria a soleira entre o fora e o dentro.

Como muitas pessoas presentes na casa possuem o hábito de se hospedar juntas em duas festas por ano, foi criado um grupo num aplicativo para dispositivo móvel (*WhatsApp*) para se comunicar, compartilhar fotos e informações sobre as festas e manter contato durante o resto do ano. Pessoas que tiveram o primeiro contato com o grupo neste carnaval foram incluídas neste grupo virtual para manter o vínculo, inclusive a pesquisadora.

### **1.6.1.2 Segunda casa**

Também na sexta-feira da semana pré-carnavalesca de 2017, a pesquisadora abordou uma senhora que estava debruçada na janela de sua casa, na Rua do Amparo para perguntar sobre sua disponibilidade para dar uma entrevista após o carnaval. Esta senhora convidou-a para entrar, falou um pouco sobre sua vida pessoal e profissional e neste momento a pesquisadora comentou que seu tio havia trabalhado no mesmo órgão público que a anfitriã. Ao questionar o nome do tio e identificar que a pesquisadora era sobrinha de um grande amigo seu, a dona da casa colocou imediatamente a sua casa à disposição.

A servidora pública aposentada mora no Recife, mas mantém a casa no Sítio Histórico de Olinda como segunda residência para receber parentes, amigos e amigos de amigos durante as prévias carnavalescas e semana de carnaval. Na imagem 5 é possível vê-la ao lado de dois de seus hóspedes, que foram passar a terça-feira do carnaval de 2017 na sua casa.



Imagem 5 - Anfitriã da Casa 2 (à esquerda) conversando com dois de seus hóspedes no carnaval de 2017.  
Fonte: Autora, 2017.

Apenas os irmãos e outras pessoas com quem possui forte vínculo dormem na casa durante os dias de carnaval, mas diversas outras circulam diariamente por lá. Ela prepara grandes mesas para servir alimentos e bebidas aos convidados e convidados dos convidados. Segundo seu relato, que pôde ser posteriormente confirmado durante a observação participante, diversas pessoas que não a conhecem chegam acompanhadas por algum dos seus parentes ou amigos e dali a pouco estão cantando e dançando em sua companhia, enquanto observam a passagem de agremiações a partir de uma das janelas da casa ampla e estrategicamente situada.

### **1.6.1.3 Terceira casa**

No dia 25 de janeiro de 2017 a pesquisadora bateu na porta de uma casa e ateliê de artigos em couro a fim de realizar uma entrevista. Após a concessão do depoimento, entrevistadora e entrevistado trocaram números de telefone e constantemente se reviam, já que diariamente a pesquisadora passava diante da sua casa e local de trabalho. Vez por outra, o entrevistado enviava mensagens informando sobre algo que estava acontecendo na Rua do Amparo, com vistas a colaborar com a pesquisa.

Depois de alguns dias de contato com ele e sua companheira, que podemos observar na imagem 6, eles comentaram que tinham dificuldade para guardar o carro durante os dias de carnaval, já que sua casa não dispõe de garagem. A pesquisadora ofereceu a casa de sua família, no Bonsucesso, para que guardassem o automóvel durante os dias de folia. Na sexta-

feira, quando foi deixar o carro, o homem ofereceu acesso à sua casa para o que fosse necessário em relação à pesquisa.



Imagem 6 - Casal de anfitriões da Casa 3.  
Fonte: Autora, 2017.

O casal de artesãos reside numa casa de dois andares, sendo o térreo ocupado pelo ateliê onde produzem suas peças de couro e um espaço de exposição e venda da produção e o andar superior dedicado à residência do casal e da filha de um relacionamento anterior da mulher. Em sua casa, na Rua do Amparo, o casal recebe diversas pessoas durante os dias de folia. Pela parte da casa destinada ao trabalho artístico dos anfitriões transitam diversas pessoas. Naquele espaço, misturam-se amigos, amigos de amigos e turistas domésticos e internacionais interessados em conhecer e eventualmente comprar trabalhos do casal. Durante a pesquisa, observou-se a troca de contatos telefônicos, o oferecimento de latas de cerveja, o convite a novos conhecidos para adentrar na casa e conhecer o quintal com fruteiras, entretanto, o casal mantém o público afastado da parte da casa dedicada à moradia, buscando proteger a sua privacidade, apesar disso, a entrevistadora, sua mãe e seus filhos foram convidados à sacada do andar superior, de onde se pode avistar a Rua do Amparo a partir de ângulos mais privilegiados. Na imagem 7, é possível ver o anfitrião observando a rua a partir de uma das janelas do andar térreo. Algumas fotografias que ilustram esta tese foram tiradas a partir das janelas dessa casa.



Imagem 7 - Anfitrião da Casa 3.  
Fonte: Autora, 2017.

#### 1.6.1.4 Quarta casa

A pesquisadora foi apresentada aos anfitriões desta casa no carnaval de 2017 por uma das hóspedes da primeira casa. Ao entrar, foi apresentada como amiga da amiga e passou a ter acesso diário ao local a partir do segundo dia, sem a necessidade de estar acompanhada pela pessoa que a apresentou.

A família foliã aluga a casa para se hospedar e receber pessoas durante o carnaval. Os locatários alojaram-se no segundo pavimento e utilizaram o primeiro, exibido na imagem 8, para a realização de festas diárias.



Imagem 8 – Casa 4 na terça-feira de carnaval de 2017.  
Fonte: Autora, 2017.

A casa funciona como sede de uma troça carnavalesca mista<sup>12</sup> criada e mantida pela família e seus amigos. Mediante contribuição financeira para custear as atrações artísticas que se apresentavam diariamente e ratear valores de alimentos, bebidas e limpeza da casa, podiam entrar pessoas conhecidas e as indicadas por estas.

---

<sup>12</sup> As troças assemelham-se aos clubes de frevo na sua composição, entretanto quase sempre têm na descontração e no improviso a tônica dessa brincadeira. Apresentam-se nas ruas do centro ou do subúrbio. “A palavra ‘troça’ vem do verbo ‘troçar’ que significa ‘ridicularizar’, ‘escarnecer’, ‘zombar de’, palavras que traduzem o verdadeiro espírito da brincadeira: diversão. O surgimento de uma troça está quase sempre ligado a uma história pitoresca, uma brincadeira nascida de uma reunião entre amigos”. Uma das principais diferenças entre troças e clubes é que enquanto estes se apresentam à noite, aquelas desfilam pela manhã ou à tarde (ASSOCIAÇÃO, 2009).

### 1.6.1.5 Quinta casa

A dona da casa foi aluna e bolsista da pesquisadora anos atrás. Ao saber da pesquisa, colocou a si e à casa à disposição para o que fosse necessário. Então, no carnaval de 2017 a pesquisadora foi até a frente da casa e cumprimentou a mãe da ex-aluna que lá estava hospedada. A mulher, que até então não conhecia a pesquisadora, respondeu ao cumprimento com um largo sorriso e, ao saber que se tratava de uma ex-professora da sua filha, logo abriu a porta e convidou-a para entrar. Convite aceito, a mulher mostrou o pequeno neto, as pessoas que estavam na casa e pediu que a pesquisadora se sentisse à vontade para aguardar a ex-aluna anfitriã, que não havia saído. Após esse dia, a pesquisadora passou algumas vezes pela casa para analisar o seu funcionamento e na quinta-feira pós-carnaval de 2017 voltou à residência para entrevistar a anfitriã, que pode ser vista na imagem 9 avistando a folia a partir da sua janela.



Imagem 9 – Anfitriã da casa 5 no carnaval de 2017.  
Fonte: Autora, 2017.

O casal, que mora no Sítio Histórico com um filho bebê, recebeu no carnaval de 2017 cinco hóspedes: os pais da dona da casa e um casal de amigos paulistas com uma criança.

Além destes, inúmeros convidados, alguns amigos mais íntimos e outros meramente conhecidos, transitavam pela casa diariamente. Durante os dias de carnaval, sempre havia cerveja num freezer, que foi alugado com o propósito de gelar as bebidas que eram oferecidas como cortesia àqueles que prestigiavam os anfitriões com sua companhia.

### **1.6.2 Casas acessadas durante as prévias**

Além das cinco casas descritas, duas outras foram frequentemente acessadas e observadas, porém não durante o período do carnaval e sim durante as prévias.

#### **1.6.2.1 Sexta casa**

Casal homoafetivo de amigos da pesquisadora que reside na rua Prudente de Moraes e costuma receber parentes e amigos durante o carnaval e fins de semana das prévias. A casa foi acessada e observada pela pesquisadora durante as prévias de 2017, 2018 e 2019.

#### **1.6.2.2 Sétima casa**

Homem que mora com a família durante seis meses por ano e fica só na casa durante a outra metade do ano, quando a família viaja para fora do país. A casa, que tem uma localização e uma sacada privilegiada é alugada durante a semana de carnaval. A pesquisadora foi apresentada ao dono da casa por um amigo em comum e passou a frequentar e observar a sacada em alguns fins de semana das prévias de 2019.

### **1.6.3 Casa dos pais**

Durante os quatro anos de pesquisa de campo, a pesquisadora esteve hospedada ou morando na casa dos pais, no bairro do Bonsucesso, que faz parte do Sítio Histórico de Olinda. Apesar de não ser o foco da análise, a casa rendeu registros no diário de campo, apresentados ao longo da tese. A doutoranda chegou a cogitar incluir e até privilegiar o lar dos pais – que por vezes foi seu próprio lar – no *corpus* de análise, entretanto, sua mãe esbravejou e se posicionou sobre seu desconforto e recusa de ter seu lar “invadido” pela pesquisa. A vontade da mãe anfitriã foi parcialmente respeitada, mas ela cedeu um pouco, após ouvir o argumento de que seria impossível dissociar vida e pesquisa devido à natureza da metodologia adotada, características da casa durante o período carnavalesco e incapacidade da filha-pesquisadora de se desligar do interesse investigativo. Entretanto, foi respeitado o desejo da dona da casa e não foram realizadas entrevistas nem observações sistemáticas no ambiente. Apenas foram registradas questões que “saltaram aos olhos”.

Além do convívio com o casal de anfitriões e seus hóspedes durante os anos oficiais de realização deste estudo, a percepção prévia da pesquisadora acerca das relações no ambiente doméstico durante o período carnavalesco, inclusive a que gerou o projeto de pesquisa, foi construída a partir dos acontecimentos na casa do Bonsucesso. Na imagem 10, aparecem a mãe da pesquisadora (à direita), sua cunhada e seu sobrinho e afilhado no carnaval de 2017. A escolha dessa entre tantas imagens se deu por três motivos: os hóspedes fazem parte da família que mais frequenta a casa durante períodos carnavalescos; o cenário da cozinha representa algo que une quase todos que circulam pela casa, seja em passagens rápidas, seja para se hospedar durante alguns dias, pois a convite da anfitriã, além de descansar o corpo, sobretudo os pés, antes de voltar para a folia ou ir embora, geralmente as pessoas passam por essa parte da casa para fazer uma refeição, “beliscar” algo ou, ao menos tomar suco ou água; mainha está linda na foto.



Imagem 10 - Mãe da pesquisadora (à direita) com dois de seus hóspedes.  
Fonte: Autora, 2017.

### 1.7 Ruas, camarotes e polos de folia

De dezembro de 2017 a janeiro de 2018 foram realizadas mais entrevistas e observação participante. No carnaval, em fevereiro de 2018, o foco da análise recaiu sobre a rua. Foram acompanhadas algumas das mais importantes agremiações carnavalescas, as principais ruas da festa e suas adjacências foram percorridas e um camarote foi visitado. Os oito polos da folia situados do Sítio Histórico foram observados:

- Polo Tito Lívio (Praça do Carmo);
- Polo Erasto Vasconcelos (Fortim do Queijo);
- Polo Alexandre Nogueira (Praça 12 de Março);
- Polo Cariri (Largo do Guadalupe);
- Polo Mestre Afonso (Varadouro);
- Polo Preto Velho (Alto da Sé);
- Polo Selma do Coco (Carmo/Correios)
- Polo Infantil (Sítio de Seu Reis)

Em 2018 a cidade contou ainda com outros dois polos, que não foram visitados por estarem fora do perímetro da pesquisa: Polo Chico Science e Polo Marcos Axé, que se situam respectivamente nos bairros de Rio Doce e Salgadinho.

No carnaval do Sítio Histórico de Olinda, camarotes são pontos não oficiais de folia montados em casas situadas nos focos da festa ou no seu entorno, que oferecem estrutura, serviços de alimentação e bebidas, atrações artísticas – como DJs e grupos musicais. Há uma polêmica que se estende há anos e que envolve de um lado os moradores e uma parcela dos foliões que brincam o carnaval de rua no Sítio Histórico, que consideram que esses camarotes descaracterizam e atrapalham a festa, e do outro lado os empresários interessados no lucro gerado pelos camarotes.

Conforme a lei A Lei Municipal nº 5.927/15 estão expressamente proibidos, no perímetro do Sítio Histórico de Olinda, os eventos conhecidos como casas camarotes, “normalmente caracterizados pelas grandes estruturas montadas para apresentações de atrações musicais de renome” (OLINDA, 2015b). Grandes e renomadas estruturas - com público específico, que muitas vezes não frequenta as festas de rua da cidade - passaram a ocupar espaços fora do Sítio Histórico a partir da proibição, entretanto, os locais com festas privadas nunca deixaram de existir e vez por outra voltam a se proliferar. Casas que oferecem *day use* e por vezes atrações musicais e camarotes com shows fechados, com cobrança de ingressos continuam ocupando casas tombadas no Sítio Histórico, agora se intitulando como

“receptivos”. “Os valores dos ingressos podem custar de R\$ 40 a R\$ 800, com valores variando entre a diária e pacote para todos os dias de Carnaval” (BRASILEIRO, 2019).

Para ter acesso às pessoas, casas e informações, foi necessário conquistar a confiança dos entrevistados e observados. Para Laplantine (2004, p. 20), a descrição etnográfica “mobiliza a totalidade da inteligência, da sensibilidade e até da sensualidade do pesquisador”. É necessário seduzir para ter acesso. Pitt-Rivers (2012) observa que a entrada de um forasteiro em qualquer grupo é, comumente, ocasião para alguma forma de provação. Algumas pessoas faziam perguntas diversas, buscando conhecer melhor a pesquisadora e suas intenções para só então abrirem as suas casas e se abrirem ao diálogo. “*Por que time você torce? [...] Ah, é rubro-negra? Sente aqui!*” [será que a receptividade seria a mesma caso a pesquisadora torcesse por um dos times rivais?]; “*Onde é que você mora no Bonsucesso? [...] Ah, eu sei! Eu conheço o seu vizinho.*”; “*Rameh? Você é parente de Marília e Rossana? Elas foram minhas professoras*”. Mesmo depois de estar acessando as casas há alguns dias, a manutenção e ampliação da confiança precisava ser alimentada: “*Você está aqui na casa durante todo esse tempo e eu ainda não sei o seu signo [...] Tudo bem! Eu não seria sócia de uma pisciana, mas para brincar carnaval vocês são ótimas companhias*”. Provavelmente características pessoais da pesquisadora favoreceram os acessos - ser mulher, olindense, residente no Sítio Histórico, de família conhecida, entre outras questões.

Enquanto algumas pessoas demonstravam certa desconfiança num primeiro momento, outras apresentavam curiosidade com a pesquisa e se ofereciam para colaborar, disponibilizavam suas varandas com bons ângulos para registros fotográficos, enviavam fotografias e informações via *WhatsApp* na intenção de contribuir com a pesquisa. Em alguns momentos ficou evidente o desejo desses sujeitos de se fazer ouvir, de se colocar, de ter sua opinião registrada.

Durante os dias de folia, quando o foco recaiu sobre o método etnográfico, a pesquisadora esteve sempre fantasiada, como estaria se não estivesse pesquisando. Com exceção dos momentos em que adentrava nas casas, era comum estar acompanhada por parentes ou amigos, até porque os encontros são uma característica da festa. Na maior parte do tempo, não havia necessidade de identificar-se como pesquisadora e em algumas ocasiões as pessoas se confundiam achando se tratar de uma jornalista – sem afirmação ou confirmação por parte da pesquisadora –, certamente pelos constantes questionamentos, registros fotográficos e de áudio. O fato de não aceitar as bebidas frequentemente oferecidas chegou a causar ressalvas algumas vezes. “*Você está aqui vendo a gente beber o tempo inteiro e não aceita tomar nada?*” “*Você é evangélica?*” “*Não dá para confiar em quem não bebe durante*

*o carnaval!*”. Ao ouvir da pesquisadora a promessa de beber no fim da tarde da Quarta-Feira de Cinzas, veio mais uma vez a dedução: “*É lógico! O pessoal da imprensa trabalha durante o carnaval e brinca no Bloco do Case, na quarta-feira!*”. A promessa foi cumprida. Cerca de dez mulheres, incluindo a pesquisadora, saíram da casa para acompanhar os Bois e o Bloco do Case, brincando e brindando com cerveja. Nessa noite, uma delas incluiu a pesquisadora no grupo do *WhatsApp*. Iniciava-se outro nível de integração e confiança. Na imagem 11, é possível ver a pesquisadora e as anfitriãs da Casa 1 num momento registrado na Quarta-Feira de Cinzas de 2017.



Imagem 11 - Pesquisadora e anfitriãs da Casa 1 em momento de descontração.  
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Geertz (1989) ao descrever sua integração durante a observação da briga de galos em Bali - Indonésia, cunha o termo “estágio de sopro de vento”, que descreve como um período para o qual era invisível à aldeia, porém, era observado ao mesmo tempo em que observava seu objeto de estudo. O autor relata que o ponto chave para sua aceitação na aldeia teria sido um episódio de batida policial, tendo em vista a briga de galos ser proibida por lei. Ao fugir da polícia juntamente com os balineses, descobriu na solidariedade sua forma de aceitação dentro daquele ambiente. Pela experiência da pesquisadora, vários são os pontos que podem levar à abertura do processo de confiança entre pesquisador/pesquisado. Desde o fato de desfilar junto ao público em algumas agremiações, até o conhecimento social pelo sobrenome, da parentela e da experiência pessoal como moradora do local onde o estudo foi realizado

permitem um primeiro contato ou uma abertura de portas, mas o processo de confiança requer cuidados para que haja sua manutenção no decorrer do estudo.

Residindo novamente em Olinda desde dezembro de 2018, no ciclo carnavalesco de 2019 a pesquisadora decidiu participar de alguns dias das prévias da folia mais como foliã do que como pesquisadora, mas a pesquisa estava impregnada a ponto de se sobressair e os passeios renderem registros no diário de campo. Certa medida de obsessão pela pesquisa levou a registros diversos em momentos imprevistos. Houve vezes em que na volta da padaria ou da casa da costureira a pesquisadora ficou presa no trânsito junto a outros motoristas por conta de desfiles inesperados de agremiações, o instante em que a manicure começou a mencionar a cláusula do seu contrato de aluguel que previa que ela desocupasse o imóvel durante os dias de folia para que fosse alugado a turistas, a ocasião em que a pesquisadora varria a calçada de casa e chegou uma vizinha para falar sobre a sua revolta diante da percepção de aumento do racionamento d'água para a população residente antes e depois do carnaval em nome do abastecimento do Sítio Histórico nos dias de folia, entre outros, renderam material para análise. Nesses momentos, a pesquisadora era uma moradora vendo o seu cotidiano ser invadido pela festa, como tantos outros anfitriões da cidade.

### **1.8 Grupo Recreativo Hedonista Irreverente de Amigos Percussivos (Grheia-PE)**

Em abril de 2019 a pesquisadora passou a integrar o Grupo Recreativo Hedonista de Amigos Percussivos (Grheia-PE), grupo composto até o carnaval de 2020 por 38 pessoas. A entrada no grupo se deu por razões pessoais e pelo interesse de investigar de dentro uma agremiação carnavalesca para enriquecer este estudo.

Cada agremiação tem as suas regras e a sua forma de funcionamento. Algumas, como é o caso do Grheia-PE, só aceitam pessoas indicadas pelos integrantes. Uma diretora do grupo foi colega de escola da pesquisadora durante a Educação Infantil e Ensino Fundamental 1 e, ao ser procurada, demonstrou satisfação com o interesse da postulante a batuqueira e imediatamente passou as informações para o acesso às oficinas e ensaios. A imagem 12 traz um registro de parte dos integrantes do grupo percussivo no primeiro dia de ensaio para o ciclo carnavalesco de 2020, em abril de 2019. A pesquisadora, que estava na soleira, dando os primeiros passos para ingressar e ser acolhida, ainda não possuía a camisa que caracteriza os membros.



Imagem 12 - Primeiro dia de ensaio da pesquisadora no Grheia-PE, em 2019.  
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

Após discorrer sobre o percurso metodológico trilhado para alcançar os resultados da pesquisa, serão apresentadas no próximo capítulo as informações sobre o Sítio Histórico de Olinda e o seu carnaval.

"OLINDA, MARIM TÃO BONITA DOS CAETÉS":

## A CIDADE E SEU CARNAVAL



Imagem 13 - Fachada da Igreja de São Pedro Apóstolo no Carnaval de 2018

Fonte: Autora

"Eu cheguei nos Quatro Cantos  
Olhei a Rua Treze de Maio  
Segui São Bento, segui Amparo  
Fui parar no Bonsucesso  
Me lembrei de Buenos Aires  
No largo do Guadalupe  
Olhei Amaro Branco  
Me encantei com o Monte  
Subi Alto da Sé  
No Cruzeiro de São Francisco  
Fui parar Praça do Carmo  
Na Praça da Liberdade  
Segui Praça de São Pedro  
Subi Mercado da Ribeira  
Desci Largo de São Bento  
No largo do Varadouro  
Na Praça do Jacaré  
Afoxé, afoxé  
Olinda mandou me chamar"  
(ERASTO VASCONCELOS)



## 2 “OLINDA, MARIM TÃO BONITA DOS CAETÉS”<sup>13</sup>: A CIDADE E SEU CARNAVAL

Este capítulo aborda o campo de estudo. Nele estão apresentadas informações sobre a história, geografia, patrimônio cultural material e imaterial, aspectos relacionados a hospitalidade, hostilidade e inospitalidade e, por fim, carnaval.

### 2.1 Olinda mandou me chamar

Na solenidade de outorga do título de Patrimônio Cultural da Humanidade, Amadou Mahtar M’Bow, então Diretor Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), ressaltou a harmonia entre cultura e natureza que pode ser contemplada na paisagem de Olinda:

*Como si respondiera a una misteriosa vocación, Olinda ha sido siempre una ciudad de poetas, pintores, escultores y ceramistas, una ciudad de musica y de danza en un marco natural tan suntuoso que no se sabe si describiria como un conjunto arquitectónico enmarcado en jardines o como un parque tropical adornado con monumentos (M’BOW, 1983).*

Fundada em 1535, por Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, Olinda foi capital da província até 1827, tendo sido o berço da formação política, administrativa e cultural do Estado de Pernambucano.

Vizinha da atual capital pernambucana, Olinda integra a Região Metropolitana do Recife (RMR). Apesar de ser o menor município da RMR em tamanho, correspondendo a apenas 1,5% da área metropolitana, é o terceiro em população, representando 10,23% dos habitantes da RMR (IBGE, 2010).

Conforme o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Olinda possuía em 2010 uma população de 377.779 habitantes espalhados por uma área de 41,70 km<sup>2</sup>. Do total dos moradores, 370.332 (98,00%) residem na zona urbana, distribuída em uma área de 35,15 km<sup>2</sup>, e 7.447 pessoas (2,00%) localizam-se na área

---

<sup>13</sup> Fonte: VALENÇA, 1983a. Trecho da música “Marim dos Caetés”, de Alceu Valença. Olinda é também conhecida como Marim dos Caetés. Existem duas versões para o surgimento desse nome, de origem indígena: Marim seria uma corruptela de Barim, que significa coxo. Duarte Coelho, fundador da vila, teria sido ferido numa luta contra os nativos tornando-se coxo. Daí os indígenas passariam a chamar a vila portuguesa de Barim – vila do coxo. Noutra versão, o nome teria surgido de Mirim, versão sustentada pelo fato de Olinda aparecer designada em escrituras mais antigas como Vila Mirim, ou seja, vila pequena (FREYRE, 2007). A vila que viria a se tornar Olinda foi fundada numa parte das terras ocupadas pela tribo dos Caetés. “O indígena que se deparou com o donatário e seus homens d’armas, combateu e terminou aliado, foram Tabajaras e Caetés” (CASCUDO, 2002, p. 35).

rural, que tem extensão de 6,55 km<sup>2</sup>. Com seus 9.068,36 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2010), o município possui a mais elevada densidade demográfica de Pernambuco e a sétima do País.

Banhada pelo mar, a cidade abrange duas bacias hidrográficas: a de Beberibe e a de Paratibe, e está subdividida em 31 bairros além da Zona Rural, agregados em 10 Regiões Político-Administrativas (RPA's) (OLINDA, 2013).

O modelo de desenvolvimento urbano do território de Olinda fez dela uma cidade com três áreas distintas do ponto de vista social e econômico: a) o Sítio Histórico – tombado nas instâncias municipal, estadual, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade; b) a área urbana fora do Sítio Histórico, que engloba também o polígono de preservação (área de entorno do Sítio); c) uma pequena área rural – onde se concentram várias nascentes de cursos de água (OLINDA, 2013). Pode-se observar esta divisão territorial na figura 2:

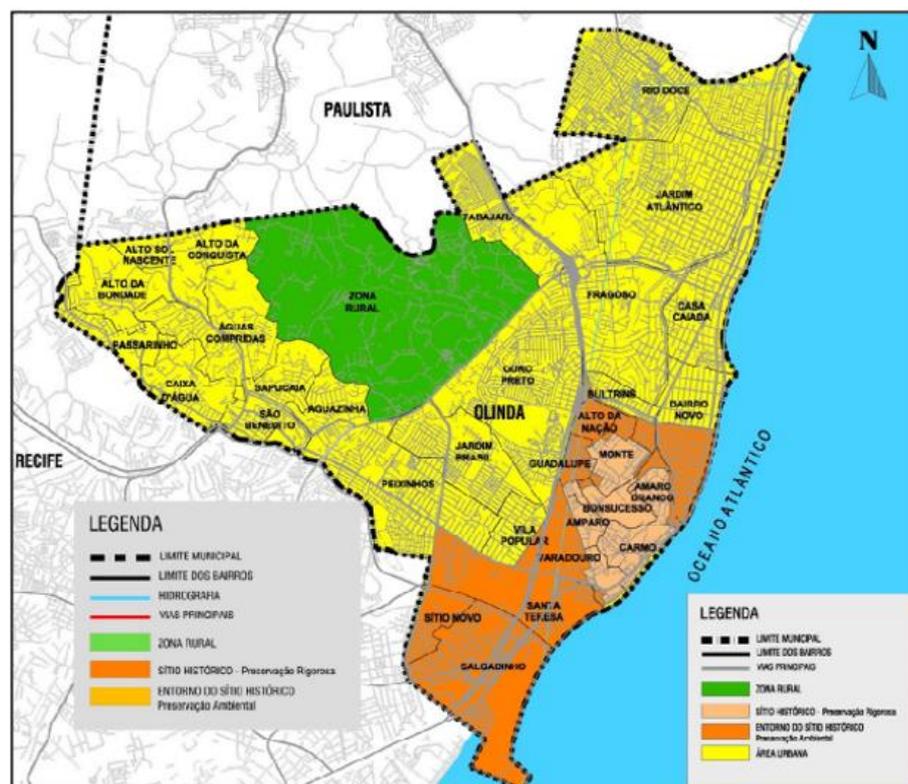


Figura 2: Divisão territorial de Olinda destacando Sítio Histórico, seu entorno, zona urbana e zona rural.  
Fonte: Lei nº 5.852 / 2013 (OLINDA, 2013).

A área urbana, fora do Sítio Histórico, é composta por:

[...] conjuntos habitacionais; bairros de classe média, localizados ao longo do litoral, onde predominam atividades de comércio e prestação de serviços de porte médio, além de residências uni e multifamiliares; bairros populares ao

sul e a oeste, com ocupação predominantemente de população de baixa renda e média baixa, com alguns eixos importantes de comércio, e áreas de proteção ambiental; e, a área da entrada da cidade, onde se concentram vários equipamentos de porte metropolitano. Nesta área urbanizada predominam as planícies, ao norte, ao sul e a leste; e a oeste encontra-se um relevo bastante acidentado – área de morros, que ocupa 84,30% do território municipal. (OLINDA, 2013).

A área rural, que se localiza às margens da II Perimetral, via de porte metropolitano, é ocupada por: “atividades agrícolas de subsistência; criação de animais em pequena escala; assentamentos tipo granjas, chácaras, sítios e; equipamentos de lazer e turismo ecológico; e, várias nascentes de cursos de água” (OLINDA, 2013).

Na área do Sítio Histórico predominam: o uso residencial – que o último levantamento, que respaldou o Plano Plurianual (PPA) 2014-2017 de Olinda, apontou que então ocupava mais de oitenta por cento dos imóveis - e atividades culturais e de lazer, além de “atividades comerciais varejistas de âmbito local e voltadas para atendimento turístico, de prestação de serviços de pequeno porte, inclusive de hotelaria (pousadas e pequenos hotéis) e restaurantes”, a área, também conhecida como Conjunto Monumental concentra ainda grande parte da administração pública municipal (OLINDA, 2013).

O desenvolvimento do que hoje se conhece como Sítio Histórico de Olinda começou no início da colonização portuguesa no Brasil, no século XVI, quando o município se consolidou como sede da Capitania de Pernambuco, que viria a prosperar e se sobressair no período áureo da economia açucareira, deixando um legado histórico e arquitetônico de estimada relevância. Em 1968, o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico foi tombado pelo Iphan. O reconhecimento da cidade como Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Unesco, ocorreu em 1982, sendo o segundo em território brasileiro.

A referida área ocupa uma extensão de 1,2 km<sup>2</sup> e abrange cerca de 1.500 imóveis, que testemunham o seu processo de histórico formador, mantendo registros diferentes períodos históricos e apresentando distintos estilos arquitetônicos: “edifícios coloniais do século XVI harmonizam-se às fachadas de azulejos dos séculos XVIII e XIX e às obras neoclássicas e ecléticas do início do século XX” (IPHAN, 2016). Nas palavras de M’Bow (1983): “*Más de cuatro siglos de creación ininterrompida han multiplicado a lo largo de sus orillas y en el flanco de sus colinas los testimonios de un arte en el que los paisajistas y los constructores unieron sus talentos para lograr una cautivadora armonía de formas y colores*”.

O conjunto monumental, que testemunha riqueza histórica e apresenta grandeza estética, se apresenta como importante elemento convidativo, contudo, não é o único elemento

que faz da cidade um atraente destino turístico. Entre os aspectos que fazem de Olinda um dos principais destinos pernambucanos, destacam-se:

[...] seus atributos culturais e paisagísticos, e por ser uma cidade de artistas e artesãos. Ao se andar nas ruas e ladeiras do Sítio Histórico, encontra-se a cada passo um atelier ou um cantinho onde se produzem arte e cultura. Por toda a cidade [...] inúmeras famílias criam e comercializam produtos artesanais. Manifestações e eventos culturais, como o carnaval, bonecos gigantes e inúmeros grupos folclóricos e de dança, são marcas da cidade. O próprio nome, Olinda, também funciona como uma marca, conhecida nacional e internacionalmente (OLINDA, 2013, documento não paginado).

O patrimônio cultural material e o imaterial mesclam-se mantendo o Sítio Histórico pulsante. Dezenas de artistas plásticos desempenham suas atividades em inúmeros ateliês de artes plásticas ou nas lojas de artesanato, espaços culturais, museus, igrejas, conventos e mosteiros espalhados pelos bairros do Varadouro, Carmo, Sé, Amparo, Bonsucesso, Rosário, Monte, Guadalupe e Amaro Branco.

Visando a preservação de seu conjunto arquitetônico, 9,73 km<sup>2</sup> de Olinda integram as Zonas Especiais de Proteção Cultural e Urbanística – ZEPEC. A ZEPEC 1 é composta pelo Sítio Histórico e a ZEPEC 2, que possui normas menos rígidas, é a do entorno do Sítio Histórico.

A harmonia entre os patrimônios cultural e natural é ressaltada pelo IPHAN, que destaca “a vegetação exuberante das ruas, dos jardins, das aleias, dos conventos, com árvores frutíferas frondosas, mangueiras, fruta-pão, jaca, sapoti e coqueiros”, espécies frutíferas trazidas pelos colonizadores, que conferem ao conjunto monumental “o valor dominante de um núcleo urbano emoldurado por uma massa verde, sob a luz tropical e tendo aos seus pés a praia e o oceano”. O instituto enfatiza ainda a arquitetura vernacular, “manifestação cultural herdada de Portugal e adaptada ao meio, e assimilada a ponto de adquirir sua própria personalidade e mantê-la ao longo dos tempos” (IPHAN, 2014). Pode-se observar a integração entre o patrimônio construído e a vegetação presente no Sítio Histórico na imagem 14.



Imagem 14 - Vista do Sítio Histórico a partir do Alto da Sé com a Igreja de Nossa Senhora do Carmo ao centro.  
Fonte: Autora, 2018.

O traçado irregular, que segue as cristas das colinas, remete às cidades medievais. Casas e muros definem as ruas tortuosas e ladeiras íngremes. Seu acervo representativo de várias épocas integra-se de maneira exemplar ao sítio físico, formando um conjunto peculiar, cuja atmosfera é garantida pela presença do mar e da vegetação. Merecem destaque especial os raros exemplares de edifícios sacros remanescentes do século XVI (IPHAN, 2014).



Imagem 15 - Sítio Histórico de Olinda em contraste com bairros ao norte.  
Fonte: <<http://direitoconstitucional.blog.br/lei-complementar-e-lei-ordinaria-diferencas-e-caracteristicas/>>.  
Acesso em: 20 ago. 2019.

O conjunto monumental manteve-se preservado em seus aspectos arquitetônicos, em contraste com a paisagem da capital pernambucana - que está a apenas seis quilômetros de distância - e até mesmo com os bairros olindenses vizinhos à área protegida como pode ser observado na imagem 15 acima.

O reconhecimento em vários níveis de sua importância cultural, paisagística e natural faz com que Olinda ostente importantes títulos. Conforme o Plano Municipal de Cultura (OLINDA, 2015a) os principais são:

- Monumento Nacional (1980), que reconhece seu conjunto histórico/arquitetônico por intermédio da Lei Federal nº 6863, de 26/11/1980;
- Cidade Ecológica (Decreto Municipal nº 23, de 29/06/1982), visa reconhecer e proteger as várias áreas verdes existentes na cidade, tais como o Horto d' El Rey, um dos primeiros jardins botânicos do país;
- Patrimônio Cultural da Humanidade (1982), título concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), coloca a cidade numa seleta lista onde figuram apenas 15 sítios brasileiros ao lado de outros importantes bens da humanidade, como a Catedral de Notre-Dame, em Paris e a Cidade do Vaticano (UNESCO, 2019);
- Primeira Capital Brasileira da Cultura (2006), designação concedida pela Organização Não Governamental (ONG) Capital Brasileira de Cultura em parceria com o Ministério da Cultura, colocou a cidade no centro das atenções nacionais e internacionais como principal destino turístico-cultural do Brasil, durante todo o ano de 2006;
- Memória do Mundo (2008), título concedido pela Unesco, que reconhece a importância do Conjunto de Livros Foreiros (Foral) composto por 54 volumes com mais de 18 mil páginas manuscritas, abrangendo o período de 1710 a 1986;
- Carnaval de Olinda – Patrimônio Cultural e Imaterial (Lei nº 13.778, publicada em 27/05/2009), o Governo de Pernambuco declarou o Carnaval de Olinda Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado;
- Capital Simbólica do Brasil (Lei Federal nº 12.286, 27/01/2010), transforma Olinda em Capital Simbólica do Brasil. A resolução comemora a data de expulsão dos holandeses do Brasil ocorrida em 1654, fato que ficou historicamente conhecido como Restauração Pernambucana.

Além desses títulos, o Conselho de Preservação do Sítio Histórico de Olinda registrou como bens imateriais a Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (2005), a Tapioca (2006) e o Quilombo Urbano da Nação Xambá (2007) (OLINDA, 2015a).

Na documentação apresentada pelas autoridades brasileiras com a finalidade de apoiar a proposta de inscrição de Olinda na lista do patrimônio mundial, foram listados os principais monumentos do centro histórico, a saber:

1. Convento e Igreja do Carmo de Olinda;
2. Mosteiro e Igreja de São Bento e residência anexa;
3. Convento e Igreja de Nossa Senhora das Neves (franciscano);
4. Igreja da Misericórdia;
5. Igreja de São João;
6. Igreja e convento de Nossa Senhora da Imaculada Conceição;
7. Convento e Igreja de Santa Teresa;
8. Igreja de São Sebastião;
9. Palácio dos Bispos de Olinda;
10. Casa com muxarabis, 7 Praça Conselheiro João Alfredo;
11. Igreja de Nossa Senhora do Monte;
12. Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (antiga Prisão Episcopal);
13. Capela de São Pedro Advíncula;
14. Casa com azulejos. Edifício do Hospital Herman Lundgren no Largo do Carmo. Casa com 2 pavimentos na rua 15 de Novembro, n o 104. Casa Senhorial da rua 15 de novembro, no 134. Casa de dois pavimentos da rua São Bento, no 127;
15. Bicas históricas: Bica do Rosário, Bica de São Pedro, Bica dos Quatro Cantos; Bica de São Francisco;
16. Passos: Senhor apresentado ao povo, Senhor na coluna, Passo da Igreja Episcopal (Sé), Ribeira;
17. Mercado da Ribeira (MAGALHÃES, 1981).

O documento exibia no seu diagnóstico o estado de preservação e conservação do patrimônio, apresentando alguns riscos ao patrimônio e as medidas que vinham sendo tomadas para protegê-lo. A pressão demográfica devido à proximidade da capital pernambucana já era considerada uma ameaça. Por isso, logo após o tombamento pelo IPHAN, em 1968, foi elaborado, com a assessoria do Serviço do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional (SPHAN)<sup>14</sup> e oficialmente adotado o Plano Diretor Local Integrado de Olinda (PDLI), que regulamentava o uso do solo, definindo usos diferenciados para o centro histórico e para as áreas vizinhas, pelo estabelecimento de diferentes densidades de ocupação, de gabarito dos imóveis e das áreas de preservação rigorosa. Em 1979, visando a uma maior preservação do centro histórico, um polígono mais extenso foi inscrito como área protegida, sendo vinculados ao tombamento os tipos de utilização e de impeditivos.

Deslizamentos do solo, que chegaram a atingir monumentos como o Convento do Carmo, partes do Convento de São Bento e do Convento-Igreja de Nossa Senhora das Neves no início do século XX foram também mencionados. À época, uma equipe técnica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com financiamento da Secretaria de Planejamento da Presidência da República e da SPHAN elaboraram um projeto com o objetivo de analisar as causas dessas deformações, que incluía estudos hidrológicos, geológicos e sondagens em diferentes pontos da cidade.

Outra ameaça detectada era o avanço do mar sobre Olinda. Já na época vinham sendo realizadas medidas de proteção, tais como a providência de um conjunto de quebra-mar submerso ao longo do litoral da cidade, desde a praia dos Milagres até a embocadura do rio Doce e uma muralha grudada na encosta, situada entre o molhe norte do porto de Recife e a praia dos Milagres (IPHAN, 1981).

Em nome da UNESCO, M'Bow (1983) ressaltou a essencial importância de considerar o bem-estar da população local entre as ações de salvaguarda do patrimônio:

*[...] para salvaguardar a Olinda no basta pues com proceder a restauraciones puntuales o a operaciones de prestigio. La acción debe ser global y en este sentido el bienestar de su población importa tanto como la armonía del decorado que constituye su marco de vida. [...] la seguridad de un conjunto arquitectónico, un monumento, un paisaje sólo es posible em la medida en que la población interesada viva bien, encuentre en él funciones apropiadas y desempeñe actividades a la medida de sus esperanzas, garantizándole así medios de permanência.*

Na década de 1970, teve início um processo de modificação na utilização do casario de várias ruas que até então era ocupada por uma população de baixa renda para fins estritamente residenciais. Começaram a surgir os estabelecimentos voltados ao lazer e

---

<sup>14</sup> O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional SPHAN foi criado por decreto presidencial assinado em 30 de novembro de 1937 e estava subordinado ao Ministério da Educação. A instituição veio a ser posteriormente Departamento, Instituto, Secretaria e, de novo, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como se chama atualmente. (FGV/CPDOC, 2018).

turismo: pousadas, restaurantes, galerias e ateliês de artistas. A respeito disso, Moreira (*apud* NASCIMENTO, 2008, p. 279), arquiteto e especialista em preservação histórica, que atua na Prefeitura de Olinda dá o seu depoimento:

O sítio histórico permaneceu nesta decadência e neste ostracismo. Eu me lembro que mamãe dizia que não queria morar no sítio histórico porque era cidade de gente pobre. Eram casas arruinadas, população de renda baixa, até que, nos finais dos anos 60/70, processo de aburguesamento, de gentrificação, começaram artistas e intelectuais a vir morar na cidade. Então começa a expulsão branca; os moradores não tinham condições de manter as casas [...]

Morar no Sítio Histórico passou então a ser objeto de desejo de muitas pessoas. Entre os novos moradores, estavam Tereza Costa Rêgo - prestigiada artista plástica - e seu marido, Diógenes Arruda Câmara - dirigente do Partido Comunista do Brasil. Após fugirem da perseguição política que se iniciou com golpe militar de 1964 e refugiarem-se no Chile e na França, puderam retornar em 1979, com a anistia, escolhendo a Rua do Amparo como novo endereço (ARTE MAIOR, 2014).

Outro artista plástico que escolheu a Rua do Amparo como local de vida e trabalho foi Roberto Lúcio, que explica o motivo da escolha: “Quando vim morar aqui, fui atraído pelos grandes espaços, tinham muitos casarões para se trabalhar. Na época, ninguém queria morar aqui, mas havia muita paz e tranquilidade para produzir” (OLIVEIRA, 2012a, p. 59). Mais um ilustre morador da rua dos artistas foi o pintor primitivo Bajado, que pintou o cotidiano e o carnaval olindense, assinando sempre suas obras com o dizer “Bajado um artista de Olinda”.

Silvio Botelho, considerado “pai dos bonecos gigantes de Olinda” e mais conhecido bonequeiro de Pernambuco, também mantém um ateliê na Rua do Amparo, onde confecciona com sua equipe os bonecos que animam o carnaval da cidade (GASPAR, 2013). Na imagem 16 pode-se observar a presença dos bonecos gigantes no carnaval olindense.



Imagem 16 - Encontro dos Bonecos Gigantes de Olinda na Rua do Amparo na terça-feira de carnaval de 2017.  
Fonte: Autora, 2017.

Além dos inúmeros ateliês e residências, a Rua do Amparo concentra equipamentos do setor de hospitalidade que conta com meios de hospedagem (quatro pousadas, inclusive a Pousada do Amparo, que faz parte dos Roteiros de Charme e um pequeno hotel), restaurantes (com destaque para a Oficina do Sabor, do chef Cesar Santos – embaixador da gastronomia pernambucana), bares e a Bodega de Véio (boteco que funciona como ponto de encontro movimentado); equipamentos culturais, como o Museu Regional de Olinda, a T.C.M. A Nordestina, a sede da agremiação Urso Cascudo, a sede do Clube Carnavalesco Misto (C.C.M.) Vassourinhas de Olinda, galerias de artes e o Banco de Imagens de Pernambuco; escritório de arquitetura; panificadora; mercadinho; escola e a Igreja de Nossa Senhora do Amparo – que dá nome à rua e ao bairro.

## **2.2 A cidade e a hospitalidade (hostilidade e inospitalidade)**

A cidade pode ser observada a partir de suas características físicas (arquitetônicas e urbanísticas) e sensações de hospitalidade, hostilidade e inospitalidade que tais atributos evocam. Ao apresentar um estudo sobre como as intenções hospitaleiras se traduzem em

termos de espaço, Smoliarova (2011) trata dos elementos, esquemas e noções que provocam a expressão arquitetônica de acolhida. “Que tipos de casas traduzem a mesma função semiótica que os braços abertos?”, convida a autora à reflexão, e continuando, questiona: “Que princípios de organização (ou de reorganização) do espaço urbano devem ser lidos como um ‘Bem-vindo!’ verbal?” (SMOLIAROVA, 2011, p. 440). A autora propõe um olhar metafórico a partir do qual se enxergam expressões hospitaleiras, inóspitas ou hostis no espaço. Assim, aquele que chega pode se deparar com ambientes que “cedem lugar”, facilitam e tornam agradável o acesso e parecem convidativos e acolhedores. Por outro lado, há situações em que o visitante precisa lutar contra o espaço. Aclives íngremes, ruas estreitas e tortuosas, iluminação precária, entre outras características, podem tornar espaços pouco convidativos.

Do ponto de vista arquitetônico, urbanístico e paisagístico, o Sítio Histórico de Olinda é capaz de “acolher”, “abraçar”, “agregar” e até mesmo presentear todos os sentidos do visitante. A visão é tomada pela beleza paisagística que une monumentos arquitetônicos preciosos, flora abundante e vista para o mar; o tato é acariciado pela brisa que vem do oceano; a audição atenta percebe nos momentos mais tranquilos os sons das aves, o canto gregoriano do Mosteiro de São Bento ou os cânticos entoados pelas freiras da Igreja de Nossa Senhora da Luz, que ecoam pelas ruas próximas aos templos, ou, em momentos mais agitados, o chacoalhar dos surrões dos caboclos de lança, o som da orquestra de frevo que ensaia no Grêmio Musical Henrique Dias durante o ano inteiro com porta e janelas abertas; o paladar pode se fartar com as frutas colhidas nos quintais e vez por outra colocadas por moradores em sacolas na porta de casa ou com a tapioca e o acarajé preparados na área ao ar livre destinada à venda de alimentos, bebidas e artesanato no Alto da Sé; a comida também seduz o olfato e se mistura a outros perfumes do perímetro tombado, como os das flores que adornam algumas fachadas... e mais uma vez a visão é presenteada.

Mas o mesmo Conjunto Monumental que encanta pode “maltratar”, “hostilizar” e até “expulsar” o visitante. Ladeiras íngremes e tortuosas dificultam a locomoção de pessoas com mobilidade reduzida e deixam cansadas até mesmo pessoas com razoável condicionamento físico que desbravam a cidade a pé. A “acessibilidade física tangível” (GRINOVER, 2006) fica ainda mais comprometida diante das recorrentes obras realizadas pela Companhia Pernambucana de Saneamento – Compesa<sup>15</sup>, que provocam a remoção parcial do calçamento e sua demorada recolocação. À topografia difícil soma-se o calor do litoral nordestino que

---

<sup>15</sup> Dados obtidos a partir do portal oficial da Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa), disponível em < <https://servicos.compesa.com.br/calendario-de-abastecimento-da-compesa/>>. Acesso em 25 set. 2020.

pode castigar ainda mais os visitantes advindos de lugares frios, ainda que vez por outra a brisa venha e pareça dizer: “Calma! Cheguei para suavizar”.

O visitante mais atento aos detalhes se incomoda com a fiação emaranhada que enfeia a fachada dos casarios de muitas ruas. O picho, até mesmo na parede da casa que abriga o escritório do IPHAN na cidade, aponta para a precariedade da proteção ao patrimônio, como se pode conferir na imagem 17.



Imagem 17 – Escritório do IPHAN em Olinda em 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

A sinalização é precária e o Sítio Histórico de Olinda não é autoexplicativo em relação ao seu funcionamento. A legibilidade falha e a lógica da cidade fazem com que seu pleno aproveitamento seja improvável para quem prescinde do contato com a população local ou tenta usufruir do que a cidade tem a oferecer às pressas. Olinda demanda tempo e relação com o anfitrião. Isso pode ser lido e vivido de forma agradável e quase poética, mas para quem não tem um perfil de *flaneur* ou tem intenção de vivenciar a cidade com mais autonomia, tais características podem ser inóspitas ou até mesmo hostis.

As casas conjugadas impossibilitam janelas laterais e tornam necessária a abertura de portas e janelas frontais para que o ar circule entre fachada e quintal dos fundos. Quem passa na calçada pode “bisbilhotar” o interior das casas. Em algumas ruas, como a do Amparo e a Prudente de Moraes, num primeiro momento, o visitante titubeia em ser invasivo, mas depois de ouvir a permissão e até o convite para olhar e até adentrar, percebe que algumas casas servem tanto como moradias quanto como ateliês e lojas de artes e artesanatos.

Grinover (2006, p.43) afirma que a comunicação visual torna o traço característico da cidade e ressalta que “o olhar significa não somente olhar, mas também ser olhado”. Quando o sol dá trégua no fim da tarde, alguns moradores puxam as cadeiras para a calçada diante de casa. É hora de interagir com os vizinhos, ver a movimentação da rua, respirar o ar de fora, mas também de se expor, de ser visto.

A segurança é essencial para a hospitalidade. É impossível se sentir bem acolhido num lugar onde você se sente inseguro. A violência urbana é uma grave situação de hostilidade. Pitt-Rivers (2012) aponta que o anfitrião infringe as leis da hospitalidade quando falha no compromisso de proteger seu hóspede. Inclusive, os hóspedes devem evitar cometer hostilidades entre si, uma vez que ao se atacar mutuamente, eles ofenderiam seu anfitrião e comprometeriam seu papel de protetor de seus acolhidos. Dessa feita, o anfitrião deve defender até mesmo um hóspede contra o outro, já que ambos são seus hóspedes.

Há, entretanto, situações em que os anfitriões se sentem ameaçados pelos hóspedes. Em entrevistas realizadas em 2017, moradores do Sítio Histórico afirmaram que os esforços de segurança empreendidos pelo poder público eram insuficientes, sobretudo durante as prévias carnavalescas, e mencionavam arrastões, brigas com cacos de vidro e outras situações de violência que amedrontavam residentes e visitantes. Chico Mota, artesão e morador da Rua do Amparo, relatou:

*Domingo passado [22 de janeiro de 2017], jovens quebravam a garrafa e andavam com o gargalo na mão como forma de agredir, assaltar ou se defender, a gente não sabe. Quer dizer, não pode andar uma criança, não pode andar um idoso, não pode ser socorrido ninguém. Então uma cidade que não tem essas possibilidades deixou de ser uma cidade. O domingo aqui parece uma prisão dessas que você vê rebelião. Gente com facção, essas coisas. É inconcebível, é inimaginável. Eu acho inimaginável. Você numa cidade monumento, tombada, acontecer isso. É inimaginável na cabeça de qualquer pessoa. (Chico Mota, 2017)*

Durante as prévias de janeiro de 2017 foi registrado um grande número de delitos, incluindo arrastões e brigas de grupos rivais que marcavam disputas no Sítio Histórico. Após denúncias dos moradores, envio de filmagens exibidas em telejornais e cobranças às autoridades, houve um incremento no policiamento para o resto do período pré-carnavalesco, passando a ser mobilizados 42 Policiais Militares (PMs) a pé, em carros ou em motos, além de guarnições realizando abordagens, coordenadas pela Companhia Independente de Atendimento ao Turista (CIATur) aos sábados e 133 PMs aos domingos (G1, 2017).

Os números do carnaval são bem maiores. Em 2019, cerca de 4.000 PMs trabalharam na segurança do carnaval de Olinda. Já em 2020 houve um reforço fazendo com que o efetivo

passasse a 5.300 PMs, além de sessenta agentes da guarda municipal que também foram designados para a operação (LUCENA, 2020). Apesar do volume de pessoas (tanto foliões quanto profissionais de segurança pública) no período carnavalesco ser bem maior, durante as entrevistas foi mencionado diversas vezes que as prévias provocam muito mais transtornos, como se pode conferir no relato abaixo, de Lia, historiadora e gastrônoma residente no Amparo:

*É um carnaval desagradável assim esse das prévias. Tem ainda dia que tem desfile de bloco e tem alguma coisa mais legal, mas, assim, a partir de umas seis horas da noite do domingo é confusão, não tem mais nada bonito pra você ver na rua. É muita gente, barulho, música que não é música de carnaval, briga de..., as guerras de garrafas. E está uma campanha grande aqui no sítio histórico pra você não usar garrafa de vidro por causa desses problemas. A gente escuta mesmo daqui as garrafas quebrando, então isso das prévias eu acho uma coisa que realmente atrapalha bastante. Principalmente porque é muito tempo antes do carnaval que começa. São meses antes do carnaval que a cidade fica assim (Lia, 2017).*

Os moradores da cidade, de alta densidade demográfica e reconhecida como dormitório devido ao grande volume de habitantes que trabalham ou estudam na capital, têm ainda uma série de outros problemas cotidianos. O trânsito na entrada e saída de Olinda é caótico, pois, somado ao grande volume de veículos entrando e saindo da cidade diariamente, há os problemas do Recife. A capital pernambucana foi considerada a de pior trânsito do país, figurando como a décima pior do mundo nesse quesito, de acordo com a edição 2018 do ranking *Traffic Index*, que avaliou 403 cidades em 56 países dos seis continentes (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2019).

No Sítio Histórico a questão é ainda mais complicada. A maioria das casas do perímetro tombado não possui garagem, fazendo com que em algumas áreas haja uma disputa entre os moradores e destes com os visitantes por vagas para estacionar nas estreitas ruas. Alguns moradores de casas que possuem garagem relatam problemas com veículos estacionados de modo a impedir a entrada e saída de suas garagens. A imagem 18 ilustra a reação de uma moradora a esse tipo de situação. Tais questões são queixas ao longo do ano inteiro, sobretudo nas áreas de maior interesse turístico.



Imagem 18 – Cartaz colocado por moradora do Alto da Sé na garagem da sua casa.  
Fonte: Autora, 2020.

Quando as agremiações começam a sair às ruas fora do período carnavalesco, as dificuldades se avolumam. Diferentemente da semana de carnaval, período em que a circulação de veículos é suspensa no perímetro da festa, durante as prévias carnavalescas, carros, orquestras e foliões disputam espaço e parecem se incomodar mutuamente. Como na maioria das saídas de pequenas troças não há ampla divulgação, sinalização ou desvio, os motoristas são surpreendidos ao tentar chegar ou sair de casa e precisam aguardar a agremiação passar para seguir, sendo muitas vezes impraticável fazer algum retorno ou buscar alternativa, dadas as características urbanísticas do Sítio Histórico. A imagem 19 exemplifica esse tipo de situação.



Imagem 19: Pesquisadora dirigindo na estrada do Bonsucesso, tentando chegar em casa no dia dezenove de janeiro de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Entretanto, os foliões também são incomodados pela circulação de veículos, que atrapalha e oferece risco a quem está brincando nas ruas. Às vezes há pequenas manifestações de insatisfação das duas partes. Buzinas acionadas na tentativa de abrir caminho de um lado, pessoas não abrindo espaço e reclamando do outro. “*Nem deveria estar passando por aqui, então não pode ter pressa*”, falava a foliã, protestando contra o motorista que tentava cruzar os Quatro Cantos no fim do Dia de Reis de 2018. A imagem 20 exhibe carros e foliões no local na mesma noite.



Imagem 20 – Quatro Cantos no dia seis de janeiro de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Nos dias oficiais de folia, passa a haver o bloqueio das ruas e a circulação de veículos no perímetro tombado passa a ficar restrita aos fornecedores de produtos essenciais e moradores, que se cadastram, recebem identificação das autoridades e podem transitar em horários específicos. Nas imediações dos pontos de bloqueio, são improvisados estacionamentos que passam a ser fontes de receita para alguns moradores, como é possível verificar nas imagens 21 e 22.



Imagem 21 – Estacionamento de motos próximo ao bloqueio da Estrada do Bonsucesso no carnaval de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 22 – Estacionamento de carros próximo ao bloqueio da Estrada do Bonsucesso no carnaval de 2017.  
Fonte: Autora, 2017.

Durante os quatro anos da pesquisa de campo, no entanto, foram observadas falhas nos bloqueios, havendo circulação ou estacionamento de veículos em áreas centrais da festa, como pode ser visto na imagem 23, que mostra um veículo estacionado próximo ao movimentado cruzamento entre a Rua de São Bento e a Rua Treze de Maio.



Imagem 23 – Veículo estacionado no meio da folia no Sábado de Zé Pereira de 2019.  
Fonte: Autora, 2019.

Os moradores precisam traçar estratégias para conviver com esse tipo de situação. O relato de uma das entrevistadas, residente na Rua do Amparo, exemplifica tal questão:

*Fomos aprendendo também. É tanto que esse ano a gente resolveu não sair, porque por mais que a gente tentasse sair cedo, já aconteceu da gente tá saindo e tá vindo mais de uma troça e a gente tem que ficar esperando um tempão no carro. O ano passado para conseguir manobrar aqui para sair da Misericórdia, por ter muito carro estacionado, foi um problema, um negócio tenso, então... minha sogra ficava fazendo muita pressão pra gente ir para Gravatá no carnaval, aí, por isso, a gente sempre ia. Ia na segunda de manhã e voltava na terça de manhã. Aí brincava ainda o restinho da terça. (Lia, 2017)*

Depois de enfrentar esse tipo de situação, ela e o marido resolveram não mais sair da cidade do começo ao fim do carnaval. Como durante o resto do ano eles estacionam o veículo na rua, o que é impossível durante o carnaval, nesse período eles, como vários outros moradores buscam outro tipo de solução: “aí a gente sempre tira. Deixa na casa de vovó”. A entrevistada relata que foi aprendendo com os erros, aos poucos foi se resignando em relação a algumas questões e evitando repetir experiências que provocaram transtornos em carnavais passados, como aponta seu depoimento:

*No começo a gente ficava indo pra o Recife Antigo, tentando ver programação em outros polos e também agora é uma coisa que eu nem penso mais, não quero nem saber a programação dos outros cantos para não ter vontade, porque é tão difícil sair daqui, pegar um táxi, andar até... Ai, me lembro uma vez que a gente foi andando até quase o Espaço Ciência [aproximadamente quatro quilômetros] pra conseguir um táxi pra ir pra o Recife Antigo. Chegou no Recife Antigo também teve que descer bem antes de andar bastante, depois para sair do Recife Antigo não tinha táxi, não tinha ônibus, não conseguia sair, então não faço mais, fico aqui mesmo, tem programação suficiente (Lia, 2017).*

Em relação à diferença entre os transtornos durante o carnaval e as prévias, a entrevistada afirma:

*Incomoda a gente, enquanto morador, muito mais nas prévias do que no carnaval, porque no carnaval você está preparado para aquilo, no carnaval a gente nem conta com o carro nesse tempo, mas nos domingos aqui das prévias, e esse ano foram muitos domingos de prévia [...] em dezembro já estava assim [...] a gente fica refém do carnaval no domingo. Ou saio antes das três da tarde e só volta depois das dez da noite ou fica em casa e não sai. Não dá para receber visita, não dá... Tem que ficar em casa mesmo (Lia, 2017).*

Durante as semanas que antecedem o carnaval, quando a folia pré-carnavalesca se intensifica, os moradores redobram as estratégias de convivência com as inconveniências da festa. A entrevistada relata o que o marido resolveu fazer:

*Desde o ano passado ele começou a tirar férias, duas semanas de férias, antes do carnaval. Então ele emenda as férias dele com o carnaval porque o movimento dele ficar indo para Boa Viagem e voltando para cá fica muito mais complicado nessa época do ano. O Recife Antigo fica fechado o trânsito para passar por ali para ir para Boa Viagem. Fica mais difícil para chegar aqui e ter uma troça no meio da rua, ter problema para estacionar também fica bem mais comum, então ele fez o ano passado e esse ano ele fez de novo (Lia, 2017).*

Outra questão complicada da cidade é o precário abastecimento d'água, como pode ser visto na figura 3, que mostra que o fornecimento acontece desde o meio dia até a tarde do dia seguinte e depois só volta às torneiras após 96 horas, isso nos períodos de abastecimento dentro da “normalidade”.

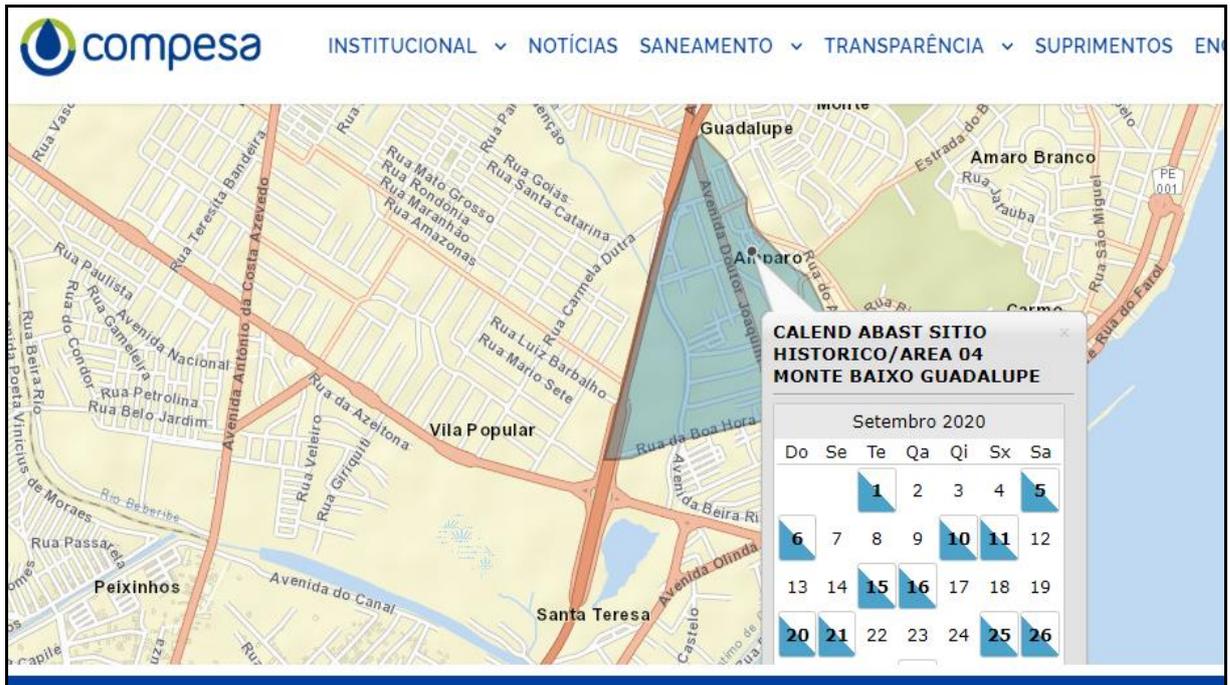


Figura 3 - Calendário de abastecimento de uma área do Sítio Histórico de Olinda em setembro de 2020.  
Fonte: COMPESA, 2020.

Durante o período carnavalesco, entretanto, há um regime especial de distribuição de água. Em 2020, esse regime foi realizado de 17 a 26 de fevereiro, cobrindo da semana pré-carnavalesca até a Quarta-Feira de Cinzas com fornecimento diário (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2020). Traçando uma metáfora, tal como a proposta por Smoliarova (2011), é como se, por escassez, Olinda negasse água aos próprios moradores em períodos ordinários, mas, durante a festa, houvesse fartura para os convidados. O abastecimento diário de água é um luxo inimaginável noutros períodos do ano, mas seria impraticável acontecer de outra forma durante o carnaval, dado o volume de visitantes e a necessidade de lavagem das ruas, limpeza dos banheiros públicos, uso doméstico, na hotelaria, nos bares, restaurantes e similares ampliado devido à grande movimentação na cidade. Pitt-Rivers (2012) ressalta que um anfitrião infringe as leis da hospitalidade se deixar de fazer e oferecer o melhor que puder. A lógica dessa lei da hospitalidade dá sentido a festas e banquetes, ocasiões em que a fartura se dá, ainda que para tanto seja necessário sacrifício ou privação por parte do anfitrião em alguma medida.

### 2.3 “Em Olinda sem igual. Salve o teu carnaval!”<sup>16</sup>

Durante o carnaval, a folia espalha-se por toda a cidade, mas nos bairros que ficam distantes do Sítio Histórico as atrações costumam ser prestigiadas sobretudo pelos moradores locais, como se pôde observar durante a fase exploratória da pesquisa. Merecem destaque fora das Zonas Especiais de Proteção Cultural e Urbanística: o encontro dos maracatus que ocorre na Cidade Tabajara e as atividades desenvolvidas no Polo Afro Nação Xambá. Mas o coração do carnaval olindense é o Sítio Histórico, que é tomado por foliões provenientes de diferentes partes do mundo, que se espremem entre as ruas estreitas e enladeiradas para acompanhar as agremiações carnavalescas que passam arrastando multidões.

Em 2019, após a divulgação do balanço carnavalesco pela Prefeitura Municipal de Olinda, destacam-se alguns dados que dão a dimensão do tamanho da festividade: 2.217 itens entre achados e perdidos, tais como documentos, dinheiros, chaves, etc.; 24 registros de boletins de ocorrência; 2.388 atendimentos médicos; 138 ocorrências do serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU); distribuição de 784,2 mil unidades de preservativos masculinos e femininos; 850 testes rápidos de doenças sexualmente transmissíveis, tais como sífilis e HIV; 1378 inspeções sanitárias, dentre outros. Ainda podemos destacar o lixo gerado que foi de 53 toneladas de materiais entre papelão, plástico e alumínio; 1,7 mil vendedores ambulantes cadastrados (OLINDA, 2019).

O investimento global no carnaval de 2019 foi de R\$ 6,8 milhões, sendo aproximadamente 77% deste valor, captado da iniciativa privada e recursos aportados pelo Governo do Estado de Pernambuco. O carnaval de 2019 movimentou uma cifra de aproximadamente R\$ 290 milhões de reais, com geração de cerca de 100 mil empregos diretos e indiretos, ficando o gasto médio por folião, em torno de R\$ 89,40. Desfilaram mais de 1,5 mil agremiações carnavalescas pelo Sítio Histórico e bairros da cidade, com cerca de 300 atrações se apresentando nos dias de folia (OLINDA, 2019).

A folia toma todo o Sítio Histórico de Olinda, mas alguns lugares se destacam. Ruas como Bonfim, São Bento, Prudente de Moraes, Henrique Dias, Amparo, 13 de Maio, Bispo Coutinho, Ladeira da Misericórdia e Ladeira da Sé são consideradas pontos estratégicos durante os dias de carnaval, pois por elas passam as principais agremiações da festa.

Quatro dessas ruas unem-se formando um cruzamento conhecido como Quatro Cantos: Amparo, Prudente de Moraes, Bernardo Vieira de Melo, Ladeira da Misericórdia. Lá se juntam pessoas dos quatro cantos do mundo para brincar o carnaval e suas prévias. A letra

---

<sup>16</sup> NIGRO; VIEIRA, 1952. Trecho do frevo Olinda Número Dois, popularmente conhecido como Hino do Elefante.

do frevo composto por J. Michiles (1986) e popularizado na voz de Alceu Valença retrata um pouco do que representa esse que pode ser considerado o principal ponto de encontro do carnaval olindense:

Nos quatro cantos cheguei  
E todo mundo chegou  
Descendo ladeira  
Fazendo poeira  
Atiçando o calor

A imagem 24 registra a multidão que se aglomera nos Quatro Cantos do Olinda num dia de prévias carnavalescas, no primeiro domingo de 2018. Como é possível observar, o volume de pessoas é bastante considerável, todavia não há a mesma infraestrutura.



Imagem 24 – Quatro Cantos no dia sete de janeiro de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

A Rua Prudente de Moraes começa no Carmo, bairro que é um dos principais portões de acesso dos turistas à Cidade Alta. Ao longo dela, além de inúmeras residências, encontram-se: três pousadas, um albergue, bares, restaurantes, espaços culturais, ateliês, escritórios de arte, *design*, artesanato e arquitetura, locadora de veículos, um consulado e numa das esquinas dos Quatro Cantos, a Casa do Turista de Olinda.

A Rua Bernardo Vieira de Melo dá acesso ao antigo Paço dos Governadores Gerais do Brasil, atual sede da Prefeitura Municipal de Olinda. Caminhando por ela, passa-se por bares,

restaurantes, ateliês, lojas de suvenires, ruínas do Senado - que remetem à luta pela transformação do Brasil em República - e o Mercado da Ribeira - que foi construído no século XVII e onde atualmente funcionam galerias e oficinas de artesanato.

A Ladeira da Misericórdia é conhecida por ser muito íngreme e também por dar acesso a um ponto turístico de grande relevância, que é o principal mirante de Olinda e um dos mais festejados cartões postais de Pernambuco: o Alto da Sé. Ao longo da ladeira, apresentam-se bares, restaurantes, a ONG ICEI (que desenvolve o projeto de turismo de base comunitária Turismo da Gente) e a Igreja da Misericórdia. Em cada parada para tomar um fôlego, pode-se contemplar a vista do casario, do mar, da vegetação e da linha que divide as cidades irmãs – Recife e Olinda.

A Rua do Amparo, que se junta a essas três outras para dar forma aos Quatro Cantos de Olinda é também conhecida como “rua dos artistas” por possuir a maior concentração de ateliês do Sítio Histórico, a Rua do Amparo segue tortuosa e estreita em quase toda a sua extensão e transforma-se no Largo do Amparo, amplo espaço entre as Igrejas de Nossa Senhora do Amparo e São João Batista dos Militares. Esse largo conduz a bairros populares, onde surgiram algumas das mais tradicionais agremiações do carnaval pernambucano: Bonsucesso, que é o bairro que abriga o primeiro e mais conhecido dos bonecos gigantes: Homem da Meia Noite; Guadalupe, berço e morada de uma das mais tradicionais agremiações da cidade, a quase centenária Troça Carnavalesca Mista (T.C.M.) Cariri Olindense, agremiação surgida em 1921 e da qual o Clube Carnavalesco de Alegoria e Crítica O Homem da Meia Noite é dissidente.

"PODE ACABAR-SE O MUNDO,  
VOU BRINGAR MEU CARNAVAL!"



Imagem 25: Grupo de amigos fantasiados no Carnaval de 2018  
Fonte: Arquivo pessoal de Rossana Rameh



"Brinque, meu povo querido!  
Minha gente queridíssima.  
É verdade que quarta-feira a luta recomeça.  
Mas, ao menos, se pôs um pouco de sonho na  
realidade dura da vida!"  
(DOM HELDER CÂMARA)



### **3 “PODE ACABAR-SE O MUNDO, VOU BRINCAR MEU CARNAVAL!”<sup>17</sup>**

Nesta seção são apresentados registros gerados a partir da junção entre pesquisa teórica e levantamentos de campo para que se compreenda o funcionamento do carnaval, começando por uma breve visão sobre a festa no Brasil para logo focar na folia olindense.

Na segunda parte, optou-se por discorrer acerca do cortejo do Homem da Meia Noite. Tal escolha se deu por considerar o gigante como uma das maiores paixões do carnaval Pernambucano e pelo fato de seu desfile ter sido considerado outrora o marco inicial da folia olindense. Essa parte do texto foi construída a partir de depoimentos colhidos junto a um diretor e ao presidente da agremiação, consulta a documentos não publicados guardados no sótão da sede da agremiação e observação participante.

Na sequência, é introduzida a questão das prévias carnavalescas do Sítio Histórico de Olinda, reflexão necessária para o entendimento da extensão temporal e impacto dos festejos carnavalescos na região.

Depois é abordado o caso do Grupo Recreativo Hedonista Irreverente de Amigos Percussivos (Grheia-PE), do qual a pesquisadora faz parte, para que se compreenda por dentro o funcionamento de uma destas agremiações.

#### **3.1 “Eu quero entrar na folia, meu bem. Você sabe lá o que é isso?”<sup>18</sup>**

Entre os ciclos festivos brasileiros, o carnavalesco merece especial destaque, entre outros fatores, por sua riqueza e diversidade cultural, impacto econômico, importância turística - dadas as proporções do público que atrai, relevância midiática, papel na formação da identidade, representação do país no exterior e relevância como prática de lazer para uma boa parcela da população brasileira.

O carnaval brasileiro encontra raízes nas brincadeiras de rua, conhecidas como entrudo, que foram herdadas dos colonizadores europeus.

Elas incluíam o consumo exagerado de comidas e bebidas, danças e zombarias públicas. Nestas, as pessoas jogavam água, farinha e, às vezes, até ovos, umas nas outras, provocando descontentamento naqueles que as viam como decadência dos costumes. Mas havia, também, os que gostavam dos folguedos, como alguns jornais que registravam as batalhas de água com bom humor e malícia. (CAVENAGHI; BUENO; CORRÊA, 2012, p. 594).

---

<sup>17</sup> Fonte: OLIVEIRA, 2012.

<sup>18</sup> Fonte: SANTIAGO, 1952

No território nacional foram sendo incorporados elementos africanos, que contribuíram definitivamente para seu desenvolvimento e originalidade nas diferentes partes do país (OLIVEIRA, 2004, p. 46). A adesão de usos e costumes africanos foi fundamental para o enriquecimento das manifestações carnavalescas brasileiras. Ritmos, danças, personagens, cortejos e mascarados vindos das irmandades e confrarias de homens negros, mulatos e pardos fundiram-se aos aportes de outros povos nesse processo (LODY, 2001, p. 67).

O resultado das contribuições dos diferentes grupos formadores da cultura brasileira e da capacidade criativa do povo desse país é um carnaval plural, ou um carnaval formado por muitos carnavais. Destacam-se no cenário nacional os carnavais do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco e, mais recentemente, de São Paulo, mas outros estados também desenvolvem a cada ano festas maiores e mais estruturadas.

O carnaval carioca está entre os mais conhecidos do mundo, um grande espetáculo exibido em programas televisivos veiculados, inclusive, internacionalmente. Os desfiles das Escolas de Samba, que acontecem na Marquês de Sapucaí, chamam a atenção do mundo, atraem grande volume de turistas e marcam a identidade nacional, associando-a ao carnaval e ao samba como alguns dos principais representantes da cultura brasileira. A festa é reconhecida sobretudo pelos desfiles das Escolas de Samba, de grande riqueza visual, musical, técnica e artística. Esses desfiles são marcados pela presença de alegorias - grandes carros decorados que são, provavelmente, os principais elementos visuais da passagem das agremiações pela passarela; pelo enredo, fio condutor da narrativa do desfile que se desdobra nas linguagens plástica e visual das fantasias e alegorias; e rítmico-musical do samba-enredo (CAVALCANTI, 2006).

O carnaval carioca, sobretudo o desfile das escolas de samba, serviu de modelo para outras partes do país, a exemplo de São Paulo, “onde os cordões populares, surgidos em 1914, perderam espaço para o modelo carioca, a partir de 1968” (CAVENAGHI; BUENO; CORRÊA, 2012, p. 594). Mas o carnaval carioca vai muito além dos desfiles realizados na Marquês de Sapucaí. Em bailes nos clubes, blocos de rua animados por orquestras no chão, em cima de trios elétricos e palcos espalhados por diferentes partes da “cidade maravilhosa”, ouvem-se ritmos diversos que embalam a festa de brasileiros de diversas partes do país e estrangeiros que lotam a cidade.

O carnaval baiano é marcado pela presença dos trios elétricos acompanhados por milhares de foliões em diferentes circuitos. Esse modelo deu origem a uma “indústria” de carnavais fora de época, que se espalharam por diversas cidades do país, sobretudo do

Nordeste, e chegaram ao seu auge durante a década de 1990. O Fortal, na capital cearense, e o Carnatal, na capital potiguar, estão entre as micaretas que ainda fazem grande sucesso. Ao lado dos trios elétricos, Risério (1995) ressalta o caráter acentuadamente negro do carnaval baiano, traço definidor de sua fisionomia. Afoxés e blocos afro, que carregam nomes e entoam cantos que remetem à cultura africana - especialmente ao repertório iorubano – são formados majoritariamente pela juventude negra, que sai às ruas coberta de abadás e búzios.

São Paulo, por sua vez, vem fortalecendo o carnaval de rua nos últimos anos. Além das já tradicionais escolas de samba paulistanas, nos últimos anos a cidade passou a ampliar o espaço na sua agenda carnavalesca para artistas e agremiações cariocas, baianas e pernambucanas durante o carnaval e a semana que o antecede como estratégia para manter os paulistanos – e, conseqüentemente, os gastos com lazer - na cidade (CUNHA, 2019).

A diversidade cultural do carnaval pernambucano pode ser vista pelas ruas da Região Metropolitana do Recife e no interior do estado, que também apresenta um carnaval diversificado e bastante procurado, sobretudo por pernambucanos de cidades próximas e visitantes de estados vizinhos, a exemplo do Papangu de Bezerros, Caretas de Triunfo, Encontro de Maracatus de Baque Solto em Nazaré da Mata e Mulher da Sombrinha de Catende.

Em Recife e Olinda, é marcante a diversidade e beleza plástica que pode ser apreciada tanto nos foliões, que individualmente ou em grupos fantasiam-se para ir às ruas, quanto por meio dos estandartes<sup>19</sup>, alegorias, fantasias e outros elementos cênicos que as agremiações levam aos desfiles de rua. A sonoridade é outro elemento representativo da diversidade e riqueza cultural do carnaval pernambucano.

Foi realizado um levantamento das principais manifestações presentes no carnaval da capital pernambucana para a elaboração do Catálogo de Agremiações Carnavalescas do Recife e Região Metropolitana e identificaram-se doze modalidades de agremiações: clubes de frevo<sup>20</sup>, clubes de boneco<sup>21</sup>, blocos de pau e corda<sup>22</sup>, troças, caboclinhos<sup>23</sup>, tribos de

---

<sup>19</sup> O estandarte é um dos primeiros e mais importantes meios de expressão visual do frevo. É uma espécie de bandeira que identifica as agremiações (troça ou clube), com seus nomes, cores, ano de fundação, ano de confecção do estandarte e símbolo. “Seus ancestrais remetem às conformações da heráldica, desde a Idade Média” (BARBOSA, 2016).

<sup>20</sup> Os clubes de frevo têm suas origens nas corporações profissionais existentes no Recife das últimas décadas do século XIX. “Na véspera do dia de Reis, alguns membros dessas corporações não trabalhavam e, reunidos, saíam formando um alegre e numeroso cortejo. Esses grupos passaram a se chamar clubes pedestres e desfilavam pelas ruas e becos das freguesias do Recife, compostos por trabalhadores assalariados, pequenos comerciantes, capoeiras, vendedores, ambulantes, prostitutas, e outros que se organizam e evidenciam a forma como as classes menos privilegiadas se inserem no carnaval da cidade”. Nos anos 1960 eles passam por algumas mudanças e passam a se chamar clubes de frevo. Alguns elementos da estrutura anterior são mantidos até os dias atuais, tais como o imprescindível estandarte. “Os clubes geralmente se apresentam com a seguinte formação: faixa ou abre-

índios<sup>24</sup>, maracatus de baque virado<sup>25</sup>, maracatus de baque solto<sup>26</sup>, escolas de samba<sup>27</sup>, bois de carnaval<sup>28</sup>, la ursas<sup>29</sup> e afoxés<sup>30</sup> (ASSOCIAÇÃO, 2009). Durante a pesquisa de campo, todos

---

alas, diretoria, balizas-puxantes, damas de frente, destaques, cordões, porta-estandarte, passistas, orquestra e, em alguns grupos, carros alegóricos” (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>21</sup> Surgidos na Europa, provavelmente na Idade Média, os bonecos gigantes chegam ao Brasil com os portugueses, desfilando inicialmente em procissões e festividades religiosas. Os clubes de bonecos não trazem bandeira ou estandarte, a principal alegoria é o boneco. Em alguns clubes, os bonecos são considerados calungas pelos carnavalescos, ou seja, são investidos de fundamentos religiosos, ou representam entidades. A tradição de bonecos gigantes no carnaval de Pernambuco destaca-se principalmente na cidade de Olinda (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>22</sup> Os blocos carnavalescos mistos, ou blocos de pau e corda, diferem dos clubes de frevo e troças, que nas suas origens, foram considerados “perigosos”. Originados nas famílias da classe média, tornaram possível às mulheres de classe média saírem às ruas protegidas por um cordão de isolamento, envolvendo todo o grupo e separando-o da multidão, sob os cuidados dos homens de suas famílias. Na década de 1970 surgiram novos blocos, autodenominados líricos, atendendo a um movimento de recriação e homenageando os mais antigos, então chamados de tradicionais. (ASSOCIAÇÃO, 2009). Observa-se a tendência de generalizar o uso da palavra “bloco” para designar as diversas modalidades de agremiações.

<sup>23</sup> São manifestações populares oriundas da mescla indígena marcadas por um forte nativismo. Homem e mulheres realizam coreografias em ritmo marcado pelo estalido de pequenos arco e flechas de madeira. Em alguns casos, a religião pode estar presente na manifestação por meio dos cultos indígenas, a pajelança, religião dos antepassados. Outros grupos diferem desta linha, cultuando religiões afro brasileiras, ligadas a terreiros de Xangô e Umbanda. A dança apresenta em três momentos distintos: guerra, perré e baião, enquanto as vestimentas são compostas por por atas (de pé e mão), saiotes e tangas, confeccionada com penas, lantejoulas, contas, búzios, espelhos, vidrilhos, cordas e sementes, além de adereços de cabeça diversificados. Apresentam-se descalços (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>24</sup> As tribos de índios são oriundas do estado da Paraíba, sendo incorporadas ao carnaval do Recife e por vezes confundidas com caboclinhos. Apresentam danças complexas, marcadas pela musicalidade indígena, com temáticas ligadas à luta, guerra, morte e ressurreição. As vestimentas incluem os leques e cocares, confeccionadas com penas de peru, e pato e de boá. (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>25</sup> Os grupos de maracatu nação também conhecidos pelo nome de maracatu de baque virado têm origem nas coroações dos chamados Reis do Congo. Sob a proteção das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, promovem-se as coroações como mais uma forma de subordinação e controle administrativo sobre os escravos. Estas eram encenadas durante os festejos litúrgicos dos santos e o cortejo saía às ruas em trajes reais. Com a abolição, a festa desvincula-se da igreja e passa a integrar o carnaval. Os maracatus de nação apresentam-se ao público como uma corte ricamente trajada com sedas, veludos, bordados e pedrarias. O cortejo encerra-se com as figuras do rei e da rainha, que desfilam protegidos por um grande guarda-sol colorido (pálio), carregado por um escravo (pajem). Fortemente ligadas às religiões de matriz africana, em especial o Candomblé, as nações conhecidas como “tradicionais” encontram nos símbolos, cânticos, danças, indumentárias e adereços estreitas relações com os Orixás, num movimento de luta, resistência e preservação das práticas culturais afro-brasileiras (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>26</sup> O maracatu de baque solto ou maracatu de trombone, de orquestra ou rural é uma das manifestações do carnaval. Há uma fusão de vários folguedos populares existentes nas áreas canavieiras do interior do Pernambuco, dentre elas o reisado, o pastoril, o cavalo-marinho, o bumba-meu-boi, os caboclinhos, dentre outros. No carnaval, desfila sob a orientação de um mestre, que pode ser realizada por apito ou movimentação de bengala. As quatro figuras principais que abrem o cortejo são: Mateus, Catirina, a Burra e o Caçador. A bandeira do grupo é carregada por um bandeirista, vestido à moda de Luiz XV. Existe ainda a figura do caboclo de lança, que se apresenta ricamente ornamentado com uma cabeleira colorida e um gola bordada com lantejoulas e chocalhos (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>27</sup> Em Pernambuco, o samba organizado em escolas adquire características próprias, como, por exemplo, a incorporação de instrumentos de execução musical e coreografias herdadas do frevo, do maracatu, da capoeira, além de outras expressões (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>28</sup> A “brincadeira” aparece no carnaval como uma forma derivada do bumba-meu-boi, auto geralmente vinculado ao ciclo natalino, que representa a morte e ressurreição do boi. Os bois de carnaval são caracterizados pela simplicidade, improvisado e irreverência, e levam para a rua uma grande variedade de personagens, classificadas como figuras humanas, animais e fantásticas (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>29</sup> Inicialmente, a brincadeira se caracterizava apenas pela presença de um homem fantasiado de urso e pelo caçador, acompanhados de alguns músicos. A forma mais usual de visualizar la ursas atualmente é em forma de

esses tipos de agremiações foram identificados também no carnaval olindense, alguns, como os clubes de bonecos e troças, têm maior destaque em Olinda do que na capital pernambucana. Além dessas modalidades, também há forte presença do coco<sup>31</sup> no carnaval olindense. A manifestação, que costuma ser associada às festas juninas, é de grande importância também no carnaval de Olinda e é a mais evidente atração do período momesco no Quilombo Urbano da Nação Xambá, que tem no coco a sua principal manifestação artística durante o ano inteiro e tem no carnaval um dos seus momentos mais importantes em termos festivos e religiosos. No Sítio Histórico, o coco com seu ritmo e dança está presente no Amaro Branco, com o Coco do Pneu, e também aparece com destaque no Guadalupe, com o coco de umbigada, liderado pela Mãe Beth de Oxum, além de ser incorporado à programação em alguns palcos e polos da festa.

Os nomes das agremiações e até as modalidades nas quais se definem ou são popularmente conhecidas por vezes não se encaixam nas definições consideradas adequadas do ponto de vista acadêmico. Os foliões mais assíduos e participativos do carnaval olindense, muitas vezes fazem questão de enfatizar as características das suas agremiações mais queridas e ressaltar a diversidade cultural da festa em suas muitas nuances, mas também é comum a simplificação de chamar quase tudo de bloco ou a tentação de referir-se a qualquer grupo percussivo como maracatu, por exemplo. Há ainda situações em que as agremiações foram batizadas a partir de características que por vezes ficaram no passado, restando o nome no estandarte como registro, como é o caso do Homem da Meia Noite, como se pode conferir no depoimento do atual presidente do clube que foi fundado há quase noventa anos:

*Mais de cinquenta cavalos desfilavam, aí vinha aquele gigante, passava encantando as pessoas, aí foi quando surgiram os carros alegóricos. Por isso que é Clube de Alegoria e Crítica O Homem da Meia Noite. O alegoria devido às fantasias e carros alegóricos, o crítica tinha os temas que faziam muitas críticas a situações políticas. Com o passar do tempo e a transformação do próprio carnaval, a invasão popular [...] a transformação*

---

grupos de crianças brincando nas ruas durante o carnaval, batendo latas, puxando alguém fantasiado de urso e gritando “A La Ursa quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro!” (ASSOCIAÇÃO, 2009). “Pirangueiro” é sinônimo de sovina, avarento.

<sup>30</sup> Afoxé é uma expressão artístico-religiosa ligada às nações africanas que busca a manutenção de valores. Estudos apontam a manifestação como proveniente da essência dos primeiros grupos de maracatu. Na apresentação de rua, um bandeirista abre o cortejo, uma criança (que pode ser substituída por uma gestante) conduz o babalotim, que é um símbolo sagrado do afoxé, além de um corpo de bailarinos ao som de atabaques e agogôs. Alguns grupos trazem pessoas representando os orixás (ASSOCIAÇÃO, 2009).

<sup>31</sup> O coco é uma dança típica das regiões praieiras conhecida nas regiões Norte e Nordeste do país, marcada pela influência Tupi e negra. Alguns pesquisadores, apontam sua origem nos engenhos, migrando posteriormente para o litoral. Tem origem no canto dos tiradores de coco. De maneira geral, os participantes formam filas ou rodas onde executam o sapateado característico e os pares vizinhos e batem palmas marcando o ritmo. Pode ser dançado com ou sem calçados e não é preciso vestuário próprio. (GASPAR, 2003).

*não foi do Homem da Meia Noite, foi do carnaval, foi da cidade... que levaram o Homem da Meia Noite a se adaptar também a isso* (Luiz Adolpho, 2018).

Ao contrário do que afirmam autores como Ferreira (2005, p. 59 - grifo nosso), que chega a dizer que “o carnaval, derivado da Saturnália é a manifestação que mais se afastou de suas origens religiosas, sendo, atualmente, uma festa totalmente laica”, Lody (2001, p. 67) refere-se ao carnaval como festa de profunda religiosidade, que relativiza os convencionais conceitos de sacro e profano e tece uma crítica ao olhar reducionista de alguns pesquisadores: “categorizar tudo que não é cristão como profano é estabelecer fronteiras limitadas em um país como Brasil, que é de formação multirracial, que professa diferentes religiões”.

O carnaval, desde sua chegada ao Brasil até os dias atuais, foi impregnado de sentido religioso. Por meio de um processo de apropriação e ressignificação das práticas pagãs, a Igreja Católica, que não conseguia evitar as manifestações pagãs em homenagem a Saturno e Baco, passa a adaptar a festa, modificando seu período de ocorrência. Com a nova ordem imposta pelo catolicismo, o domingo de Páscoa passou a ser precedido por quarenta dias de jejum quaresmal. No período que antecedia esses quarenta dias de preparação para a principal celebração da Igreja Católica, os excessos da carne eram permitidos (CARNAVAL, 2020). Assim, a festa já chega ao Brasil ligada ao calendário Católico.

Além disso, as expressões culturais que dão vida a essa festa são muitas vezes protagonizadas por pessoas que possuem uma forte ligação religiosa e que levam as práticas religiosas que as acompanham no dia a dia para as festas.

Durante o carnaval, uma nova ordem se anuncia. Um período de nova temporalidade. As ruas constituem verdadeiros prolongamentos dos terreiros, permitindo que símbolos da identidade afro-religiosa invadam a cidade através das manifestações culturais, que os incorporam e disponibilizam para grupos sociais mais amplos, isto é, para os foliões, independentemente do seu sentido religioso (SANTOS, 2009, p. 26).

Existem vários exemplos de como o sagrado vai às ruas durante o período carnavalesco. Os trabalhos religiosos podem acontecer antes dos desfiles, a partir de rituais privados de proteção dos grupos, ir para as ruas de forma implícita ou até mesmo explícita. Os clubes de boneco, populares no carnaval olindense, são exemplos disso.

Nas palavras de Luiz Adolpho, presidente da agremiação, “*o desfile do Homem da Meia Noite é uma romaria religiosa*”.

Em alguns Clubes, os Bonecos são considerados calungas<sup>32</sup> pelos carnavalescos, carregados de um forte fundamento religioso. O “miolo” do Boneco, assim como ocorre no Boi e no Urso, geralmente é uma pessoa antiga na agremiação que algumas vezes passa por diversos cuidados espirituais. (ASSOCIAÇÃO, 2009, p. 147)

Os maracatus nação, ou de baque virado, também possuem forte ligação com as religiões de matriz africana, especialmente com o Candomblé. Praticados por grupos denominados nações, surgem nos terreiros e seus praticantes cultuam os orixás.

As nações mais ‘tradicionais’ encontram nos símbolos, cânticos, danças, indumentárias e adereços estreitas relações com os orixás e outras entidades. É uma manifestação artística de modelo europeu e espírito africano num movimento de luta, resistência e preservação das práticas culturais afro-brasileiras (ASSOCIAÇÃO, 2009, p. 165).

Do ponto de vista antropológico, o maracatu contemporâneo pode ser analisado sob a dimensão festiva (cortejo, personagens, símbolos, batuque, toadas, carnaval e aspecto sagrado da manifestação na festa) e comunitária (lideranças, integrantes, religiosidade, preparativos para o carnaval e cotidiano da nação). Numa perspectiva historiográfica, as raízes dos maracatus nação estão nas festas e cortejos realizados para reis negros e no âmbito das irmandades do Rosário em Pernambuco. “Documentos administrativos; relatos e crônicas, principalmente de jesuítas e viajantes, que mencionam episódios a partir do século XVI nos quais os negros envolvidos tocavam tambores e entoavam cantos” (TSEZANAS, 2010, p.16). As festas de coroação de reis negros, promovidas até as primeiras décadas do século XIX, aconteciam nos dias santos, no âmbito das irmandades católicas negras.

O conceito de nação tem um significado fundamental para as pessoas envolvidas e para a existência da manifestação, uma vez que a nação é a estrutura básica de associação entre aqueles que participam do conjunto de práticas que compõe o maracatu e porque ser uma nação é fundamental para distinguir os maracatus de baque virado de outros grupos percussivos que se popularizaram em Pernambuco a partir da década de 1990, que tocam e dançam maracatu de baque virado, porém não reúnem os elementos sociais e religiosos que caracterizam as nações de maracatu (TSEZANAS, 2010).

Mesmo os grupos meramente recreativos costumam ter membros que, ainda que não conheçam profundamente o sentido religioso das práticas culturais que estão nas suas raízes,

---

<sup>32</sup> Boneco ou boneca confeccionada de madeira negra, enfeitada, que no cortejo do maracatu é carregada pela dama do paço. Para algumas nações, as calungas podem representar os antepassados ou os eguns (mortos), para outras representam orixás, ou ainda eguns que têm orixá que rege seu *ori* (cabeça). As bonecas recebem obrigações religiosas geralmente antes do carnaval (BENS INVENTARIADOS, 2012).

procuram tratar o maracatu com respeito e cuidado aos elementos religiosos a ele vinculados. Um episódio ocorrido com o Grupo Recreativo Hedonista de Amigos Percussivos (Grheia-PE) pode servir de exemplo para a compreensão disto. Em outubro de 2019, após o derramamento de óleo que atingiu em grandes proporções o litoral nordestino, com forte impacto nas praias pernambucanas, surgiu entre os membros do grupo a ideia de realizar durante um ensaio aberto um protesto cobrando das autoridades medidas mais firmes em relação à investigação e busca de soluções para minimizar os impactos do desastre ambiental. Uma participante sugeriu que todos os batuqueiros vestissem preto durante o ato e a ideia começou a ser bem recebida pelo grupo, até que um integrante, iniciado e conhecedor das tradições do Candomblé, chamou atenção para o fato de não ser adequado, do ponto de vista do culto aos orixás, tocar os instrumentos ligados à religião trajando preto. Após a exposição da questão, a ideia original foi substituída pela de colocar pequenas fitas pretas nas camisas dos batuqueiros, proposta que também foi questionada e descartada. O grupo decidiu então exibir uma grande faixa na fachada de sua sede e não vestir ou utilizar qualquer adereço preto - por respeito à tradição religiosa por parte de alguns batuqueiros e receio em relação ao desconhecido por parte de outros.

Outro tipo de agremiação forte na cultura pernambucana, que tem seu momento mais importante no carnaval olindense na Quarta-Feira de Cinzas, é o afoxé. O caráter religioso dessa manifestação cultural fica explícito em seus desfiles e até na forma como é conhecido. Segundo Lody (2001, p. 67) a manifestação é também chamada de “candomblé de rua”.

Expressão artístico-religiosa ligada às nações africanas. Geralmente é conduzido por um Babalorixá ou Ialorixá<sup>33</sup>, e suas sedes funcionam no interior dos terreiros de Candomblé. A ligação dos grupos com a religião também se traduz nas cores que levam às ruas, que fazem referência aos orixás (ASSOCIAÇÃO, 2009, p. 227).

A matriz cultural indígena também está representada nas agremiações presentes no carnaval pernambucano, como se pode observar nos Caboclinhos.

A religião está presente na manifestação por meio dos cultos indígenas, a pajelança, religião dos antepassados. É na Jurema ou Catimbó, como é popularmente conhecida, que atua a maioria dos mestres e caboclos. Alguns grupos diferem dessa linha, cultuando religiões afro-brasileiras, ligadas a terreiros de Xangô e Umbanda (ASSOCIAÇÃO, 2009, p. 241).

---

<sup>33</sup> Babalorixá / Ialorixá: sacerdote ou sacerdotisa que passou por todos os preceitos e obrigações exigidas para tal cargo. É o líder e chefe de um terreiro de Candomblé Ketu e de algumas religiões afro-brasileiras. “Babá” significa pai em yorubá e “Iyá” significa mãe (BABALORIXA, 2020).

Como buscou-se evidenciar, o carnaval olindense possui manifestações enraizadas à vida de expressiva parcela da população, tornando-se um elemento inseparável dos outros aspectos do cotidiano e relacionando-se às mais diversas práticas e relações sociais. Vida, lazer, trabalho, família, cultura, religião, fé e carnaval são elementos indissociáveis na vida de muitos brincantes. Todas as dimensões sociais são permeadas pelo carnaval ao longo do ano inteiro. No caso de presidentes e diretores de agremiações, muitas vezes a questão ganha uma proporção ainda maior. Suas casas transformam-se em depósitos de instrumentos, adereços e fantasias, espaços de reuniões e ensaios e o entra e sai de pessoas, sobretudo quando a festa se aproxima, passa a fazer parte de sua rotina.

Alguns lucram com a festa, outros tantos gastam, familiares juntam-se ou relações desgastam-se diante da perda de privacidade, investimento de tempo, dedicação, dinheiro e doação de vida. Alguns são verdadeiros devotos da festa.

O carnaval é a razão da vida e tem relevo até depois da morte de alguns foliões. Em entrevista, o presidente do Homem da Meia Noite - reiterado pelo depoimento de um dos diretores do clube - afirmou que familiares de um folião apaixonado jogaram as suas cinzas no Largo do Bonsucesso durante a saída do Calunga. Esse havia sido o seu último pedido em vida.

Para algumas pessoas isso é mais forte do que para outras, a exemplo de quem mora no foco da folia, dirige agremiações, toca em orquestras de frevo, cultua religiões com forte relação com o ciclo cultural carnavalesco, entre outras. Mas numa cidade como Olinda, sobretudo no Sítio Histórico, praticamente todos se relacionam de forma estreita com a festa e têm sua vida afetada pela folia. Um exemplo disso pôde ser visto sobre a mesa da costureira evangélica e que não brinca a festa, desde o fim do ano repleta de chitas, paetês, plumas e lantejoulas. Inspirado nessa questão, Guitinho da Xambá compôs:

São quatro dias o povo malassombrado,  
mas eu sou juremado, sou moral que não bobeia  
A minha mãe me deu o seu recado:  
“filho, tome cuidado até a quarta-feira!”  
Pra não se encangar com uma caveira de paletó,  
você bem sabe que no meio da folia  
até evangélico faz seu catimbó  
E malassombrado dança frevo até cotó  
E malassombrado varre varre vassourinha até o pó  
(Guitinho da Xambá, 2020)

### 3.2 “Lá vem O Homem da Meia Noite”

O ano é 2017: faça chuva, faça lua, à meia noite do Sábado de Zé Pereira as portas da casa número 132 da estrada do Bonsucesso se abrem e uma multidão apaixonada grita, chora, sorri, aplaude, dança, pula e entra num transe coletivo para receber as bênçãos do Gigante que desfila com a chave que abre o carnaval da cidade patrimônio cultural da humanidade. O Calunga, envolto em mistério, tem uma história marcada por fatos e lendas que fazem dele um gigante não apenas na estatura, mas, sobretudo, no papel cultural e afetivo que desempenha na vida dos olindenses e visitantes que vêm de todas as partes do mundo para prestigiar o carnaval da Marim dos Caetés.

Cartola preta, fraque verde e branco, gravata borboleta, dente de ouro. O charme, a altivez e o poder de sedução remetem a um dos mitos fundadores do primeiro de dezenas de gigantes que passaram a marcar a identidade do carnaval olindense. Um homem que passava pelas ruas de Olinda elegantemente trajado com um fraque e ao sorrir mostrava seu dente de ouro, dando a entender que era homem de posses, sumia sem deixar rastros. Certamente entrava pelas janelas das donzelas. Teria sido esse Don Juan o inspirador do carpinteiro que confeccionou o Calunga em 1932? Outra versão sobre sua origem remete ao Ladrão da Meia Noite, filme que teria sido assistido pelo seu criador, um cinéfilo. Na película, o larápio saía de um relógio mágico que aparecia em diferentes lugares. Como ele, em seus primeiros anos de existência o Gigante olindense não tinha sede fixa. A cada ano iniciava seu desfile num lugar diferente. Mito, anfitrião da folia, figura central de um dos mais tradicionais e emocionantes ritos do carnaval pernambucano, o Homem da Meia Noite é o mais antigo e amado dos bonecos gigantes, principal marca do carnaval olindense.

Na imagem 26 pode-se ver a atual sede da agremiação, situada no Largo do Bonsucesso:



Imagem 26 - Sede do Clube de Alegorias e Críticas Homem da Meia Noite (2018).  
Fonte: Autora, 2018.

“*Eu não posso falar muito*”. Assim começa a entrevista de Ricardo Cristo, um dos diretores da agremiação, diante da pergunta acerca do ritual que antecede a saída do Calunga. Mas aos poucos ele revela algumas das ações que acontecem a portas fechadas com a presença de poucos representantes da diretoria do clube.

Quatro horas da tarde do Sábado de Zé Pereira, começa o ritual da troca da roupa do Calunga. A cerimônia envolve a degustação de uma cachaça, mas pouco mais do que isso é revelado. Ninguém, além das poucas pessoas que participaram diretamente da confecção do novo fraque, pôde ver ou tocar no elegante traje até aquele momento e são poucos e considerados privilegiados aqueles que verão o Homem pronto para o desfile antes da meia noite. O que se sabe é que as cores, a cartola, a gravata borboleta e a elegância serão mantidas. Também se sabe que o traje é inspirado no tema do desfile de 2017, “O Negro Rei”. As guias, que foram confeccionadas especialmente para a solene saída pelos membros do terreiro de candomblé de Xambá, comunidade quilombola que fica a poucos quilômetros dali, estão nas mãos dos confeccionadores. Eles não puderam entrar para a solenidade da troca de roupa, mas também não puderam entregar as guias aos membros da diretoria, pois da mesma forma que o rito da troca de roupa envolve tabus e regras ditadas pelos que fazem o clube, a colocação das guias não pode ser feita de qualquer forma ou por qualquer pessoa. Roupa trocada, os portadores das guias são autorizados a entrar. Dali a pouco, o Gigante estará pronto para aguardar o grande momento da noite.

Até quatro anos atrás, a troca de roupa era feita pontualmente às seis horas da noite. Mas com a chegada da Rede Globo de Televisão para fazer a cobertura, foi necessário fazer a escolha entre manter o ritual restrito a poucas e profundamente envolvidas pessoas ou manter a tradição do horário. Agora, no começo da noite, os fios e cabos precisam ser ligados dentro da sede e os repórteres devem estar a postos para entrar ao vivo durante o telejornal local, NETV Segunda Edição. O Calunga abriu as portas de casa aos olhos atentos da TV. A essa altura o Gigante está coberto e protegido por uma cortina para não ter o seu traje revelado. Não foi apenas isso que mudou com a chegada da Globo. O presidente da agremiação há catorze anos tem uma postura bastante diferente da do seu pai, que presidiu a agremiação durante uma década. Nos últimos anos, a emissora passou a transmitir *flashes* ao vivo para todo o país e fazer a cobertura do desfile completo por meio da Rede Globo Nordeste e da Globo News. Para isso, foi montada uma estrutura em frente à sede.

Há pouco mais de uma década isso seria impensável. Tércio Botelho, ex-presidente da agremiação e pai do atual presidente, é considerado pelo filho como um homem idealista e radical, que conduzia o bloco com a força de um coronel. Ficava indignado com quem chamassem o Calunga de boneco, chegou a fechar a porta da sede na cara de um prefeito da cidade e, por considerar a rede Globo o grande mal da humanidade, chegou a puxar o cabo que alguém havia permitido que fosse ligado numa tomada dentro da sede, deixando os técnicos da emissora sem fonte de energia para transmitir uma matéria sobre o clube.

Após a morte do pai, ao assumir o cargo de presidente do clube, Luiz Adolpho afirma que refletiu: “*ou eu ajo como o meu pai, pelo impulso, ou vou ser o Adolpho que eu sou*”. Com admiração, ele afirma que o pai era muito mais belo que ele em suas atitudes, mas considera que levou a agremiação a outro patamar a partir de uma gestão mais profissional. Os dias de hostilidade com a imprensa e com a gestão pública ficaram para trás e atualmente a agremiação convoca coletivas de imprensa, aparece em matérias ao vivo no Jornal Nacional, negocia com o Batalhão de Polícia Militar para aumentar a segurança a cada ano, inscreve-se em prêmios governamentais, entre outras medidas que visam estruturar a agremiação. Numa visão mais profissional e comercial, a atual gestão entende que a essência, a tradição e a mística que o ex-presidente ajudou a alimentar são diferenciais que atribuem valor ao Calunga. Sujeitos como Tércio Botelho são vistos por Giddens, Ulrich e Lash (1997) como guardiões da tradição. Para o autor, esses guardiões:

têm muita importância dentro da tradição porque se acredita que eles são os agentes, ou os mediadores essenciais, de seus poderes causais. Lidam com os mistérios, mas suas habilidades de arcanos provêm mais de seu envolvimento com o poder causal da tradição que do domínio de qualquer

segredo ou conhecimento esotérico. (GIDDENS; ULRICH; LASH, 1997, p. 83)

Os veículos de comunicação, sobretudo a Rede Globo, emissora oficial da saída do clube, reconhecem o potencial da agremiação, que lhe dá a maior audiência do carnaval pernambucano – 18 pontos no Ibope, segundo o presidente da agremiação - e entra no pacote comercial da emissora atraindo patrocinadores. Para o clube, o retorno chega por meio da visibilidade e conseqüente aumento da demanda por camisas e outros produtos que geram receita. Além disso, segundo o presidente da agremiação, a presença da emissora torna a saída do Calunga mais segura, uma vez que para conseguir qualidade na captura de imagens, a rede de TV ilumina o largo do Bonsucesso e reforça o apelo por segurança, já que a gestão pública não deseja que atos de violência sejam veiculados nacionalmente, expondo suas fragilidades e desgastando a imagem do destino turístico.

As novidades fizeram a agremiação tomar proporções ainda maiores, mas a comunidade do Bonsucesso não apoia de forma unânime. Alguns protestam questionando se essa abertura do clube aos meios de comunicação não estaria colocando em risco a tradição. Várias pessoas reclamam que o aparato montado diante da sede compromete a visibilidade dos foliões. Uma parcela da população anfitriã sente seu espaço invadido. Na saída do desfile de 2018, um morador subiu na estrutura montada pela emissora para fazer um protesto.

Sete horas da noite do dia 25 de fevereiro de 2017, o Largo do Bonsucesso enfeitado de verde e branco começa a se preparar para o seu momento alto. Homens, mulheres, crianças, idosos, seguidores do Calunga experientes, marinheiros - piratas, bruxas, palhaços, fantasmas... - de primeira viagem, filhos da terra e visitantes começam a chegar e procuram um bom lugar para ver, ouvir, sentir e viver um dos ritos mais emocionantes do carnaval pernambucano: a saída do Homem da Meia Noite.

Meses antes, as costureiras já se empenharam para confeccionar as fantasias especialmente preparadas para este momento. Pais e avós carregam sobre os ombros crianças e bebês vestidos como miniaturas do Calunga, muita gente usa a camisa oficial da agremiação, outras tantas trajam roupas caprichosamente confeccionadas a partir das cores e inspiradas no modelo da do Calunga. Moças vestem fraques estilizados e encurtados, sobre suas cabeças, tiaras com pequenas cartolas de paetê, rostos caprichosamente maquiados e muito brilho para esperar o galanteador homem de dente de ouro, que altivo conquistou os corações de todos. Aos que saíram de casa exclusivamente para este momento, misturam-se foliões que resistiram ao sol escaldante, ao frevo, ao álcool e à multidão do Galo da Madrugada e saíram direto do centro do Recife para Olinda. Estes não fariam a desfeita de

faltar à festa e sabem que o anfitrião perdoa o estado etílico, as fantasias em farrapos, o suor (próprio e dos outros) que secou nos corpos cansados, que entretanto estão dispostos a seguir o guardião da chave do carnaval em seu trajeto.

Na imagem 27 pode-se visualizar uma mulher arrumando a fantasia de uma criança, que se veste em homenagem ao calunga.



Imagem 27 - Criança fantasiada em homenagem ao Homem da Meia Noite (2018).  
Fonte: Autora, 2018.

Onze e meia da noite, parece não caber mais gente naquele pedaço do Sítio Histórico de Olinda, mas não é só ali que o Calunga é aguardado. A cidade inteira está vestida de expectativa. Casas situadas no percurso do desfile do Gigante estão cheias de fiéis foliões. Alguns deles pagaram caro pelo aluguel dessas casas, outros não vendem nem alugam seus espaços nas janelas por oferta alguma. Nessa noite os moradores recebem dezenas de parentes, amigos, conhecidos, desconhecidos e amigos dos amigos, que disputam um espacinho nas janelas e sacadas das casas tombadas.

O sábado é dedicado aos grandes números do carnaval brasileiro. Enquanto o Galo da Madrugada disputa com o Cordão da Bola Preta para manter o título de bloco carnavalesco

que arrasta o maior número de foliões do mundo, o Homem da Meia Noite é considerado pelos olindenses como incomparável. Enquanto o bloco carioca e o recifense contam com dezenas de trios elétricos com atrações de peso nacional, o Calunga conta basicamente com a companhia de uma orquestra de frevo e um grupo de passistas<sup>34</sup> para arrastar uma multidão que chega a centenas de milhares de pessoas espremidas pelas ruas estreitas, tortuosas e enladeiradas da Cidade Monumento. Nas palavras do presidente da agremiação:

*A gente sai com uma orquestra com uma multidão que o corpo de Bombeiros diz que é trezentos mil, mas a gente acredita que hoje já ultrapassa quinhentas ou seiscentas mil pessoas. A orquestra some e a gente vê as pessoas caminhando atrás, como se estivessem caminhando atrás de um santo. Na sede do Homem da Meia Noite tem gente que entra e faz oração pedindo proteção a ele. Quando ele sai você vê o brilho no olhar das pessoas. De criança a idoso chorando copiosamente, se benzem. Você vê policial emocionado (Luiz Adolpho, 2018).*

Faltam alguns segundos para a meia noite. Fogos, chuva de papel picado, som dos clarins. Gestos provocadores de emoção. O lugar também é carregado de significado. A casa do Calunga fica em frente à Igreja do Rosário dos Homens Pretos, considerada a mais mística da cidade e ponto de chegada do cortejo da Noite dos Tambores Silenciosos de Olinda.

Tempo rigorosamente marcado. Dia, hora, minuto, segundo, tudo colabora com a construção de uma atmosfera de expectativa. Dois símbolos surgem: o relógio e a chave gigante. Enquanto aquele remete ao papel de guardião do carnaval, responsável pelo rito de passagem para os dias de folia, esta se vincula a uma de suas possíveis origens, ao seu nome e ao horário que ele sai. A multidão entra num transe coletivo, que vincula todas as gerações. Lugar, tempo, símbolos, aspecto coletivo, gestos solenes apropriados para provocar emoção, o estabelecimento de um laço entre gerações através da lembrança, todos os elementos apontados por Segalen (2002) como essenciais numa definição antropológica de ritual estão ali presentes.

O relógio marca meia noite, a porta se abre, o Gigante aparece. Choro, sinal da cruz, gritos, orações, reações apaixonadas. Enquanto a orquestra toca o hino “Lá vem o Homem da Meia Noite. Vem pelas ruas a passear. A fantasia é verde e branca, para animar o carnaval”, uma boa parte dos foliões entoa um hino alternativo “Ih, fudeu! O Homem apareceu!”.

---

<sup>34</sup> Passistas são aqueles que dançam o passo do frevo. Seu movimento geralmente acompanha os trompetes, trombones e saxofones das orquestras de frevo (BARBOSA, 2016).

Certamente a origem dessa nem tão elegante manifestação remete ao sufoco e à violência que aparecem junto com o Homem, mas as brigas e o aperto não impedem que a multidão cresça a cada ano.

Na imagem 28, o momento da saída do Homem da Meia Noite:



Imagem 28 - Saída do Homem da Meia Noite.  
Fonte: Marlon Costa / Pernambuco Press, 2018.

Ao longo de sua história, as saídas do Calunga foram marcadas pela paixão, pela violência, pela mística, pela tradição, pela sensação de pertencimento dos olindenses, pela curiosidade dos visitantes e pelo medo. Anfitrião cuidadoso, acolhe com um largo sorriso e cumprimenta elegantemente a todos. Mas no *continuum* que marca a tênue divisão entre hospitalidade, hostilidade e inospitalidade, nem sempre os que vão prestigiar o Calunga são protegidos dos riscos. Alguns, talvez muitos, não sobreviveram. Não se sabe ao certo quantos acertos de contas aconteceram em seu desfile. O Calunga que ganhou seu primeiro sopro de vida no dia dois de fevereiro, sob as bênçãos de Iemanjá, segue envolto em mistérios.

O que se sabe é que ele possui uma réplica. Quem é de fato seguidor apaixonado reconhece os olhos azuis do original e sabe que ele só sai de casa uma vez por ano. Um dos seus diretores conta que ele abriu duas exceções. Uma delas para comemorar seus oitenta anos, revivendo os carnavais em que podia sair acompanhado por grandes carros alegóricos que renderam à agremiação o título de Clube de Alegorias e Crítica. A outra foi quando ele foi ao Palácio do Campo das Princesas para receber das mãos do governador Eduardo Campos a Medalha dos Guararapes, maior honraria concedida pelo governo pernambucano.

Meia noite e dez minutos, multidão eufórica, provavelmente os minutos passados e os próximos são os momentos mais importantes do ano para muitas pessoas do bairro do Bonsucesso, o Calunga caminha para o lado direito, cumprimentando os moradores da comunidade onde mora, depois volta, passa mais uma vez em frente à sede e segue pelas ladeiras da Cidade Alta. Percorre as ruas carregado por Pedro Garrido, que dá movimento ao Gigante há 29 anos, sendo o sucessor do bonequeiro Cidinho, que carregou os 49 quilos durante 57 anos. Provavelmente o peso parece ser muito maior devido ao vento, ao esforço para subir ladeiras e à presença da multidão ao redor do homem de 3,50 metros. Para a missão hercúlea, o carregador oficial conta com outros dois carregadores, com quem divide a missão ao longo das mais de quatro horas de percurso.

Pouco depois das três da madrugada – a esta altura a exatidão das horas se esvaiu diante da inexatidão do ritmo do desfile – o Clube de Alegoria e Crítica O Homem da Meia Noite chega à sede da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, agremiação da qual é dissidente. Em tese, a rivalidade entre os dois ficou para trás. Assistir atentamente ao encontro é presenciar um dos ritos mais potentes do carnaval olindense. Foliões exaustos, considerados por outros foliões menos dispostos como heróis da resistência orgulham-se de ter conseguido manter-se firmes depois de um sábado inteiro de brincadeira até as 3h ou 4h da manhã do domingo para presenciar o encontro. Os representantes de dois dos bairros mais populares do Sítio Histórico, Bonsucesso e Guadalupe, protagonizam o gesto simbólico que tradicionalmente abre o carnaval da cidade.

Na imagem 29 pode-se ver na fachada da sede da troça a presença do estandarte e da chave, símbolos do Cariri Olindense.



hino da sua agremiação “Lá vem Cariri ali, com saco de pegar criança, pegando menino e moça, pegando tudo o que a vista alcança”.

Entre as regras da casa, só podem ultrapassar a soleira da sede do Cariri no dia do desfile membros da diretoria, convidados e outras pessoas da comunidade que estiverem trajando a camisa da agremiação, mas um casal de advogados conhecidos e queridos pelos membros da agremiação, que estavam em companhia da autora desta tese, foi autorizado a entrar sem a peça. O homem trabalhou como voluntário no processo que transformou a agremiação em Patrimônio Vivo de Pernambuco, feito que gerou para o Clube uma receita mensal de R\$ 3.200,00 (valor atualizado para 2019). Após alguns instantes dentro da sede, membros da troça observaram que o advogado estava vestindo a camisa do dissidente, Homem da Meia Noite, e imediatamente pediram que ele se retirasse. Sobre isso, pode-se refletir que não há hospitalidade sem finitude. “A soberania só pode ser exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto, excluindo e praticando-se violência” (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 49). Há um limiar do direito à hospitalidade.

Ouvidos atentos à rivalidade entre as agremiações não deixam passar despercebidas frases como: “*A gente está com duas orquestras. O Homem passou com uma só*”. “*As fantasias dos nossos passistas dão de mil a zero nessas*”.

O impacto do carnaval na autoestima da comunidade fica explícito nos olhares apaixonados e palavras que enaltecem a troça de maior relevo da comunidade: “*As fantasias desse ano estão muito bonitas!*”. Se durante o resto do ano a comunidade sofre com contingências, como constante falta d’água e ruas esburacadas, nos dias de carnaval morar ali é um privilégio. “*Dá licença! A gente mora aqui. Vocês podem sair dessa calçada porque quem vai ficar aí na saída do Cariri é a gente*”. Juntamente com duas amigas, saímos sem questionar, uma falou baixinho comigo sobre ter se sentido hostilizada, a outra lamentou ter perdido o espaço na calçada alta e bem posicionada, mas comentou: “*a calçada é deles mesmo*”. A busca pela compreensão das fronteiras entre o público e o não-público, o dentro e o fora, a casa e a rua e sua relação com a hospitalidade remete ao pensamento de Derrida que afirma em entrevista a Dufourmantelle (2003) que uma reflexão sobre a hospitalidade pressupõe a possibilidade de uma delimitação rigorosa das soleiras ou fronteiras e, antes disso, entre o público e o privado. Tal questão traz em si um nível de complexidade que causa a dificuldade de saber até que ponto a dona da casa tem direito de expulsar os foliões da calçada diante da sua porta.

Já passa das quatro horas da madrugada do domingo, o Gigante chega de volta ao Largo do Bonsucesso. Virado de frente para os seus apaixonados seguidores, se recolhe. O Homem da Meia Noite não é um mero boneco. Calungas não dão as costas.

### 3.3 Prévias - “carnaval só são três dias”?

Período anual de festas profanas, originado na Antiguidade e recuperado pelo cristianismo, o carnaval começava no dia de Reis (Epifania) e acabava na Quarta-Feira de Cinzas, às vésperas da Quaresma, constituindo-se de festejos populares provenientes de ritos e costumes pagãos e caracterizando-se pela liberdade de expressão. O dia de culminância da festa ficou conhecido como terça-feira gorda - em francês, *mardi gras* – por ser a data em que historicamente os cristãos se despediam da carne para nos quarenta dias seguintes jejuar, fazer penitências e se preparar para a Páscoa. O nome da festa se origina do fato desta anteceder a Quarta-Feira de Cinzas “dia em que se inicia a abstinência de carne exigida na Quaresma”, do latim clássico *\*carnem levāre*, *\*carne levare* no sentido de ‘abstenção de carne’”. Nos dias atuais, carnaval passou a se referir ao “período de três dias anteriores à Quarta-Feira de Cinzas, dedicado a festejos, bailes, desfiles e folguedos populares” (CARNAVAL, 2020). Em Olinda, no entanto, nos dias atuais, o carnaval não está circunscrito a esses dias.

Muitas mudanças aconteceram no carnaval olindense desde 1931, quando dissidentes do Cariri resolveram se adiantar e sair pelas ruas do Sítio Histórico de Olinda à meia noite entre o Sábado de Zé Pereira e o domingo, para que o seu Homem da Meia Noite saísse à frente da troça que lhe deu origem e passasse a abrir o carnaval da cidade.

Fica a pergunta: atualmente, em que momento começa o carnaval Olindense? À meia noite do sábado, quando o primeiro e mais prestigiado gigante sai de casa para desfilar? No simbólico momento do encontro das chaves do Homem da Meia Noite e do Cariri? Algumas das maiores e mais prestigiadas agremiações circulam pela cidade repleta de foliões durante o dia inteiro no Sábado de Zé Pereira. Mas será que é nesse dia que o carnaval olindense começa?

Nos últimos anos, tem se realizado uma solenidade que conta com a presença de políticos e artistas na noite da quinta-feira que antecede o Sábado de Zé Pereira e abre o carnaval olindense. A partir daí até a noite da Quarta-Feira de Cinzas, oficialmente, é carnaval na cidade.

Mas, antes disso, no dia seis de janeiro - Dia de Reis – em alguns pontos da cidade acontecem festejos que marcam o encerramento do ciclo natalino e a abertura do ciclo carnavalesco. Na praça do Carmo, a apresentação de folguedos ligados aos festejos natalinos,

como pastoris, antecede a Queima da Lapinha. Das lapinhas, também conhecidas como presépios, são retiradas as imagens dos Reis Magos, Nossa Senhora, São José, menino Jesus e animais. O que resta do estábulo que representa o local do nascimento de Cristo é levado às chamas e sobre as suas cinzas inicia-se o ciclo cultural carnavalesco, ao som do frevo que embala passistas e foliões diversos. No mesmo dia, num bairro de Olinda chamado Cidade Tabajara, acontece um encontro de cavalos marinhos, que marca a transição entre os ciclos natalino e carnavalesco, conforme pode-se observar na imagem 30.



Imagem 30 - Apresentação de Cavalo Marinho na Casa da Rabeca, Cidade Tabajara (2018).  
Fonte: Autora, 2018.

A partir daí, começa a contagem regressiva para os dias de Momo. Muitas agremiações realizam acertos de marcha e ensaios abertos, a presença de foliões usando fantasias, adereços e farta maquiagem aumenta conforme o carnaval se aproxima. A imagem 32 exibe o cortejo do Boi da Macuca, realizado no dia 19 de janeiro de 2018 no Sítio Histórico. A orquestra da agremiação executa xote, baião e forró em ritmo de frevo e é seguida por uma multidão.



Imagem 31 - Desfile do Boi da Macuca nas prévias carnavalescas de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Seria no Dia de Reis, então, o início dos festejos ligados ao carnaval na cidade?

Na fase exploratória da pesquisa de campo para a elaboração desta tese, o primeiro morador procurado reagiu ao convite para falar sobre a sua relação com o carnaval olindense com a frase: “*A melhor coisa do carnaval é que quando ele chega a gente sabe que já está perto de acabar*”. A fala dele destaca a sensação que viria a ser percebida na fala de outros moradores da Cidade Alta. Para eles, o carnaval e tudo o que ele representa não se restringe aos dias oficiais de folia e isso pode ser exaustivo a ponto de alguns sentirem alívio quando o carnaval acaba por saberem que isso significa alguns meses de paz.

Após a Quarta-Feira de Cinzas, as ruas são tomadas mais uma vez pela folia para comemorar o aniversário da cidade, no dia doze de março, e depois disso certa calma faz com que o verso da música de Alceu Valença (1985) faça relativo sentido: “*Olinda, tens a paz dos mosteiros da Índia*” (VALENÇA, 1985). Mas, meses depois, mais precisamente no feriado de sete de setembro é dada a largada para os ensaios abertos e acertos de marcha das principais agremiações. Anualmente, a Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos é a primeira a convocar os foliões para irem às ruas acompanhando a sua orquestra, como comprova a imagem 33, a partir daí as ruas do Sítio Histórico voltam a se encher de foliões, sobretudo, mas não apenas aos domingos.



Imagem 32 – Visão do Sítio Histórico de Olinda após o término da folia.  
Fonte: Autora, 2007.



Imagem 33 – Anúncio da primeira prévia da TCM Pitombeira dos Quatro Cantos de 2019.  
Fonte: Instagram da agremiação, 2019.

O volume do público que frequenta as prévias carnavalescas varia de acordo com fatores como o dia em que estas acontecem e a popularidade das agremiações envolvidas. Como fica evidente na imagem 34, prévias como a do dia sete de setembro arrastam uma multidão pelas ruas do Sítio Histórico.



Imagem 34 – Acerto de marcha da TCM Pitombeira dos Quatro Cantos em 7 de setembro de 2019.  
Fonte: Autora, 2019.

Isso não significa que de doze de março a sete de setembro não haja manifestações de rua ligadas ao ciclo carnavalesco. Como será apresentado adiante, aproximadamente dois meses após o carnaval de um ano, as agremiações iniciam ensaios abertos para o carnaval do ano seguinte. Além disso, a cada ano é possível perceber que festividades diversas da Cidade Alta passaram a incorporar e imprimir características carnavalescas, como se pode conferir na imagem 35, que apresenta um registro da tarde de São João de 2019 no Sítio Histórico. Na ocasião, diversas orquestras de frevo desfilaram executando um repertório que incluía ritmos relacionados aos ciclos junino e carnavalesco. O público ora caía no passo do frevo, ora cantava e dançava canções de Luiz Gonzaga e outros artistas típicos dessa época do ano. Os bonecos gigantes trajavam figurino especialmente preparado para o momento, incluindo chapéus de palha, vestidos de chita, faixas de rainha e rei do milho, entre outros.



Imagem 35 – Concentração de bonecos gigantes no Guadalupe para desfile junino no dia 24 de junho de 2019.  
Fonte: Autora, 2019.

Essa festa soma-se a outros festejos juninos já consolidados na Cidade Alta, como os festejos religiosos e as celebrações profanas, a exemplo da palhoça da Rua da Palha, onde olindenses e visitantes juntam-se para dançar forró, coco e outros ritmos. Entre as comemorações católicas, destaca-se a procissão da Bandeira de São João (imagem 36), que culmina na missa dedicada ao santo na igreja que leva o seu nome e se situa também no bairro do Guadalupe, no mesmo horário e a poucos metros da festa dos bonecos gigantes. Há também o Acorda Povo, que sincretiza santidades das religiões católica, de matriz africana e indígena e segue em cortejo pelas ruas do Sítio Histórico de Olinda, entre o Palácio de Iemanjá, localizado no Alto da Sé, e o terreiro de Jurema Sagrada - Casa das Matas do Reis Malunguinho, no bairro do Amparo, louvando São João e Xangô. A festa termina com a apresentação de vários grupos de coco.



Imagem 36 – Procissão da Bandeira de São João, no Guadalupe, no dia 24 de junho de 2019.  
Fonte: Autora, 2019.

### 3.4 Grupo Recreativo Hedonista Irreverente de Amigos Percussivos

Carrego pra onde vou o peso do meu som lotando minha bagagem  
Meu maracatu pesa uma tonelada de surdez e pede passagem  
Meu maracatu pesa uma tonelada!  
(LIRA, 2002).

O Grupo Recreativo Hedonista Irreverente de Amigos Percussivos (Grheia-PE), chamado pelos seus membros simplesmente de Grheia, surgiu a partir da vontade de um grupo de aproximadamente oito pessoas que integravam outro grupo percussivo e queriam ter a liberdade de tocar músicas diferentes e de curtir um domingo mais tranquilo, já que, segundo uma de suas diretoras, Mônica, a agremiação anterior tinha problemas que os incomodavam – alcoolismo do mestre, muita confusão e desrespeito aos horários. Então, os dissidentes criaram outro grupo percussivo. É comum que agremiações surjam a partir de fissuras e dissidências de grupos mais tradicionais. O perfil de liderança e a necessidade de controlar a situação também estimula que alguns desejem fundar sua própria agremiação, como se pode conferir na fala de uma das diretoras:

*Eu acho válido porque eu detenho o controle das coisas no sentido de saber que a coisa vai funcionar. Ninguém vai esquecer porque está tudo aqui [os instrumentos são guardados na casa dela], a gente não vai perder tempo ou*

*atrasar porque eu sei que eu sou de cumprir o horário, então eu vou estar aqui, presente no horário marcado (Mônica, 2019).*

Dessa forma, além de os grupos se multiplicarem, as novas gerações encontram espaço. “*Para mim, como mãe, teve uma importância tamanha porque abriu as portas da música para o meu filho, além de ter inserido ele nessa coisa da cultura, já que a gente vive num estado riquíssimo nesse assunto*”, afirma a diretora (Mônica, 2019).

Esse grupo percussivo é composto por pessoas de classe média que procuraram a agremiação por motivos diversos, como será visto adiante. Essas pessoas reúnem-se todos os domingos a partir de abril para ensaiar para dois dias de apresentação no carnaval: domingo e segunda-feira, das 10h às 14h. Os ensaios intensificam-se a partir de setembro, passando a acontecer também nas quartas-feiras à noite, sob a justificativa de que a grande festa para a qual o grupo se prepara durante o ano inteiro se aproxima. Em mensagem enviada para o grupo do *WhatsApp* no dia 28 de setembro de 2019, uma diretora afirmou: “[...] *carnaval tá na porta! Bora se dedicar!*”. De setembro a novembro, nem todos os integrantes vão nas quartas-feiras, apenas os novatos e os que apresentam maiores dificuldades na execução dos toques e precisam se aprimorar para acompanhar o grupo, além de alguns batuqueiros mais experientes, que ajudam os que têm dificuldades. A partir de dezembro, todos os integrantes precisam participar das oficinas e ensaios todas as quartas e domingos, salvo em situações em que apresentem forte justificativa.

O quadro 1 sistematiza o perfil dos integrantes do grupo:

Identificação	Ocupação	Idade	Número de carnavais no grupo (incluindo 2020)	Relação com outros membros do grupo
1	Estudante	16	1	Namorado de 37
2	Empresária	34	4	Prima de 31 Trabalha com 32
3	Assessor operacional	43	1	Marido de 36 Padrasto de 13 Irmão de 8 Cunhado de 11 Tio de 22
4	Instrutor do Senac	45	3	Pai de 33
5	Psicólogo	33	1	Marido de 26
6	Técnico em eletrônica e professor de manutenção de <i>smartphone</i>	23	4	
7	Gerente comercial	33	5	Esposa de 10
8	Empresário	46	2	Marido de 11 Pai de 22 Irmão de 3 Cunhado de 36
9	Artista plástica	44	2	Mãe de 32
10	Supervisor de TI	33	4	Marido de 7

11	Atriz e maquiadora	41	2	Esposa de 8 Madrasta de 22 Cunhada de 3
12	Estudante	13	4	
13	Estudante	17	1	Enteada de 3 Filha de 36
14	Bacharel em Direito	30	5	Irmã de 23
15	Empresário	40	1	Marido de 24
16	Estudante	18	1	
17	Professor	37	2	Marido de 19 Pai de 29
18	Estudante	20	2	Namorada de 33
19	Bióloga	37	2	Esposa de 17 Mãe de 29
20	Turismóloga e Estudante	41	1	
21	Professora	32	2	Sobrinha de
22	Estudante	16	2	Filha de 8 Enteada de 11 Sobrinha de 3 Namorada de 38
23	Biomédica	21	4	Irmã de 14
24	Gerente geral	35	1	Esposa de 15
25	Técnico de áudio	56	1	
26	Cabeleireira	30	1	Esposa de 5
27	Dentista	40	5	Mãe de 38
28	Professora			
29	Estudante	8	2	Filho de 17 Filho de 19
30	Consultor de TI	43	1	
31	Estilista	25	4	Primo de
32	Vendedora	24	2	Filha de 9 Trabalha com 2
33	Estudante	21	3	Filha de 4 Namorada de 18
34	Analista acadêmica	32	5	
35	Estudante	43	1	
36	Bancária	39	1	Esposa de 3 Mãe de 13 Cunhada de 8
37	Estudante	15	1	Namorada de 1
38	Estudante	16	4	Filho de 27 Namorado de 22

Quadro 1: Perfil dos integrantes do Grheia-PE  
Elaboração da autora

Como é possível observar no quadro acima, há uma forte relação, inclusive parental, entre os membros do grupo, elemento conformador de uma comunidade, sendo poucos os casos de integrantes sem relações identificadas. Os batuqueiros são em sua maioria jovens e é incentivada a chegada de novos membros nas fases infantil e juvenil. Filhos de batuqueiros que frequentemente assistem aos ensaios são convidados e há isenção da ajuda de custo de R\$10,00 que os demais membros pagam, já que as crianças e adolescentes não possuem renda. Dos atuais 38 membros, 17 são homens e 21 mulheres; as ocupações são bastante diversificadas, com predominância de estudantes e profissionais liberais.

Nos domingos, as atividades dividem-se em dois momentos: das 14h às 15h30 acontecem oficinas para que os batuqueiros aprendam os toques e das 15h30 às 17h30 ocorre o ensaio aberto. A sede do Grheia-PE localiza-se no Alto da Sé, área privilegiada por sua vista panorâmica e um dos pontos turísticos mais concorridos da cidade, sobretudo aos domingos.

Os ensaios costumam ser prestigiados por turistas e outros visitantes que frequentam o Alto da Sé nas tardes de domingo, como se pode observar na imagem 37:



Imagem 37 - Ensaio do Grheia em janeiro de 2020.  
Fonte: Marco Antônio Gomes dos Santos, 2020.

Os ensaios abertos do grupo, que em 2020 realizou o seu quinto carnaval, passaram a ser um atrativo para os visitantes do Alto da Sé nas tardes de domingo. Enquanto os batuqueiros aprimoram a execução dos baques, turistas e moradores que passeiam por ali dançam, filmam e fotografam. As *selfies* são frequentes e diversos guias e condutores de turismo da cidade levam grupos para assistir às apresentações. Por vezes, algum batuqueiro se queixa da falta de bom senso de um ou outro turista que na busca por um bom ângulo para a foto passa no meio do grupo, atrapalhando o ensaio e se arriscando a levar uma baquetada, uma vez que os instrumentos são tocados com vigor. “*Já pensou se uma criança dessas se machuca?*”, falou uma batuqueira, demonstrando essa preocupação. Pitt-Rivers (2012) ilustra o fato de os papeis de hóspede e anfitrião possuírem limites territoriais e recorre ao costume de mostrar a porta a um hóspede, ressaltando que ao mesmo tempo em que o anfitrião demonstra preocupação com o bem-estar do hóspede, define com precisão onde a sua responsabilidade acaba.

Na determinação dos lugares onde os batuqueiros se posicionam durante as apresentações, os homens são dispostos nas extremidades e as crianças e adolescentes são posicionados no centro, evidenciando o cuidado com a sua proteção física, uma vez que nos dois dias de apresentação no carnaval aglomera-se uma multidão que tende a espremer os músicos. Alguns afirmam que diante de situações extremas passam a tocar de forma mais vigorosa, abrindo mais os braços e se defendendo de quem invade o seu espaço. Como diria Godbout (1997), quando se recebe alguém que é caro, a presença do hóspede é um presente. Entretanto, receber (hóspedes) talvez seja o mais difícil dos dons para o doador e para o receptor. Mas, de modo geral, a relação entre os batuqueiros anfitriões e público visitante é boa. Estes aproveitam a possibilidade de vivenciar a cultura carnavalesca durante o ano quase inteiro nos ensaios abertos e aqueles sentem-se prestigiados pela presença e pelos aplausos de quem comparece aos ensaios abertos e às apresentações durante o carnaval.

O que se percebe é que o Grheia se torna um dos principais grupos sociais para os seus membros. Escolher passar praticamente todas as tardes de domingo do ano com os companheiros de batuque, além de sair do trabalho nas quartas-feiras e passar das 19h às 22h se dedicando ao aprendizado dos baques ao lado de outros batuqueiros, não é o suficiente para a maioria dos componentes da agremiação, que marcam atividades de lazer noutros momentos com alguns companheiros de batuque, além de haver situações em que churrascos, por exemplo, ocupam feriados de todos os grheieiros.

As relações hospitaleiras permeiam as vivências do Grheia, não só entre batuqueiros e visitantes do alto da Sé, mas também entre batuqueiros veteranos e ingressantes. A sede do grupo fica na moradia da presidente, que todos chamam de casa verde, e os ensaios acontecem numa praça que fica diante da casa. Os componentes usam os banheiros, guardam os pertences e os instrumentos e circulam pelo interior da casa. Em dias de chuva as atividades acontecem num cômodo destinado à guarda dos materiais do Grheia. Tal fato faz com que o grupo seja composto por pessoas que já chegam com algum tipo de vínculo com ao menos um componente veterano. A seleção de novos membros no início era aberta. Interessados assistiam aos ensaios e ingressavam, mas isso mudou. Nas palavras da diretora:

*Como desde o ano passado houve um crescimento muito grande e como tudo está vinculado ao fato da minha casa estar aberta, eu conversei com o grupo e sugeri - numa sugestão meio que imposta, porque o bom senso fez com que ninguém titubeasse em concordar. Eu disse: 'gente, a minha casa está aberta, então a gente não pode mais sair recebendo todo mundo. A partir de agora a situação só vai ser por indicação'. A gente tem um estatuto do Grheia e no estatuto diz que são até 40 integrantes e a gente já está em 36 pessoas. Então, agora só entram novos componentes através de indicação,*

*porque essa coisa toda se mistura. A gente funciona dentro da casa e a gente precisa manter a segurança* (Mônica, 2019).

Para Pitt-Rivers (2012), o “estrangeiro” é despojado de seu *status* e passa a depender do anfitrião como “patrono”, agente de conexão, intermediário e responsável pelo hóspede aos olhos da comunidade. Para o autor, o “estrangeiro” é visto como sempre potencialmente hostil. A lei da hospitalidade está, portanto, fundada na ambivalência, impondo ordem por meio de um apelo ao sagrado, fazendo com que o desconhecido torne-se conhecido e substituindo o conflito pela honra recíproca. Apesar de não eliminar o conflito por completo, a hospitalidade o coloca em suspensão e proíbe a sua expressão.

O fato de conhecer a presidente da agremiação desde a infância favoreceu o acesso da pesquisadora, ainda que as duas tenham tido o contato suspenso durante décadas. É importante observar que sempre que alguém é privilegiado no acolhimento, outros sujeitos são excluídos e esses que não são aceitos, ainda que pelos motivos mais justos, passam por situações inóspitas ou hostis.

Nos primeiros três meses, a novata passou a compor um grupo de iniciantes que os veteranos chamam de jardim (em alusão ao jardim da infância). Os componentes do jardim participam de oficinas e em alguns momentos tocam junto aos mais experientes. Depois de assimilar os principais toques, os novatos passam a ensaiar o tempo inteiro com os demais batuqueiros. Van Gennep (2011) ressalta que ao entrar em qualquer grupo, o forasteiro costuma ser testado de alguma forma. As provas servem como ritos de incorporação, ritos de passagem, através dos quais há uma mudança de *status*, o *status* de estrangeiro é abandonado e o de membro da comunidade é adquirido.

Após ser integrada ao grupo, em setembro do mesmo ano, a autora/batuqueira foi procurada pelo marido de uma amiga, que postulava uma vaga de batuqueiro. O homem, português e profundo admirador da cultura pernambucana, tinha vínculo superficial com a amiga da esposa, mas foi indicado e imediatamente acolhido por todos os integrantes, que buscaram nele características em comum com alguns dos demais membros. Logo, ele deixou de ser “o português trazido por Lad” e passou a ser mais um dos palhaços do grupo dos meninos cheios de piadas, um dos componentes do grupo dos rapazes da informática, um dos moradores do “país Várzea”<sup>36</sup>. Assim, aos poucos ele atravessou a soleira, deixando de ter a sua identidade vinculada especificamente à sua patrona, tendo sua alteridade reconhecida e passando a integrar e ter a sua identidade vinculada ao grupo como um todo.

---

<sup>36</sup> A Várzea é um bairro do Recife onde ele e outra meia dúzia de grheieiros moram.

Nas fichas preenchidas pelos batuqueiros, que se tratam como grheiros, há, entre outras, a seguinte pergunta: “Por que tocar no Grheia?” As respostas de alguns indicam que o acolhimento de novos membros é essencial para os novos integrantes:

"Porque me identifico, me senti acolhida e o meu coração bateu mais forte”;

"Porque me sinto bem no grupo e acolhida”;

“Grupo acolhedor, pessoas maravilhosas”;

“Adoro o som, adorei o grupo, todos se ajudam e todos buscam essencialmente se divertir. Além disso, tocar é ótimo para destilar o estresse do dia a dia”.

Organização e comprometimento também são fatores importantes na escolha da agremiação por parte de alguns membros, como pode-se conferir nas respostas abaixo:

"Os componentes, a organização e a energia despertaram em mim o desejo de ser uma percussionista”;

"Pela organização do grupo e os componentes”;

"Se mostrou muito alegre e comprometido com o que faz”.

Fatores subjetivos, como atmosfera e energia também foram citados:

“Atmosfera contagiante com pessoas especiais”;

"Percebi uma energia boa no grupo e sempre tive vontade de mergulhar no batuque”;

"Porque é um grupo lindo e muito cativante”;

"Porque é massa!”;

"Energia positiva”;

"Porque fiquei encantada com a ótima *vibe* e com as pessoas incríveis”;

"Porque o Grheia é *top*”;

"Por amor”;

“Porque ‘ingual’ não tem!”;

"Porque me proporcionará uma experiência inédita e principalmente porque o Grheia é massa”.

Alguns demonstram que já nutriam a vontade de participar do grupo percussivo e aproveitaram a oportunidade:

"Estou namorando o Grheia há mais de 1 ano, agora chegou a hora”;

"Sonho”;

"Privilégio em aprender com quem sabe”.

A interação social e a busca por divertimento também foram mencionadas:

"Aprender a tocar um instrumento e como momento de lazer entre amigos”;

"Para me divertir, aprender algo novo e fazer amigos”;

"Pela diversão";

"Porque traz alegria (não só para mim)";

"Me envolvi".

A localização geográfica também foi citada:

"Além de ser na minha cidade, é um grupo que me identifico muito".

É comum entre os integrantes de grupos como esse, bem como entre aqueles que buscam casas para alugar coletivamente, a presença de pessoas que procuraram essas situações em momentos de crise, como separações ou enfrentamento de depressão. Em entrevista, a grheieira Daniela (2019) relatou o que a impulsionou a tornar-se batuqueira. Em 2018, enfrentando um processo difícil e extenso de separação, ela afirma que pensou: *"Eu preciso fazer alguma coisa que me dê um up, já que eu sempre gostei de estar feliz e alegre"*. A mulher, que nos carnavais saía com o casal de filhos pequenos para o Recife Antigo e para Olinda, relata que ao passar por maracatus se animava e via a sua filha ficar especialmente encantada. Certa vez, a filha disse: *"mainha, um dia eu quero tocar isso aí"*. Nessa época, elas não sabiam sequer o nome da manifestação nem dos instrumentos e chamavam tudo de *"zabumba"*. Passados os anos, as duas acharam que estava na hora de realizar o sonho da menina, que a essa altura já era uma mulher de 23 anos, e encontrar uma alternativa para que a mãe voltasse a se sentir feliz.

Ela e a filha começaram então a pesquisar possibilidades de grupos. Um foi descartado como possibilidade por cobrar valores altos de mensalidade já que era um grupo famoso; outro foi rejeitado por parecer ser desorganizado; por serem grupos que se apresentam de forma itinerante, outros foram preteridos, já que o sol escaldante do período carnavalesco somado às ladeiras da cidade amedrontava as postulantes a batuqueiras. Um dia, por volta do mês de setembro de 2018, mãe e filha estavam passeando pelo Sítio Histórico e, ao chegar no Alto da Sé para comer tapioca, ouviram uma batucada. Observando o ensaio do grupo, as duas ficaram interessadas, apresentaram-se e pediram para participar. As diretoras do grupo pediram que elas voltassem no domingo seguinte. Foram as últimas ingressantes não apadrinhadas.

Sobre o prazer de tocar, a mãe batuqueira afirma: *"Nas primeiras semanas, eu ficava contando os dias para chegar o domingo e naquela ansiedade de tocar, aquela coisa gostosa, aquele movimento de estar naquele meio, junto com aquelas pessoas lindas"*. *"O Grheia me acolheu e acolheu a minha filha muito bem. É um grupo família. Eu senti um abraço de todos quando cheguei"*. A filha, que estava desempregada, logo foi convidada por uma batuqueira

veterana a se tornar vendedora da sua loja e os vínculos de amizade e trabalho foram surgindo e se estreitando.

Sobre a nova família, que a batuqueira afirma ter encontrado no grupo, ela ressalta: *“Realmente eles se cumprimentam na chegada e na saída. Isso é tão gostoso! Coisa que a gente não sente com as pessoas da própria família. E eles passam esse acolhimento, essa coisa gostosa, de estar lá, naquele ambiente turístico que eu gosto muito”*. Quanto à sua relação com a filha, ela afirma que houve um grande avanço:

*Porque quando a gente tem um filho que começa a se sentir maior de idade, ele cria uma coisa de distanciamento da família, da mãe [...] Percebi que depois que a gente entrou, o laço entre nós melhorou muito, a convivência entre nós está sendo fantástica porque são novas experiências [...] ela me aceita ao lado dela, pede a minha opinião. Isso é fantástico! Quando eu vou sem ela é um vazio e tenho certeza de que quando ela vai sem mim ela sente um vazio. A gente começa a virar cúmplices uma da outra (Daniela, 2019).*

A batuqueira revela que passou a ouvir da filha que algumas atividades de lazer deixaram de ter graça sem a presença da mãe. Como está passando por uma fase de afastamento do filho, a mãe sonha que ele ingresse no grupo, até como estratégia de aproximação e fortalecimento da união, para que ele passe a experimentar o que ela e a filha atualmente vivenciam.

*A gente se trocar, a gente sair no domingo juntas [...] Como o Grheia me fez bem e está fazendo bem à minha filha! Eu repito para todos: ‘foi uma mudança de vida depois que eu entrei no Grheia’ Eu comecei a ver a minha vida de outra forma e isso está sendo muito gratificante. Eu estou sentindo valores que eu não sentia antes.*

A importância da agremiação na vida dos seus componentes pode ser vista também em outras situações, como a que aconteceu no dia 19 de outubro de 2019, quando um casal de grheiros realizou o seu enlace matrimonial na laje da casa que sedia o grupo (imagem 38). Por se tratar de um imóvel tombado e com características estruturais que levam a proprietária a temer a superlotação, o número de convidados não poderia ser alto. Dos 61 convidados presentes na celebração, 38 eram do Grheia. Os demais eram basicamente familiares dos noivos e poucos amigos de infância. Perguntada sobre o que motivou a escolha do local e a lista de convidados para um momento tão importante da sua vida, a noiva respondeu:

*Eu sempre tive o sonho de me casar num local diferente [...] e não tinha como o meu casamento não ser no Grheia. Não tinha como não ter aquelas pessoas no meu casamento [...]. Quando eu falei com Mônica [diretora da*

*agremiação] para ser a minha madrinha... Mônica é a semente de tudo aquilo, ela é a alma de tudo aquilo, ela é a mãe acolhedora, mesmo que ela não saiba disso, ela é a mãe de todos [...] manda mil mensagens, e puxa as nossas orelhas, e homenageia cada um, e elogia cada um, e incentiva cada um. E as pessoas que estão ali, se você observar, cada um ajuda os outros, todo mundo se ajuda, todo mundo está ali torcendo um pelo outro, então, assim, por que não chamar aquelas pessoas para o meu casamento? Eu sei que eu tenho 1001 amigos, eu conheço 1001 pessoas, mas as pessoas que estavam ali eram as pessoas para estar no meu casamento, pessoas que faziam parte de uma história muito importante da minha vida, então, se eu disser a você que foi um sofrimento escolher as 61 pessoas, não, não foi um sofrimento. Dúvida eu não tive nenhuma. Digamos que eu fiquei aperreada com algumas pessoas da minha família, porque não ia caber ali. E eu até convidei algumas, mas não foram, porque não se identificam com um grupo percussivo, com um maracatu, porque acham que é relacionado a macumba, não sei o que, lá, lá, lá... essas coisas (Fernanda, 2019).*



Imagem 38 – Casamento de batuqueiros realizado na casa sede do Grheia – PE.  
Fonte: Autora, 2019.

Mas nem tudo são flores. Situações de hostilidade também acontecem entre os membros do grupo. Dos oito fundadores, atualmente apenas duas fazem parte do grupo. Os demais saíram por motivos diversos. Entre os batuqueiros, “*três pessoas foram convidadas a sair por causa do funcionamento, por não ter a ver com o perfil e a proposta do grupo*”, afirmou Mônica (2019).

Para diminuir os desconfortos e facilitar a convivência, o grupo é cheio de regras, que são cobradas à risca pela diretora, fundadora e dona da casa/sede. Familiares e amigos dos batuqueiros não podem entrar na casa, salvo se forem crianças precisando usar o banheiro, as mulheres usam o banheiro de dentro da casa e os homens usam o banheiro do

cômodo/garagem onde ficam armazenados os instrumentos; os homens preenchem uma tabela, marcando um X a cada vez que urinam e só se pode dar descarga após o quinto uso (imagem 39); há divisão das obrigações relacionadas à organização do espaço e conservação dos instrumentos, caixas de som e outros materiais. A presidente repete inúmeras vezes: “*cada um faça a sua parte!*”. Existem funções delegadas aos adolescentes, tarefas sob a responsabilidade das mulheres e o que envolve esforço físico maior é compromisso dos homens. Todos têm que cumprir o acordo de pontualidade, assiduidade, uso do uniforme e dedicação aos estudos. Os mais experientes apadrinham os iniciantes e ajudam no seu aprendizado. Recados com ordens e advertências são afixados em diversas partes da casa, tais como os vistos nas imagens 40 e 41.



Imagem 39 - Controle de descargas no banheiro masculino da casa verde.  
 Fonte: Autora, 2020.

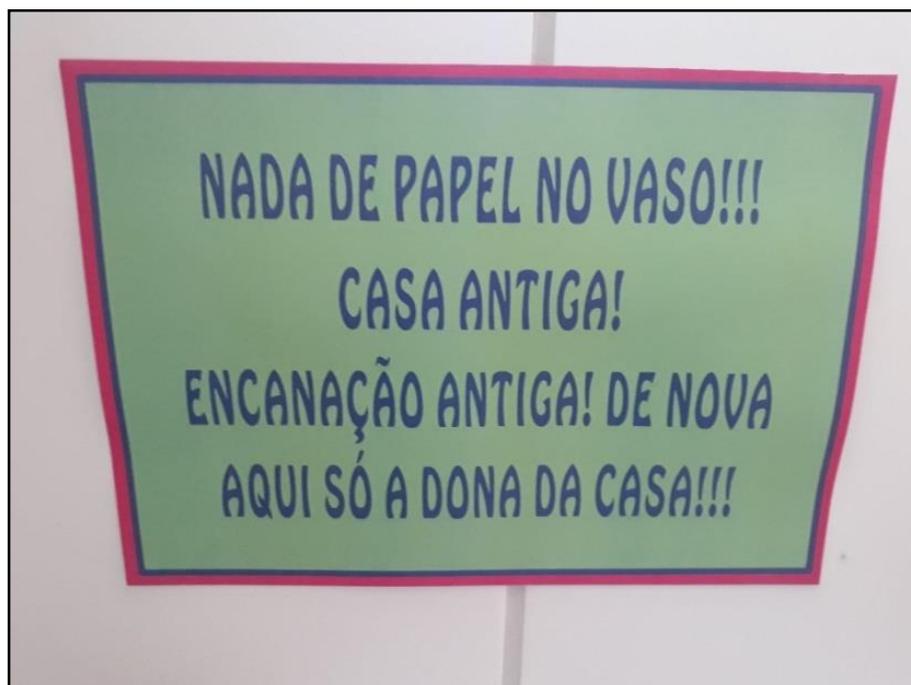


Imagem 40 – Aviso que faz uso do humor e ao mesmo tempo de firmeza para lembrar os frequentadores sobre as regras da casa.

Fonte: Autora, 2020.



Imagem 41 – Aviso sobre as regras da casa, com uso de humor e, ao mesmo tempo, ameaça.

Fonte: Autora, 2020.

A anfitriã da casa/sede, que conduz o grupo com pulso firme, revela:

*Sou filha de militar e convivi com uma mãe extremamente organizada e limpa, então você deve ter noção de como é a minha vida em relação a horário, a organização, de tudo. Existe um lado que vem me favorecendo porque eu venho trabalhando em relação a isso, porque antes do Grheia existir, num aniversário que eu fiz na minha casa eu tive um mini surto, sabe? Porque ele foi todo organizado para acontecer aqui fora, na praça, e choveu e tiveram que entrar. Então, isso me fez muito mal. E com o surgimento do Grheia eu tive que ir me trabalhando para que essa situação não me prejudicasse tanto e para eu me melhorar em relação a isso. Eu fiz terapia uma época e uma das coisas que a terapeuta me disse foi ‘de que adianta a sua casa toda organizada e sem vida?’ Então isso me marcou muito, sabe? Hoje eu consigo lidar melhor com essa situação. Mas eu tenho as minhas dificuldades, que permanecem sendo minhas e eu tenho noção de que chegam ao exagero e eu me trabalho em relação a isso e vem me fazendo melhorar (Mônica, 2019).*

Sobre a forma como o grupo carnavalesco modificou a sua forma de lidar com a hospitalidade em ambiente doméstico ela afirma:

*A coisa acontece toda aqui dentro antes, durante e depois. A gente já teve muitos momentos legais, assim como alguns probleminhas, que fazem parte de toda e qualquer família, todo e qualquer grupo, mas para mim é muito mais prazeroso do que desconfortante. Hoje em dia bem mais, porque a coisa vem acontecendo gradativamente [...] dentro de mim. Essa coisa de receber, de liberar e entender que se sujou é só limpar. São coisas simples para muitos, mas que para mim sempre houve uma dificuldade muito grande porque eu tinha outra vivência na minha cabeça. E hoje em dia isso está ficando cada vez mais claro. Sujou é só limpar! (Mônica, 2019)*

Além da dedicação às oficinas e ensaios por no mínimo três horas e meia por semana, com o objetivo de aprimorar a execução do instrumento e performance em grupo, cobrado pela presidente da agremiação por meio da frase repetida semanalmente “o Grheia não é obrigação, mas é compromisso”, os batuqueiros precisam assistir aos vídeos e ensaiar em casa para diminuir as chances de falha durante o carnaval. Mas o grupo entende que precisa caprichar não apenas nas duas apresentações que acontecem na semana de carnaval, por isso, todos os componentes se apresentam uniformizados nos ensaios abertos.

Além da dedicação de tempo, os membros do grupo precisam fazer investimentos financeiros para manter o Grheia. O grupo não tem fins lucrativos, mas, como não conta com patrocínio e a cartola exposta para quem quiser contribuir com o sustento da agremiação angaria pouco dinheiro semanalmente, cada batuqueiro ingressante paga R\$ 40,00 durante os três primeiros meses e depois desse tempo passa a contribuir com R\$ 10,00 por mês, que os membros da diretoria gastam na aquisição de água, bolachas, biscoitos, esparadrapos para as mãos que ficam calejadas e machucadas pelo uso das baquetas, bolo e refrigerantes para a comemoração dos aniversários do mês, entre outras despesas. Para estimular o ingresso de

crianças e adolescentes e por entender que estes não possuem renda própria, a contribuição mensal só é cobrada aos maiores de 18 anos. A fantasia para o carnaval de 2020 teve um custo extra de R\$ 100,00 por pessoa.

O grupo possui alguns instrumentos, caixas de som, estandarte, entre outros materiais adquiridos com a receita gerada pelas mensalidades e doações extras realizadas pelos próprios membros. Nos últimos anos, a Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire) contratou o Grheia para tocar em prévias e festas privadas. O dinheiro pago pela Instituição foi utilizado para pagar os seguranças contratados para cuidar da sede e para financiar os almoços dos batuqueiros durante os dias de folia.

A preparação para o carnaval de 2021 está sendo atípica em vários aspectos. Sob a pandemia do Novo Coronavírus, que impede os encontros sociais e, portanto, impossibilita os ensaios convencionais, o grupo retomou os ensaios de forma virtual, com o envio de vídeos com as novas músicas pelas líderes e posterior devolução de registros que mostram se os percussionistas estão conseguindo reproduzir os baques a partir dos ensaios em casa. As alfaias são substituídas por braços de sofás, travesseiros, almofadas, pernas..., as baquetas dão a vez a colheres, canetas, canaletas... Para não incomodar os vizinhos com o barulho, cada um faz o que pode. Lençol para abafar o som, batuque contido de dedos nos teclados do computador. Num ano marcado pela incerteza quanto à própria realização da festa, a maior preocupação expressada no grupo de *Whatsapp* diz respeito ao desenvolvimento e disponibilização da vacina antes de fevereiro para garantir a possibilidade de a brincadeira acontecer.

Enquanto isso, em agosto de 2020, Wagner, ambulante que vende pipoca, chiclete, confeito, pirulito cigarro, água, refrigerante e outras coisas do gênero bem ao lado do local de ensaio do Grheia, ao ver a pesquisadora passando por lá, mostrou como o local está vazio nesse período de pandemia num vídeo gravado para ser enviado ao grupo falou:

*[O ensaio] faz falta pra a gente que tem negócio aqui, comércio pra vender. Sem... a gente não faz nada, né? Não ganha dinheiro. O movimento já está desse jeito que está com essa pandemia... [sobre o Grheia] devia voltar, né? Pelo menos pra fazer ensaio no sábado ou domingo. Ia juntar mais turista, né? (Wagner, 2020).*

Os visitantes, que em tempos típicos circulam pelo Sítio Histórico e, ao transitar pelo Alto da Sé, são atraídos pelo som das alfaias, agbês, caixa, timbau, pandeiro, triângulo, agogô, ganzá, gonguê e vocais do grupo, estão em sua maioria distantes até o momento (agosto de 2020).

**"ENTRE CONFETES E SERPENTINAS VENHO TE OFERECER COM ALEGRIA O  
MEU AMOR": A FESTA COMO DÁDIVA**



Imagem 42 - Mesa de frutas preparada na casa de Dona Dá na quarta-feira de Cinzas de 2018  
Fonte: Autora, 2018



**"O samba é bom  
O terno é quente  
Vai muita gente pra casa de Dona Dá"  
(MACIEL SALU)**



#### 4 “ENTRE CONFETES E SERPENTINAS VENHO TE OFERECER COM ALEGRIA O MEU AMOR”<sup>37</sup>: A FESTA COMO DÁDIVA

O samba é bom  
O terno é quente  
Vai muita gente pra casa de Dona Dá  
(SALÚ, 2004).

O carnaval olindense é marcado pela dádiva, presente de inúmeras formas em diversos momentos e espaços. Para que a festa aconteça nas ruas, é necessário o compartilhamento do espaço público e é preciso que a população local acolha quem chega. Há moradores que recebem hóspedes em casa, brincantes que se dedicam a fazer o carnaval, muitas vezes investindo recursos financeiros próprios para colocar as agremiações na rua. Alguns dirigentes e membros de agremiações ocupam partes da casa para guardar fantasias, adereços, instrumentos e até realizar ensaios e reuniões, dedicando tempo, dinheiro, espaço, talento, força física e o que estiver ao seu alcance para construir a festa. O carnaval ocupa espaço prioritário na vida de algumas pessoas, chegando a impactar outras importantes esferas de suas existências. Alguns mencionaram, inclusive, certo nível de conflito doméstico por causa da bagunça na casa, destinação de recursos ou excesso de atenção dada às agremiações em detrimento da família. A respeito disso, um deles confessou: “*a minha mulher dizia que se eu continuasse me dedicando tanto ao clube ela ia me deixar*”. Ao ouvir da pesquisadora a indagação sobre a solução para a questão, ele respondeu: “*ela foi ficando igual a mim e parou de reclamar. Hoje ela é tão dedicada ao clube quanto eu*”.

A imagem 43 mostra a aparente falta de organização causada pela festa na sala de uma casa do Sítio Histórico logo após o fim do carnaval. Nesse período, é comum encontrar colchões, ventiladores, instrumentos musicais, fantasias, adereços, malas de hóspedes e até bonecos gigantes ocupando os diversos cômodos das casas.

---

<sup>37</sup> Fonte: NIGRO; VIEIRA, 1952.



Imagem 43 – Casa no Sítio Histórico na quinta-feira pós carnaval de 2017.  
Fonte: Autora, 2017.

Mas a resignação diante da presença de itens carnavalescos espalhados, a aceitação do barulho e da presença de pessoas entrando e saindo de casa em dias de reuniões, o trabalho de organizar todos os detalhes para a saída durante o carnaval, o desprendimento de dedicar cômodos da casa à guarda de objetos carnavalescos e por vezes à realização de ensaios, a abdicação ao conforto de morar num lugar livre do excesso de objetos em nome da festa é, para algumas pessoas, uma realidade ao longo do ano inteiro. Algumas relatam, inclusive, que consideram que a presença de objetos da folia embeleza a casa e é parte integrante da sua decoração. Nesses casos, o carnaval parece orgânico, integrado ao cotidiano e à organização dos espaços e rotinas dessas pessoas.

A imagem 44 exibe um dos cômodos da casa de uma das diretoras do Grheia-PE, que é dedicado durante o ano inteiro exclusivamente ao grupo. Na ocasião do registro, num sábado de setembro de 2019, alguns integrantes estavam confeccionando adereços para o carnaval de 2020. Os que aparecem na fotografia possuem ocupações diversas – uma dentista, uma bancária, uma estudante, uma vendedora, uma artesã e cozinheira e um assessor

operacional - e dedicavam, então, seu tempo livre à confecção de elementos cênicos para embelezar a si e aos colegas batuqueiros durante o carnaval.



Imagem 44: Integrantes do Grheia-PE confeccionando adereços para o carnaval 2020 em setembro de 2019.  
Fonte: Autora, 2019.

Para Godbout (1999), a dádiva está presente em todas as sociedades e está na totalidade dos aspectos de cada uma delas. O autor afirma que “apesar de todos os bons motivos que teríamos para crer no seu desaparecimento definitivo e inelutável, a dádiva está em toda parte” e vai além, ao garantir que “ainda hoje, nada pode se iniciar ou empreender, crescer e funcionar se não for alimentado pela dádiva” (GODBOUT, 1999, p. 20). Segundo ele, o sistema da dádiva é um sistema social, que diz respeito às relações interpessoais e vai além de um sistema econômico. Assim, o autor conceitua dádiva como “qualquer prestação de bem ou de serviço, sem garantia de retorno, com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre as pessoas” (GODBOUT, 1999, p. 29).

Subir ladeiras sob sol escaldante carregando água para refrescar pessoas desconhecidas durante a folia é um gesto de sacrifício e que requer dedicação ao outro, assim como destinar parte do dia a segurar uma mangueira ou vaporizador para lançar de janelas o precioso líquido sobre pequenas multidões que cantam o frevo “Ai que caloor, ai que caloor, ai que calooooooooooooor oô!”, da música Chuva de Sombrinhas, composta por André Rio, Beto Leal e Nena Queiroga (RIO; LEAL, QUEIROGA, 2000). O carnaval acontece num período especialmente quente do ano. Para aliviar o calor do verão olindense, alguns moradores (ou pessoas hospedadas nas casas), dão banho nos foliões passantes. Isso

por vezes provoca pequenas aglomerações diante dessas casas (imagem 45). Há também quem circule pelas ruas com fantasias que têm esse efeito (essa questão será desenvolvida no capítulo 5, na parte que aborda as fantasias da folia). Algumas agremiações também oferecem banho nos foliões. Um dos instantes mais esperados na saída do Eu Acho é Pouco é justamente o momento do banho de mangueira.



Imagem 45 – Banho para refrescar calor dos foliões da Rua do Bonfim na terça-feira de carnaval de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

“O ‘objeto’ do dom não é, na realidade, o objeto oferecido ou recebido enquanto coisa material, mas seu valor de utilidade, transformado em valor de sacrifício”. Quando ocorre o oferecimento de um presente útil, o rito da dádiva deverá eliminar esse caráter sob pena da oferenda ser transformada em insulto e o vínculo dar lugar à ruptura, esvanecendo o aspecto festivo (NICOLAS, 2002, p. 47).

Partindo da realidade de que na atual configuração do carnaval olindense a demanda supera significativamente a oferta dos mais diversos tipos de serviços, a participação dos moradores tornou-se de fundamental importância, já que estes passaram a suprir as necessidades do público da festa e, mais do que isso, essa dinâmica modificou a configuração do acontecimento, fazendo com que a hospitalidade no espaço doméstico se tornasse uma das principais características e uma importante marca na identidade da festa.

Ao considerar ainda a existência de agremiações compostas total ou parcialmente por pessoas que não são remuneradas para tocar, dançar, apresentar-se trajadas com fantasias, maquiagens e adereços caprichados, inclusive, muitas delas investindo dinheiro, além de

tempo dedicado a ensaios e apresentações, a dádiva, além de marcante, parece ser central na construção da festa.

Segundo Godbout (1999), o sistema da dádiva - por meio do ciclo do dar, receber e retribuir - move as relações e cria, fortalece ou esgarça vínculos sociais. Inúmeras relações entre anfitriões e hóspedes do Sítio Histórico de Olinda durante o carnaval se inscrevem na lógica do sistema da dádiva, que diz respeito às relações interpessoais e vai além de um mero sistema econômico, ainda que o envolva.

#### **4.1 O empurrãozinho para animar a festa - o dom do incentivo**

A festa é protagonizada por todos os foliões, mas algumas pessoas desempenham no carnaval de Olinda papéis de maior destaque, como é o caso de Dona Dá, que chegou a mudar o itinerário e a programação da folia. Jobecilda Airola da Silva, conhecida como Dona Dá, já recebeu diversas homenagens graças à sua devoção à folia. A mulher, que hoje passa dos 80 anos de idade, já foi homenageada pelo carnaval da cidade em 2004 e em 2016 e pelo Homem da Meia Noite em 2011, é tema de música e figura reconhecida e reverenciada pelos apreciadores do carnaval olindense.

Sobre a importância da festa na sua vida, ela afirma: *“minha filha, é tudo, corre no sangue o carnaval. Eu tenho um amigo que diz assim: ‘Ah, Dá, a tua religião é carnaval’. Eu digo ‘sou Católica Apostólica Romana e eclética’ [...] Adoro o carnaval, sou louca por carnaval, quem disser que não gosta de carnaval tá doente”* (Dona Dá, 2018).

Em 1985, essa amante da folia estava inconformada com a pouca movimentação carnavalesca na sua rua, que outrora havia sido palco de brincadeira de boi. *“Há muitos anos, aqui teve o Boi da Boa Hora. Eu não morava aqui, mas existiu, que era de Manuel Borba Filho, mas eu não morava aqui e não sei dizer nada disso”*, afirma Dona Dá (2018).

Ela resolveu, então, buscar apoio dos vizinhos para providenciar e distribuir troféus às agremiações que passassem diante da sua casa, na Rua da Boa Hora. Foi feita uma festa para arrecadar dinheiro para confeccionar os troféus e foram enviados ofícios às agremiações informando que aquelas que passassem pela rua da Boa Hora receberiam a honraria. O gesto surgiu, segundo ela, como estratégia para levar mais animação para a rua e também como forma de agradecer pela alegria que a presença dos brincantes levava para ela e seus vizinhos. À época, raros eram os grupos que circulavam por ali. O volume foi aumentando carnaval após carnaval e a partir do ano 2000 começou a acontecer anualmente, na Quarta-Feira de Cinzas, o Encontro dos Bois, que, como Dona Dá (2018) ressalta com entusiasmo, *“já entrou no roteiro do carnaval de Olinda, já está no roteiro!”*

Além do troféu, que é produzido por artistas pernambucanos (imagem 46), a moradora, seus familiares e vizinhos oferecem vinho, cachaça e frutas aos componentes das agremiações. As bandejas passam entre os foliões e todos podem se servir (imagem 47). Questionada sobre algum tipo de apoio, ela afirma: “às vezes tem, às vezes não, mas os vizinhos [...] a gente se reúne tudinho aqui e sempre tem um jeitinho. Tem ano que a prefeitura vem, mas não posso contar com isso” (Dona Dá, 2018).



Imagem 46 - Troféu entregue por Dona Dá aos brincantes no carnaval de 2018.  
Fonte: Autora, 2018



Imagem 47 – Bandeja de frutas ofertada aos foliões da Rua da Boa Hora, em frente à casa de Dona Dá.  
Fonte: Autora, 2018.

A mulher que ao longo dos últimos 35 anos assiste ao carnaval passar diante de sua porta, para dela receber e a ela render homenagem, afirma ao ser questionada sobre o significado de receber os grupos em sua vida: *“eu fico muito satisfeita, me emociono muito com isso, pelo respeito, pela sinceridade que eles têm comigo, eu acho muito gratificante”* (Dona Dá, 2018). E sobre o que recebe em troca da dedicação, ela diz que tem *“o respeito e o carinho”* dos brincantes e completa afirmando que se sente recompensada: *“vale demais até o reconhecimento. Eu sou conhecida demais da cidade, quer dizer que isso é um reconhecimento”* (Dona Dá, 2018).

No tocante à relação entre hospitalidade e dádiva, Camargo (2015) coloca-se ao lado dos autores que não consideram troca mercantil e não mercantil como oposições binárias, mas como polos de um *continuum* que envolve mercadoria e dádiva. Refletindo sobre a ideia do dever incondicional da hospitalidade, o autor chama atenção para os inúmeros riscos embutidos nessa relação: intrusão, parasitismo e inconveniências do hóspede; inospitalidade, hostilidade, abuso do direito sobre o espaço, sufocamento por excesso de gentilezas ou agressões físicas e psicológicas por parte do anfitrião. Para ele, a solução estaria nos protocolos instituídos pelo anfitrião, que estabeleceriam os limites necessários. Para contrabalançar o sentimento gerado por essas regras, o anfitrião deveria oferecer dádivas.

Ao abordar a importância do ritual da hospitalidade, Camargo (2015) traz as noções de ética e estética para ressaltar que o gesto hospitaleiro bem realizado mistura ideais de bondade e de beleza. Isso inclui postura adequada, escolha certa das palavras, cuidado com as

marcações de tempo e espaço, entre outros detalhes. Defendendo que a cena hospitaleira tem uma estética própria, ele evoca o sentido teatral do termo “cena” e trata anfitrião e hóspede como os principais atores da cena hospitaleira. Esses atores devem seguir marcações precisas de espaço e tempo.

Observando a cena da noite da Quarta-Feira de Cinzas da Rua da Boa Hora, fica clara a importância do gestual. As agremiações saem de pontos diversos, percorrem ruas da cidade e convergem na Rua Treze de Maio, de onde uma por vez desce a ladeira da Boa Hora realizando suas evoluções. Ao chegar diante da casa de Dona Dá, fazem uma breve apresentação, reverenciam a anfitriã com seus estandartes e, por vezes, com loas<sup>38</sup> e palavras de agradecimento à patrona (imagem 48), pausam a apresentação, recebem dela um troféu (imagem 49), ficam ali por alguns instantes, são acolhidos com frutas e bebidas, depois seguem desfilando, enquanto já se aproxima a próxima agremiação.



Imagem 48 – Dona Dá recebendo reverência de uma das agremiações que passam diante da sua casa.  
Fonte: Autora, 2018.

---

<sup>38</sup> Loa é um tema cantado tanto no contexto religioso quanto no profano. É um diálogo entre solista e coro, ou seja, para cada loa cantada existe uma resposta em coro de vozes. Alguns usam o termo “toada” para referir-se à mesma coisa. (BENS INVENTARIADOS, 2012).



Imagem 49 – Dona Dá entregando troféu a uma agremiação diante da sua casa.  
Fonte: Autora, 2018.

Mas as homenagens a Dona Dá não se limitam à Quarta-Feira de Cinzas nem aos bois de carnaval. A imagem 50, por exemplo, mostra uma faixa que rende tributo a ela e se refere à veterana foliã como madrinha de um maracatu.



Imagem 50 – Faixa do Maracatu Nação Camaleão homenageando sua madrinha, Dona Dá.  
Fonte: Autora, 2019.

#### 4.2 A dádiva na festa e suas repercussões – o dom da relação

Haesler (2002, p. 139) ressalta a tripla função da dádiva: classificadora, identificadora e circulatória. Para ele, a relação social da dádiva é a figura genérica de qualquer relação social e, graças à sua complexidade, fragilidade e interioridade, “a dádiva permite-nos reencontrar uma ideia da intersubjetividade, do vínculo social e, finalmente, da sociabilidade”. O autor apresenta ainda outros pontos de vista sobre a dádiva, como o proposto por Boltanski, segundo o qual, em seu estado ágape, a dádiva não pode ser considerada como tal, senão por ausência de contradádiva. A dádiva seria, portanto, além de dissimétrica, unilateral por essência. Assim, como ato único de doação e baseado no reflexo – pré-reflexivo – a dádiva não visaria o vínculo e a síntese social. A partir desse olhar, a dádiva seria um desabafo espontâneo e inexplicável da alma, plenamente gratuito, caso contrário, não passaria de um ardil ou cálculo visando retorno e, portanto, não existiria como dádiva propriamente.

Haesler (2002) aponta ainda que o domínio da dádiva é o da discricção ou até do anonimato e que a exibição do gesto pode anulá-lo, entretanto, na prática, no carnaval de Olinda o que percebemos é que muitas vezes a dádiva é a própria indiscricção. Alguém ou alguma agremiação reconhecidamente importante destacar a relevância e exibir homenagens a outras pessoas ou agremiações pode ser a dádiva em si e isso prescinde de anonimato. Nesse caso, o poder e o prestígio da agremiação que rende homenagens fica ainda maior, uma vez que a dissimetria inerente ao sistema da dádiva coloca o doador em lugar de superioridade (CAILLÉ, 2008). Além disso, a dádiva cumpre a função de estabelecer, manter ou reforçar o vínculo e a síntese social, considerando que a coisa dada não passa de uma espécie de mal menor necessário para atingir esse fim.

A doação ao carnaval é movida por vários fatores pessoais e socioculturais. E, ao que parece, a dádiva viabiliza e move parte significativa da festa há muito tempo. Em seu relato, o presidente do Homem da Meia Noite recorda que no início do bloco, há quase noventa anos, as doações dos moradores do Sítio Histórico sustentavam as suas despesas.

*Os fundadores pegavam um livro de ouro, que foi uma característica muito forte na época em Olinda, as pessoas passavam de casa em casa... eu acho que eu só vejo eles fazendo agora [...] o pessoal das procissões, eles ainda passam com um livrinho de ouro para a gente assinar e contribuir, mas isso morreu em Olinda a nível de carnaval, e era a principal fonte de renda da agremiação para sair. As pessoas davam dinheiro, ajudavam realmente. [...] com o passar do tempo, o livro de ouro desapareceu (Luiz Adolpho, 2018).*

A doação por meio do livro de ouro deixa claro que o anonimato não necessariamente é condição para a dádiva, pois, nesse caso, as doações ficam registradas, documentadas. Para Haesler (2002), o estado ágape e plenamente gratuito da dádiva estaria circunscrito à esfera caritativa, entretanto, em todos os casos o objeto da dádiva não é o valor mercadológico do objeto do dom como valor de utilidade, e sim o valor do sacrifício para o doador.

Com o provocativo título “A dádiva existe (ainda)?”, Godbout (1999) aborda a aversão do homem moderno à pecha de ingênuo. Desconfiado, esse homem procura saber o que está por trás do que se apresenta como dádiva, chegando a duvidar de sua existência altruísta e desinteressada. Sob influência do utilitarismo, marxismo e estruturalismo - que de forma desanimadora afugentam a inocência - a modernidade (ou pós-modernidade) rejeita a existência ou a consistência da dádiva. Diante disso, o autor questiona o que está por trás dessa insistência em negar a dádiva. Dentro de uma visão utilitarista, se há assimetria, ou seja, dádiva e contradádiva são desiguais, existem ganhador e perdedor ou até exploração e enganação nesta relação. Ao passo que, se há equivalência, supostamente não existe diferença entre dádiva e troca mercantil. A partir desse prisma, a dádiva seria ilegítima, inexistente ou ilusória.

Na prática, ainda se vê a persistência da dádiva nos dias atuais e, inclusive o dom da hospitalidade, que se dá em situações como a relatada por uma entrevistada, que mencionou que em algumas ocasiões convidou ou permitiu mediante pedido que pessoas estranhas adentrassem a sua casa durante o carnaval - “*peessoa que está passando mal na rua a gente traz pra dentro*” – e explicou, por meio de um exemplo, como isso se dá:

*É sempre em situações em que a gente não se sentiu ameaçado. Esse caso, por exemplo, eles pediram para entrar. O cara estava passando mal, aí a esposa dele estava perto da porta e ela pediu. E estava realmente passando bloco, e ele estava bem agoniado, aí ele ficou sentado perto da porta, vomitou aí embaixo, depois foi-se embora. A esposa dele estava assim, pediu desculpa, disse que estava sem saber o que fazer com ele e tal, tomou uma água... (Lia, 2017)*

Questionada sobre o que a impulsiona num caso como esse a abrir a porta, a entrevistada respondeu:

*Porque eu acho que deve ser muito desesperador você estar passando mal assim no meio do carnaval, passando por muita gente. E a gente tendo um mínimo de condições de oferecer algum conforto ali a uma pessoa numa situação às vezes de desespero, de apertado... E assim, não me custa nada, né? (Lia, 2017)*

Ao colocar que, ainda que tenham autorizado o ingresso de desconhecidos na casa, a permissão só se deu porque os moradores e seus hóspedes já incorporados não se sentiram ameaçados, a entrevistada traz à tona a condicionalidade da hospitalidade diante da ameaça que o hóspede pode representar. Derrida afirma que “não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas, como também não há hospitalidade sem finitude”. A soberania só pode ser exercida, segundo o autor, “filtrando-se, escolhendo-se, portanto, excluindo e praticando-se a violência” (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 49). No caso da entrevistada, fica clara a prática do que o autor coloca sobre “a necessidade, pelo hospedeiro, de escolher, de eleger, de filtrar, de selecionar seus convidados, seus visitantes ou seus hóspedes, aqueles a quem ele decide oferecer asilo, direito de visita ou hospitalidade” (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 49). O estrangeiro, no sentido derridiano, é, a princípio, um estranho e um inimigo em potencial.

Godbout (2001) se propõe a avançar a partir do legado que Mauss deixou por meio do “Ensaio sobre o dom” e defende a hipótese de que no ciclo da dádiva – que possui três momentos: dar, receber e retribuir – o desejo de dar é tão importante, essencial e poderoso quanto o de receber.

Dar seria uma abertura da interação, enquanto retribuir seria a estabilização de tal interação (HAESLER, 2002). O convite, a cortesia, o presente e qualquer tipo de dádiva devem ser retribuídos, pois quem recebe fica em dívida com o doador. Além disso, a devolução é sempre mais cara e maior (MAUSS, 2003). Mas a abertura dessa relação e o interesse no estabelecimento de um vínculo, com tudo o que isso implica em termos de comprometimentos e riscos, nem sempre interessa e a interrupção em qualquer um dos pontos implica na ruptura do ciclo da dádiva. Não receber é não se comprometer em retribuir. Selma do Coco, cantora, compositora e tapioqueira que viveu no Sítio Histórico de Olinda, cantou essa questão: “eu não vou na tua casa prá você não ir na minha. Que tu tem a boca grande vai comê minha galinha” (SILVA, 1998)<sup>39</sup>.

Ao aceitar se vincular por meio do ciclo da dádiva da hospitalidade, as partes devem respeitar as regras que regem a conduta. Gotman (2008, p. 8) ressalta que “o dono da casa é ali soberano e nenhum estranho pode substituí-lo no controle do acesso à sua casa. Este estatuto desigual, alternante e recíproco, mantêm então os protagonistas em situação de dependência entre si”.

---

<sup>39</sup> Originalmente os versos "Eu não vou na sua casa/Prá você não ir na minha/Que tu tem a boca grande/Vai comê minha galinha" são atribuídos ao carioca Antônio Jorge Zacarias, conhecido pelo nome artístico de João da Praia. O cantor fez sucesso em 1974 com a música "O Boi Vai Atrás", na qual se encontram os versos acima.

Godbout (1997) afirma que, apesar da simplicidade aparente, a dádiva pode ser muito perigosa e o presente pode ser veneno, especialmente se quem o oferece é venenoso. Dessa forma, a dádiva tanto pode gerar vínculos sociais quanto resultar em dependência ou colocar o donatário à mercê do doador, tornando-o obrigado a retribuir. Diferentemente da lógica do sistema de mercado, no sistema de dádiva as coisas valem o que vale a relação. Como nem sempre se quer assumir essa relação, que implica obrigações, em alguns casos há a recusa da dádiva, que pode se dar por meio de uma retribuição monetária imediata, que corta o vínculo proposto por aquele que ofereceu a dádiva.

A entrevistada Lia contou que já passou por situações em que o dom da hospitalidade durante o carnaval resultou em esgarçamento e quase ruptura de vínculos de amizade e relatou uma dessas situações: *“Já teve gente que a gente recebeu aqui em casa que eu não tenho vontade nenhuma de receber de novo”*. E explicando porque não gostaria de ser anfitrião de algumas pessoas novamente, continua: *“Não é que a gente faça uma seleção, uma triagem, a gente chama pessoas que a gente gostaria de... que a gente sabe que ia gostar de passar carnaval aqui e que a gente gostaria de ficar com eles. Mas, assim, tem gente que fica meio ozzyando<sup>40</sup> dentro de casa”*. Sobre essas experiências desagradáveis, ela apresentou um exemplo: *“Chegou essa amiga mesmo que ficou hospedada aqui uma vez. Nossa! Todos os dias ela aprontou. Bebia e lambeu a colher da feijoada e meteu dentro da feijoada de novo, entrou com um monte de gente que a gente não conhecia, super mal educada lá embaixo”*. Segundo a entrevistada, além de acessar a casa a convite de uma convidada, algo que fere as leis da hospitalidade, *“o pessoal deixou resto de comida, deixou o banheiro sujo...”* (Lia, 2017). Mas a anfitriã lembra porque, apesar de vez por outra se contrariar devido à falta de bom senso de alguns hóspedes, continua gostando de receber: *“A maioria das pessoas que vem para cá vem com respeito, vem assim, pisando devagar”*. E logo volta ao assunto da amiga inconveniente:

*Fiquei bem chateada assim com essa amiga. Ela continua sendo minha amiga, mas é uma pessoa assim, que não sabe... Não tem a visão que a gente tem sobre frequentar a casa das outras pessoas, sobre estar na casa de outras pessoas. [...] Inclusive esse ano ela já disse que ano que vem pra cá de novo. Aí eu finjo que não escuto. Esse ano ela não falou comigo, mas ela falou com a minha mãe que... ‘Ah! Será que eu consigo ficar na casa de Lia?’ Aí, mamãe falou ‘Ah! Tem gente já lá e tal’. Assim é tão sem noção que até isso faz. E não ficou aqui só um ano não. Ficou aqui umas duas vezes e nas duas vezes deu problema. E assim é uma grande amiga, mas é muito desagradável ficar com ela aqui. Em outras situações ela é tranquila, mas assim no carnaval, quando bebe, quando fica muito eufórica...*

---

<sup>40</sup> A gíria “ozzy” refere-se a algo desagradável.

A insatisfação da anfitriã se deve ao desrespeito da hóspede aos limites considerados pelos que vivem na casa como razoáveis para o bom convívio em espaço doméstico. A anfitriã deslizou no cumprimento das regras e violou as leis da hospitalidade e, assim como alertou Camargo (2015), tal postura gerou descontentamento e fragilização da relação.

### **4.3 A festa como presente entre gerações – o dom da transmissão cultural**

Mauss (2003) diferencia a reciprocidade direta, que se limita à dádiva entre pares de indivíduos ou pares de grupos, da reciprocidade indireta, que acontece quando os bens simbólicos recebidos são devolvidos a outros indivíduos ou grupos, que deverão, por sua vez, devolvê-los a outros. Esse modelo de reciprocidade indireta alimenta a circulação de bens entre gerações e reproduz o sentimento e o valor ético de responsabilidade entre elas. A transmissão cultural também se estrutura segundo esse princípio (SABOURIN, 2011). Essa lógica parece ser conhecida pelos detentores do poder público que, décadas atrás, buscavam descontinuar a transmissão dos saberes culturais relacionados à cultura afro que alimentam a fé e a brincadeira que vai às ruas durante o carnaval, como se pode verificar no relato de Guitinho da Xambá (2020) a respeito da proibição de crianças nos cultos e festas religiosas no Quilombo da Nação Xambá:

*Na própria casa tinha uma placa proibindo crianças no mesmo salão, isso é uma forma que o Estado encontrou, os órgãos repressores, de fazer com que... uma tentativa de eliminar a cultura de matriz africana, porque se a criança não participa, automaticamente ela será um adulto sem saber, sem ser conhecedor de sua religião. [...] Se não houvesse a estratégia das minhas tias-avós de construção, de manutenção da permanência deles no espaço, hoje Xambá talvez não existiria, assim como outros terreiros não existiriam, assim como outros terreiros não resistiram, porque [...] o terreiro é reaberto em 1950 e é colocada essa placa no salão. Se chegasse algum agente de segurança pública e visse criança, automaticamente a casa poderia ser fechada (Guitinho da Xambá, 2020).*

A placa e o documento jurídico que lhe dava respaldo (imagem 51) estão expostos atualmente do Memorial Severina Paraíso da Silva, mantido no Quilombo da Xambá.



Imagem 51 – Placa de proibição de menores no salão do Terreiro da Xambá.  
Fonte: Guitinho da Xambá, 2020.

Vale ressaltar que, além das manifestações carnavalescas diretamente relacionadas aos cultos de religiões de matriz africana, percussionistas de agremiações diversas têm seu berço artístico nos terreiros de candomblé e essa iniciação se dá, em muitos casos, ainda na infância. Sobre isso, o artista pernambucano Lenine (2018) cantou:

Ogan<sup>41</sup> no terreiro  
Começa desde erê<sup>42</sup>.  
Mão pequenina no couro  
Bate até couro doer  
Bate até couro doer  
A chave da inocência  
É quem abre o baú do tesouro  
É que faz santo subir e descer  
Bate até couro doer

<sup>41</sup> No candomblé, Ogan ou Ogã é o nome do sacerdote escolhido pela divindade ancestral, que permanece lúcido durante todos os trabalhos, não entrando em transe, porém recebendo a intuição espiritual. O Ogan tem um papel ritual fundamental e é responsável por invocar a entidade por meio dos toques nos instrumentos percussivos para os santos (orixá, preto velho, caboclo, pomba-gira, entre outros) (FRANÇA; RAMOS, 2012).

<sup>42</sup> É comum referir-se às crianças que cultuam Orixás como erês.

Bate até couro doer  
(PIMENTEL; QUEIROGA, 2018).

A presença de crianças no carnaval olindense e a transmissão intergeracional da cultura da folia é forte não apenas nos espaços e acontecimentos religiosos ou nos polos e agremiações específicas para o público infantil. Em todas as modalidades de agremiações vistas durante a pesquisa, foi possível observar a presença de crianças participando ativamente, como por exemplo esses pequenos caboclos de lança, personagens centrais do maracatu de baque solto, da imagem 52.



Imagem 52 – Crianças desfilando como caboclos de lança na segunda-feira de carnaval de 2017.

Fonte: Autora, 2017.

Também é comum ver mulheres grávidas, como a exibida na imagem 53, que estava com a barriga “fantasiada” de acordo com o mote do Bloco Mangue Beat, que desfila no Sábado de Zé Pereira.



Imagem 53 – Mulher grávida com a barriga “fantasiada” de acordo com o mote do Bloco Manguê Beat, no Sábado de Zé Pereira de 2018.

Fonte: Autora, 2018.

É forte, ainda, a presença de bebês e crianças acompanhadas de seus pais na folia, como exemplificam as imagens abaixo. Na imagem 54 é possível ver uma das vocalistas do Grheia-PE apresentando-se no carnaval de 2020 com a filha no colo. No carnaval anterior, ela havia se apresentado com a bebê ainda em seu ventre e no pós-parto, tão logo obtiveram autorização do pediatra para levá-la ao batuque, a mãe - percussionista e cantora - e o pai - percussionista - passaram a ter a companhia da pequena nos ensaios dos domingos. A transmissão da cultura carnavalesca na agremiação parece funcionar, pois o filho adolescente da outra cantora faz o vocal masculino do grupo.



Imagem 54 – Uma das vocalistas do Grheia-PE com a filha no colo durante uma apresentação em 2020.  
Fonte: Arquivo do Grheia-PE, 2020.

A imagem 55 mostra uma mãe com a sua filha na quinta-feira pós carnaval de 2018, quando a cidade já estava mais calma, mas ainda circulavam algumas poucas troças com número reduzido de foliões acompanhando. Ambas trajam saias estampadas e adereços na cabeça, fatores indicativos dessa transmissão por repetição.



Imagem 55 - Mãe com a filha na quinta-feira pós carnaval de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Foi frequente durante a pesquisa ver crianças acompanhadas pelos pais carregando réplicas de bonecos gigantes ou mini estandartes, como na imagem 27, anteriormente exibida, que mostra uma mãe arrumando o filho, que carrega uma réplica do Homem da Meia Noite e na imagem 56, que traz um menino com um estandarte confeccionado com o seu nome.



Imagem 56 – Criança com mini estandarte com seu nome.  
Fonte: Autora, 2018.

Já a imagem 57 mostra uma mulher acompanhando o desfile do marido, que trabalha como carregador de boneco, com a filha do casal no colo. No momento da foto, a orquestra havia parado durante alguns instantes e a mulher foi refrescar o companheiro com uma cerveja.



Imagem 57 – Carregador de boneco ao lado da companheira e da filha na segunda-feira de carnaval de 2017  
Fonte: Autora, 2017

#### 4.4 Arrumando a casa para a festa - o dom do espaço

Outra forma de dádiva e acolhimento aos visitantes da festa por parte dos moradores (inclusive temporários) que se percebeu foi a pintura das fachadas das casas, que se dá sobretudo quando se aproxima o carnaval. Na sexta-feira pré-carnavalesca de 2017, a pesquisadora viu um homem pintando a fachada de uma casa na Rua do Amparo. Ao se aproximar para conversar com ele, soube que se tratava de um folião que havia alugado a casa para passar apenas a semana carnavalesca. Questionado sobre o que motivava o gesto, já que ele passaria apenas seis dias ali, ele respondeu que percebia que as casas compunham o cenário do carnaval da cidade e que queria dar sua contribuição para deixar a cidade mais bonita para a festa. Além disso, argumentou que o custo financeiro e o esforço físico era pequeno diante do que podia proporcionar.

Nos anos seguintes, a pesquisadora viu o ato de pintar as fachadas quando o carnaval se aproximava se repetir algumas vezes e, sempre que possível, parou para conversar com quem fazia isso, em algumas vezes os próprios moradores, noutras, profissionais contratados para isso. Uma fala comum a todos: as fachadas são pintadas nesse período do ano, e não noutros, para receber os visitantes do carnaval. Em alguns casos, a pintura se dá para valorizar o imóvel a ser alugado durante os dias de folia, noutros, sobretudo quando a casa não está disponível para aluguel, apenas para que os visitantes da cidade se deparem com um cenário mais agradável. As imagens 58 e 59 ilustram alguns desses flagrantes.



Imagem 58 – Pintura de fachada em 31 de janeiro de 2020.  
Fonte: Autora, 2020.

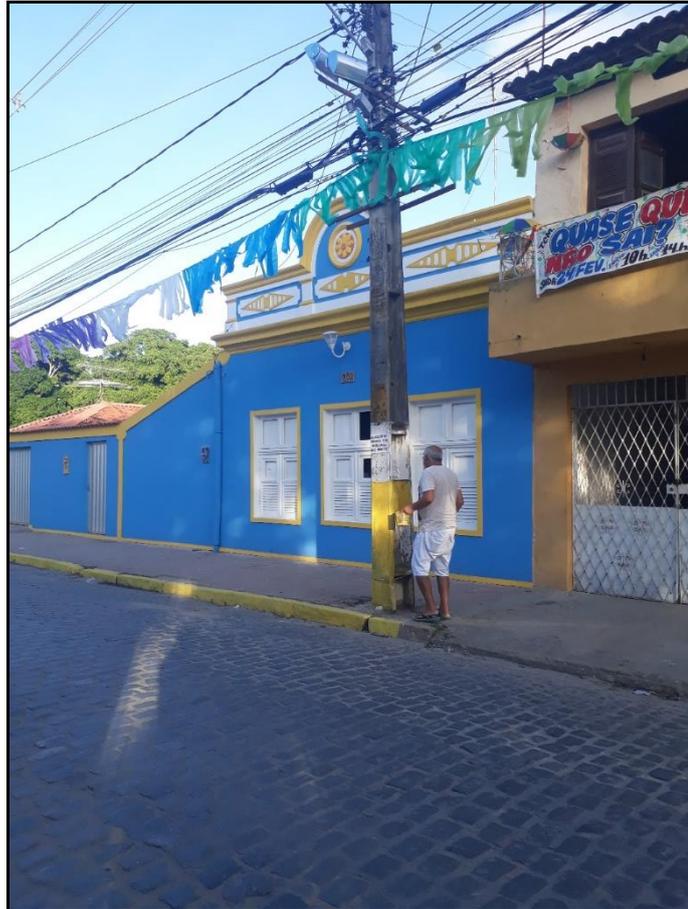


Imagem 59 – Pintura de fachada em 15 de fevereiro de 2020.  
Fonte: Autora, 2020.

Pinturas artísticas com a temática carnavalesca também são realizadas com financiamento de moradores do Sítio Histórico nesse período do ano, como a apresentada na imagem 60.



Imagem 60 – Pintura artística em parede do Sítio Histórico em 27 de janeiro de 2020.  
Fonte: Autora, 2020.

#### 4.5 Entre dom e mercado

No entendimento de Lashley (2004), nem todo anfitrião é hospitaleiro. A autêntica hospitalidade é ligada ao acolhimento ou oferta de alimentos e bebidas determinada por motivo pertinente à hospitalidade: desejo de companhia, prazer de receber, vontade de agradar, compaixão, necessidade de atender à necessidade do outro, sentimento de dever. Quando o anfitrião recebe por motivos não-pertinentes - interesses financeiros, razões não reveladas de tirar vantagem ou seduzir - não está sendo hospitaleiro, segundo o autor.

O comércio da hospitalidade seria basicamente fundado em motivos não-pertinentes. O anfitrião recebe o hóspede em troca de dinheiro (lucro) e deve buscar a satisfação do cliente, evitar a insatisfação e as reclamações e em troca receber o pagamento. É uma relação financeira em que a contrapartida (reciprocidade) se dá através do pagamento e o hóspede não fica devendo gratidão ou lealdade (LASHLEY, 2004).

Para Gotman (2008, p. 17), “as relações entre hospitalidade gratuita e comercial são essencialmente de ordem mimética, com a desvantagem da cópia comercial cuja calibragem não pode conviver com a improvisação da hospedagem gratuita”. A autora ressalta que a hospitalidade pode penetrar na relação comercial unicamente pela introdução de uma margem

de improvisação que permita uma relação pessoal, mas não personalizada entre o anfitrião e hóspede.

Muitos moradores do Sítio Histórico aproveitam o carnaval para obter algum lucro financeiro a partir da localização privilegiada de suas casas, seja por meio do aluguel do imóvel ou parte dele (imagem 61), seja vendendo alimentos e bebidas a partir de suas portas ou janelas (imagem 62) e até alugando o banheiro (imagem 63) ou recarregando baterias de celulares (imagem 64). As necessidades dos visitantes são diversas e podem se traduzir em oportunidades de geração de renda para quem fornece os serviços demandados.



Imagem 61 – Anúncio de casa para alugar na Rua do Amparo.  
Fonte: Autora, 2018.

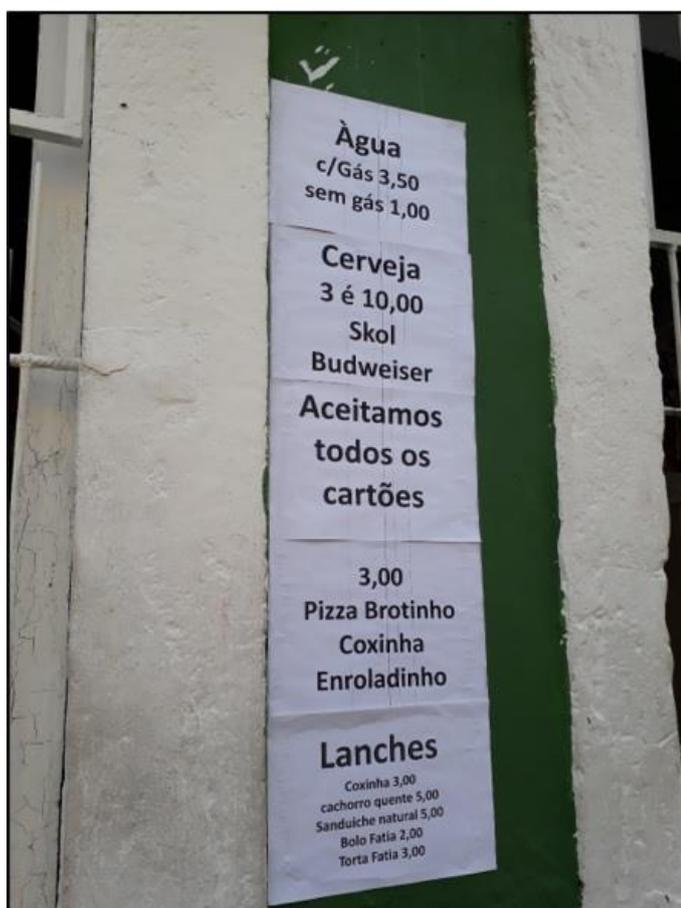


Imagem 62 – Anúncio de venda de alimentos e bebidas.  
 Fonte: Autora, 2017.



Imagem 63 – Anúncios de venda de bebidas e aluguel de banheiro.  
 Fonte: Autora, 2017.



Imagem 64 – Anúncio do serviço de recarga de celular.  
Fonte: Autora, 2018.

Alguns moradores e comerciantes do Sítio Histórico relataram que resolveram oferecer serviços como o aluguel de banheiros ou recarga de celulares mediante cobrança depois de muito assédio para prestar esse tipo de assistência gratuitamente, como favor a conhecidos e desconhecidos. Segundo os relatos e também de acordo com o que se pôde observar, a cobrança passou a ter uma dessas funções: gerar receita a partir da demanda ou eliminar, de forma bem humorada e ao mesmo tempo hostil, a procura, quando esta é enxergada como incômoda. A imagem 64 exemplifica o tipo de situação em que se busca afugentar a procura. Na placa, são colocados preços totalmente proibitivos, obviamente sem pretensão de vender de fato os serviços: “xixi: R\$180,00 cocô: R\$250,00; papel grátis; banho: R\$2.000,00; foto R\$800,00; sombra não tem preço!!! Aceitamos Amex”.



Imagem 65 – Placa com preços proibitivos para desvencilhar moradores do assédio dos foliões.  
Fonte: Autora, 2018.

Além dos moradores do Sítio Histórico - inclusive temporários, mediante aluguel de casas para o período -, várias pessoas circulam pelas ruas comercializando produtos diversos, como se pode apreciar na imagem 65.



Imagem 66 - Anúncios de recarga de celular e de venda de cerveja.  
Fonte: Autora, 2018.

Em alguns casos, a informalidade e a forma leve, descontraída e lúdica de comercializar durante a folia faz com que seja difícil definir quem são os foliões que estão aproveitando para ganhar algum dinheiro durante a folia e quem está ali como vendedor e aproveita o trabalho na festa para se divertir. Isso por vezes faz com que nas relações comerciais haja espaço para interações que não se diferenciam muito daquelas que ocorrem entre foliões que estão ali só para brincar. Além disso, há situações como a de Irhineu, que estava numa das casas acessadas pela pesquisadora no carnaval de 2017 e encheu um freezer de cerveja para vender algumas e assim reduzir os custos das outras, que consumia e por vezes oferecia gratuitamente.

# CONVITES E DESCONVITES



Imagem 67- Intervenção artística que ocupou fachadas espalhadas pelo Sítio Histórico em 2019  
Fonte: Autora

“Se entrar com maldade  
Melhor nem entrar  
A roda é da paz  
E não queremos brigar”  
(CANNIBAL)



## 5 CONVITES E DESCONVITES

Na noite de domingo, 11 de fevereiro de 2018, entre outras atrações do Polo Erasto Vasconcelos, apresentou-se a banda de *punk-rock* e *hardcore* “Devotos”<sup>43</sup>. A pesquisadora, que até então não cogitava fazer parte de rodas de pogo<sup>44</sup> por medo, resolveu, impulsionada pela curiosidade e afoiteza e motivada pela metodologia de sua pesquisa, entrar naquela noite. Depois de respirar fundo e dominar o temor, entrou uma, duas, três vezes. A sensação era sempre de conflito eminente, mas a cada vez que entrava na roda e se permitia ver e sentir de dentro o que acontecia, a desordem se transformava em algo mais compreensível. Se não há uma ordem, isso não significa que não haja nenhuma, diria Magnani (2016).

No diário de campo daquela noite, a pesquisadora registraria: “a roda de pogo é uma metáfora do carnaval olindense. Quanto mais distante se está, mais se percebe a estética violenta. Quanto mais perto se chega, mais nítida a ética de uma maioria que só quer se divertir, se expressar e não tem intenção de machucar ninguém”. Como numa roda de pogo da Devotos, a festa, aparentemente caótica e hostil, é um espaço onde predominam as relações hospitaleiras. Mas relações hospitaleiras não significam estado pleno de paz e acolhimento.

Desde sua origem, a palavra hospitalidade traz em si uma carga semântica que contém hostilidade, relação de poder, identidade, reciprocidade, dádiva, compensação, vínculo, comunidade, acolhida (BENVENISTE, 1995). Ou seja, desde sua essência etimológica a

---

<sup>43</sup> A banda “Devotos” é oriunda do Alto Zé do Pinho, comunidade da periferia recifense que foi ocupada por trabalhadores vindos da zona rural e passou a ser conhecida pela sua efervescência cultural, notadamente pelos folguedos e brinquedos populares. Na década de 1980, a comunidade ficou marcada pela criminalidade, chegando a ser vista como a mais violenta da capital pernambucana. Surgiram, nesse contexto, alguns grupos do movimento *punk*, que proporcionavam aos jovens espaço para extravasar sua revolta e protestar contra um sistema violento e opressor, ocupando a praça, mostrando suas vozes na rádio comunitária e, mais tarde, se popularizando em festivais musicais. Bandas como “Matala na Mão”, “Faces do Subúrbio” e “Devotos do Ódio” (que se tornaria mais tarde “Devotos”) somaram-se, então aos tradicionais grupos de afoxé, maracatu, pastoril, caboclinhos, entre outros (LEITE, 2009).

<sup>44</sup> A roda de pogo, também conhecida como *mosh pit* ou roda punk, normalmente aparece associada a derivações mais agressivas do rock, tais como *punk rock*, *hardcore* e *thrash metal*. Consiste em movimentos bruscos como cotoveladas, joelhadas e pulos com espaçar dos membros. Ela ocorre normalmente como um movimento de ciranda em sentido anti-horário, mas não só, todavia, apesar de violenta, normalmente não existe intenção real em machucar quem está participando, sendo comum os outros membros da roda ajudarem a levantar quem leva algum tombo ou cai dentro da roda. Também existe um código natural entre quem participa, de impedir uso de adereços que possam causar ferimentos em quem está rodando. É comum que um “círculo de apoio” se forme em torno da roda, impedindo que ela venha a atingir quem está fora dela. Esse círculo de apoio muitas vezes serve também para que alguns brincantes mais cansados saiam e respirem um pouco antes de retornar ao círculo. A roda punk tem sua origem no final dos anos de 1970, normalmente associada às bandas de *hardcore* na Califórnia-EUA. Para Riches (2011), a agressividade da roda subverte as convenções sociais e normativas, permitindo que os fãs do estilo possam liberar frustrações reprimidas ao mesmo tempo em que promove um forte senso de comunidade (RICHES, 2011, p. 316).

hospitalidade apresenta uma complexidade que vai muito além da noção romântica havida pelo senso comum.

Procurado para uma conversa sobre a roda de pogo, Cannibal, codinome de Marconi de Souza Santos, líder e vocalista da banda Devotos, falou:

*Acho que aquela energia da roda de pogo é muito contagiante, contagia a gente que tá tocando em cima do palco, aquela roda, aquelas pessoas, todo mundo girando com a velocidade da música. Se é uma música punk rock, ela vai mais lenta, se é uma música de hardcore ela vai mais rápida, então, todo mundo se batendo, caindo, levantando, um levantando o outro (Cannibal, 2020).*

Dois desses momentos de queda na roda no carnaval de Olinda aconteceram bem perto da pesquisadora. Em ambos, as pessoas pararam imediatamente de girar e só voltaram aos característicos movimentos bruscos depois que quem caiu voltou a ficar em pé. “Foi mal!” apressou-se no pedido de desculpas o rapaz que esbarrou e levou outro ao chão, a resposta: “É nenhuma!”, deixava claro que o incidente não resultaria em conflito.

Para Pitt-Rivers (2012), a lei da hospitalidade está fundada na ambivalência, impondo ordem por meio de um apelo ao sagrado, fazendo com que o desconhecido torne-se conhecido e substituindo o conflito pela honra recíproca. Apesar de não eliminar o conflito por completo, a hospitalidade o coloca em suspensão e proíbe a sua expressão.

Atuando como anfitrião na cena do show, o líder da banda revela a sua preocupação com aqueles que estão naquele tempo de entretenimento sob seus cuidados.

*Então tem todo esse lado místico assim da roda punk, não é só porque a música está tocando, quem vê fica louco querendo entrar, alguns têm coragem e entram, outros ficam só olhando. E como eu vi que tinha muitas mulheres que não entravam e sempre curtiam rock, um dia eu falei, na hora do show: “essa música agora é dedicada às mulheres e agora vai ter uma roda só de mulher, homem não entra. Vamos respeitar, galera!” (Cannibal, 2020).*

Pitt-Rivers (2012) ressalta que o anfitrião é o responsável pelo seu hóspede dentro dos limites de seu domínio e deve protegê-lo. Mas, mesmo com os cuidados do anfitrião da cena e a falta de maldade revelada na letra da música escolhida como epígrafe deste capítulo, as regras da roda permitem a brutalidade e o entendimento desse código por parte dos participantes faz com que não haja interpretação de hostilidade quando alguém se machuca. Nesse caso, os rodantes concordam com a violência que o corpo pode sofrer. Desde que as

regras sejam cumpridas, tais episódios são entendidos como acidentes que fazem parte dos riscos da brincadeira, como ficou registrado no relato de Cannibal:

*A roda das mulheres parece que elas têm mais... a energia delas é mais forte assim, elas parecem que esbravejam tudo assim, tanto que no outro dia ... passa o tempo, depois elas começam a entrar no Instagram, no Facebook da gente e começam a falar: “Poxa, a roda foi massa, perdi minha sandália, mas foi legal.” “Eu tô com uma roncha aqui no braço, mas foi legal” “pô, levei uma cotovelada, mas a roda foi muito legal” e tal (Cannibal, 2020).*

Mas, para além de situações de extravasamento e embate consentido entre as partes, os conflitos vez por outra acontecem na festa. No desfile do Garoto da Noite na quinta-feira da semana pré-carnavalesca de 2018, por exemplo, um grupo de rapazes insistia em de ficar se empurrando num trecho da rua do Bonfim. Num dado momento, esse ato resultou em briga entre eles e imediatamente aconteceu algo que é habitual nesse tipo de situação: a orquestra parou de tocar. Os músicos costumam interromper a execução das músicas para inibir os conflitos. Faz parte das regras de hospitalidade adotadas na festa. Constrangidos pelo silêncio, os brigões se dispersaram, a orquestra voltou a executar o frevo e os foliões caíram no passo novamente.

Os músicos das orquestras de frevo que animam a festa utilizam o tempo todo regras para lidar com situações de hostilidade e isso está presente até mesmo numa nomenclatura sobre o ritmo. O frevo de rua<sup>45</sup> subdivide-se em três modalidades: coqueiro, ventania e abafo. Essas nomenclaturas dizem respeito às suas características musicais. Segundo o Maestro Spok (ALBUQUERQUE, 2011), o frevo coqueiro enfatiza o naipe de metais, com destaque para trompete e trombone, isso faz com que sejam atingidas notas muito agudas, altas, por isso o nome coqueiro. Já o frevo ventania dá destaque às palhetas da orquestra, aos saxofones. Os maestros veem semelhança entre esse som e um temporal, por isso o nome ventania. Em relação ao frevo abafo, o maestro afirma:

Quando vem uma orquestra puxando um clube numa rua, numa ladeira, em dia de carnaval e aqui do lado vem outra orquestra puxando outro clube e o presidente ou o próprio maestro da orquestra percebe que a outra orquestra está se aproximando, ele pede pra lascar um frevo abafo, que é para abafar a outra orquestra. Ou seja, a gente percebe que jamais um maestro desse vai pedir para orquestra tocar um frevo coqueiro. Coitado do músico de metal, que já puxou dois arrastões de manhã, dois à tarde e dois à noite e o bico não

---

<sup>45</sup> O frevo é categorizado em três modalidades: frevo de bloco, frevo-canção e frevo de rua. O frevo de rua é instrumental, ou seja, executado exclusivamente pela orquestra. O frevo-canção é executado pela mesma orquestra, porém a orquestra acompanha um cantor ou cantora. Já o frevo de bloco é executado por uma orquestra de pau e corda e cantado por um coro feminino (ALBUQUERQUE, 2011).

aguenta tocar, não tem quem agente. Ele também não vai pedir nunca para colocar numa hora dessas um frevo ventania, porque o saxofonista vai estar preocupado com a execução, é uma coisa meio difícil de ser executada e não vai surtir o efeito de abafar o outro clube. Tem que ser um frevo de melodia simples, essa coisa dinâmica, vai baixinho, cresce, decresce... Tocar afinado, pelo amor de Deus! Tocar afinado no frevo abafo vai pelo espaço completamente, ou seja, resumindo: pense no tamanho da zoada para a gente que é músico ali para abafar a outra orquestra! Pense! (ALBUQUERQUE, 2011).

O Maestro Marcílio, que, além de reger orquestras de rua no carnaval, toca com o Maestro Spok, explica como se dá na prática, durante o carnaval olindense essa disputa entre as agremiações:

Quando estou liderando uma orquestra de frevo pelas ladeiras de Olinda e noto que vem um clube, uma agremiação, no sentido oposto, uma orquestra, eu tenho sempre a preocupação antes de colocar um frevo abafo de ver qual é o clube e quem é o maestro que está com aquela orquestra. Porque se aquele clube é um clube pelo qual eu tenho uma simpatia, um clube que eu gosto, e coincidentemente aquele maestro é um cara que é meu amigo pessoal, aí eu tenho a preocupação com a continuidade da nossa amizade após a Quarta-Feira de Cinzas, então, nesse momento, eu coloco um frevo abafo numa versão *light*, de leve, é aquele frevo que não acaba com amizade de maestro. Agora, quando eu, logicamente aproveitando o meu quase um metro e noventa [de altura], dou aquela olhada panorâmica e vejo que tá vindo lá um maestro que é uma pessoa que eu não tenho lá muita simpatia por ele, aí eu digo: ‘rapaz, é hora da vingança!’ Agora pense num abafo ignorante! (MARCÍLIO *In*: ALBUQUERQUE, 2011).

Continuando, o Maestro Marcílio cita os clássicos encontros entre duas das mais importantes e competitivas agremiações do carnaval olindense. “Esse encontro de Pitombeira com Elefante de Olinda, o único frevo que resolve é um frevo chamado Cabelo de Fogo, do Maestro Nunes” (MARCÍLIO *In*: ALBUQUERQUE, 2011).

Na semana pré-carnavalesca de 2019, um dos mais renomados maestros do carnaval pernambucano regeu a orquestra da Troça Carnavalesca Mista Tá Maluco, agremiação dissidente da Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos, conduzida pelo mesmo maestro durante anos. Ao chegar diante da casa de uma das fundadoras da Pitombeira, o maestro executou o hino do Elefante, principal “rival” da Pitombeira, chamando atenção dos foliões mais atentos e conhecedores dos bastidores da folia e gerando comentários sobre uma possível quebra de vínculo conflituosa que teria provocado a afronta.

Os acontecimentos narrados acima trazem a necessidade de uma reflexão sobre o *continuum* da hospitalidade. Não é possível compreender as relações entre os que recebem e os que são recebidos se não a partir da compreensão de que o contato entre pessoas é sempre

marcado por interações que podem resultar em aproximação e fortalecimento de vínculos, mas também em tensão e rupturas. O *continuum* que envolve hospitalidade, inospitalidade e hostilidade já foi abordado por autores como Lashley (2004), Gotman (2009), Camargo (2015), dentre outros que se interessaram pelos encontros e desencontros entre anfitriões e hóspedes. A complexidade dessas interações já levou, inclusive, à percepção de insuficiência no uso do termo hospitalidade para se referir ao campo de conhecimento, já que a expressão vem sendo utilizada para se referir ao setor de serviços que engloba os negócios relacionados a turismo, gastronomia e hotelaria (visão de mercado, adotada também pelos teóricos anglo-saxões da hospitalidade), além de ser uma palavra relacionada ao bom acolhimento ao visitante, neste caso, dando conta apenas aos aspectos positivos do encontro. Nesse sentido, Derrida (*apud* BORRADORI, 2003) aborda as fronteiras entre a hospitalidade e hostilidade, apresentando o conceito paradoxo de hostipitalidade, que se propõe a contemplar o conflito sempre eminente nessas relações. Como antes mencionado, Benveniste (1995) já havia chamado atenção para a origem e evolução da palavra, que envolve muito mais componentes do que os revelados num olhar superficial sobre o termo.

Além disso, pode-se observar que no uso corriqueiro da palavra há uma ênfase nas ações do anfitrião, que deve receber bem e promover uma experiência encantadora, ou no mínimo satisfatória, enquanto o hóspede estiver sob seus cuidados. Entretanto, na concepção teórica francófona, vertente com a qual esta pesquisa se alinha, a hospitalidade possui um significado mais abrangente, surgindo a partir da troca entre uma parte que recebe e outra que é recebida, tendo ambas que cumprir regras de convivência, sob pena de conflito e ruptura, uma vez que a estabilidade das relações é de caráter sempre frágil e temporário.

A partir da proposição de Derrida (*apud* BORRADORI, 2003), hegemônica entre os teóricos da área, a hospitalidade encontra-se num extremo no *continuum*, polo positivo, marcado pelo acolhimento que leva à criação e fortalecimento de vínculos, alimentados pelo círculo da dádiva, enquanto a hostilidade situa-se no outro extremo, polo negativo, provocado pelo desrespeito às leis não escritas de bom relacionamento, que gera conflitos, chegando a causar rupturas nas relações. Entre um e outro estaria a inospitalidade, conforme representado na figura 4:



Figura 4 - Representação do *continuum* da hospitalidade  
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Camargo (2021) propõe uma nova forma de enxergar o *continuum* e parte da visão de que há um ponto em que os encontros acontecem sem que haja interação, o que ele chama de hospitalidade neutra, maneira mais corrente de (não) receber e de (não) ser recebido, sobretudo nas metrópoles. Nas atividades cotidianas, acontecem contatos mecânicos diversos entre pessoas que não realizam trocas. A hospitalidade neutra, para o autor, marca o indivíduo isolado na multidão.

Acerca desses contatos sem interação, pode-se recorrer ao pensamento de Freire (1967) que afirma que os meros contatos fazem parte do modo de ser próprio da esfera animal e implicam, ao contrário das relações, em respostas singulares, reflexas e não reflexivas. “É fundamental, contudo, partirmos da noção de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 1967, p. 39). O autor ressalta ainda que o processo de massificação implica no desenraizamento do homem. Daí pode-se interpretar que, ainda que não seja negativa, como o próprio termo deixa claro, a hospitalidade neutra, quando recorrente, torna-se desumanizadora, como é comum nas grandes cidades.

Além de necessitar relacionar-se para desenvolver a própria condição humana, as pessoas fazem isso de formas diversas e imprevisíveis, já que, ainda para o autor:

[...] há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder (FREIRE, 1967, p. 40).

Essa pluralidade de respostas possíveis nos encontros pode inclusive ser ocasionada pela diversidade cultural e, para Camargo (2021), faz com que a interação possa ser malsucedida ou bem-sucedida, a depender da disposição dos atores na cena. Se mal sucedida, a interação caminha para a inospitalidade e, a depender das circunstâncias, para a hostilidade. Para o autor, a inospitalidade se dá quando quem recebe ou quem é recebido não reconhece ou ignora o interlocutor. No seu olhar, a inospitalidade não seria, portanto, um ato violento em si, ainda que não demonstre atitude amistosa, abrindo caminho para a hostilidade, vista por ele como o último degrau negativo, resultado de ações agressivas que levam ao esgarçamento das relações humanas.

Quando a interação é bem-sucedida, o resultado pode se apresentar de duas formas: encenada (urbanidade) ou genuína (hospitalidade). A primeira, cunhada por Gotman (2008),

diz respeito ao encontro apazível e que deixa a impressão de um exercício profissional eficiente, enquanto a segunda, cunhada por estudiosos britânicos, como Telfer (2004), refere-se à hospitalidade genuína, marcada pelo encontro entre pessoas que verdadeiramente gostam de receber e ser recebidas e fazem isso de forma habilidosa. Essas pessoas cumprem as leis da hospitalidade instintivamente ou por aprendizado (CAMARGO, 2021).

Os termos *hostipitalidade* e *hospitabilidade*, acima referidos, são frutos de esforços para dar conta de um fenômeno cuja complexidade é tão grande que o vocabulário das línguas dos seus estudiosos parece ser insuficiente. Ao longo deste estudo, entretanto, adotou-se a expressão *hospitalidade*, ora para referir-se ao campo de estudo dos encontros entre anfitriões e hóspedes, ora para reportar-se aos encontros bem-sucedidos - não interessando distinguir a hospitalidade no domínio comercial dos domínios social/cultural ou privado/doméstico (LASHLEY, 2004, 2015), desde que houvesse cenas com encontros virtuosos.

Considerando as teorias apresentadas e as percepções e reflexões advindas da pesquisa empírica, é possível sugerir outro ponto de vista para o *continuum* da hospitalidade - ou hospitalidade. Trata-se não necessariamente da contestação das reflexões já consolidadas, mas da proposta de outro ângulo de análise.

No esquema aqui proposto, a ênfase recai sobre as relações e as trocas, sejam elas formadoras e fortalecedoras de vínculos, ou mesmo conflituosas e geradoras de rupturas. Numa e noutra situação o outro é enxergado - para ser acolhido e bem tratado ou para ser maltratado. A não-relação - que por vezes está atrelada ao desprezo e à invisibilização - seria, a partir desse pensamento, o ponto mais distante da hospitalidade.

Partindo das máximas populares “quem desdenha quer comprar”, “falem bem ou falem mal, mas falem de mim” ou da frase que provavelmente todos já falaram, ouviram ou pensaram “só dedico o meu tempo a reclamar se valer a pena”, clientes, amigos e amantes sabem que muitas vezes o conflito carrega em si o desejo de reconciliação ou de manutenção do vínculo, enquanto o desinteresse conduz ao afastamento, que impossibilita as relações e exclui.

A “hospitalidade neutra” (CAMARGO, 2021), ainda que não se dê propriamente sob forma violenta, isola ao não permitir a real interação e acaba por se aproximar dos encontros inóspitos, nos quais o interlocutor é ignorado ou não reconhecido. Em ambas as situações, o estabelecimento de relações é inviabilizado. Esses não-encontros ou meros contatos chegam a ser desumanizadores.

Camargo (2021) defende que a inamistosidade presente na inospitalidade abre caminho para a hostilidade, contudo, o que se observou na pesquisa de campo realizada no

carnaval de Olinda foi que ao abrir as portas para acolher e ao se abrir à relação de forma hospitaleira, as pessoas se expunham muito mais a situações que podiam resultar em criação ou fortalecimento de vínculos, mas também podiam descambar em hostilidade e consequente ruptura. Ao convidar, paquerar, chamar para dançar, oferecer uma bebida e noutras situações de busca pelo outro, as pessoas se expõem a toda sorte de respostas hospitaleiras ou hostis.

Além disso, ao estar dentro de uma relação hospitaleira, a paz está sempre por um triz. Qualquer desentendimento pode virar a chave da relação da hospitalidade à hostilidade. Ao mesmo tempo, há relações (que podem se dar no espaço público, doméstico, comercial ou mesmo virtual) em que a insistência pela relação, ainda que por caminhos inadequados ou inoportunos, visa a criação ou manutenção de vínculo.

Apresentando esse ponto de vista por meio de um esquema visual, a hospitalidade ficaria mais próxima da hostilidade do que da inospitalidade, como se pode visualizar na figura abaixo:

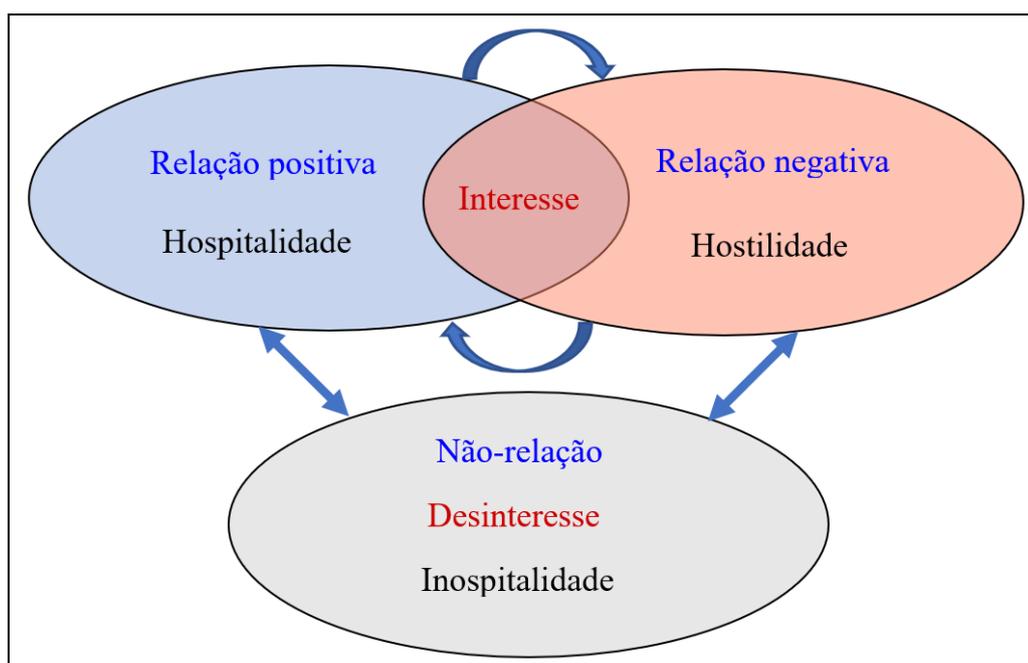


Figura 5 – Continuum da hospitalidade à luz do interesse ou desinteresse nas relações  
Fonte: Autora, 2020

É importante perceber que o interesse ou desinteresse nas relações pode mudar de um momento para o outro e as partes envolvidas podem transitar entre os pontos do *continuum*, além disso, há pontos de interseção entre a hospitalidade e a hostilidade. Esses pontos de interseção ocorrem, por exemplo, quando anfitrião e hóspede têm pequenos desentendimentos, ainda que a relação seja, de forma geral, amistosa e positiva. Ocorrem também quando por inabilidade, divergência cultural ou qualquer outro motivo, a intenção de

aproximação não seja bem recebida. Ou ainda quando há o acolhimento do adversário, quando o respeito pelo oponente em dificuldade se sobressai ao motivo da discórdia.

### 5.1 O convite pela fantasia

As fantasias estão entre as características mais marcantes do carnaval olindense. Para os integrantes de algumas agremiações, o investimento no figurino é condição para a participação, pois tal requisito demonstra cuidado estético, organização e atenção ao público. Os blocos líricos como o Bloco da Saudade, exibido na imagem 68, por exemplo, são prestigiados por um público que admira os seus desfiles, entre outros fatores, pelo zelo com a apresentação visual, que vai desde o cuidado com o flabelo<sup>46</sup>, até o capricho nas fantasias dos integrantes, que se vestem de acordo com o tema do desfile do ano, mantendo as cores da agremiação.



Imagem 68 - Desfile do Bloco da Saudade no domingo de carnaval de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Alguns grupos realizam ensaios abertos ao longo do ano quase inteiro – de abril até o carnaval do ano seguinte - já uniformizados. É o caso do Grheia-PE, que já se tornou uma atração turística, uma vez que os seus ensaios e apresentações ocorrem num dos principais

---

<sup>46</sup> O flabelo é o principal símbolo dos blocos carnavalescos líricos, equivalente ao estandarte, assemelha-se a um leque e apresenta a identificação do bloco (FLABELO, 2021).

pontos de visitação da cidade. A imagem 69 apresenta os integrantes do grupo num dia de ensaio aberto em novembro de 2019.



Imagem 69 - Parte dos batuqueiros do GREIA-PE num domingo de ensaio (24 de novembro de 2019).  
Fonte: Arquivo do Grheia-PE, 2019.

Nos ensaios rotineiros, todos se vestem com algum dos uniformes do grupo: camisas utilizadas nos carnavais de anos anteriores com variações da combinação das cores verde, rosa e azul. Entretanto, há dois ensaios especiais em que os batuqueiros se caracterizam: o primeiro do ano, que é à fantasia (imagem 70), e o último do ano, quando todos se vestem de branco (imagem 71).



Imagem 70 - Ensaio do Grheia-PE no primeiro domingo de 2020.  
 Fonte: Marco Antônio Gomes dos Santos, 2020.



Imagem 71 - Ensaio do Grheia-PE no último domingo 2019.  
 Fonte: Arquivo do Grheia-PE, 2019.

No domingo e na segunda-feira de carnaval, o grupo se apresenta com traje novo, desenhado e confeccionado para a ocasião (imagem 72).



Imagem 72 - Apresentação do Grheia-PE no domingo de carnaval de 2020.  
Fonte: Arquivo do Grheia-PE, 2020.

Enquanto para as agremiações laicas os trajes representam questões estéticas, de organização e de relação cuidadosa com o seu público, para as agremiações ligadas à fé religiosa, esse cuidado possui esses, mas também outros sentidos. Cores, símbolos, materiais e outros elementos envolvidos na saída das agremiações possuem significados fortes. Quando agremiações ligadas ao candomblé saem às ruas, por exemplo, seus orixás são contemplados nas vestimentas do povo que desfila, como é possível apreciar no desfile dos afoxés que saem do bairro do Guadalupe e circulam pelo Sítio Histórico na noite da Quarta-Feira de Cinzas (imagem 73).



Imagem 73 – Afoxé Oxum Pandá desfilando na Quarta-Feira de Cinzas de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Mas não são apenas as agremiações que investem nas fantasias. Muitos foliões começam a se organizar meses antes do carnaval, para individualmente (exemplo na imagem 74) ou em grupos (exemplo na imagem 75) preparar o visual para a festa. Mais do que caracterizar visualmente o folião, as fantasias desempenham funções diversas, como identificar o grupo do qual as pessoas fazem parte, permitir que por meio da criatividade algumas se destaquem e, conseqüentemente, prestígio temporário, em meio a uma festa tão rica em elementos visuais e até demonstrar a abertura ou fechamento das pessoas aos contatos e relações. Muitas vezes, trajes, maquiagens e adereços vêm acompanhados de condutas compatíveis com a proposta da indumentária. Veste-se o personagem. Alguns sujeitos ou grupos cantam refrãos, inventam frases, representam cenas e criam situações diversas de interação com outros foliões.



Imagem 74 – Folião fantasiado de caixa de palitos de dente na segunda-feira de carnaval de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 75 – Integrantes de grupo fantasiado de mafiosos na segunda-feira de carnaval de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Em tempos marcados pela força das redes sociais e pela valorização dos registros fotográficos e *selfies*, os foliões que investem em fantasias mais criativas ou rebuscadas tornam-se atrativos e são, por vezes, demandados para fotos com estranhos, que pedem licença e por vezes fazem filas para posar ao lado das celebridades momentâneas (imagem 76). O que normalmente se vê nesses casos é a abertura e o acolhimento, somados a uma aparente satisfação pessoal.



Imagem 76 – Foliões posam para foto com casal “Viking” desconhecido.  
Fonte, autora, 2017.

Algumas troças e blocos tornaram-se populares e marcantes na festa, sobretudo por exaltarem esse aspecto e estimularem seus seguidores a entrar no clima e se tornar uma engrenagem num todo que só faz sentido se cada folião incorporar a brincadeira, como é o caso do Bloco Mangue Beat, que desde meados da década de 1990 sai às ruas nas manhãs do Sábado de Zé Pereira homenageando o cantor Chico Science e o Movimento Mangue, com foliões com corpos cobertos de argila (imagem 77).



Imagem 77 – Concentração do Bloco Manguê Beat, no Sábado de Zé Pereira de 2017.  
Fonte: Autora, 2017.

Outras agremiações, como o Bloco Enquanto Isso na Sala de Justiça - provavelmente o mais popular da manhã do domingo de carnaval - provocam os foliões a caprichar na criatividade e se destacar. Esse bloco acabou tornando-se um sucesso entre pessoas de todas as idades, com destaque entre as crianças, que são levadas pelos pais para a concentração para apreciar e interagir com as pessoas fantasiadas. O instante mais esperado da agremiação, que se concentra no Alto da Sé, é o momento em que um atleta fantasiado de Homem Aranha faz uma performance escalando com rapel a Caixa d'Água da Compesa, edificação modernista revestida de cobogós em cujo topo funciona um disputado mirante noutros dias do ano. Uma multidão se concentra para assistir ao espetáculo, ao mesmo tempo em que cada espectador também protagoniza a festa por meio das suas fantasias e performances (imagem 78).



Imagem 78 – Performance do Homem Aranha no domingo de carnaval de 2019.  
Fonte: Marlon Costa / Pernambuco Press, 2019.

Há as agremiações que vendem camisas para arrecadar dinheiro para financiar orquestras e outros custos da saída e por vezes fazem uma concentração que dá direito à entrada e, em alguns casos, alimentos e bebidas a quem colaborou financeiramente e está trajando a camisa. As agremiações fornecem camisas, geralmente financiadas por patrocinadores, para identificar os músicos das orquestras contratadas. A camisa da “Troça Carnavalesca Mista Escrota Sexual Indigna Etflica Política Diurética Dietética Indígena Esportiva Anárquica e Ecológica Segurucu” traz nas costas seu hino, para facilitar a vida dos foliões que desejam cantar, mas não memorizaram a letra (imagem 79).



Imagem 79 – Costas de um dos músicos da orquestra da Troça Carnavalesca Mista Segurucu na terça-feira de carnaval de 2018.

Fonte: Autora, 2018.

Vestir as cores das agremiações com as quais o folião se identifica também é um costume no carnaval olindense. As mais populares chegam a reunir grande volume de pessoas trajadas com sua camisa oficial ou com roupas, adereços e maquiagens que seguem sua proposta cromática ou temática. No Sábado de Zé Pereira, por exemplo, é fácil identificar quem vai para a concentração do Bloco Hoje a Mangueira Entra, pois provavelmente estarão de verde e rosa; os apaixonados pelo Bloco Eu Acho é Pouco, certamente estarão vestidos de vermelho e amarelo, à procura, embaixo ou seguindo o Dragão pelas ruas da Cidade Alta. Algumas agremiações apresentam-se paradas, mas muitas outras são itinerantes e às vezes não obedecem a horários ou itinerários rígidos. Um grupo de amigas – entre as quais a autora desta tese – estava usando roupas em vermelho e amarelo no Sábado de Zé Pereira de 2017, ao passar pelas ruas, algumas pessoas perguntavam: “*cadê o Eu Acho é Pouco?*”, porque deduziam que as foliãs estavam vindo dele ou indo ao seu encontro. É algo comum no carnaval de Olinda: as principais agremiações já são conhecidas por suas cores ou características de fantasia e as pessoas que estão querendo acompanhar pedem orientação a

outras pessoas que estão aparentemente ligadas àquela agremiação. A imagem 80 mostra foliões trajadas com as cores do Eu Acho é Pouco no carnaval de 2020.

Prospectos e outros materiais impressos ou digitais contendo a programação carnavalesca servem como material de orientação e consulta para alguns foliões, mas, talvez devido a mudanças de itinerário, atrasos nas saídas e incompletude de informações, é comum que as pessoas busquem informações umas com as outras. Assim, o figurino dos foliões desempenha, por vezes, a função de minimizar as falhas de legibilidade da festa. A tradição também serve como orientação, sobretudo para a população local, que já tem noção do que, onde e que horas se dão os acontecimentos da festa. Entretanto, o acesso a esse carnaval com certa lógica e estruturação se restringe aos iniciados. Isso não significa que não se possa vivenciar satisfatoriamente a festa sem acesso a esses conhecimentos.

A programação oficial dos polos e palcos também serve como norte, pois os artistas contratados para se apresentar e cumprir agendas de shows com mais rigidez facilita a brincadeira de quem busca algo formatado com critérios que possibilitem sua leitura e compreensão.

Ser ciceroneado por um “folião raiz” local, que conduza ou oriente a achados especiais pode ser um privilégio. Na terça-feira pela manhã acontece o Encontro dos Bonecos Gigantes. Antes de percorrerem as ruas, os gigantes se concentram no largo do Guadalupe, onde acontecem shows. Enquanto muitos ficam aguardando a passagem dos bonecos, há poucos metros dali, parados sob o sol e sem atrações passando, para depois assistir à passagem dos gigantes enfrentando aperto, a comunidade local assiste confortavelmente ao espetáculo gratuito antes de seguir o cortejo pelas ladeiras. Outro exemplo do privilégio de conhecer ou estar acompanhado de quem conhece os meandros da festa é conseguir pegar atalhos, na medida do possível se desvencilhar da confusão, além de evitar situações de maior risco.



Imagem 80 – Foliãs vestidas com as cores do Bloco Eu Acho é Pouco no dia nove de fevereiro de 2020, dia do ensaio aberto do Bloco Eu Acho é Pouco.  
Fonte: Mirela Castanha, 2020.

Na Festa da Carne, o flerte está por toda parte e as fantasias evidenciam a abertura à paquera. Na imagem 81 é possível observar dois foliões fantasiados de xeiques, segurando várias notas personalizadas de “dinheiro” que eles distribuíam entre as moças que achavam interessantes. A foto seguinte (imagem 82) exhibe o teor das notas: fotos dos rapazes e os números de seus telefones, emitidas por “*United States of Olinda*”.



Imagem 81 – Foliões fantasiados de xeiques no Sábado de Zé Pereira de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

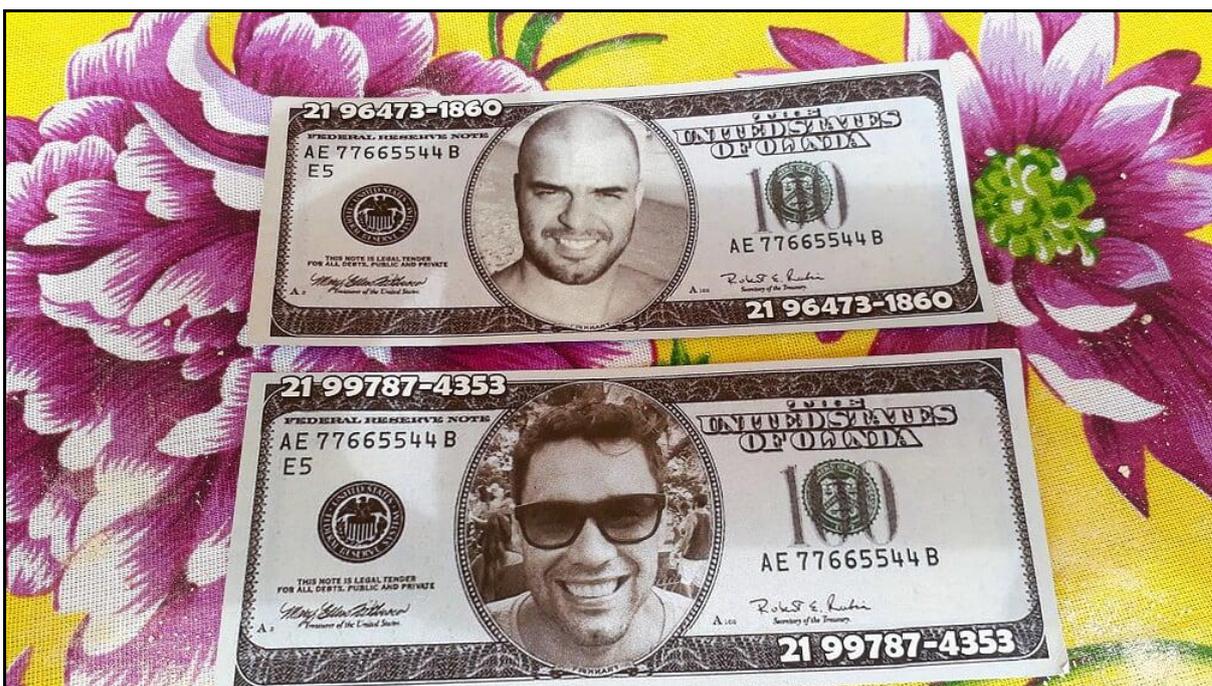


Imagem 82 – Notas de “dinheiro” dos xeiques, Sábado de Zé Pereira de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Um rapaz sorridente entregou à pesquisadora uma cartinha com uma estrela desenhada e a palavra *superlike* escrita (imagem 83). Após receber, sorrir e agradecer, a pesquisadora percebeu que ele permaneceu ali por uns instantes aguardando a resposta e só depois de um tempo saiu. Diante da não compreensão do significado daquilo, uma amiga explicou que a

estrela com a palavra fazia menção a um aplicativo de relacionamentos e significava algo como “estou muito interessado em você”.



Imagem 83 – Cartinha de *superlike* distribuída por folião durante o carnaval.  
Fonte: Autora, 2018.

Uma das características observadas nas fantasias do carnaval olindense é a comunicação visual que revela interesse ou desinteresse no estabelecimento de contatos ou relações, inclusive íntimas ou amorosas. Há fantasias mais rebuscadas, outras menos elaboradas ou até mesmo improvisadas. Algumas mais criativas, outras bastante repetidas. O artista pernambucano Siba refere-se a essa possibilidade de simplificação da indumentária do folião em sua música, *A Bagaceira* de Siba:

Não quero fantasia.  
Vou me vestir como der.  
Num dia eu melo a cara  
No outro eu vou de mulher  
(OLIVEIRA, 2012).

Nos últimos anos, as placas têm sido comuns nesse processo de simplificação da comunicação visual por meio das fantasias, por meio desse recurso, que pode ser rapidamente improvisado, os foliões, sobretudo os mais jovens, manifestam o que desejam de forma barata e fazem sucesso. A imagem 84 mostra um folião brincando com a curiosidade despertada pelas placas.



Imagem 84 – Folião segurando placa sobre curiosos leitores de placas, segunda-feira de carnaval de 2018.  
Fonte: Autora, 2018.

Abaixo, alguns exemplos de fantasias que somadas a performances, desfilam pelas ruas do Sítio Histórico atribuindo humor e facilitando a aproximação para o flerte. A imagem 85, propõe: “80 me beijar”, que pode ser lida de outra forma: “Oi!, tenta me beijar!”. A placa usada pelo folião que posou para a imagem 86 pergunta: “Qual shampoo você usa? Euserve?” Fazendo um trocadilho entre a marca de xampu e o questionamento sobre se ele servia para ser usado pelo leitor ou leitora da placa. Ainda sobre servir, a imagem 87 mostra um rapaz segurando uma placa afirmando que, apesar de não ser garçom, o leitor serve. Já diabinho da imagem 88 constata: “Eu não posso me beijar, mas você pode”.



Imagem 85 – Placa propondo “80 me beijar”.  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 86 – Placa perguntando “Qual shampoo você usa? Eu serve?”.  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 87 – Placa com afirmação “Tu não é garçon, mas serve!!”  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 88 – Fantasia com placa “Eu não posso me beijar, mas você pode”.  
Fonte: Autora, 2019.

As moças também recorrem bastante à estratégia das placas para flertar de forma bem humorada durante a folia. No exemplo da foliã que aparece fantasiada de capeta na imagem 89 a placa que propõe “Tá no inferno? Beija o capeta!!!” complementa o visual. Na imagem 90 a pesquisadora posa para uma foto ao lado da ousada foliã fantasiada de banana que adverte: “Se não for comer, não me amasse!”. Um pouco mais romântica na escolha da mensagem, a foliã fantasiada de cigana exibida na imagem 91 faz a sua previsão: “Vejo seu futuro comigo”.



Imagem 89 - Fantasia com placa “Tá no inferno? Beija o capeta!!!”  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 90 “Se não for comer, não me amasse!”  
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.



Imagem 91 – Fantasia de cigana, “Vejo seu futuro comigo”.  
Fonte: Autora, 2018.

Usando como referência o aplicativo de transporte, duas amigas aparecem na imagem 92 fantasiadas de Uber e usando plaquinhas de advertência de duplo sentido: “Se beber, pegue um Uber”. Recorrendo à mesma referência, outra pessoa ostenta uma placa de dupla face, que exhibe de um lado “Uber Black – pego só você” (imagem 93) e do outro “Uber Pool – pego você e suas amigas” (imagem 94).



Imagem 92 – Amigas fantasiadas de Uber com placas: “Se beber, pegue um Uber”.  
Fonte: Autora, 2018.

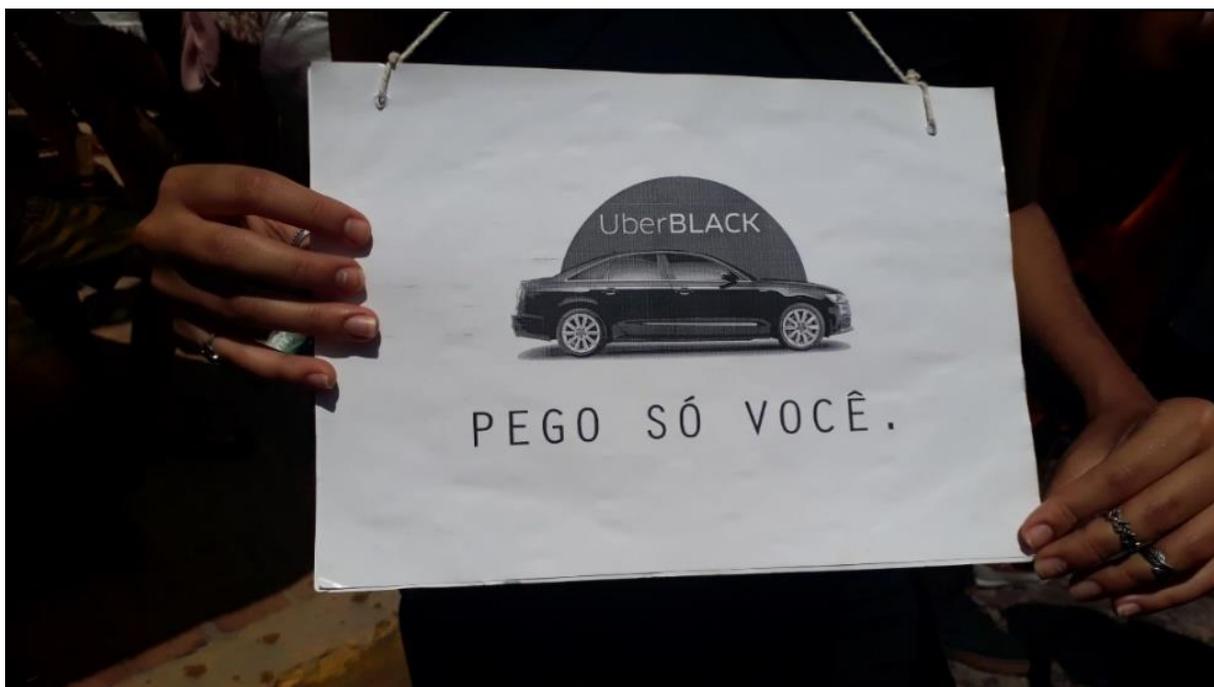


Imagem 93 - “Uber Black – pego só você”.  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 94 - “Uber Pool – pego você e suas amigas”.  
Fonte: Autora, 2018.

Pegar “você e as suas amigas” à luz do dia e em lugar público sem provocar estranhamento não é tão comum noutras situações, mas no carnaval de Olinda os beijos triplos e até quádruplos não são novidades e algumas fantasias podem facilitar o acesso a isso. A sequência de imagens 95, 96 e 97 mostra três moças fantasiadas de pescadoras que carregam uma rede de pesca e exibem plaquinha com o dizer: “Caiu na rede...”. Na primeira imagem,

uma delas posa para a foto, na segunda, as três posam junto de um “peixe” que “caiu na rede” delas e na última é registrado um beijo quádruplo entre as pescadoras e o pescado.



Imagem 95 – Fantasia de pescadora “Caiu na rede...”  
Fonte: Autora, 2018



Imagem 96 – Amigas “pescadoras” e rapaz que caiu na rede.  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 97 – Beijo quádruplo entre amigas “pescadoras” e rapaz “pescado”.  
Fonte: Autora, 2018.

A criatividade na formulação do teor das plaquinhas por vezes chama atenção, como no caso da imagem 98, em que um rapaz fantasiado de cozinheiro elaborou um menu temperado com generosas pitadas de trocadilhos. A imagem 99 mostra em detalhes o conteúdo da placa.



Imagem 98 – Folião fantasiado de cozinheiro com menu repleto de trocadilhos.  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 99 – Detalhe do menu carregado pelo folião fantasiado de cozinheiro.  
Fonte: Autora, 2018.

Uma das fantasias mais comuns no carnaval de 2018 foi a de unicórnio. Brincando com o fato, o rapaz da imagem 100 usou a tal fantasia e completou a produção com uma plaquinha que dizia “É piranha o ano inteiro, mas no carnaval quer ser unicórnio”.



Imagem 100 – Fantasia de unicórnio com placa: “É piranha o ano inteiro, mas no carnaval quer ser unicórnio”.  
Fonte: Autora, 2018.

Há também camisas com dizeres relativos à sedução, como as exibidas nas imagens 101, 102 e 103. A primeira apresenta a proposta: “Beija?” seguida pelas alternativas: “Sim e Não”, a segunda é usada por um folião que veste um texto mais autoconfiante: “Bora se beijar?” é a pergunta, as respostas não deixam alternativa: “Bora ou Claro”. O terceiro veste uma camisa com a proposta: “Pouse aqui no meu aerocorpo”.



Imagem 101 – Camisa com o texto “Beija?”  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 102 – Camisa com o texto: “Bora se beijar?”  
Fonte: Autora, 2018.



Imagem 103 – Camisa com o texto: “Pouse aqui no meu aerocorpo”.  
Fonte: Autora, 2019.

Aqueles que já encontraram seu par, muitas vezes providenciam fantasias em duplas, como é o caso do casal exibido nas imagens 104 e 105, que a pesquisadora encontrou formando par nos figurinos diversas vezes ao longo dos quatro anos de trabalho de campo.



Imagem 104 – Casal fantasiado de pompom, nas palavras deles.  
Fonte: Autora, 2017.



Imagem 105 – Casal fantasiado em homenagem ao Homem da Meia Noite.  
Fonte: Autora, 2017.

Chiquinha e Chaves, personagens do popular programa de TV mexicano (imagem 106) e Popeye e sua companheira Olívia Palito (imagem 107) também marcaram presença na folia.



Imagem 106 – Casal fantasiado de Chiquinha e Chaves.  
Fonte: Autora, 2017.



Imagem 107 – Casal fantasiado de Popeye e Olívia Palito.  
Fonte: Autora, 2018.

O calor, que é constante na folia olindense, inspira fantasias que convidam à interação, que pode ir de oferta de um pequeno alívio à sensação térmica a uma gozação com a situação. Na imagem 108 um folião usando um sombrero porta uma plaquinha que diz “aluga-se sombra”. Algumas moças se aproximavam do rapaz em busca do tal aluguel.

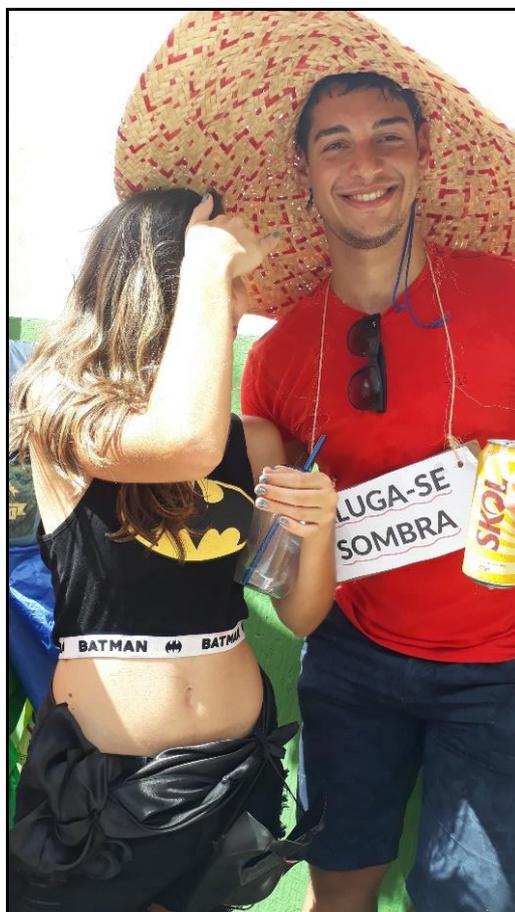


Imagem 108 – Fantasia de sombrero.  
Fonte: Autora, 2018.

A imagem 109 apresenta outra forma de convite à interação a partir do mote do alívio do calor. Nela, um rapaz usa um vaporizador portátil e oferece instantes de refrescância. Na ocasião, diversas pessoas iam até ele para se molhar um pouco e depois seguir. Quando o reservatório d’água ficava vazio, ele se afastava e voltava reabastecido.



Imagem 109 - Fantasia que funciona como alívio ao calor.  
Fonte, Autora, 2018.

Mas o instrumento mais comum usado para molhar pessoas no carnaval de Olinda é a arminha plástica de água. Geralmente encontrada nas mãos de crianças, para alguns representa motivo de desconforto e chateação, enquanto para outros significa alívio do calor. As crianças observadas na Rua do Amparo no carnaval de 2017 e que podem ser vistas na imagem 110 preferiam interagir com quem se sentisse incomodado. A procura de contato com o outro, nesse caso, se dava a partir da provocação.



Imagem 110 – Crianças brincam com pistola d'água.  
Fonte: Autora, 2017.

Com um banco diante da casa, sem cobertura, recebendo raios solares durante o dia inteiro, as pessoas que ocupavam a casa brincavam com a própria situação, convidando os passantes a sentar e compartilhar o desconforto: “Hemorroida aqui está garantida. Sente conosco”, dizia o cartaz próximo ao banco.



Imagem 111 – Convite a sentar e garantir uma hemorroida.  
Fonte: Autora, 2018.

Os temas atuais também marcam sempre presença nas indumentárias da festa. A pandemia que ocupava os noticiários no período carnavalesco de 2020 não poderia ficar de fora da brincadeira. A imagem 112 exhibe um rapaz usando máscara e uma placa onde se lê “coronavírus” e está acompanhado por uma moça com a placa: “Não fale comigo, estou com coronavírus”



Imagem 112 - Casal usando o Coronavírus como tema de fantasia.  
Fonte: Autora, 2020.

Esse último exemplo suscita uma questão marcante da festa: o carnaval de Olinda é muito mais político do que se pode imaginar. A crítica presente nas fantasias e o escárnio das troças carnavalescas, as palavras de revolta e protesto travestidas de zombaria estão presentes na festa o tempo inteiro.

## 5.2 Carnaval é coisa séria

As fantasias também são usadas para expressar posicionamentos dos foliões. Para além da política partidária, presente em fantasias como a mostrada na imagem 113, que

zomba de um episódio polêmico envolvendo uma figura pública então ligada à Secretaria Nacional de Cultura, questões sociais, como a conduta da classe média branca e a meritocracia, são questionadas de forma bem humorada, como é possível conferir nas imagens 114 e 115.



Imagem 113 – Fantasia de zombaria de cunho político.  
Fonte: Autora, 2020.



Imagem 114 – Fantasia que usa como referência apresentadora de programa gastronômico na TV para protestar contra a meritocracia.  
Fonte: Autora, 2020.



Imagem 115 – Casal fantasiado segundo referência de memes das redes sociais “Barbie fascista da meritocracia” e “engomadinho”.  
Fonte: Autora, 2019.

As ações de combate ao assédio às mulheres também marcam presença na festa e vão além das iniciativas das secretarias municipais ligadas ao tema. As agremiações não se omitem a trazer a questão, além disso, a cada ano é mais comum ver as mulheres reivindicando o direito de se vestir como quiserem e o que não era comum no carnaval da cidade se avoluma: mulheres vestidas com *collant*, biquínis, *hot pants*, seios expostos apenas com pequenos adesivos nos mamilos circulam por todas as partes e o público da festa, pelo que se observou durante os quatro anos de pesquisa, não as importuna.

Os gritos de motivação política dominaram as ruas e alguns viraram o hino de muitos blocos durante o carnaval de 2019, às vezes puxado pela própria orquestra, mas em geral iniciado por algumas pessoas e seguido por praticamente todos os foliões presentes. Isso aconteceu em todos os dias de prévias e intensificou-se durante o carnaval a ponto de alterar significativamente os sons que costumeiramente são ouvidos no carnaval da cidade. A pesquisadora chegou a ouvir pessoas se queixando de sentir falta de ouvir frevos canção tradicionais, porque as ruas foram dominadas por gritos de insatisfação em relação ao contexto político nacional. No carnaval de 2020, em alguns pontos, os protestos avançaram no

sentido de questionar a homofobia presente nos insultos às lideranças políticas e as palavras de ordem passaram a ser reformuladas, mantendo, entretanto o humor e o escárnio típico das manifestações havidas no contexto carnavalesco.

Em muitos momentos a impressão que se tem é de que o posicionamento dos foliões é homogêneo, já que todos parecem entoar o coro de protesto a uma só voz, mas isso não é realidade. Um olhar mais atento percebe pessoas torcendo o rosto, esbravejando, se afastando ou simplesmente silenciando enquanto a maioria protesta. Um primo da pesquisadora, por exemplo, acabara de chegar na festa e, ao ouvir os gritos de ordem dos quais discordava resolveu se retirar decepcionado. Tratava-se da saída de uma das agremiações de posicionamento político mais forte: Eu Acho é Pouco, que sempre veste o seu símbolo maior, o dragão, e os seus seguidores com temas políticos, como ilustra a imagem 116.



Imagem 116 – Tecido que cobriu o dragão do Eu Acho é Pouco no carnaval de 2019.

Fonte: Autora, 2019

Sobre a violência presente no carnaval olindense por parte do Estado, a liderança cultural Guitinho da Xambá afirma que se quer promover um carnaval, ao mesmo tempo em que se “*perseguem aqueles que são produtores do carnaval, os brincantes, isso é muito ridículo, contraditório, né?*”. Seguindo, ele afirma:

*Uma festa que pra eles fomenta muita grana, no entanto é uma festa [tratada como] de baderneiros e que tem que ser reprimida, então há uma controvérsia muito grande, uma prova do que o mecanismo utilizado é falido, porque esses anos todos o carnaval era pra ser uma festa muito doce, com todo seu vigor cultural, no*

*entanto, é uma festa que se prepara um exército policial pra conter os brincantes (Guitinho da Xambá, 2020).*

Na sua visão, e na de outros entrevistados, os excessos da polícia provocam em alguns brincantes a sensação de medo, não de segurança e proteção. O mesmo entrevistado pondera:

*De fato, acontecem atos violentos e que têm que ser reprimidos, mas é uma cultura... pra que esses atos não aconteçam. Então, a polícia já é preparada pra reprimir algo que o estado não consegue domar e nem dar educação que poderia ser um exército policial pra somar, não pra ir já ir preparado pra arriar os cacetetes e espalhar o spray de pimenta (Guitinho da Xambá, 2020).*

De fato, o *spray* de pimenta é acionado em situações que se tornam extremamente hostis aos olindenses e visitantes da festa. Para conter brigas, os policiais militares chegaram a lançar *spray* de pimenta duas vezes consecutivas na saída do Homem da Meia Noite de 2019, nas imediações em que a pesquisadora estava, causando na pesquisadora e no grupo de amigos que a acompanhava tosse e forte mal estar. A imagem 117 mostra a quantidade de PMs presentes na saída do Homem da Meia Noite, que foi relatada como visualmente agressiva por alguns foliões.

O entrevistado menciona ainda outro tipo de violência, que é a colocação de tapumes para proteção dos monumentos. “*Tudo isso é agressão pra mim, para a nossa cultura, as nossas manifestações*” (Guitinho da Xambá, 2020).



Imagem 117: Saída do Homem da Meia Noite no Carnaval de 2020.

Fonte: Autora, 2020.

Ao abordar a importância do ritual da hospitalidade, Camargo (2015) traz as noções de ética e estética e ressalta que o gesto hospitaleiro bem realizado mistura ideais de bondade e de beleza. Isso inclui postura adequada, escolha certa das palavras, cuidado com as marcações de tempo e espaço, entre outros detalhes. Defendendo que a cena hospitaleira tem uma estética própria, ele evoca o sentido teatral do termo “cena” e trata anfitrião e hóspede como os principais atores da cena hospitaleira. Esses atores devem seguir marcações precisas de espaço e tempo e qualquer deslize no cumprimento das regras – violação das leis da hospitalidade - pode levar a fins insuspeitos.

Rossana Rameh (2020), bailarina e brincante que desfila há três décadas em agremiações carnavalescas diversas, menciona que a agremiação da qual faz parte atualmente, A Cabra Alada, parou de desfilar em Olinda por conta de muitos problemas com os desfiles e cita alguns desses problemas: “*é desrespeito mesmo, invasão do desfile, jogaram não só água como lama, xixi, então muitas pessoas do grupo foram ficando abusadas de sofrer tanto pra desfilar em Olinda e o grupo foi envelhecendo*”. Continuando, ela afirma: “*o grupo foi ficando mais velho e não consegue mesmo é ter essa interação que era maravilhosa com Olinda devido a essas questões de desrespeito dos espaços do desfile*” (Rossana Rameh, 2020).

Sobre o uso do espaço público para as manifestações carnavalescas, a brincante afirma:

*O Maracatu Cabra Alada hoje é uma agremiação enorme [...] que saiu de Olinda já há alguns anos devido a toda problemática que é fazer ensaio aberto na cidade, por conta de questões dos moradores do Sítio Histórico que preferem que Olinda invés de Patrimônio Cultural da Humanidade seja um Patrimônio do dormitório geral da nação, né? Eu fico pensando muito do direito claro das pessoas de morarem naquele espaço, na Cidade Alta, mas ao mesmo tempo desse espaço da Cidade Alta não ser deles simplesmente porque eles têm casa em Olinda, mas ser sim um patrimônio de todos da cidade e as pessoas poderem usufruir desse patrimônio e transitarem por essa cidade e fazerem algum barulho relativo ao que é a cultura a necessidade, né?*

Na sequência, a mesma entrevistada pondera, considerando o lado dos moradores:

*Esse batuque nesse espaço... então isso é uma coisa bem polêmica, bem complexa e com certeza os ensaios atrapalham isso porque durante o carnaval é como se houvesse uma permissão e aí muita gente, muito morador sai da cidade, mas durante o ano em outros dias que não sejam no carnaval, isso é complicado porque é a vida das pessoas acontecendo ali e esse barulho e essa quantidade de pessoas indo pra ensaios abertos e tal isso pode de fato atrapalhar a dinâmica, a paz e o sossego do morador, mas*

*quem vai morar lá sabe disso então, enfim é uma coisa aí meio controversa, mas que eu acho que é importante a gente olhar pra isso e discutir.*

De fato, a hospitalidade e a hostilidade caminham juntas nessa festa, que, ao mesmo tempo que acolhe, maltrata. A imagem 118 representa os visitantes, que escolhem passar o carnaval na cidade e buscam se envolver e ser acolhidos, mas ao mesmo tempo representam uma ameaça. A imagem 119 traz foliões orgulhosos da bandeira pernambucana. A reunião de ambos é repleta de alegria e encontros hospitaleiros, mas também revela conflitos e hostilidade.



Imagem 118 – Mineiros segurando a bandeira pernambucana.  
Fonte: Autora, 2018



Imagem 119 – Foliões pernambucanos “vestidos” com a bandeira do estado.  
Fonte: Autora, 2019.

### 5.3 Vamos cair no passo e a vida gozar!

Bakhtin (1987) afirma que o carnaval tem a função de rebaixar e democratizar a linguagem e os rituais hierárquicos, negando qualquer ordem superior à verdade dita pelo povo e pela festa. Mesmo concordando que “a festa pode significar um momento e um espaço de aproximação entre pessoas distantes na hierarquia social”, Souza (2005, p. 103) lembra que “existem limites, interdições e hierarquias que estruturam a festa” e que esta pode significar o contrário: “um momento de reafirmação de valores, *status* e barreiras”.

Ao analisar registros das agremiações carnavalescas do Recife entre 1930 e 1945, Santos (2010) critica as interpretações do carnaval balizadas pela ideia de “ritual de inversão” e questiona a linha de pensamento de autores como Roberto Da Matta (1982), que na obra *Carnavais, Malandros e Heróis* lança mão desse entendimento da festa como um rito fundado no princípio social da inversão. Para ele, o antropólogo “não considera as especificidades que cada celebração tem, em locais próprios, com sujeitos diferentes, e nega o caráter histórico presente no processo de formação da festa” (SANTOS, 2010, p. 29-30). Seguindo com seu raciocínio, o autor afirma que as análises generalizantes tiram da festa o seu conteúdo

histórico e em muito se distanciam da realidade das ruas. O autor propõe a ampliação das discussões sobre o carnaval, “estudando-o como uma celebração relacionada ao cotidiano da cidade” (SANTOS, 2010). Uma festa “criada no exercício diário da convivência e no partilhar de experiências comuns na família, na vizinhança, no trabalho, no lazer, na vida religiosa, social e política” (ARAÚJO, 1996, *apud* SANTOS, 2010, p. 30).

A empiria no Sítio Histórico de Olinda mostrou que o carnaval não pode ser dissociado do contexto sociocultural do seu tempo e espaço, ainda que durante a vigência da folia haja transformações diversas nos espaços públicos e privados, fazendo com que negociações e concessões inimagináveis noutros períodos sejam incorporadas como normalidade durante esse tempo de quebra de rotinas.

A forma de lidar, por exemplo, com o álcool e outras drogas, com as questões de gênero e com a sexualidade passa por mudanças temporárias, e o que em outras circunstâncias geraria estranhamento, julgamentos, conflitos e intolerância nem sempre provoca as mesmas reações no contexto da festa. Nesse sentido, o que se observa no carnaval olindense se aproxima do que Dumazedier (1994, p. 54) aponta:

[...] a festa é um contexto social onde o indivíduo pode ter direitos de expressão proibidos na vida cotidiana; ela é uma ocasião para um indivíduo se divertir mais “livremente”, cometendo excessos de todos os tipos, de comida, de bebida ou de luxúria, permitidos ou tolerados, até encorajados, dentro dos limites deste quadro social.

O autor cita o carnaval em todas as comunidades cristãs tradicionais como exemplo, ressaltando que “neste tempo muitos pecados capitais ou veniais são, senão encorajados, pelo menos tolerados”. Para ele, a sociedade só se torna permissiva em dias de festa ritual (DUMAZEDIER, 1994, p. 54).

Nesse período em Olinda, não é incomum a venda de drogas ilícitas ao ar livre – muitas vezes ignorada pela polícia – aos gritos de “olha o sucesso” e “olha a massa”, se referindo respectivamente ao loló<sup>47</sup> e à *Cannabis sativa* (maconha). Bebidas alcoólicas próprias da região, que são infusões de vários tipos de ervas em cachaça, passam a ser mais procuradas e consumidas com voracidade. Dentre elas, podemos citar o Axé de Fala, Pau do Índio, etc.

---

<sup>47</sup> Cheirinho da loló ou loló é o nome popular de um entorpecente preparado clandestinamente baseado em clorofórmio e éter.

Letras de músicas populares no carnaval mencionam, explicitamente ou não, a presença de drogas na festa. Podemos citar uma muito executada pelas orquestras de frevo, popularizada na voz de Alceu Valença:

E na mistura colorida da massa  
 Fui bater na praça a todo vapor  
 Descambei passando pelos bares  
 Cheirei a menina e voei pelos ares  
 No pique do frevo caí como um raio  
 Me segura que senão eu caio  
 Me segura que senão eu caio (MICHILES, 1986)

Um folião mais atento percebe que a além da massa (maconha), o vapor se refere ao lança-perfume, enquanto o verso “cheirei a menina [...]” diz respeito à cocaína. O final do trecho transcrito acima, “Me segura que senão eu caio”, faz referência ao estado de embriaguez e torpor provocado pelos excessos do consumo dessas substâncias, o que pode provocar a desinibição e maior abertura à brincadeira, mas também situações como a exposta pela entrevistada Mariana (2017), que relatou que o seu marido transformou-se após o consumo excessivo de álcool e outras coisas mais e durante um período de sua ausência e envolveu-se sexualmente com outra mulher que estava hospedada na mesma casa, tendo o flagrante da cena provocado uma briga entre os três.

Podemos lembrar ainda das modificações e composições livres dos foliões aos gritos de “quem não tem pó, cheira loló, quem não tem pó cheira loló”, durante a parte instrumental do hino da Troça Carnavalesca Ceroula de Olinda, ou ainda “Morena tome cana, que a cerveja acabou/aumentou”, substituindo a letra original “Morena tropicana, eu quero teu sabor” de Alceu Valença.

Isso não significa que no carnaval olindense tudo seja socialmente aceito. Existem regras tácitas que determinam o que é permitido e onde, inclusive, preconceitos e opressões que são presentes o ano inteiro não deixam de existir como por milagre durante a festa. Um exemplo disso, relacionado à cartografia informal da festa, é a Rua Treze de Maio, onde os flertes, beijos e até carícias entre pessoas do mesmo sexo e a presença de pessoas da comunidade LGBTQIA+<sup>48</sup> é muito maior do que noutros espaços do Sítio Histórico. A jovem transexual Lorena (que pode ser vista na imagem 120), e um grupo de amigos, também da comunidade, que estavam hospedados na sua residência no carnaval de 2017 relataram que,

---

<sup>48</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersex, Agêneros, Assexuados e mais.

além de se divertirem mais, sentem-se mais confortáveis e seguros na mencionada rua e, por isso, todos os anos passam quase todo o tempo de folia brincando naquela área. Perguntada se pretendia circular por outras áreas, Lorena respondeu que não e justificou:

*[...] ninguém quer se sentir constrangida num lugar em que está para se divertir e ser feliz com os amigos. Além disso, quando eu perguntei se alguém queria subir para a Ribeira ninguém quis. As bichas disseram logo que lá só tinha hétero desses que tem mania de constranger a gente com gritos de chacota, risadas, gaitadas, cutucadas (Lorena, 2017).*

Ao ouvir a pergunta: “Cutucam vocês?”, ela respondeu que não, “*mas cutucam uns aos outros e ficam apontando e isso também é uma forma de agressão que faz a gente não querer ir para lá*”. Ela aponta que só na Rua Treze de Maio e no Alto da Sé se sente livre do risco de violência física, verbal e ameaças, mas não sabe o motivo de se sentir assim no Alto da Sé, já que não se trata de um reduto LGBTQIA+. “*Só sei que lá me sinto bem. Não sei por quê*”.



Imagem 120 – Pesquisadora ao lado de Lorena no domingo de carnaval de 2017.  
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

O relato de Lorena exemplifica a afirmação de que o carnaval, como fato social, vincula-se às normas de convivência, valores e convenções com os quais se contextualiza e, ainda que a liberdade e o direito de expressão sejam ampliados durante os dias de festa, algumas pessoas continuam sendo hostilizadas simplesmente por serem quem são. A mesma sociedade que valoriza e aplaude homens cisgêneros fantasiados de mulheres durante a folia tem dificuldade de lidar com pessoas como Lorena circulando em alguns espaços da festa. Em conversa com Lorena e seus amigos no carnaval de 2017 ficou claro para a pesquisadora que em algumas situações essas pessoas são apenas toleradas e não acolhidas. Pereira (2013, p. 319), afirma que “a ideia de tolerância pressupõe um distanciamento e uma barreira cultural que impede o contato entre diferentes identidades”. Para ele:

[...] só toleramos aquilo que, em sede inicial, não toleraríamos. Assim, quando tolero ainda tenho a última palavra e decido se sou clemente com a diferença que me traz desconforto. Sou um juiz no tribunal da relação. Ao tolerar o outro assumo um patamar de hierarquia. Ainda sou senhor da razão e modelo o outro àquilo que minha representação cognitiva conduz. - Impeço-o de sua outridade. Despedaço aquilo que primordialmente configura a possibilidade do Encontro (PEREIRA, 2013, p. 317).

Sobre isso, Derrida (*apud* BORRADORI, 2003, p. 137) afirma:

[...] se alguém acha que estou sendo hospitaleiro porque sou tolerante, é porque eu desejo limitar minha acolhida, reter o poder e manter o controle sobre os limites do meu “lar”, minha soberania, o meu “eu posso” (meu território, minha casa, minha língua, minha cultura, minha religião etc...)

Quando apenas se tolera a presença e mesmo a existência do outro, a acolhida é limitada e não há de fato hospitalidade.

Mesmo em situações em que existe um aparente vale-tudo na festa, cuidados de convivência são tomados para evitar conflitos. Andira, mulher de mais de sessenta anos de idade e que mora há mais de trinta na Rua do Amparo, costuma fazer brincadeiras durante os dias de carnaval com o objetivo de interagir com desconhecidos que passam diante de sua casa. Ela relatou que em 2017 preparou uma bebida alcóolica e ficou oferecendo às mulheres que passavam acompanhadas por namorados que ela julgava bonitos em troca de beijos dos rapazes. Além dos atributos físicos dos rapazes, ela considerava outras questões como a simpatia das mulheres e aparente abertura ao contato com pessoas desconhecidas. Ela também buscava moças que pareciam autoconfiantes o suficiente para não se sentirem ameaçadas e enciumadas e compreenderem que se tratava de uma brincadeira nas suas palavras “*sem maldade*”. Andira afirmou que apenas duas mulheres recusaram a oferta da bebida em troca

do beijo de seus namorados. A brincadeira é coerente com o clima reinante na festa e é difícil imaginar algo dessa natureza acontecer fora do contexto momesco. Ainda que se possa interpretar que a brincadeira estava invertendo a lógica da objetificação das mulheres ao propor a compra de beijos de rapazes usando a bebida como moeda, a entrevistada afirmou que ao escolher apenas homens acompanhados buscava além da interação com os casais e da brincadeira, autoproteção, pois homens acompanhados não a importunariam após a brincadeira. A autopreservação e o evitamento dos riscos embutidos nas relações hospitalares foram cuidados constantemente observados durante a festa.

Ainda acerca da sexualidade durante o carnaval do Sítio Histórico de Olinda, Dumazedier (1994) aponta que excessos como o caso relatado por Dona Ivanilda, mulher idosa que mora na Rua do Amparo, costumam ser permitidos dentro no contexto da festa:

*Na sexta feira era umas dez e pouco da noite, nós estávamos aqui na sala, a janela aberta, ali na ladeira né, uma das moças que estava aqui na sala olhou achou uma coisa estranha e foi olhar de novo. Aí chamou minha sobrinha, aí ficaram olhando, eu perguntei “o que vocês estão vendo?” “Dois casais ali fazendo sexo”. [...] Eu fiquei aqui e elas ficaram assistindo de camarote. E eu rindo. São as coisas que sempre aparecem por aqui, umas novidadezinha. E eu gosto de novidade. Aparece mais essas coisas assim perto do carnaval, essas novidades que aparece (Ivanilda, 2017).*

Uma mulher de aproximadamente noventa anos de idade relatar que gosta de “novidadezinha” e na mesma entrevista haver dito que em sua adolescência pulava o muro da casa onde reside até hoje para brincar carnaval deixa claro que, apesar de estar caminhando para o capítulo conclusivo desta tese, ainda há bastante a explorar nos relatos sobre o carnaval que ocupam os 862 minutos de gravação de áudio...

"OH, QUARTA-FEIRA INGRATA!

CHEGA TÃO DEPRESSA SÓ PRA CONTRARIAR!"



Imagem 120: Foliões indo embora do Sítio Histórico na quarta-feira de cinzas de 2017  
Fonte: Autora, 2017

[...]

"não sabe se dança frevo  
ou vai atrás do maracatu  
será que Deus também tem dúvidas?

nas ruas  
igrejas e povo  
Deus deixa beijar  
usar a roupa que quiser  
são quatro dias  
que Deus não tá nem aí  
aí, na quarta-feira de cinza  
Deus de ressaca  
perdoa quase todo mundo"  
(MIRÓ DA MURIBECA)



**“OH, QUARTA-FEIRA INGRATA, CHEGA TÃO DEPRESSA SÓ PRA CONTRARIAR!”<sup>49</sup>**

Domingo de carnaval de 2018 - a pesquisadora e sua irmã estavam espremidas na multidão que acompanhava um clube carnavalesco, a irmã, que tem longo histórico de passar mal nesse tipo de situação, começou a aparentar desespero. Uma mulher desconhecida que ia passando viu a situação e orientou, erguendo os cotovelos: *“você tem que fazer assim com os braços, abra mesmo pra se proteger. Você já tem que ir na defensiva, se não, você não consegue passar”*. A cena retrata características de uma festa em que acontecem trocas entre as pessoas o tempo inteiro, há violência e hostilidade, mas também cuidado e acolhimento no carnaval olindense. Enxergar o outro, se preocupar, buscar ensinar a se defender em posição de ataque. A festa em si possui diversas características que violentam os corpos dos foliões.

O carnaval de Olinda é construído a partir de vários elementos. São inúmeras peças que se encaixam formando um mosaico de agremiações que circulam pelas ruas ou que se apresentam em lugares fixos; grupos de parentes ou amigos que se unem e brincam pelas ruas e dentro das casas - sem necessariamente formar blocos, clubes ou troças; foliões que circulam e seguem a primeira orquestra que passar; gente que para e se junta ao que parecer atraente; pessoas que ensaiam durante o ano quase inteiro para se apresentar durante poucas horas no carnaval; amigos que produzem figurinos em grupo; foliões que improvisam as fantasias e caem no passo... Algumas atrações da festa acontecem por iniciativa ou com o apoio da gestão pública, muitas outras são ações do povo e às vezes acontecem apesar da gestão pública.

Com relação aos objetivos pretendidos por esta tese, entre as práticas de hospitalidade, hostilidade e inospitalidade, pode-se afirmar que o cotidiano dos moradores do Sítio Histórico é marcado significativamente pelos impactos da folia durante seis meses por ano. Entre os transtornos observados, destacam-se: barulho, brigas, urina nas ruas, dificuldade e por vezes impossibilidade de chegar e sair de casa, entre outras.

Alguns entrevistados apontam a dificuldade de lidar com os incômodos causados pelos visitantes, sobretudo durante as prévias carnavalescas, que é quando a cidade não está preparada para festividades e alguns moradores gostariam simplesmente de viver seu cotidiano em paz.

---

<sup>49</sup> Fonte: BANDEIRA, 1957

Apesar disso, ao que parece, a hostilidade entre moradores e visitantes não é tão marcante. Um motivo forte é o fato de grande parcela dos moradores do perímetro tombado ser adepta da festa. Nesse sentido, a hospitalidade pode ser verificada no acolhimento, no cuidado e preocupação com o bem-estar dos visitantes, nos esforços de apresentar a quem chega uma cidade mais bonita por meio da decoração carnavalesca, intervenções artísticas, pintura de fachadas, dentre outros.

O distanciamento social é substituído durante os dias de festa pela busca por contatos mais próximos, inclusive com pessoas desconhecidas. Essa abertura às relações se configura como uma das principais características da festa. Para alguns brincantes, o carnaval e tudo que o envolve representa o principal elemento de coesão social. O convívio intenso durante um período extenso faz com que grupos e agremiações formem e fortaleçam laços de amizade. Algumas pessoas abrem suas casas, suas vidas, sua intimidade e dedicam seu tempo, esforço, recursos financeiros e talento à construção da festa.

Ainda que seja uma festa predominantemente pacífica e hospitaleira, a característica de reunir um grande volume de pessoas desconhecidas faz do carnaval olindense um acontecimento que pode a qualquer instante oscilar para o conflito. Em situações como a saída do Homem da Meia Noite, por exemplo, é possível verificar um “estado” de barril de pólvora que a qualquer faísca pode explodir. Não é incomum que se principiarem focos de conflitos entre os foliões ou atos delituosos, o que acaba por demandar uso da força policial para o reestabelecimento da ordem, entretanto, dada a multidão presente, bem como a dificuldade de locomoção nas ruas estreitas do Sítio Histórico, foliões e brincantes alheios às contendas podem ser vitimados.

Mesmo quando não há conflitos, dada a dimensão de tudo que envolve a folia, o carnaval olindense é uma festa que marca os corpos daqueles que brincam intensamente. O calor é uma constante, e esse fato demonstra também a acolhida dos moradores em seus esforços de providenciar banhos de mangueira, chuveirões e outras formas de aliviar a temperatura. A topografia do Sítio Histórico possibilita a observação de belas paisagens, todavia provoca exaustão nos foliões que sobem e descem suas ladeiras acompanhando as agremiações.

Essa exaustão pode ser ainda maior nos músicos, trabalhadores, carregadores de bonecos, profissionais de segurança, catadores de resíduos, vendedores ambulantes que refrescam e animam os festeiros, tendo em vista precisam carregar indumentárias e instrumentos de trabalho pesados, e que estão ali com o propósito de servir aos outros. Enquanto para o folião, estar ali representa uma procissão hedonista, para os trabalhadores de

maneira geral, trata-se de um ato que por vezes possui um tanto de altruísmo. Em alguns casos, a remuneração de músicos e carregadores de bonecos, por exemplo, quando existente, não passa de um valor simbólico. Dada essa realidade, e em retribuição pela dedicação dessas pessoas, é comum foliões retribuam o gesto ofertando bebidas, comidas e até mesmo recursos financeiros a esses profissionais.

No que diz respeito à configuração da festa no ambiente doméstico, é importante salientar que na relação entre os ocupantes das casas, nem sempre ficam claros os papéis de anfitrião e hóspede, dada a característica de ocupação – grupos que alugam casas, por vezes formados por pessoas sem relações preexistentes – entretanto, foi percebido na pesquisa de campo, que invariavelmente alguém ou algum grupo, ainda que não se reconheça como tal, se posicione e seja reconhecido pelo coletivo como sendo responsável pela segurança, ordem, acesso, enfim, pelo estabelecimento e cumprimento das regras de convívio, em outras palavras, desempenhe o papel do anfitrião.

Mesmo percebendo o clima reinante de festividade, o descumprimento de regras nos interiores das casas, ainda que por motivos tidos como banais para a pesquisadora, pode resultar em conflitos aparentemente desproporcionais. Essa situação nos remete à percepção havida na festa no lado exterior das casas, em que, o conflito eminente é comparável a um barril de pólvora.

Eis que, a hospitalidade não é senão um estado de paz e acolhimento prestes a ser rompido e migrado para outro ponto da relação que não opõe hospitalidade, hostilidade e inhospitalidade, mas que apenas as coloca em um *continuum*.

Por outro lado, de acordo com os resultados encontrados na pesquisa empírica, sugere-se neste estudo uma nova forma de enxergar o *continuum* da hospitalidade, sem, entretanto, invalidar os achados que já foram encontrados por outros pesquisadores. O novo esquema ora proposto, enfatiza as relações e as trocas, sejam elas positivas ou negativas. Assim, a não-relação representada pela inhospitalidade é atrelada ao desprezo, desumanização e invisibilização do outro, enquanto a hostilidade está mais próxima da hospitalidade, visto que ambas supõem o interesse pelo diferente, ainda que de formas antagônicas. Determinados comportamentos aparentemente violentos não deixam, em parte dos casos, de ser uma forma de busca pela relação, tanto quanto o acolhimento, ainda que apenas este seja aceito como o ponto exitoso de um encontro.

Para além dos objetivos inicialmente propostos e do tema hospitalidade, foram encontrados outros resultados que podem ser considerados importantes para ampliar a compreensão do objeto de estudo. Entre eles, a questão da religiosidade. Ao contrário do que

o senso comum propaga, o carnaval olindense é uma festa fortemente marcada por elementos religiosos, sobretudo relacionados à matriz africana.

Para aqueles que professam uma fé que pratica ritos e tradições na festa, o carnaval se configura por vezes como elemento cultural central. As mesmas manifestações que em alguns causam êxtase, em outros provocam medo e repulsa. Em alguns casos, isso se converte em uma conduta inóspita tal qual a verificada no caso relatado nesta tese, da noiva que não contou com a presença de seus familiares em seu enlace. O casamento que ocorreu na casa que serve de sede para seu grupo percussivo e contou com um momento de tocada de instrumentos musicais também usados em tradições afro-religiosas, provocou a recusa, fato esse que a entrevistada considerou preconceito religioso.

Pode-se também citar que a fidelidade a determinadas manifestações carnavalescas assume um caráter tão forte, com características de adoração, que provoca situações como a da pessoa que em seu leito de morte solicitou aos familiares que suas cinzas fossem espalhadas diante da sede do Homem da Meia Noite, por ocasião de seu desfile. Essa relação de extrema devoção pode ser verificada em vários outros exemplos, quando os fundadores ou responsáveis por determinadas manifestações do carnaval olindense, passam a viver tendo a festa como o centro de suas vidas, a exemplo de Dona Dá, que tem sua dedicação reconhecida pela população, pelos órgãos públicos, pelos artistas e agremiações, que lhe prestam homenagens.

A devoção quase religiosa também foi exemplificada no caso de um presidente de agremiação que chegou a ser ameaçado de divórcio pela sua esposa, caso não moderasse sua dedicação ao carnaval. Como saída para o conflito, o entrevistado conseguiu “convertê-la” e relatou que atualmente ela é tão devota à festa quanto ele.

Voltando ainda à questão dos sentimentos conflitantes sobre o carnaval, o primo da pesquisadora chegou a ir para a casa dos tios pronto para de lá ir com os familiares prestigiar a saída do Homem da Meia Noite, mas após ouvir de uma prima que se tratava de um calunga, ou seja, um objeto de fetiche religioso, o rapaz não apenas desistiu de ir, como passou a tentar desencorajar aqueles que já estavam prontos para prestigiar a saída do mais famoso boneco gigante do carnaval pernambucano.

Retornando aos resultados além-objetivos, a tese traz a contribuição de reconhecer o coco como manifestação cultural relevante ao carnaval de Olinda. Tal manifestação costuma ser associada nos meios acadêmicos aos festejos juninos. Entretanto, de acordo com os achados de pesquisa, tem um peso grande nos acontecimentos carnavalescos, na mesma

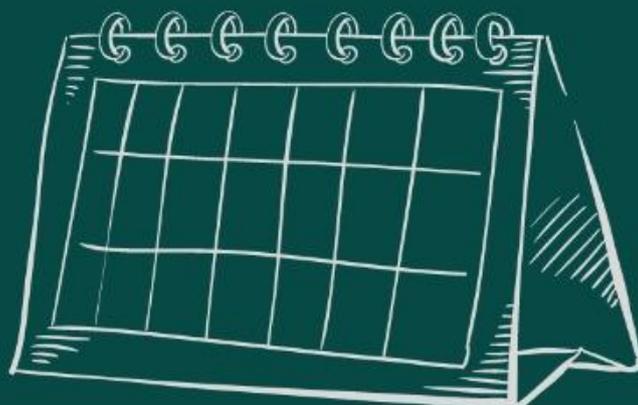
medida em que o carnaval tem importância, em alguns casos inclusive religiosa, para os praticantes do coco.

Carnaval não se brinca só e, como as pessoas gostam da festa e o visitante também faz parte da brincadeira, também constrói o acontecimento, então, sua presença significa a própria existência da festa. Basicamente, o olindense do Sítio Histórico é um brincante de uma brincadeira que não se brinca só e o visitante, seu companheiro na brincadeira.



Imagem 121: Intervenção do artista Paulinho do Amparo na Rua do Amparo em 2017  
Fonte: Autora, 2017

"Na quarta-feira,  
quando tudo terminar!  
Eu espero mais um ano,  
até o frevo voltar!"  
(CAPIBA)



## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), 2005**. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1505.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1505.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2017.
- ALBUQUERQUE, I. C. de. (Spok). Spok Frevo Orquestra – As três modalidades de Frevo. 2011 (11m37s). Disponível em <<https://youtu.be/muo6fW2fnwQ>>. Acesso em 21 ago. 2020.
- ALBUQUERQUE, J. L. O dilema multicultural e o desafio da antropologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (Online)**. São Paulo, v. 32, n. 95, 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n95/0102-6909-rbcsoc-3295062017.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- ALONSO, L. S. O corpus documental em história oral: teoria, experiência e transcrição. **Revista observatório**, Palmas, v. 2, n. 1, p. 54-75, jan./abr. 2016. Disponível em <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1781/869>>. Acesso: em 28 jan. 2020.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ARTE MAIOR. **Anuário Pernambucano de Arte**. 2014. Disponível em: <<http://www.artemaior.com.br/anuario2014/perfil.do?codigo=620>> Acesso em: 06 nov. 2015
- ASSOCIAÇÃO DE MARACATUS DE BAQUE SOLTO DE PERNAMBUCO. **Catálogo de agremiações carnavalescas do Recife e Região Metropolitana**. Recife: Prefeitura do Recife, 2009.
- BABALORIXA. *In*: EDUCALINGO, O dicionário para pessoas curiosas, 2021. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/babalorixa>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BANDEIRA, L. **É de Fazer Chorar**. Recife, 1957. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/luiz-bandeira/e-de-fazer-chorar/>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo/Brasília: Hucitec/UNB, 1987.
- BARBOSA, Y. (Coord.). **Frevo - Dossiê Iphan 14**. Brasília: IPHAN, 2016. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DossieIphan14\\_Frevo\\_web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DossieIphan14_Frevo_web.pdf)>. Acesso em 26 set. 2020.
- BENS INVENTARIADOS – Formas de Expressão. **Inventário Cultural dos Maracatus Nação**, 5 ago. 2012. Disponível em: <<http://inventariomaracatusnacao.blogspot.com/2012/08/bens-inventariados-formas-de-expressao.html>>. Acesso em 25 set. 2020.

- BENVENISTE, É. **O vocabulário das instituições indo-européias. Economia, parentesco, sociedade.** Campinas: Ed. da Unicamp, v. 1, 1995.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1974.
- BORRADORI, G. (Org.). **Filosofia em tempo de terror.** Diálogos com Habermas e Derrida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** 3ª. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOTELHO, A. P.; MORAES, M. C. M. B. ; LEITE, L. C. Violências e riscos psicossociais: narrativas de adolescentes abrigados em Unidades de Acolhimento do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciências & Saúde coletiva [online]**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, 2015, p.7-16. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n1/1413-8123-csc-20-01-00007.pdf>>. Acesso em 04 fev. 2020.
- BRASILEIRO, P. Casas-camarotes viram ‘receptivos’ e continuam funcionando em Olinda. **Leia Já**, Recife, 05 fev. 2019. Disponível em: <<http://carnaval.leiaja.ne10.uol.com.br/noticias/2019/02/05/casas-camarotes-viram-receptivos-e-continuam-funcionando-em-olinda>>. Acesso em: 30 set. 2019.
- BRAZÃO, P. O diário etnográfico electrónico: um instrumento de investigação: três testemunhos, in FINO, C. (Org.). **Etnografia da Educação.** Funchal: CIE-Uma, 2011, p. 303-323.
- CAILLÉ, A. Reconhecimento e sociologia”. Trad. Maíra Albuquerque. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 151-163, 2008.
- CAMARGO, F. M. Primeiro “caderno de campo”: uma experiência etnográfica na Festa do Divino de Piracicaba. **Ponto Urbe [Online]**, São Paulo, n. 14, 2014. Disponível em <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1384>>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- CAMARGO, L. O. de L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 12, n. especial, p. 42-69, mai. 2015. Disponível em: <<http://www.rev Hosp.org/ojs/index.php/hospitalidade/article/view/574/643>>. Acesso: em 13 nov. 2015.
- \_\_\_\_\_. As leis da hospitalidade. **RBTur - Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, Balneário Camboriú, v. 15, n. 2, mai./ago., 2021. No prelo.
- CARDOSO, V.; HEAD, S. Matérias nebulosas: coisas que acontecem em uma festa de exu. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, jan./jun., 2015. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v35n1/0100-8587-rs-35-1-00164.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- CARNAVAL. In: HOUAISS, Grande Dicionário Online de Português. UOL, 2020. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 22/09/2020.
- CASCUDO, L. C. **Geografia dos mitos brasileiros.** 2. Ed. São Paulo: Global, 2002.

CAVALCANTI, M. L. V. C. As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 17-27, 2006. Disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12617>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

CAVENAGHI, A. J.; BUENO, M. S.; CORRÊA, R. N. Festa e turismo: por uma relação possível. **Revista Rosa dos Ventos**. v. 4, out./dez., 2012. Disponível em: <<http://ucs.br/revistarosadosventos>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COSTA, L. K. M. da; PINHEIRO, P. M. de S.; CHIM-MIKI, A. F. Determinantes de las referencias en Couchsurfing.com: El "salto de fe" desde la hospitalidad online hacia la hospitalidad offline. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 27, n. 3, 2018, p. 550-568. Disponível em <<https://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V27/N03/v27n3a04.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

CUNHA, J. Com dinheiro e artistas em peso, Carnaval de São Paulo infla e deixa o do Rio para trás. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2 mar. 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/com-dinheiro-e-artistas-em-peso-carnaval-de-sao-paulo-infla-e-deixa-o-do-rio-para-tras.shtml>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

DAHAREM, G. C. et. al. O uso da história oral na Psicologia: percepção de experiências individuais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, dez. 2014. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/13900/10586>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

DE MELO, P. B.; MOURA, T. O. de C. Perspectiva etnográfica como proposta de metodologia de ensino de sociologia. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga, v. 30, n. 1, jun. 2017. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v30n1/v30n1a06.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2020.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. **Da hospitalidade**. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Sítio Histórico de Olinda terá água durante os quatro dias de carnaval. Recife, 17 fev. 2020. Disponível em <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/02/sitio-historico-de-olinda-tera-agua-durante-os-quatro-dias-de-carnaval.html>>. Acesso em 17 set. 2020.

DUMAZEDIER, J. A revolução cultural do tempo livre. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

ÉPOCA NEGÓCIOS. Recife tem o 10º pior trânsito do mundo, diz pesquisa. Rio de Janeiro, 6 jun. 2019. Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/06/recife-tem-o-10-pior-transito-do-mundo-diz-pesquisa.html>>. Acesso em 01 out. 2020.

FERREIRA, M. N. **As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana**. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

FGV/CPDOC. **Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2018. Disponível em:

<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FLABELLO. *In*: EDUCALINGO, O dicionário para pessoas curiosas, 2021. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/flabello>>. Acesso em: 30 set. 2020.

FRANÇA, C.; RAMOS, C. Vozes que ligam o humano e o divino. **A Tarde**, 20 nov. 2012. Especial Consciência Negra. Disponível em: <<http://fw.atarde.uol.com.br/2012/11/1292600.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREITAS, W. R. S.; CUNICO, E.; PEDRON, C. D. Marketing de relacionamento e Customer Relationship Management: uma análise da produção científica nacional à luz do componente “recursos humanos”. **Revista de Ciências da Administração**, v. 17, n 42, ago./2015, p. 9-21. Disponível em <[https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2015v17n42p9/pdf\\_59](https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2015v17n42p9/pdf_59)>. Acesso em 28 jan. 2020.

FREYRE, G. **Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2007.

G1. Reforço de efetivo nas prévias de Olinda começa neste fim de semana, diz PM. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2017/noticia/reforco-de-efetivo-nas-previas-de-olinda-comeca-neste-sabado-diz-pm.ghtml>>. Acesso em: 12 set. 2019.

GARCÍA, A. M. R.; PÉREZ, R. M. L.; SÁNCHEZ, A. M. N. Usos e benefícios de la História Oral. **Reidocrea**, Granada, v. 3, a. 24, 2014, p. 193-200. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5386449>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

GASPAR, L. **Silvio Botelho e seus bonecos gigantes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 12 fev. 2013. Disponível em:

<[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=948%3Asilvio-botelho-e-seus-bonecos-gigantes&catid=53%3Aletra-s&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=948%3Asilvio-botelho-e-seus-bonecos-gigantes&catid=53%3Aletra-s&Itemid=1)>. Acesso em: 19 nov. 2015

GASPAR, L. Coco (dança). **Fundação Joaquim Nabuco**, 22 jul. 2003. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=556](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=556)>. Acesso em 26 set. 2020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, A.; ULRICH, B.; LASH, S. **Modernização reflexiva – política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Unesp, 1997.

GODBOUT, J. *Recevoir, c'est donner*. **Communications**. Montreal, n. 65, p. 35-48, 1997.

\_\_\_\_\_. **A dádiva existe ainda?** In: GODBOUT, J.; CAILLÉ, A. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1999, p. 11-29.

\_\_\_\_\_. Os lugares da dádiva. In: MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.

GOTMAN, A. O turismo e a encenação da hospitalidade. In: BUENO, M. L.; CAMARGO, L. O. L. (Orgs.). **Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade**. São Paulo: SENAC, 2008.

\_\_\_\_\_, A. O comércio da hospitalidade é possível? **Revista Hospitalidade**, v. 6, n. 2, dez./2009. Trad. Luiz Octávio de Lima Camargo. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/viewFile/311/299>>. Acesso em 02/09/2020.

GRINOVER, L. **A hospitalidade urbana**: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.

GUITINHO DA XAMBÁ. **Carnaval Malassombrado** (música composta para o carnaval 2020, não gravada), 2020.

HAESLER, A. A demonstração pela dádiva: abordagens filosóficas e sociológicas. In: MARTINS, P. H. **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Tradução de Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HAMANN, C.; PIZZINATO, A.; ROCHA, K. B. Dimensões geosimbólicas do sexo tarifado entre homens: discussões provenientes de uma etnografia urbana. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, mai./ago. 2018. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v18n2/v18n2a05.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

HERNÁNDEZ, J. I G.; DE BURGO, R. H. P. Etnografía urbana en Salamanca: uso, origen y autenticidad de la baldosa hexagonal de gaudí en la provincia de Salamanca. **Revista Otarq: Otras arqueologías**. Madri, n. 2, 2017. Disponível em <<http://revistas.jasarqueologia.es/index.php/otarq/article/view/107>> Acesso em:: 28 jan. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IMILAN, W.; JIRÓN, P.; ITURRA, L. Más allá del barrio: Habitar santiago en la Movilidad cotidiana. **Revista Antropologías del Sur**, Santiago, n. 3, 2015, pp. 87-103. Disponível em: <<https://doi.org/10.25074/rantros.v2i3.833>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Censo Histórico de Olinda**, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/33>>. Acesso em 23 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Banco Central lança moeda comemorativa de Olinda (PE), Patrimônio da Humanidade**, 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pe/noticias/detalhes/3870/banco-central-lanca-moeda-comemorativa-de-olinda-pe-patrimonio-da-humanidade>>. Acesso em 23 jul. 2019.

JORGE, A. O. S. Repensando el lumpen: Uma mirada desde la etnografía urbana, la economía y la filosofía política. **Revista Escuela de História**, Rosário, v. 12, n. 28, 2020. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5537607.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri: Manole, 2004.

LASHLEY, Conrad. **Hospitalidade e hospitabilidade**. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 70-92, mai. 2015.

LEITE, R. Aqui do Alto a História é Outra – Alto José do Pinho. Recife: Magis, 2009.

LIMA, A. G. M. de. A cultura da batata-doce: cultivo, parentesco e ritual entre os Krahô. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2 mai/ago., 2017. <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v23n2/1678-4944-mana-23-02-00455.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

LIRA, J. J. C. de. (Du Peixe). **Meu maracatu pesa uma tonelada**, 2002. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/67596/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

LODY, R. Tudo vale a pena se a folia não é pequena. **Revista Continente Multicultural**, Recife, a. 1. n. 2. fev., 2001.

LUCENA, V. Com Central de Achados e Perdidos, Olinda divulga esquemas especiais para o Carnaval. **Folha de Pernambuco**, Recife, 17 fev. 2020. Disponível em <<https://www.folhape.com.br/noticias/com-central-de-achados-e-perdidos-olinda-divulga-esquemas-especiais-pa/131005/>>. Acesso em 01 ago. 2020.

MAGALHÃES, V. B. de; SANTHIAGO, R. C. Japoneses, brasileiros e judeus: A história oral nos estudos de imigração no Brasil. **Revista Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 1, 2015. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/11804>>. Acesso: 28 jan. 2020.

MAGALHÃES, A. **Proposta de inscrição na lista do patrimônio mundial apresentada pelo Brasil: centro histórico da cidade de Olinda**. Recife: Secretaria de Cultura, 1981. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em 24 jul. 2019.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

MARCÍLIO In: ALBUQUERQUE, I. C. de. (Spok). Spok Frevo Orquestra – As três modalidades de Frevo. 2011 (11m37s). Disponível em <<https://youtu.be/muo6fW2fnwQ>>. Acesso em 21 ago. 2020.

MARIETTO et. Al. Práticas estratégicas de vendas em pequenas lojas de produtos para noivas. **Revista Eletrônica de Estratégia e Negócios**, Florianópolis, v. 8, n. 3, set./dez., 2015. Disponível em <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/EeN/article/download/3163/2589>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

MARTINEZ, M. Reflexões sobre Jornalismo e História Oral: um campo com mais convergências do que dissonâncias. **Revista Observatório**. Palmas, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em <<https://doaj.org/article/ae68fb9e02c647d6946e8d09a8c2283f>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

M'BOW, A. **Discurso pronunciado por el Señor Amadou-Mahtar M'Bow – diretor general de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO) com motivo de la cerimonia de inscripción de Olinda en la lista del patrimonio mundial**. Olinda, 21 mar. 1983. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0005/000563/056355sb.pdf>>. Acesso em 03 nov. 2019.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5ª Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MICHILES, J. **Me segura que senão eu caio**. Recife, 1986. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/alceu-valenca/188449/>>. Acesso em: 20 dez. 2018

MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011.

NASCIMENTO, E. M. V. **Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade**. 2008. 388p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11230>>. Acesso em 30 set. 2019.

NICOLAS, G. O dom ritual, face velada da modernidade. *In*: MARTINS, P. H. (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NIGRO, C.; VIEIRA, C. Olinda, nº 2 - Hino do Elefante de Olinda. Olinda, 1952. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/versao-brasileira/1132767/>>. Acesso em: 30 set. 2019.

NIKODIMOV, M.G. Etnografia: Observar, compreender, participar. *In*: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011. p. 83-96.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 12. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 30 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.852 de 20 de dezembro de 2013. Institui o Plano Plurianual do Município de Olinda para o período de 2014/2017 e dá outras providências. **Diário Oficial dos Municípios**

**de Pernambuco**, Ano V, nº 0983. Disponível em: <[www.diariomunicipal.com.br/amupe](http://www.diariomunicipal.com.br/amupe)>, identificador: 79E5CE95. Acesso em: 12 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Olinda Carnaval 2015**: Olinda vestida de sol – homenagem a Ariano Suassuna. 2015. Disponível em: <<http://carnaval.olinda.pe.gov.br>>. Acesso em: 06 nov. 2019

\_\_\_\_\_. **Renildo Calheiros sanciona lei que proíbe casas-camarote no Sítio Histórico de Olinda**. 2015b. Disponível em: <<https://www.olinda.pe.gov.br/renildo-calheiros-sanciona-lei-que-proibe-casas-camarote-no-sitio-historico-de-olinda/?pdf=28121>>. Acesso em: 28 jan. 2020

\_\_\_\_\_. **Balanço do Carnaval 2019**. 2019. Disponível em <<https://www.olinda.pe.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/Olinda-Balanço-Carnaval-2019.pdf>>. Acesso em 12 dez. 2019.

OLIVEIRA, M. C. B. **A grandeza do Brasil em ritmo de samba**: o carnaval, sua história, sua origem e os elementos de folclore no carnaval paulistano. São Paulo: Alexa Cultural, 2004.

OLIVEIRA, S. R. V. de. (Siba). **A Bagaceira**. 2012. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/siba/bagaceira/>>. Acesso em 30 set. 2020.

OLIVEIRA, B. Um Roberto Lúcio Reinventado. **Revista Sim**, Recife, n. 82, 2012a. Disponível em <[https://issuu.com/felipebezerra/docs/sim\\_82](https://issuu.com/felipebezerra/docs/sim_82)>. Acesso em: 12 dez. 2019.

PEREIRA, G. O. de L. Da tolerância à hospitalidade na democracia por vir. Um ensaio a partir do pensamento de Jacques Derrida. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 308-328 - 1º sem. 2013.

PIMENTEL, O. L. M; QUEIROGA, L. Ogan Erê. 2018. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/lenine/ogan-ere/>>. Acesso em 30 set. 2020.

PITT-RIVERS, J. *The law of hospitality*. HAU: **Journal of Ethnographic Theory**. v. 2, n. 1, p. 501–517, 2012. Disponível em: <<https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau2.1.022>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. São Paulo, v. 15, p. 13-49, abr. 1997. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 30 set. 2019.

RICHES, G. Embracing the Chaos: Mosh Pits, Extreme Metal Music and Liminality. **Journal for Cultural Research**, v. 15, n. 3, disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14797585.2011.594588?src=recsys&journalCode=rcuv20>>. Acesso em 20 ago. 2020.

RIO, A.; LEAL, B.; QUEIROGA, N. **Chuva de Sombrinhas**. 2000. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/andre-rio/934169/>>. Acesso em 30 set. 2020.

RISÉRIO, A. Carnaval: As cores da mudança. **Revista Afro-Asia**, Salvador, n. 16, 1995. Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20848/13448>>. Acesso em 12 dez. 2019.

SABOURIN, E. Teoria da reciprocidade e sócio-anthropológico desenvolvimento. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, mai./ago., 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/soc/v13n27/a03v13n27.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2020.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFSM (ReA)**, Santa Maria, v. 2, p. 250-269, maio/ago. 2009.

SALÚ, M. **Na casa de Dona Dá. Maciel Salú e o Terno do Terreiro**, 2004. Disponível em: <<https://br.napster.com/artist/maciel-salu/album/a-pisada-e-assim/track/na-casa-de-dona-da>>. Acesso em 27 de set. de 2020.

SALZBRUNN, M.; FERREIRA, F. O carnaval, lugar de poder? o carnaval dos sem documento da cidade de Colônia (Alemanha) arromba a festa. Trad. FERREIRA, F. **Textos Escolhidos de Cultura e Artes Populares**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2017. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/30991/22216>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

SANTHIAGO, R. O texto na história oral. *In: Curso o texto na história oral*, 6, 13, 20, 27 set. 2016, 12 horas. São Paulo: Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. 2016.

SANTIAGO, J. **Hino dos Batutas de São José**. Recife, 1952. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/banda-de-pau-e-corda/1411204/>>. Acesso em: 30 set. 2019

SANTIGAGO JÚNIOR, F. das C. F. Antropofagia, passado prático e usos do passado em Como era gostoso o meu francês (1971) de Nelson Pereira dos Santos. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 20, abr./2016, p. 157-175.

SANTOS, M. R. Do visível ao invisível: o carnaval de rua do Recife e a manifestação de espaços vividos. *In: ASSOCIAÇÃO DE MARACATUS DE BAQUE SOLTO DE PERNAMBUCO. Catálogo de agremiações carnavalescas do Recife e Região Metropolitana*. Recife: Prefeitura do Recife, 2009.

SANTOS, M. R. **Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)**. Recife: Sesc, 2010.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SMOLIAROVA, T. **Arquitetura: artefato de boas-vindas**. *In: Montandon, A. (org.). O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011. p. 439-451.

SOUZA, R. L. Festa e cultura popular: a ruptura e a norma. **Revista Antropológicas**, ano 9, volume 16(2): 99-132, 2005.

SILVA, S. F. da. (Selma do Côco). A rolinha. Minha História. Recife, Paradoxo, 1998. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/selma-do-coco/681310/>>. Acesso em 29 set. 2020.

STEFANI, S. PRAIA, CITTÀ SCHIZOFRENICA - Enografia urbana nella capitale di Capo Verde. RiCOGNIZIONI. Rivista di lingue, letterature e culture moderne, v. 3, n. 15, 2015. Disponível em: <<https://www.ojs.unito.it/index.php/ricognizioni/article/view/866/846>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

TELFER, E. A filosofia da hospitalidade. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004.

THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

TSEZANAS, J. P. **O maracatu de baque virado**: história e dinâmica cultural. 2010. Dissertação (Pós-Graduação em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VALENÇA, A. **Pelas Ruas Que Andei**. Cavalo de Pau. Recife, Ariola, 1982. Disponível em: <<https://g.co/kgs/Bie8z7>>. Acesso em: 22 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Eu já escuto os teus sinais**. Anjo Averso. Recife, Ariola, 1983. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/alceu-valenca/44006/>>. Acesso em: 22 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Marim dos Caetés**. Anjo Averso. Recife, Ariola, 1983a. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/alceu-valenca/188446/>>. Acesso em: 30 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Olinda** (sonho de valsa). 1985. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/alceu-valenca/188457/>>. Acesso em: 30 nov 2018.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.